

As placas de xisto gravadas dos sepulcros colectivos de Aljezur (3.º milénio a.n.e.)¹

VICTOR S. GONÇALVES*

RESUMO

As necrópoles colectivas de Aljezur foram encontradas acidentalmente em 1881 e intervencionadas pouco depois por Estácio da Veiga (auxiliado, como em Alcalar, por Nunes da Glória), que se lhes refere nos volumes I e II da sua monumental obra *Antiguidades Monumentaes do Algarve* (1886 e 1887).

As placas de xisto gravadas de Aljezur, num total de 23, estão guardadas no Museu Nacional de Arqueologia e nunca tinham sido sistematicamente estudadas, o que agora se faz, no âmbito do Projecto «PLACA NOSTRA». No que é também uma objectiva homenagem ao grande pioneiro da Arqueologia em Portugal, o primeiro a produzir um amplo estudo sobre um conjunto relativamente numeroso e coerente de placas de xisto gravadas.

As necrópoles colectivas de Aljezur deveriam corresponder a um espaço funerário escavado no solo, mas não necessariamente assumindo o aspecto de grutas artificiais, como as que conhecemos na Península de Lisboa e Setúbal.

O estudo dos materiais arqueológicos associados às placas indica uma utilização muito homogénea, cultural e cronologicamente, localizável algures na primeira metade do 3º milénio a.n.e..

Existe alguma diversidade no conjunto de placas de xisto gravadas identificado em Aljezur. Isto, naturalmente, dentro dos modelos finitos de organização das placas.

¹ Um texto da série desenvolvida no Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ), no âmbito do Projecto «PLACA NOSTRA», apoiado pelo Serviço de Belas Artes da Fundação Calouste Gulbenkian, pela Câmara de Évora, pelo Museu de Évora e pelo Museu Nacional de Arqueologia. Com a colaboração do Instituto Geológico e Mineiro (IGM).

* Centro de Arqueologia (UNIARQ). Faculdade de Letras. P-1600-214 LISBOA. PORTUGAL. vsg@fl.ul.pt.

Mas notam-se algumas ausências no conjunto. Não existem aqui placas recortadas, placas oculadas e, conseqüentemente, com Olhos de Sol. As placas com o xadrez como motivo principal do Corpo estão ausentes, tal como as mais raras placas híbridas e as placas decoradas com simetria radial. As placas CTT e as que apresentam a «síndrome das placas loucas» também não existem em Aljezur. Em contrapartida, triângulos e faixas ziguezagueantes estão bem representados e existe mesmo uma placa com faixas quebradas centradas, absolutamente idêntica aos modelos alentejanos. Também a Cabeça com «Orelhas de Coelho», tal como o uso de faixas radiantes, representa um caso típico de similitude com artefactos ideotécnicos de este tipo recolhidos em monumentos evoluídos do Alentejo central.

Se seguirmos a costa para Norte, o primeiro monumento com número significativo de placas que encontramos é a notável anta da Pedra Branca (Montum, Melides). Algumas semelhanças entre placas dos dois conjuntos poderiam levar a crer que os mesmos fornecedores passaram pelos dois sítios, numa rota ao longo da costa que está longe de ser improvável, mas que deverá ser objecto de estudo atento.

Em relação à grande mancha megalítica do Alentejo central, os volumosos conjuntos de placas de xisto gravadas provenientes da Anta 1 do Olival da Pega (Reguengos de Monsaraz), da Anta Grande do Zambujeiro, do *tholos* do Escoural e da Anta 1 do Paço (Montemor o Novo), num total de mais de 700 registos, permitem estabelecer desde já um quadro comparativo eficaz, mas é também necessário rever as pequenas séries, para que melhor se compreenda o fenómeno da difusão das placas e do complexo mágico-religioso em que elas se inserem. Porque, como já escrevia em 1886 Estácio da Veiga, «Julgo haver suficiente fundamento para se dever entender que as placas de schisto ardoso e a sua gravura ornamental tiveram origem neste tracto de terra, que há sete séculos se chama Portugal». Mas existindo certamente centros produtores nucleares e áreas periféricas, o todo traduzindo a dinâmica, a riqueza e a diversidade das antigas sociedades camponesas no Centro e Sul de Portugal.

Palavras-chave: Calcolítico – megalitismo – subsistema mágico-religioso – placas de xisto gravadas – Extremo Sul de Portugal

ABSTRACT

The rock cut tombs of Aljezur, discovered by accident in 1881, were excavated by Estácio da Veiga that, as in the case of Alcalar, was assisted by Nunes da Glória. E. Veiga makes a reference to it in volumes I & II of his monumental work Antiguidades Monumentaes do Algarve (1886 & 1887). The engraved schist plaques from Aljezur,

twenty-three in total, are stored in the Museu Nacional de Arqueologia and have never been systematically studied. That study is now being carried out by the Project «PLACA NOSTRA», also in homage to that great pioneer of Portuguese Archaeology, who was also the first to study a relatively large and coherent group of engraved schist plaques.

The rock cut tombs of Aljezur must correspond to a funerary space excavated into the ground, not necessarily in the form of artificial rock-cut caves with man-holes, as the known examples from Lisbon and Setubal Peninsulae. The study of the materials associated with the schist plaques indicates their very homogenous context, in cultural and chronological terms, around the first half of the 3rd Millennium Cal. BC.

The group of identified engraved schist plaques from Aljezur presents some diversity, although within the models that are defined by the paging of the plaques themselves. However, some shapes are not present. Missing from the group are the cut contour plaques and those with Sun Eyes. Plaques with a chess-like patterned body are also missing, as are the rarer hybrid plaques and those decorated with radial symmetrical lines. «CTT plaques» or those presenting the «mad plaques syndrome» are also missing from the Aljezur assemblage. This situation contrasts well with the ample representation of triangles and bands in zigzag as well as one specimen showing broken-band decoration identical to the Alentejo models. The Head with "Rabbit's Hears" and the use of radiating bands, represents a characteristic semblance to ideotechnical artefacts of this type recovered from monuments of Middle Alentejo.

Following the coastline northwards, the first monument with a significant number of plaques is the Passage grave of Pedra Branca (Montum, Melides). A certain resemblance between the plaques of these groups would lead one to believe that the same traders were present at both places, in a route along the coast that soon should form the object of close analysis.

Concerning the great megalithic area of Middle Alentejo, the large groups of engraved schist plaques from Dolmen 1 of Olival da Pega (Reguengos de Monsaraz), Anta Grande of Zambujeiro, Tholos of Escoural and Dolmen 1 do Paço (Montemor o Novo), representing more than 700 specimen, allow for a comparative study to be carried out. It is also necessary to review the smaller groups to better understand the phenomenon of the diffusion of the plaques and of the magico-religious complexes to which they belong. As Estácio da Veiga wrote, in 1886, «It is my belief that enough basis already exists to demonstrate that the schist plaques and their ornamental engravings had they origins in this part of the Earth, known as Portugal for the last seven centuries». However, although nuclear and peripheral centres of production existed, only the whole picture may convey the richness and diversity of the ancient peasant societies of Central and Southern Portugal.

Key-words: Copper Age – megalithic studies – magical-religious subsystems – engraved schist plaques – southern Portugal

As coisas perdidas também se acham, mas não é certo.

Almanaque provisório, Biblioteca Municipal de Sarnath

«Se um dia, á força de sensatos clamores, perfilhados e repetidos pela opinião publica, apparecer um governo, que julgue dever levantar este paiz até o nivel scientifico das nações mais civilisadas, para que não continue a estar equiparado ao imperio de Marrocos pela ausencia de trabalhos e instituições que já devêra ter, e teria, se uns certos empregos fossem exercidos por homens de superior entendimento e saber, esse governo mandará certamente proceder ao reconhecimento geral das antiguidades prehistoricas e históricas d'este reino (...).»

Estácio da Veiga, *Antiguidades Monumentaes do Algarve*, vol. 2, p. 452, 1887

«Julgo haver sufficiente fundamento para se dever entender que as placas de schisto ardosiano e a sua gravura ornamental tiveram origem neste tracto de terra, que ha sete seculos se chama Portugal, onde actualmente a arte, padecendo uma dyspepsia desprezada, vae lentamente caminhando, quasi inanimada e decrepita, no rumo de todas as decadencias em busca de um epitaphio.»

Estácio da Veiga, *Antiguidades Monumentaes do Algarve*, vol. 2, p. 444, 1887

0. LIMIAR

No fim da Primavera de 2002, Ana Isabel Santos, conservadora do Museu Nacional de Arqueologia, chamou-me a atenção para o conjunto de placas de xisto gravadas de Aljezur, em 1985 inventariadas definitivamente no MNA, e sugeriu-me o seu estudo.

Recordado de ter visto, há já bastante tempo, alguns desenhos de placas de este conjunto em curso de execução, ao que me lembrava por encomenda de Luís de Barros, telefonei a este último, questionando-o sobre se mantinha o seu interesse em publicar esses materiais e se para tal tinha data prevista. Na minha perspectiva, haveria naturalmente interesse em os referir ou mesmo, eventualmente,

integrar na série de monumentos e sítios com placas, em estudo no âmbito do Projecto «PLACA NOSTRA» (Gonçalves, 2004b).

Por se tratar de um conjunto proveniente de sepulcros aparentemente escavados na rocha, muito provavelmente hipogeus, seria útil comparar as placas de xisto gravadas, que continham, com as recolhidas nas grutas artificiais de Alapraia e Carenque, cuja revisão e primeira publicação, respectivamente, estava já prevista desde 1993.

Luís de Barros confirmou o seu antigo interesse por Aljezur, manifestando, no entanto, a sua indisponibilidade actual para escrever a monografia. Compreendendo os objectivos do Projecto «PLACA NOSTRA», e com grande simpatia, não apenas cedeu os seus «direitos de propriedade científica», como propôs mesmo que estudássemos as placas por ele recolhidas noutra gruta artificial, S. Paulo 2 (Almada), também inéditas, e que acabámos por publicar rapidamente (Gonçalves, Andrade e Pereira, 2004). Quanto às placas de xisto gravadas de Aljezur, ajudou-nos mesmo a localizar os originais dos desenhos e acompanhou o processamento do empréstimo do conjunto, que a *Associação de Defesa do Património Histórico e Arqueológico de Aljezur*, liderada por José Manuel Marreiros, amavelmente se prontificou a efectuar.

Os desenhos foram digitalizados e verificou-se estar a maioria, em termos gerais, correcta, de acordo com os critérios da época. No entanto, pela sua complexidade, as placas de xisto gravadas de Aljezur exigiam desenho mais rigoroso, quer pela sua importância quer pela necessidade de serem graficamente comparadas com idênticos artefactos provenientes de monumentos que temos em estudo. Deveriam assim ser redesenhadas na sua totalidade e «tintadas» em *Adobe Illustrator 10*. O que veio a ser feito, graças ao apoio da Câmara Municipal de Aljezur, que se agradece, por André Pereira e Marco Andrade, colaboradores do projecto «PLACA NOSTRA». A qualidade de execução e o rigor de estes investigadores estão já documentados em vários estudos conjuntos (Gonçalves, Pereira e Andrade, 2003; Gonçalves, Andrade e Pereira, 2004, Gonçalves, Pereira e Andrade, 2004), e em outros, de minha exclusiva responsabilidade (Gonçalves, 2003, 2004). Devo-lhes também a atenta revisão da penúltima versão de este texto.

Um agradecimento particular deve aqui ser registado e refere-se ao Director do Museu Nacional de Arqueologia, Luís Raposo, por rapidamente ter recuperado, para tratamento e estudo posterior, as duas placas de xisto gravadas temporariamente depositadas, para efeitos museológicos, na *Associação de Defesa do Património Histórico e Arqueológico de Aljezur*, e também pelo interesse que vem demonstrando pelo Projecto «PLACA NOSTRA», consubstanciado em programas de estudo, de gabinete e de campo, e de museografia, comuns ao Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ) e ao Museu Nacional de Arqueologia.

E uma palavra afectuosa para a excelente *designer* Beatriz Horta Correia que, uma vez mais, lidou com gentileza com arqueólogos que discutem reduções gráficas de desenhos e fotografias com uma craveira digital em punho...

Finalmente, *the last but never the least*, recorda-se a proverbial atenção e paciência de Ana Melo, que (sempre com justificadas reservas...) acabou por aceitar os tempos flexíveis que a elaboração de trabalhos como este, dependentes de desenho moroso e fotografia rigorosa, sempre implicaram. Particularmente quando um novo volume de *O Arqueólogo Português* entra em fase de afadigado estaleiro e a tolerância para com as demoras dos autores costuma cair com a velocidade das setas (bem pouco simbólicas) dos arqueiros calcolíticos...

As imagens fotográficas e o tratamento digital das outras figuras são de minha responsabilidade, tendo usado uma Nikon D100 e, como habitualmente, objectiva micro-Nikkor. Correções e ajustes em *Adobe Photoshop 7*. Digitalizações em Epson Perfection 4870 Photo e tratamento OCR dos textos de Estácio da Veiga em Abbyy FineReader 5 plus, seguido por recuperação manual.

1. OS SEPULCROS COLECTIVOS DE ALJEZUR

A história dos sepulcros colectivos de Aljezur é uma história antiga, do último quartel do séc. XIX. Começa em 1881, quando, em Novembro, José da Costa Serrão comunica a Estácio da Veiga ter recolhido uma grande quantidade de ossos humanos e artefactos diversos, numas covas junto à Igreja matriz da Senhora da Alva (Veiga, 1886, p. 21).

E o que parece ter imediatamente impressionado o arqueólogo algarvio foi «...predominar n'aquelle deposito mortuario o caracteristico de numerosas placas de schisto negro, ou ardosiano, com gravuras geometricas, encontrado em quasi todas as estações neolithicas do Algarve (...)» (*ibid.*). Isto para além da similitude dos restantes artefactos, comparáveis a outros, recolhidos por Estácio da Veiga nos monumentos de Nora e Marcela, de Alcalar 1 e no sítio de Torre dos Frades (Cacela – Vila Real de Sto. António), o que originou comentários hoje aparentemente bizarros, mas que assinalam o início de um tacteante (e logo perdido) caminho referente à leitura espacial dos monumentos e sítios de determinadas tipologias ou com «caracteristicos» afins.

Basicamente, a descrição e os comentários do pioneiro algarvio, incluídos no primeiro volume das *Antiguidades Monumentaes do Algarve*, reconhecem: 1. a extraordinária importância do sítio («A estação de Aljezur servirá de ponto de partida para todas as mais do Algarve e de ligação com as estações

synchronicas já conhecidas ao norte e nordeste d'aquella villa em outras provincias do reino.», p. 145);

2. *a natureza e os conteúdos do sítio* (« uma construção subterrânea (...) com muitos ossos humanos, numerosos instrumentos de pedra e outros objectos», p. 146);

3. *a inexistência de uma estrutura tumular visível* «não ha, emfim, o minimo indício apparente do tumulus ou monticulo, que necessariamente existiu, cobrindo e resguardando aquella um tanto complicada mansão, consagrada ao abrigo dos mortos», p. 147), ainda que reconheça que ela possa ter sido removida pelas obras de terraplanagem;

4. *a condicionante das destruições sofridas pela necrópole* («A estação mortuaria de Aljezur já estava portanto cortada e desfigurada, quando em 1881 o sr. Costa Serrão a mandou excavar; mas, pelas informações que obtive quando alli cheguei, presumo que os dois planos inferiores nunca tinham sido invadidos, porém simplesmente entulhados quando se nivelou o terreno para a construção da igreja e de varias casas; pois foi precisamente nesses planos, que o sr. Serrão achou os numerosos objectos com que muí obsequiosamente engrandeceu a minha collecção de antiguidades». p. 148);

5. *a típica situação de uma necrópole colectiva, com ritos de inumação primária, com os Corpos sentados* (« Os operarios confundiram tudo, levando a sua grosseira bruteza a quebrarem com as enxadas cinco craneos que viram encostados ao hemicyclo marcado na planta com a letra a, e a espalharem os ossos, que dizem ter visto amontoados em frente de cada craneo. Sendo, porém, minuciosamente inquiridos, affirmam, que os craneos eram muito compridos e descahidos para traz, o que bem deixa presumir que pertenciam a individuos da velha raça dolichocephala, alli sepultados com o Corpo dobrado pelas articulações dos fémures, apoiando a Cabeça sobre os joelhos, como estava em muita pratica nos dolmens, nos cistos e n'outras sepulturas da ultima idade da pedra», p. 148);

6. *pelos novos trabalhos de Estácio da Veiga e Nunes da Glória, identifica-se um número mínimo de 30 indivíduos* (p. 149);

7. *os ritos funerários foram então impossíveis de recuperar, mas resta-nos talvez vestígios de um depósito de artefactos de pedra polida similar ao identificado em STAM-2 e Gorginos 3* (Gonçalves, 2001): «Conservava-se intacto um empilhamento de machados polidos de schisto amphibolico junto ao hemicyclo do plano inferior, marcado, na planta, com a letra a, achando-se alli tambem três esboços preparados para machados, dois percutores, um desgastador de grés vermelho, umas Cabeças de alfinetes de osso, uma placa de schisto com gravuras e vários pedaços de louça destruida. p. 149).

Os artefactos descritos por Estácio da Veiga, e mais tarde desenhados, nem sempre com exactidão (ver Quadro 5 e Fig. 40 e 41), às ordens de Vera Leisner,

são de natureza muito diversificada, mas «culturalmente» muito homogénea, não devendo recuar de forma sensível para trás da transição do 4º para o 3º milénio e sendo, muito provavelmente, já da segunda metade do 3º milénio.

Nas Fig. 5 e 6, republicam-se os desenhos divulgados por Vera Leisner para os artefactos, que não as placas de xisto gravadas, conservados no MNA.

A pedra lascada é constituída por um grupo de pontas de seta, todas de base côncava, lâminas com e sem retoque, três «alabardas» e dois geométricos (trapézios).

A pedra polida inclui um conjunto com machados de secção circular, quadrangular e rectangular, enxós e uma goiva.

O osso polido incluía furadores e alfinetes de cabeça postiça, duas lisas e uma canelada.

Os artefactos para adorno pessoal resumiam-se a uma conta toneliforme.

A cerâmica, em termos quantitativos muito mal representada, apresentava-se sob duas formas comuns na primeira metade do 3º milénio, o «vaso lucerna» e o globular típico.

Quanto às placas de xisto gravadas de Aljezur, Estácio da Veiga nem sempre parece muito certo do seu número, com ligeiras oscilações no seu cômputo. Com efeito, começa por declarar que teriam sido recolhidas 19 placas e um báculo, mas, adiante, aponta 17 «...mais algumas, que se diz terem sido obtidas pelo sr. Judice dos Santos. Calculo que haveria alli umas vinte a vinte e duas.» (vol. I, p. 197).

As placas de xisto gravadas, pelo seu estatuto de objecto fora do comum, justificaram que Estácio da Veiga inventariasse os sítios em que até então tinham sido recolhidas.



Fig. 1 – Localização de Aljezur no actual território português.

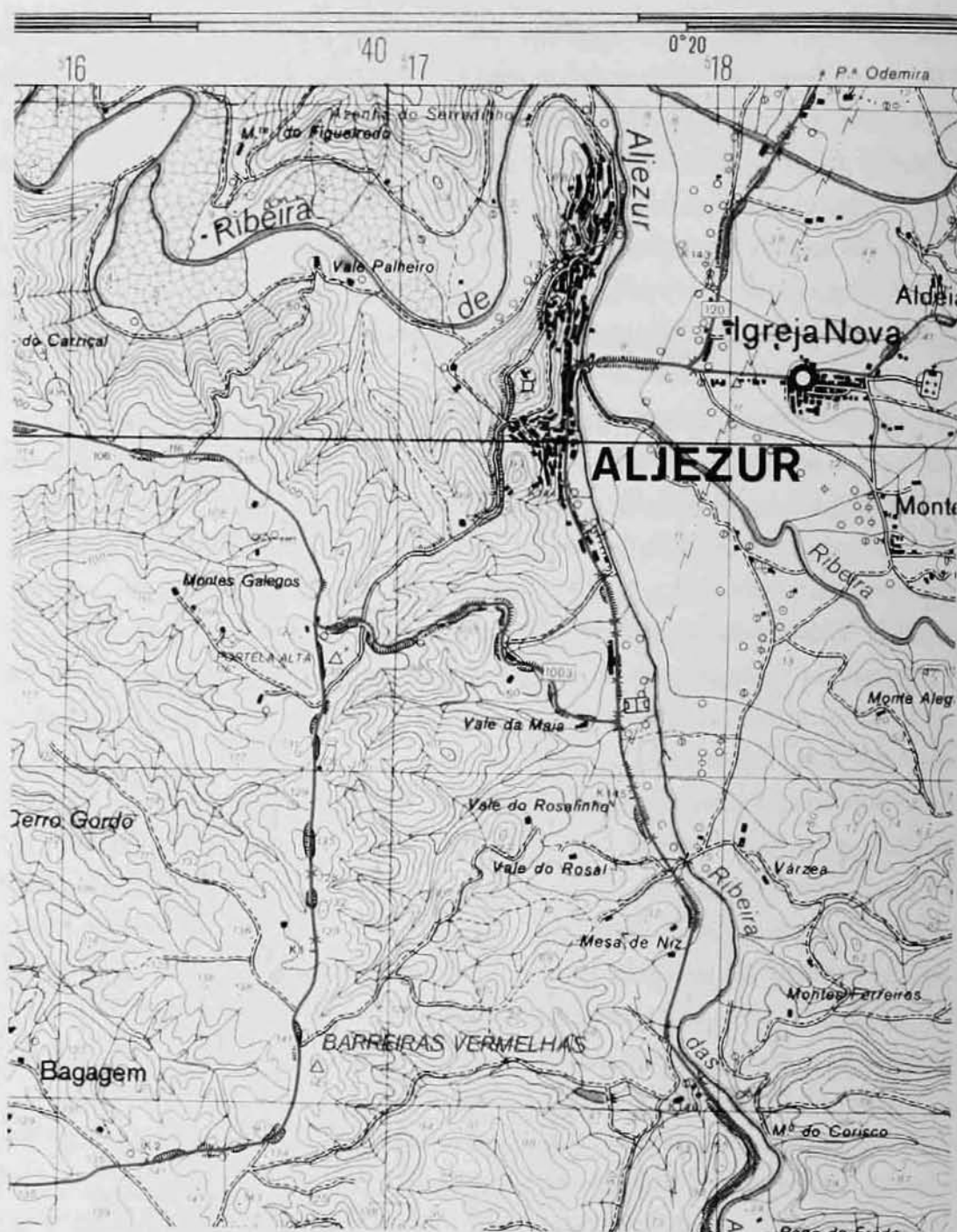


Fig. 2 – Localização de Aljezur na CMP 584 (vs. 1979).



Fig. 3 – Fotografia aérea de Aljezur, com indicação da Igreja da Sra. da Alva. Em baixo, o Castelo (imagem orientada Oeste-Este). «Quasi em frente da porta lateral que a igreja matriz da Senhora da Alva aponta para o norte, fazendo partir uma linha de 15 metros do angulo extremo da primeira piastra, ao poente, e outra de 14 metros do angulo extremo da que lhe fica ao nascente, o ponto em que se encontram as duas linhas marca o centro de um deposito mortuario de todo o ponto singular pela novidade da sua excepcional configuracao. Foi este deposito aberto por excavacao no carbonifero inferior, que constitue a formacao geologica dominante ao sul da margem esquerda do rio de Aljezur, sendo apenas a curtos espacos interrompida por algumas afloracoes do terciario marinho.» (Estacio da Veiga, 1886: 145).

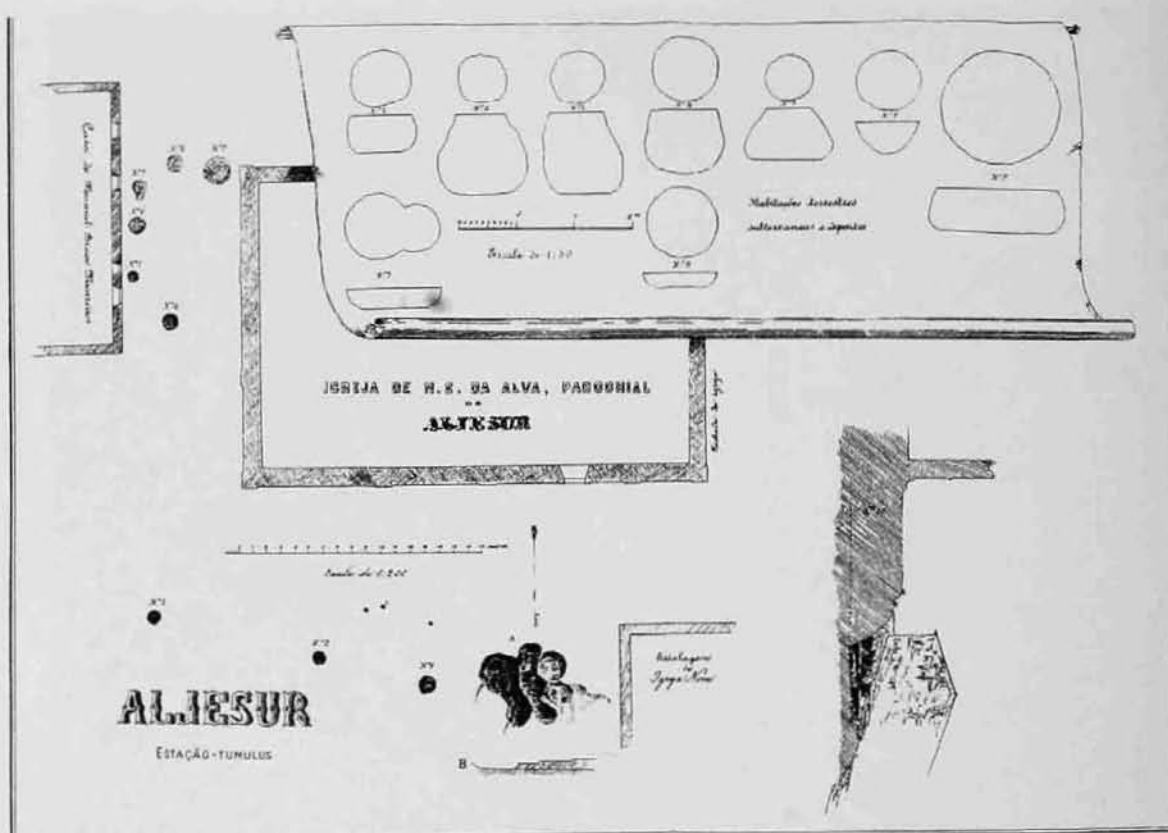


Fig. 4 – Plantas de Estácio da Veiga da «estação-tumulus» de Aljezur (1886).

É um inventário preciso, também porque pouco havia sido publicado na época sobre as placas, apesar de imagens estarem disponíveis em publicações que o arqueólogo algarvio bem conhecia.

No Algarve:

1. Aljezur;
2. Hortinha (Bensafrim);
3. Serro Grande (Lagos);
4. Monte da Rocha (Quinta da Lameira, Alvor);
5. Alcalar 1;
6. Serro da Pedra (Salir);
7. Nora (Cacela);
8. Marcela (Cacela);
9. Torre dos Frades (Cacela);
10. Castro Marim*;
11. Vaqueiros*.

* situações que devem ser encaradas com algumas reservas, dada a natureza dos testemunhos e a sua própria interpretação.

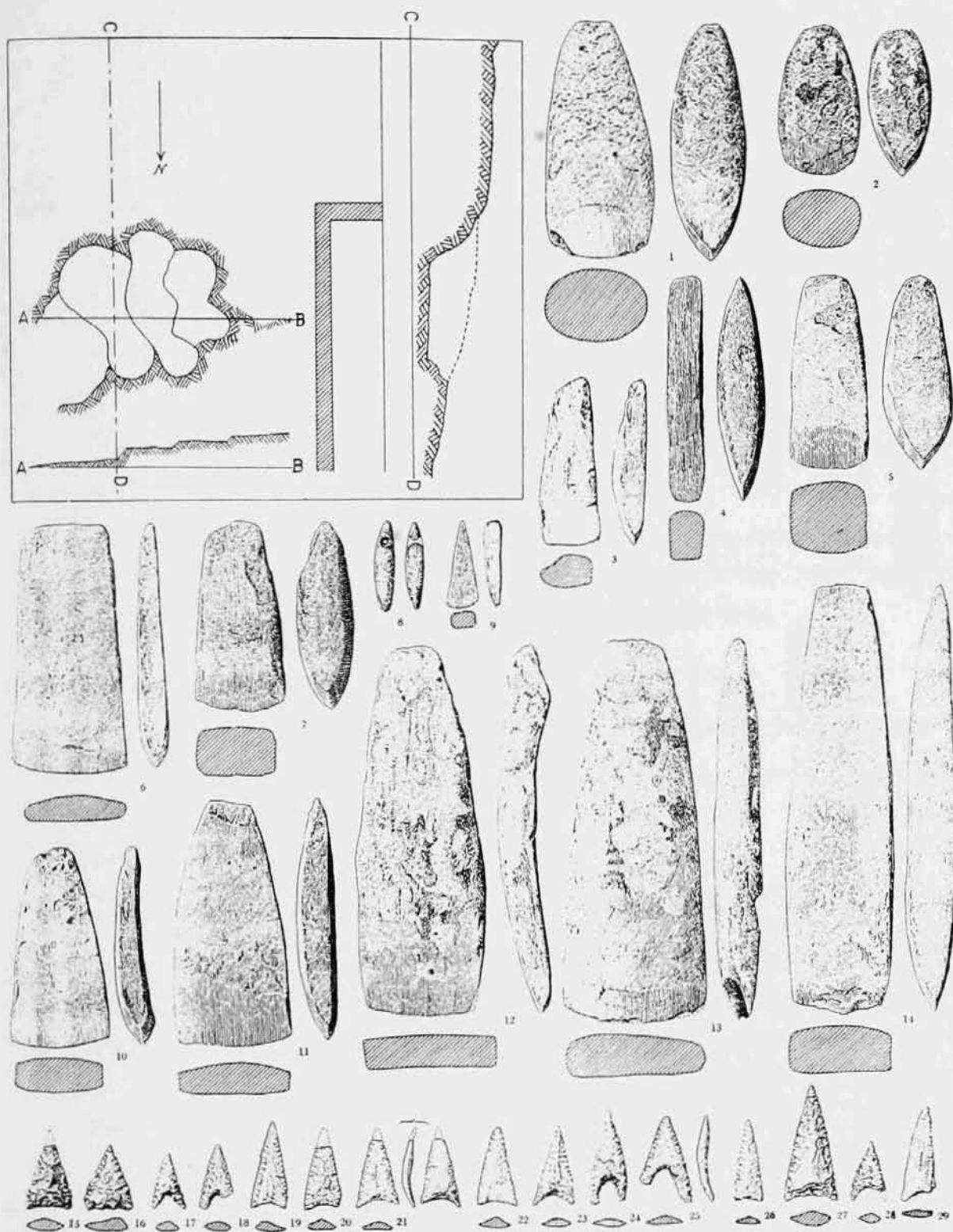


Fig. 5 – O espólio dos sepulcros de Aljezur segundo Leisner, 1965: planta e espólio lítico.

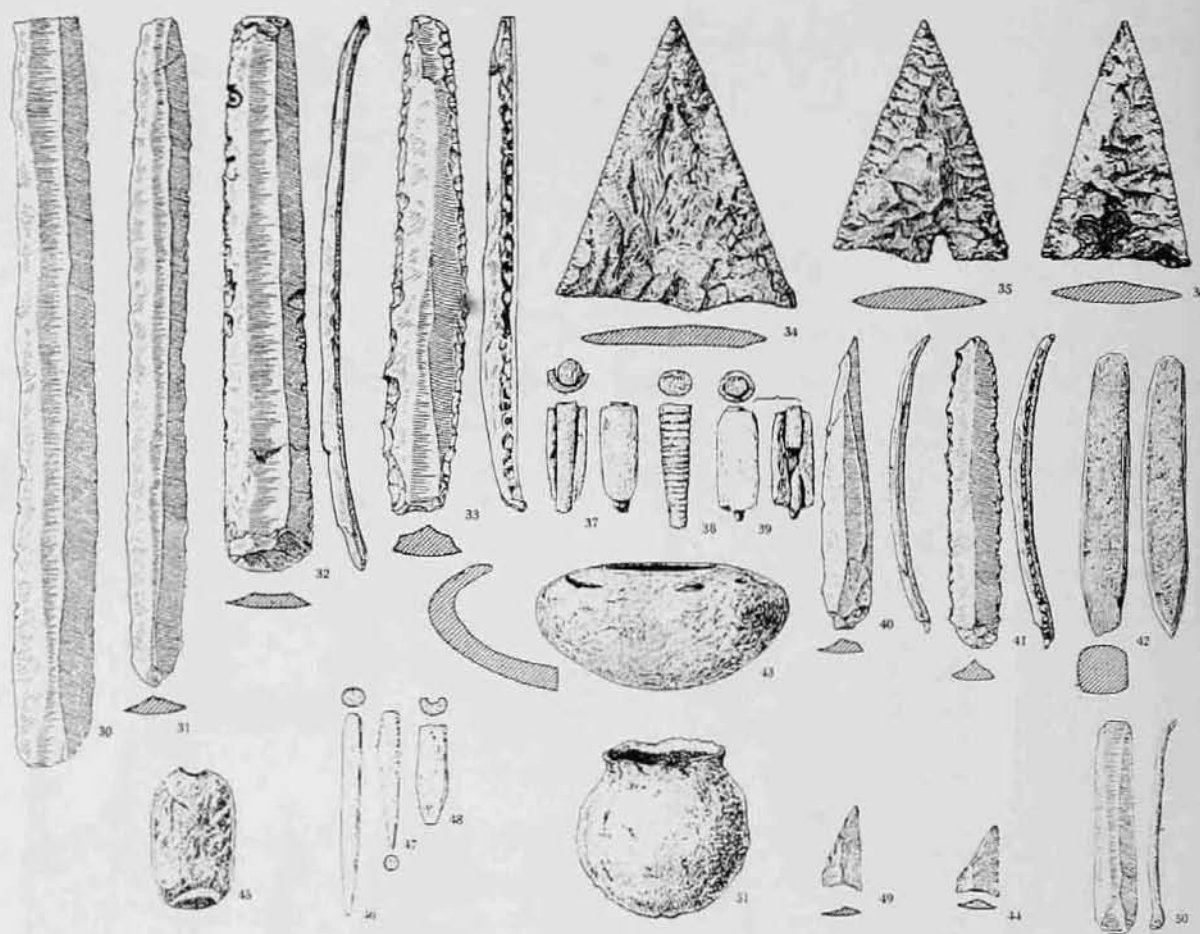


Fig. 6 – O espólio dos sepulcros de Aljezur segundo Leisner, 1965: espólio lítico, ósseo e cerâmico.

No que se refere a áreas exteriores ao Algarve, a lista corresponde ao que, à época, se conhecia, quer de publicações quer de Museus:

1. Santiago do Cacém;
2. Ponte de Odivelas (Estrada de Ferreira do Alentejo para Alcácer do Sal);
3. Viana do Alentejo;
4. Évora (então, apenas 2 placas !!...);
5. Montemor o Novo (então, apenas 2 placas !!...);
6. Pavia;
7. Castelo de Vide;
8. Palmela (grutas artificiais do Casal do Pardo);
9. Grutas de Poço Velho (Cascais);
10. Anta de Monte Abraão (Belas);
11. Anta da Estria (Belas);
12. Muge, «Sepultura de Martim Afonso»;
13. Gruta da Columbeira;

14. Gruta da Cesareda;
15. Gruta da Furninha (Peniche);
16. Gruta de Turquel (Alcobaça);
17. Anta de Monte Real (Leiria);
18. Anta de Ansião.

São assim ou achados isolados ou monumentos megalíticos «clássicos» (as antas) ou grutas naturais ou grutas artificiais. Também *tholoi*, se tal tiver sido a morfologia do sepulcro de Castro Marim (Gomes, Cardoso e Cunha, 1994), do que duvido.

A extensão geográfica tem curiosamente parâmetros relativamente próximos dos actuais, não sendo muito diferente o perímetro externo da mancha geográfica, se a alargarmos a partir de Elvas até Badajoz e a partir do Algarve até Huelva, mantendo-se Ansião como o ponto mais a Norte registado.

Claro que o grande vazio do Alentejo central traduz a dificuldade do acesso dos arqueólogos até monumentos e sítios mais isolados e em 1884 eram compreensivelmente bem restritas as acções de campo nessas áreas.

2. AS PLACAS DE XISTO GRAVADAS DO SEPULCRO COLECTIVO DE ALJEZUR: CATÁLOGO E DESCRIÇÃO COMENTADA.

2.1. Observações prévias

De acordo com os critérios recentemente estabelecidos pelo Projecto «PLACA NOSTRA», o inventário e descrição das placas de xisto gravadas provenientes de um só monumento, de escavação alheia, são objecto de um processo que se descreve assim:

1. verificação das origens efectivas, comparação dos números de inventário, diagnose da situação de conservação de cada artefacto, proposta de restauros ou consolidações e, se necessário, o seu acompanhamento;
2. desenho e «tintagem»;
3. fotografia digital global da peça e macros de detalhes, com recurso a iluminação fixa e móvel;
4. elaboração de um primeiro Quadro, com registo das mensurações principais;
5. elaboração de um segundo Quadro, com registo dos atributos e combinatórias;
6. peso dos exemplares com o estado de conservação 1. e 2. (intactos ou apenas muito ligeiramente fragmentados, neste último caso sendo a medida seguida por *). Para o peso, usou-se uma balança de precisão, mas, por razões explicadas no texto, as medidas foram sempre expressas em valores arredondados ao grama;
7. descrição individual, com comentários que se não enquadram nos Quadros

anteriores. Esta descrição, após observação directa e com lupa binocular, tem uma importância específica para além da sua: gera elementos detalhados que poderão integrar uma ficha museológica de precisão, que dificilmente seria conseguida num processo de inventariação normal, por inventariadores não especializados.

Os pontos 2. e 3. podem variar de sequência ou mesmo entrosar-se.

No âmbito do 4., usou-se uma craveira digital Mitutoyo, mas, em situações delicadas, e para evitar riscar as placas, tal como durante as morosas operações de desenho, houve recurso a craveiras de fibra de vidro.

Considerando a precisão muito aceitável dos desenhos, que, com a sua escala gráfica, servem de referência segura, registam-se entre as principais medidas e as que podem futuramente ser utilizadas em cruzamento de dados:

1. a altura total da placa, medida no eixo central;
2. as alturas da Cabeça e do Corpo, sempre que se trate de uma placa com essa divisão (a larga maioria);
3. a altura das bandas, a meio da largura e, quando necessário, no bordo direito;
4. a largura das colunas, a meia altura;
5. a largura da placa, no topo e na base;
6. os diâmetros das perfurações, lidos nas faces e nos versos;
7. a espessura, lida num ponto médio;

Calcularam-se ainda o índice de alongamento da placa, IA (altura/largura da base) e a percentagem nela ocupada pela Cabeça.

O índice de alongamento (IA) foi interpretado de acordo com três possibilidades: alongado: > 2 (uma única placa, a 985.39.48);

médio: 1 -2 (todas as restantes);

curto: < 1 .

O alongamento da Cabeça (IA Cb) foi interpretado de acordo com cinco categorias:

$< 10\%$: muito pequena

10-20: pequena

20-30: «normal»

30-50: grande

> 50 : muito grande

Ficou-me, porém, a ideia que seria necessário rever a classificação dos índices, mas tal apenas poderá ser feito com os cálculos a efectuar para os grandes conjuntos, como os da Anta 1 do Olival da Pega, Anta Grande do Zambujeiro, *tholos* do Escoural e Anta 1 do Paço («A» de Manuel Heleno).

Quadro 1 – listagem das placas de xisto gravadas dos sepulcros colectivos de Aljezur, com indicação dos seus lugares de publicação.

Nº de inventário recente	Nº de registo antigo	Estácio da Veiga, 1887	Leisner, 1965	VSG, 2004
ALJ-985.39.41	8968	Não publicada.	131:54	Fig. 7
ALJ-985.39.42	8965	Est. V	131:59	Fig. 8
ALJ-985.39.43	8972	Est. IV	131:52	Fig. 9
ALJ-985.39.44	8977	Não publicada.	131:56	Fig. 10
ALJ-985.39.45	8962	Est. I	Não publicada.	Fig. 11
ALJ-985.39.46	8970	Est. X	131:60	Fig. 12
ALJ-985.39.47	8973	Est. II	Não publicada.	Fig. 13-A-B
ALJ-985.39.48	8971	Est. III	131:57	Fig. 14-A-B
ALJ-985.39.49	8969	Est. VII	131:58	Fig. 15
ALJ-985.39.50	8976	Est. XI	Não publicada.	Fig. 16
ALJ-985.39.51	8967	Não publicada.	131:55	Fig. 17
ALJ-985.39.52	8974	Não publicada.	131:53	Fig. 18
ALJ-985.39.53	8981-A	Não publicada.	Não publicada.	Fig. 19
ALJ-985.39.131	8966	Não publicada.	Não publicada.	Fig. 20
ALJ-985.39.132	8979	Não publicada.	Não publicada.	Fig. 21
ALJ-985.39.133	8978	Não publicada.	Não publicada.	Fig. 22
ALJ-985.39.134	8960 ?	Não publicada.	Não publicada.	Fig. 23
ALJ-985.39.135	8981-B	Não publicada.	Não publicada.	Fig. 24
ALJ-985.39.136	8981-C	Não publicada.	Não publicada.	Fig. 25
ALJ-985.39.137	8975	Não publicada.	Não publicada.	Fig. 26
ALJ-985.39.138	8963	Não publicada.	Não publicada.	Fig. 27
ALJ-985.39.139	8964	Não publicada.	Não publicada.	Fig. 28
ALJ-985.39.195	7599	Não publicada.	Não publicada.	Fig. 29

As Estampas referidas, do vol. II das A. M. A. (Estácio da Veiga, 1887), encontram-se grupadas entre as pp. 462 e 463 daquele volume.

Total de placas de Aljezur: 23.

Total de placas para cálculo de percentagens: variável, considerado o estado, integral ou fragmentado.

Total de placas com desenhos publicados por Estácio da Veiga: 8.

Total de placas com desenhos publicados por Leisner, 1965: 9.

Total de placas com fotografias publicadas até 2004: 0.

Total de placas com desenhos e fotografias agora publicados: 23.

2.2. Descrição (lida conjuntamente com os Quadros de caracterização sumária e de registo de medidas) e observações diversas

2.2.1. Notas prévias

1. A indicação * a seguir a um algarismo significa que a medida não é totalmente fiável, em geral por uma ligeira fragmentação da peça. No entanto, as medições

indicadas com asterisco são sempre muito aproximadas ao presumido original, estimando-se a diferença em milímetros ou poucos gramas. Do Quadro com o registo do peso das placas, excluíram-se todas as que se encontravam fragmentadas para níveis abaixo do limite assinalado com *;

2. considerando que a tinta da china e o verniz de marcação têm peso, apesar de tudo não negligenciável em pesagens de precisão, e algumas placas apresentam até cinco legendas, arredondei sempre ao grama o peso obtido, dispensando, ao contrário do habitual, a décima e a centésima de grama;

3. todas as placas se encontravam marcadas com o antigo número de inventário ou com o novo, ou com ambos. Assim, apenas se assinalou na descrição uma marcação a vermelho, que aparece em algumas, e a referência a terem sido desenhadas por F. Valença (*des. F.V.*). Nenhum de estes desenhos foi, porém, encontrado no MNA;

Antes de uma desejável publicação exaustiva, ilustrada, reservada para outro lugar e tempo, pareceu-me útil listar, desde já, os termos utilizados no âmbito do projecto «PLACA NOSTRA» na descrição das placas de xisto gravadas e algumas abreviaturas para eles. Assinalei sempre os casos que encontram exemplo em Aljezur, exceptuando as referências, neste contexto universais, aos triângulos preenchidos ou a termos tão gerais como eles, ou quase. Alguns talvez sejam revistos, no sentido de se tornarem o mais unívocos possível, sabendo nós que essa não é tarefa fácil, mas o essencial fica dito.

GLOSSÁRIO DE TERMOS E CONCEITOS APLICÁVEIS ÀS PLACAS DE XISTO GRAVADAS, EM ESTUDO, USO E AFINAÇÃO NO ÂMBITO DO PROJECTO «PLACA NOSTRA» (UMA PRIMEIRA PROPOSTA)

Bandas: as bandas são os espaços horizontais delimitados por traços (que podem ser considerados também como linhas-guia), onde se inserem os triângulos preenchidos, maioritários como tema dominante do Corpo das placas. Em Aljezur, ver Figs. 8 a 11, 13-A, 14-A, 18, 20 a 23, 27, 28.

«*Bico de Corvo*»: diz-se do Triângulo-Cabeça quando é muito alongado e geralmente encurvado no vértice inferior. Em Aljezur, ver Fig. 27.

Cabeça dentro da Cabeça: é o nome geral de referência para o *Triângulo-Cabeça*, o *Trapézio-Cabeça* ou para o raro *Rectângulo-Cabeça*. Estas formas constituem a parte central da Cabeça da placa e delas, ou do Separador Cabeça-Corpo, radiam os motivos simétricos (ou assimétricos) que preenchem esses dois espaços disponíveis.

Cabeça: a parte superior da placa, delimitada por um traço horizontal ou oblíquo ou por um *Separador Cabeça-Corpo*. É a área onde, quando existem, estão localizadas as perfurações para suspensão, faixas preenchidas simétricas (ou não, no caso da síndrome das placas loucas, variante 1) ou outros motivos mais raros, como faixas ziguezagueantes ou triângulos.

Colunas: espaços delimitados no Corpo das placas, geralmente por *linhas-guia* verticais. São geralmente preenchidos por linhas quebradas, faixas ziguezagueantes preenchidas ou, excepcionalmente, por triângulos com o vértice para o lado, servindo as linhas-guia para assegurar a continuidade regular dos motivos a toda a largura da placa. Em Aljezur, ver Figs. 7, 12, 15, 16, 29.

Corpo: a parte inferior da placa, que contém um motivo dominante, ou mais, no caso das placas híbridas.

Faixas horizontais de Cabeça: usadas no preenchimento de espaços laterais à Cabeça dentro da Cabeça. Em Aljezur, ver Figs. 12, 28.

Faixas oblíquas de Cabeça: usadas no preenchimento de espaços laterais à Cabeça dentro da Cabeça. Quando partem do Separador, em leque, designam-se por *Faixas radiantes*. Designam-se por *Faixas descendentes*, quando partem dos limites da Cabeça dentro da Cabeça, para baixo e *Faixas ascendentes* quando partem para cima.

Faixas quebradas: no fundo, dois tramos conexos de uma faixa ziguezagueante. Em Aljezur, ver Figs. 7, 17.

Faixas radiantes: diz-se das faixas preenchidas que partem do Separador Cabeça-Corpo, preenchendo os espaços extremos da Cabeça. Podemos considerar dois tipos de faixas radiantes: 1. as que partem exclusivamente de muito perto do ponto de contacto da Cabeça dentro da Cabeça com o Separador; 2. as que radiam de todo o espaço disponível. Em Aljezur, ver Fig. 11 para o primeiro caso e Figs. 13-A, 14-A, 15, 16, 18, 23, 26 (?), 29, para o segundo;

Faixas verticais: faixas preenchidas, dispostas na vertical no Corpo das placas. Raras no conjunto das placas conhecidas. Desconhecidas em Aljezur.

Faixas ziguezagueantes: quer verticais, quer horizontais, com variantes, quase sempre preenchidas, por vezes com linhas-guia internas como auxiliares do preenchimento. Em Aljezur, ver Figs. 12, 16, 19, 29.

Falsos Olhos: diz-se de depressões cupuliformes, apareadas, que são interpretadas como representações de Olhos não radiantes. Desconhecidos em Aljezur.

Indicador de fim de placa (IFP): uma banda normalmente apenas definida superiormente (pela linha guia da banda preenchida imediatamente superior), contendo motivos diferentes do dominante no Corpo ou os mesmos, reduzidos.

Indicador de início de banda (IIB): após a paginação final de uma banda, com o contorno dos triângulos desenhado, os espaços de início e de fim da banda ficam vazios e são preenchidos, para reforçar a simetria, com quadrícula. Por vezes parecem triângulos escalenos, noutras situações rectângulos alongados. Em Aljezur, ver Figs. 8 a 11, 13-A, 14-A, 18, 20 a 22, 27 e 28.

Indicador de fim de banda (IFB): ver *Indicador de início de banda*. Em Aljezur, ver Figs. 8 a 11, 13-A, 14-A, 18, 20 a 23, 27.

Linhas-guia: designam-se assim traços horizontais ou verticais que definem as bandas ou as colunas, para facilitar a gravação subsequente dos votivos. Usei esta expressão pela primeira vez, vá lá saber-se porquê, sob a forma inglesa *guide lines*, aquando da análise do conceito de paginação referente a placas de STAM-3 (Gonçalves, 2003a, p. 264-265). Posteriormente, o conceito foi afinado, com a identificação de outros tipos de linhas-guia, as *linhas-guia para preenchimento de faixas ziguezagueantes*, em Aljezur exemplificadas no fragmento de placa 985.39.53, ou as *linhas-guia para preenchimento de triângulos de remate*. Nestes casos, são linhas verticais marcadas antes do preenchimento das faixas ziguezagueantes, nos pontos de junção dos tramos de faixa, de forma a permitirem um preenchimento mais regular, ou linhas verticais nos triângulos de remate de fim de placa, para permitirem um melhor preenchimento simétrico.

Linhas quebradas: desconhecidas em Aljezur, são uma forma de preencher o Corpo registada de Reguengos de Monsaraz a Montemor o Novo. Configurariam faixas ziguezagueantes não preenchidas se não tivessem sido gravadas tão juntas. Desconhecidas em Aljezur.

«*Orelhas de Coelho*»: esta inconfundível forma de representar a «Cabeça dentro da Cabeça» consiste em usar duas faixas preenchidas, mais estreitas em baixo que em cima, encurvadas, e com o aspecto característico das dos simpáticos lagomorfos. Identificámos várias, no estudo preliminar das placas de xisto gravadas da Anta Paço 1, Montemor o Novo (escavações de Manuel Heleno). Em Aljezur, ver Fig. 18.

Placas com Olhos de Sol: placas oculadas, partindo dos círculos oculares raios curtos, longos, direitos ou quebrados. Desconhecidas em Aljezur.

Placas CTT: as placas com Cabeça tripartida (e preenchimento reticulado simétrico das áreas laterais) estão ausentes de Aljezur, mas constituem, com as placas com Olhos de Sol ou simplesmente oculadas, um dos objectos de pesquisa mais interessantes no complexo mundo das placas. Desconhecidas em Aljezur.

Placas híbridas: diz-se das placas que apresentam dois ou mais motivos dominantes no Corpo. Desconhecidas em Aljezur.

Placas oculadas: é a designação geral para todas as placas com representações de Olhos, radiantes (Olhos de Sol) ou não. Inclui também as placas com «Falsos Olhos». Desconhecidas em Aljezur.

Placas reaproveitadas: placas que se quebraram accidental ou intencionalmente e foram de novo recortadas e polidas. Um caso que exemplifica uma das possibilidades é o da placa H.8-5 (Gonçalves, 2003a) e o conceito foi recentemente estudado, sistematizado e exemplificado (Gonçalves, Pereira e Andrade, 2003).

Placas recortadas: placas que apresentam, de uma forma muito diversificada, indicações de «ombros», reforçando, através do contorno que as placas passam a apresentar, o seu aspecto antropomórfico (Gonçalves, 2004a). Desconhecidas em Aljezur.

Remate: forma de ocupar espaços que, vazios, desequilibravam a composição das placas. Encontram-se tanto na Cabeça como no Corpo, onde podem confundir-se com os *Indicadores de fim de placa*. Em Aljezur, ver Figs. 7, 12, 19, 29.

Separador: nas variantes *Separador Cabeça-Corpo*, *Separador intermédio do Corpo* ou *Separador de fim de placa* (sinónimo de *Indicador de fim de placa*), contém, na realidade, fórmulas diversas: um traço horizontal simples, uma ou várias bandas lisas ou preenchidas, uma sequência de triângulos de diferentes tipologias. O fim da placa pode também conter um Remate simétrico à última faixa ziguezagueante, normalmente constituído por triângulos que, aqui, são afinal o topo da banda ziguezagueante que já não tem espaço para se desenvolver na íntegra.

Simetria radial: ausentes de Aljezur, as placas com simetria radial são caracterizadas por partir de um ponto mais ou menos correspondente ao centro da placa uma decoração normalmente simétrica. Leite de Vasconcelos publica uma nas Religiões da Lusitânia, proveniente da Anta Grande da Ordem (Avis), que é um excelente exemplo (Vasconcelos, 1897, Fig. 27, p.157), tal como, aliás, a recolhida na Pedra Branca, Montum, Melides (Ferreira, Zbyszewski, Leitão e Sousa, 1975).

Síndrome das placas loucas: conceito avançado recentemente (Gonçalves, 2003c), refere uma assimetria voluntária quer na composição da Cabeça quer do Corpo, quer de ambos. Em Aljezur, há talvez um caso, ainda que muito discutível, o da placa 985.39.41 (ver Fig. 7). Em Aljezur, trata-se mais provavelmente de uma assimetria accidental devido a um erro de paginação.

Trapézio-Cabeça: forma de representar a «Cabeça dentro da Cabeça». Em Aljezur, ver Figs. 9, 10, 20 a 22, 28.

Triângulos: habitualmente usados em Bandas, que os contém, mas também surgindo isolados. A abreviatura T é por vezes completada com a indicação P (preenchido) ou V (vazio) ou VPC (vértice para cima) ou VPB (vértice para baixo) e antecedida por um algarismo indicando o número de triângulos preenchidos na Banda;

Triângulo dentro de triângulo: forma de criar campos em que um triângulo vazio é inserido dentro de um preenchido, ou vice-versa. Usados no Corpo das placas, mas também, às vezes, na Cabeça, sendo que, aí, o seu peculiar enquadramento os transforma em triângulos vazios dentro de um campo preenchido (ou vice versa), que corresponde à área disponível de cada lado da Cabeça dentro da Cabeça. Em Aljezur, há uma situação aproximável, mas que não corresponde exactamente ao *standard*, ver Fig. 9.

Triângulo-Cabeça: forma de representar a «Cabeça dentro da Cabeça». Em Aljezur, ver Figs 7, 8, 11, 14-A, 16, 17, 27, 29. Com um desenho peculiar, pode ser designado «bico de corvo», fig. 27. Com o aspecto de um «triângulo» cujos lados maiores são côncavos, designa-se por *Triângulo aberto*. Em Aljezur, ver Figs. 12, 15, 18.

Triângulo moldurado em faixa: diz-se dos triângulos que são definidos não por um traço simples, mas por faixas que o envolvem, sendo as áreas simétricas preenchidas com faixas horizontais ou oblíquas. Em Aljezur, ver Fig. 12.

«*Triângulo voador*»: diz-se dos triângulos isolados, dispostos no verso, com orientações oblíquas. No caso da placa de OP-2d (Gonçalves, 2003a, Fig. 108, p. 284-285), é acompanhado por pequenos traços de cada lado da base maior, não detectados na placa de Aljezur 985.39.47.

Rectângulo-Cabeça: forma de representar a «Cabeça dentro da Cabeça». Em Aljezur, inexistente.

Xadrez: os campos em Xadrez resumem-se, nos casos que conheço, ao preenchimento do Corpo com quadrados ou rectângulos preenchidos alternadamente, com o efeito conhecido. Está associado a outros motivos em placas híbridas. Nenhuma de estas situações se verifica em Aljezur.

2.2.2. Quadros descritivos

Quadro 2 – Placas de xisto gravadas dos sepulcros colectivos de Aljezur, características e motivos dominantes: um primeiro registo.

Ref ^a	Motivo dominante Corpo	Composição da Cabeça	Perf.
985.39.41	Faixas quebradas, em 2+2 colunas desencontradas na junção.	Triângulo central vazio, ladeado irregularmente (SPL?).	1. TC.
985.39.42	Triângulos muito pequenos, com o vértice para cima, ocupando toda a altura disponível, em 18 bandas.	Triângulo central vazio até à base da 5ª banda.	2. BTC.
985.39.43	Triângulos com o vértice para cima em 3 bandas + IFP com triângulo =, mais pequenos.	Trapezoido central enquadrado por motivos tipo TP in TV, com fundo preenchido.	2. BTC.
985.39.44	Triângulos com o vértice para baixo em 5 bandas, rectangular vertical.	Composição complexa: T, F, mot	2. BTC.
985.39.45	Triângulos com o vértice para cima em 5 bandas.	2+2 faixas radiantes de um ponto central.	1. BTC.
985.39.46	Faixas ziguezagueantes preenchidas com linhas-guia em três conjuntos formando 1+4+1 colunas.	7+7 faixas horizontais à moldura central preenchida.	1. BTC.
985.39.47	Triângulos com o vértice para cima em 5 bandas. Verso gravado com traços finos (escutiforme, «triângulo voador», antropomorfo, peixe, rede).	4+4 faixas radiantes de um ponto central.	1. BTC.
985.39.48	Triângulos com o vértice para cima em 1+2 bandas, com separação por dupla pequena banda de TPVC.	3+3 faixas radiantes sep Cp por dupla pequena banda de TPVC.	1. BTC.
985.39.49	Triângulos com o vértice para o lado, em 5 colunas+2 de preenchimento com faixas oblíquas preenchidas.	2+2 faixas radiantes.	1. BTC.
985.39.50	Faixas ziguezagueantes preenchidas com 3 linhas-guia traduzidas em 4 colunas.	Triângulo central moldurado p ocupando de cima 78% alt e 3+3 faixas radiantes.	1. BTC.
985.39.51	Faixas quebradas centradas sem linhas-guia.	3+3 faixas preenchidas.	1. BTC.
985.39.52	Triângulos com o vértice para cima em 3 bandas.	«Orelhas de coelho».	1. TC.
985.39.53	Faixas ziguezagueantes preenchidas segmentadas na vertical, mas sem l-g externas. Base com meia faixa.	Inexistente por fragmentação.	IND.
985.39.131	Triângulos com o vértice para cima em 3 bandas.	3+3 faixas.	2. TC.
985.39.132	Triângulos com o vértice para cima em 2+1 bandas, separadas por fina banda com triângulos vazios.	3+3* faixas.	1. BTC.
985.39.133	Triângulos com o vértice para cima em 4 bandas.	3+3 faixas.	1. BTC.
985.39.134	Triângulos com o vértice para cima em 2+n bandas.	2+2 faixas radiantes.	1, ???.
985.39.135	Indeterminável, mas pode tratar-se eventualmente de uma placa algo semelhante a 985.39.41.	Faixa ziguezagueante c/ linha-guia vertical sob banda com TV in TP e 1ª c/ faixas.	1. BTC.
985.39.136	Indeterminável, uma vez tratar-se de um fragmento do verso da placa.	Indeterminável.	IND.
985.39.137	Triângulos com o vértice para baixo em prováveis 5 bandas. Muito apagada.	Faixas radiantes em número indeterminável.	2. BTC.
985.39.138	Triângulos com o vértice para cima em 3 bandas.	Triângulo central vazio, em bico de corvo, apontando a direita. 4 faixas horizontais.	1. BTC.
985.39.139	Triângulos com o vértice para cima em 4 bandas.	Trapezoidal regular com 4+4 bandas horizontais preenchidas.	2. BTC.
985.39.195	Faixas ziguezagueantes compartimentadas por 3 linhas-guia, em 4 colunas. Base C1-2, c/ fecho.	3+3 faixas muito oblíquas.	1. BTC.

B: Bandas.

BTC: Bitroncocónico.

C: Colunas.

TC: Troncocónico.

TPVB: triângulos preenchidos com o vértice para baixo.

TPVC: triângulos preenchidos com o vértice para cima.

Quadro 3 – listagem das placas de xisto gravadas dos sepulcros colectivos de Aljezur, medidas principais de referência (em cm).

Ref ^a	EST	PF	ALT	ALT Cb	ALT Sp.	ALT Cp	ALT Sp.I	ALT B1	ALT B2	ALT B3	ALT B4	ALT B5	ALT Sep.F	Lb	Lt	la	%Cb	DPF	DPV	Esp.p.m
985.39.41	1	1	15,10	4,18										7,92	7,81	1,9	28	0,82	0,42	0,76
985.39.42	1	2	17,00	4,22										9,63	7,08	1,8	25	0,89+		
																		0,88	0,58+0,76	0,67
985.39.43	1	2	15,17	3,40				3,24	3,63	3,64	IFP		1,78	9,44	6,05	1,6	22	0,63+		
																		0,63	0,62+0,62	0,77
985.39.44	2	2	17,00	5,00		12,00		1,80	2,15	2,24	2,86	2,82		?			29	1,13+		
																		1,13	0,84+0,84	0,79
985.39.45	1	1	20,80	6,00		14,80		2,60	2,82	3,00	3,00	3,40		12,64	9,63	1,6	29	0,92	0,63	1,05
985.39.46	1	1	19,50	6,45	1,39	11,89								12,26	7,92	1,6	33	0,69	0,63	0,53
985.39.47	1	1	18,60	4,60		14,00		2,72	3,07	2,79	2,89	2,55		11,50	8,00	1,6	25	0,80	0,76	1,25
985.39.48	2	1	14,90	2,40	1,11	10,96	1,29	2,79	2,95	4,00				6,27*	4,92*	2,4	16	0,69	0,51	0,79
985.39.49	1	1	17,00	4,10		13,00								11,21	7,18	1,5	24	0,66	0,59	0,85
985.39.50	2	1	21,40	6,80		14,60								11,00	9,50	1,9	32	0,97	0,82	0,64
985.39.51	2	1	12,89*	4,1*		8,84								8,37	7,17*	1,5				0,83
985.39.52	2	1	15,60	4,40		11,20		0,33	3,85	4,17				8,54*	6,59	1,8	28	0,46	0,30	0,40
985.39.53	53	0*																		0,88*
985.39.131	2	2	14,64	4,73		9,91		3,21	3,46	3,38				7,70*		1,9	32	0+	0,50+	
																		0,26	0,50*	0,55
985.39.132	35	1	13,60	03,4			0,57	0,26	0,31	0,41							25	0,53*	0,53	0,47
985.39.133	2	1	15,40	4,00		11,40		2,71*	3,10	2,61	2,97			7,60*	5,80*	2	26			0,63
985.39.134	3*5*	2*		6,58*				3,15												0,69
985.39.135	3*	1																0,56*	0,25*	
985.39.136	8	0*																		
985.39.137	1	2	13,92											8,30	5,40	1,7	36	0,72+	0,66+	
																		0,72	0,66	0,97
985.39.138	1	1	20,00	7,20		12,80		3,97	3,70	5,11				9,57	8,76*	2	27	0,75	0,75	1,05
985.39.139	2	2	17,90	4,90		13,00		2,65	3,90	3,70	2,90			10,85*	7,13	1,6	30	0,57+	0,65+	
																		0,57	0,59	1,01
985.39.195	35	1	16,8*	5,00		12*														0,96

Ref^a: registo da placa no último inventário (1985) do MNA; EST: estado de conservação – Inteira: 1; Integralmente reconstituível: 2; Cabeça: 3; Separador Cb-Cp: 4; Corpo: 5; Corpo Área distal: 5A; Corpo Área mesial: 5B; Corpo Área proximal: 5C; Separadores intermédios: 6; Indicador FP: 7; Indeterminável, lisa: 8; Indeterminável, gravada: 9. Os números combinam-se em sequência, quando várias situações se combinam nos fragmentos de uma única placa. Por «integralmente reconstituível» entende-se uma placa com fragmentações, mas com todas as medidas e leituras possíveis de recuperar; PF: perfurações; ALT: altura da placa medida num ponto central; ALT Cb: altura da Cabeça; ALT Sp: altura do Separador Cb-Cp; ALT Cp: altura do Corpo medida num ponto central; ALT Sp.I: altura dos Separadores internos; ALT B1 a B5: altura das Bandas; Alt Sep.F: altura do Separador = Indicador de fim de placa; Lb: largura da base; Lt: largura do topo; la: índice de alongamento; % Cb: altura da Cabeça referenciada à altura total da placa; DPF: diâmetro das perfurações na face; DPV: diâmetro das perfurações no verso; Esp.p.m: espessura num ponto médio.

Quadro 4 – listagem das placas de xisto gravadas dos sepulcros colectivos de Aljezur, matérias-primas e pesos (neste último caso, dos exemplares de categorias de estado 1 e 2).

Nº de inventário	Nº antigo	Estado	M-prima	Peso em gr
ALJ-985.39.42	8965	1	X	213
ALJ-985.39.43	8972	1	X	245*
ALJ-985.39.45	8962	1	X	662
ALJ-985.39.46	8970	1	X	260
ALJ-985.39.48	8971	2	X	154*
ALJ-985.39.52	8974	2	X	128**
ALJ-985.39.137	8975	1	Sp	238
ALJ-985.39.138	8963	1	X	512*
ALJ-985.39.139	8964	2	X	381

** Inclui massa de restauro usada no Laboratório do Museu Nacional de Arqueologia (Paraloid B44 a 35%, em acetona, com esferas de vidro), ainda que em área restrita.

X = xisto; Sp = serpentinito.

2.2.3. Descrição das Placas de Xisto Gravadas

2.2.3.1. Placa 985.39.41 (Figs. 7, 49, 59, 84)

Placa extremamente bem gravada, com traços firme e finamente incisos.

A organização da gravação da face faz-se através de três linhas-guia. A primeira parte de uma das linhas convergentes para o Triângulo-Cabeça; a segunda parte do topo da placa e constitui o próprio lado direito do Triângulo-Cabeça, prosseguindo como as outras duas até à base da placa. O lado esquerdo do Triângulo-Cabeça foi gravado depois das três linhas-guia, e é anterior aos restantes componentes da gravação.

A placa foi claramente estruturada em duas metades, definidas pela segunda linha-guia, que assim se constitui em eixo central. As faixas quebradas preenchidas, que integram as duas metades da placa, foram intencionalmente desencontradas na linha-guia central. Teria sido muito fácil fazê-las convergir, mas a intenção do gravador foi exactamente a contrária. Estamos assim perante o que poderia ser entendido, no sentido estrito, como um exemplo da síndrome das placas loucas na sua Variante 2 (Gonçalves, 2003c). O que é também interessante nesta placa é a sua composição não oferecer uma imediata imagem de assimetria, o que é sem dúvida um erro de leitura subjectivo induzido pela grande qualidade da gravação.

O espaço disponível foi assim paginado, mas tratado como duas metades, com uma junção desencontrada de motivos. Tal originou naturalmente correcções

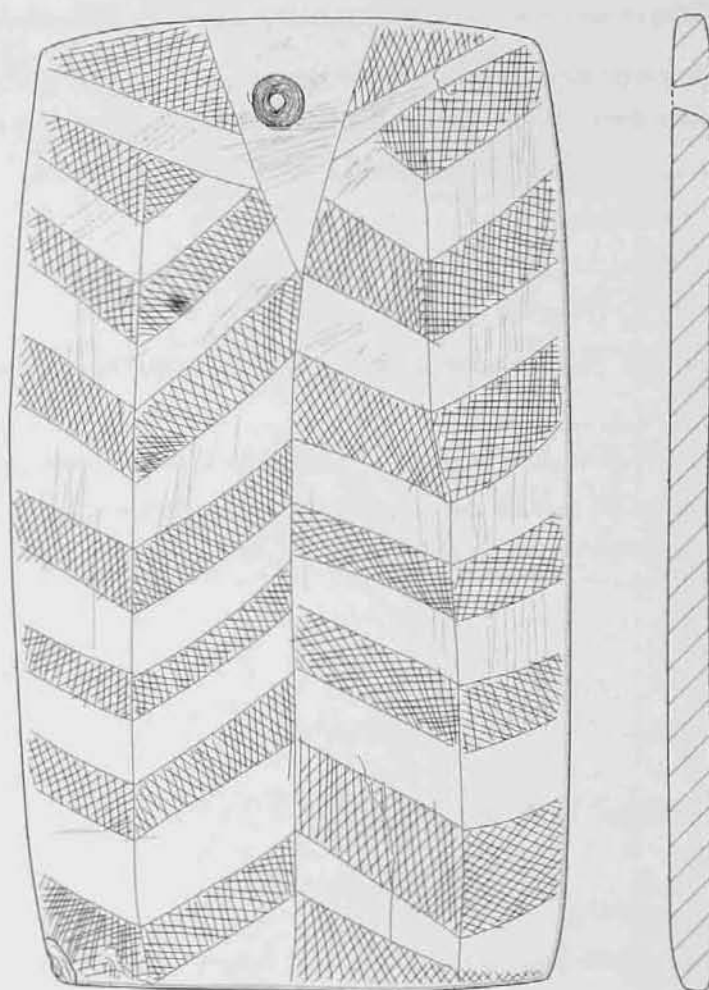


Fig. 7 – A placa 985.39.41.

Aljezur
985.39.41

e tentativas de compensação nos espaços deixados disponíveis pelos desacertos. Esta situação é particularmente visível na metade direita da placa, correspondendo às colunas três e quatro. Na base da coluna três, foi necessário preencher o triângulo isósceles deixado em vazio em contraposição ao da coluna dois; esse preenchimento prolongou-se mesmo na base da coluna quatro, através da série de pequenos X em linha. O topo das colunas 1+2 e 2+3 remata também de uma forma diferente, devido a assimetria dos traços de duas faixas oblíquas vazias que se contrapõem e que origina um espaço excessivo no lado direito da placa. O seu preenchimento é assim o de um espaço mais grosseiro e regular daquele que se encontra disponível no lado esquerdo. Parece-me muito provável que estas duas faixas, que deveriam ser simétricas, correspondem às existentes em muitas das placas com uma rigorosa separação horizontal entre a Cabeça e o Corpo, ou serem pelo menos reminiscência delas.

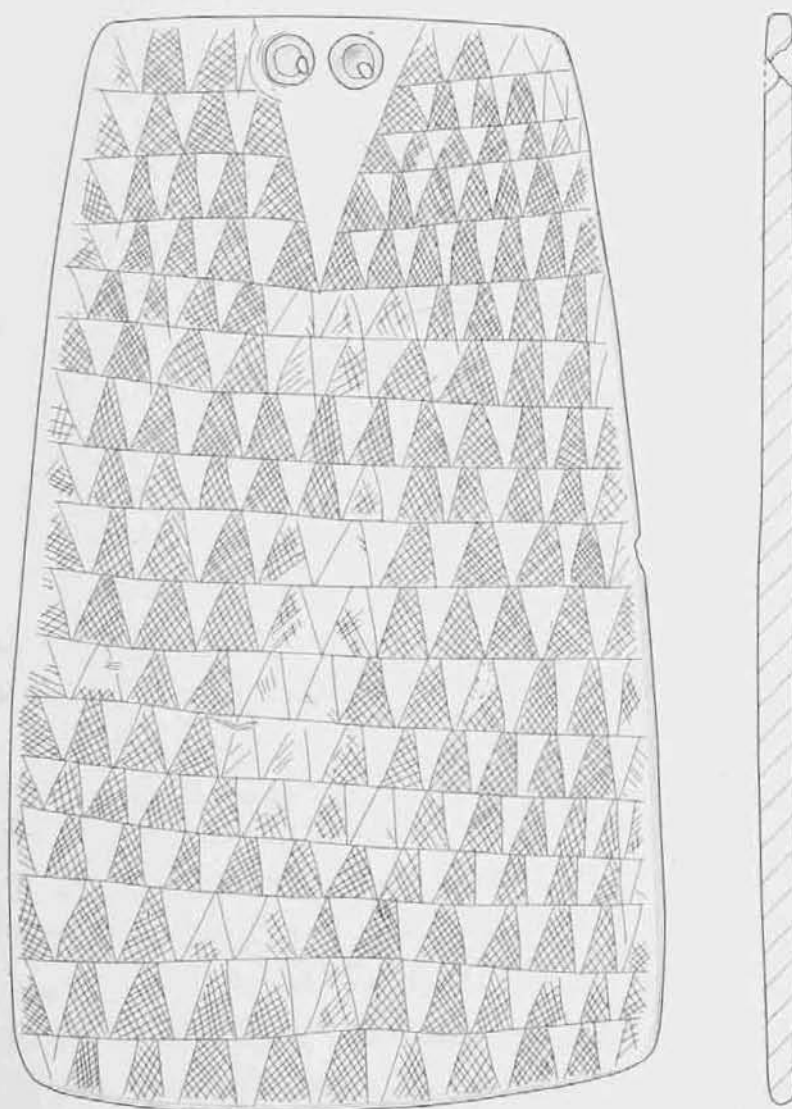
Uma perfuração, descentrada tanto em relação à largura da placa como do Triângulo-Cabeça. Troncocónica, com repolimento posterior dos bordos da perfuração do verso. Perfuração sem qualquer vestígio de uso. Verso com muitos sinais de polimento na vertical e na oblíqua.

Algarismo 1 escrito a lápis acima de «Aljezur».

2.2.3.2. Placa 985.39.42 (Figs. 8, 60, 85)

A paginação desta placa faz-se através de uma sequência de gravação muito fácil de determinar.

Em primeiro lugar, foi gravado o Triângulo-Cabeça, em segundo a linha-guia correspondendo à base da quarta banda esquerda, que corta ligeiramente o



Aljezur
985.39.42

Fig. 8 – A placa 985.39.42.

vértice do Triângulo-Cabeça, depois a linha correspondendo à base da quinta banda esquerda, a última a adossar-se ao Triângulo-Cabeça, seguindo-se as séries restantes de linhas-guia e o respectivo preenchimento com triângulos.

As duas perfurações, intactas e sem qualquer vestígio de uso, foram feitas na face e no verso de forma incompleta, e sem convergirem totalmente, havendo ainda no verso sinais de uma tentativa inacabada de perfuração. É aliás esta perfuração «desfocada», e o traço na perfuração da esquerda, correspondendo a um primeiro projecto de perfuração, que dá a esta placa um ar «patusco» de um personagem da série *Spy vs. Spy* da revista *Mad*. Para tal, ajuda o triângulo em bico de corvo, mas são as perfurações que acentuam esta «parecença».

O traçado das doze linhas-guia inferiores ao vértice do Triângulo-Cabeça é mais ou menos regular à excepção da 11 e da 12, onde o traço do gravador perdeu direcção devido à irregularidade que se verifica nessa área da face da placa.

Acima do plano destas doze linhas-guia temos, do lado esquerdo do Triângulo-Cabeça, mais quatro, e, do lado direito, mais cinco, o que se traduz naturalmente em alturas diferenciadas dos respectivos triângulos de preenchimento. Esta situação faz com que esta placa, aparentemente, em termos formais, sem uma indiscutível separação entre a Cabeça e o Corpo, acabe por a ter, considerando-se, nesta perspectiva, que ela corresponderia à base da quarta banda do lado esquerdo do Triângulo-Cabeça e à base da quinta banda do lado direito. Com efeito, a convergência destas linhas em direcção ao vértice do triângulo cria uma efectiva separação na paginação da placa.

Duas perfurações, ligeiramente descentradas em relação ao Triângulo-Cabeça. A da esquerda tem uma marcação em segmento de círculo. Perfurações incompletas, terminadas a partir do verso, com duas tentativas falhadas e duas com êxito relativo.

Verso com traços de polimento, sobretudo verticais, e o número 3 escrito a lápis. No terço inferior da placa também está escrito a lápis a palavra «Aljezur» e há dezenas de traços de impacto de um instrumento de ponta dura, mas pouco afiado.

2.2.3.3. Placa 985.39.43 (Figs. 9, 61, 86)

Esta placa é um excelente exemplo da utilização de um motivo relativamente comum nas antas do Alentejo central, aqui com uma pequena variante, derivada de este motivo se aplicar na área correspondente à Cabeça da placa. O motivo consiste em inserir dentro de um triângulo vazio, com o vértice para cima, outro preenchido. Neste caso concreto, o triângulo vazio tem o espaço que o envolve preenchido em quadrícula. A sequência é portanto: triângulo preenchido – triângulo vazio – campo preenchido, fazendo com que o primeiro motivo, o triângulo preenchido, ressalte no conjunto. A Cabeça desta placa é assim construída em torno de um trapézio central, ladeado por dois campos com a composição que já se referiu.

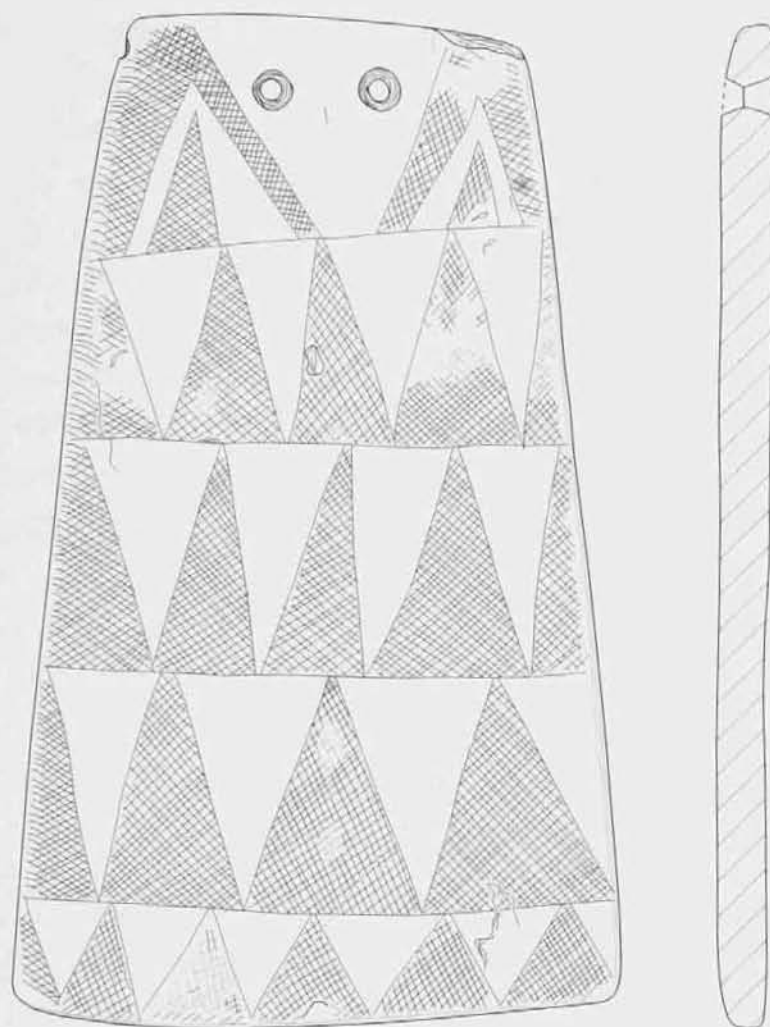


Fig. 9 – A placa 985.39.43.

Aljezur
985.39.43

Esta placa é também um excelente exemplo de dificuldade em utilizar conceitos de definição rígida em produções artesanais não normalizadas: o Corpo é constituído por três bandas com as alturas medidas no flanco direito da placa respectivamente de 3,52, 3,64 e 3,56 cm e a banda subjacente mede apenas 1,63 cm. Poderíamos assim considerar o Corpo desta placa constituído por

1. quatro bandas de triângulos, três de uma dimensão muito similar e uma terceira ocupando o restante espaço disponível;
2. três bandas com triângulos, constituindo o motivo dominante do Corpo, e uma banda de fim de placa, que nesta situação concreta tem o motivo idêntico ao escolhido para o Corpo.

A minha escolha vai claramente para a segunda hipótese, por considerar excessiva, e por isso mesmo significativa, a diferença de altura entre as três bandas e a que lhes subjaz.

O verso da placa apresenta um polimento uniforme, praticamente ausente de traços. Alguns negativos irregulares provocados por impactos.

Duas perfurações, bitroncocónicas, centradas em relação à placa, a da direita ligeiramente superior ao plano da outra.

A lápis, algarismo 1 sobreposto por 2.

2.2.3.4. Placa 985.39.44 (Figs. 10, 50, 62, 87)

Esta placa apresenta particularidades tanto na Cabeça como no Corpo. Este último é o mais simples de descrever, ainda que a fragmentação do lado direito da placa dificulte a contagem dos triângulos que integram as bandas, obrigando-nos a um exercício de probabilidades. Todas as cinco bandas foram preenchidas com

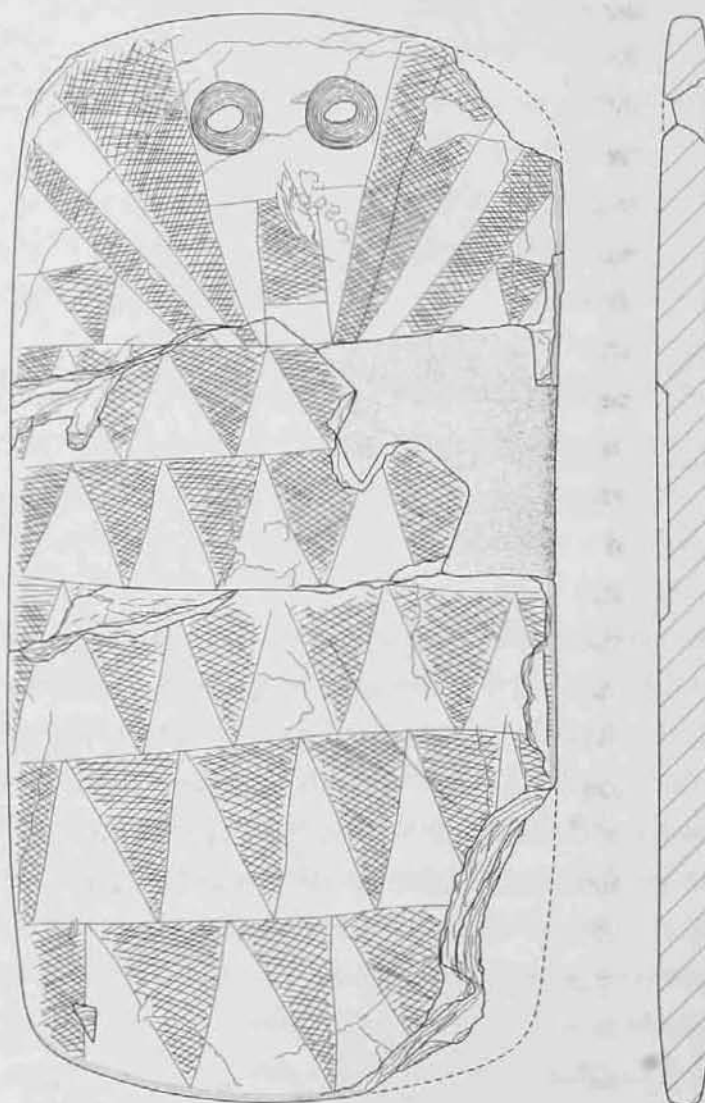


Fig. 10 – A placa 985.39.44.

Aljezur
985.39.44

triângulos de vértice para baixo o que é, neste conjunto, caso único, se exceptuarmos a estranha placa 985.39.137. A composição das bandas seria a seguinte:

B1: IIB + 4T + IFB*

B2: IIB + 4T + IFB*

B3: IIB + 4T + IFB

B4: IIB + 4T + IFB

B5: IIB + 3T + IFB?

A organização das bandas e do seu conteúdo, relativamente uniforme, é possivelmente de atribuir ao facto de esta placa ser das raras com os lados quase paralelos, só não sendo efectivamente um rectângulo pelo facto de tanto a base como o topo serem acentuadamente convexos. O que configura um contorno pouco comum. No que respeita aos contornos, trata-se de uma placa que poderia ser classificada como muito regular e simétrica. A gravação do Corpo, tal como a da Cabeça, é feita com um instrumento de ponta dura e afiada produzindo traços muito nítidos.

A composição da Cabeça de esta placa, perfeitamente definida por um traço horizontal, incluiu uma composição com elementos simétricos. De cada lado do Trapézio-Cabeça, temos um triângulo preenchido com o vértice para baixo, mais uma faixa rectangulóide preenchida, um espaço vazio e uma faixa trapezoidal muito alongada, preenchida. Estes motivos ladeiam um espaço onde as Perfurações-Olhos estão perfeitamente centradas.

O espaço do Trapézio-Cabeça foi segmentado, a dada altura, por um traço horizontal, que apresenta um rectângulo com uma altura central de 2,43 cm, ele próprio segmentado em duas áreas, a primeira das quais, com 1,74 cm, foi preenchida com faixas e triângulos e a restante deixada vazia. Apesar do seu aspecto em forma de língua, trata-se talvez de um escutiforme.

Sob o ponto de vista técnico, é ainda oportuno sublinhar que o triângulo da área esquerda é desenhado a partir de um traço ligeiramente ondulante, um pouco maior que o seu lado superior, e o da direita parece não ter beneficiado de qualquer linha-guia, ainda que a ligeira fragmentação da placa nesta área não permita afirmá-lo com certeza. A faixa trapezoidal muito alongada, preenchida, da direita, foi inicialmente gravada como uma faixa rectangular e depois corrigida para se tornar simétrica à do outro lado, o que indica claramente que a área esquerda da Cabeça da placa foi gravada primeiro.

Duas perfurações, centradas, bitroncocónicas.

No verso, duas tentativas de perfuração, ambas à direita de cada perfuração definitiva.

O verso da placa apresenta por duas vezes, a primeira sem parêntesis, a segunda com, a indicação *des. F.V.*, sinal que foi desenhada por Francisco Valença. O desenho não foi encontrado nos arquivos do museu.

2.2.3.5. Placa 985.39.45 (Figs. 11, 48, 63, 88)

Esta placa apresenta um Corpo clássico, constituído por cinco bandas com triângulos preenchidos com o vértice para cima. A distribuição dos triângulos pelas bandas é extremamente homogênea, o que não é comum, repetindo-se o esquema IIB+5T+IFB em todas elas. Esta situação, pelo estado de conservação da placa e pela relativa regularidade da sua paginação, permite-nos avançar:

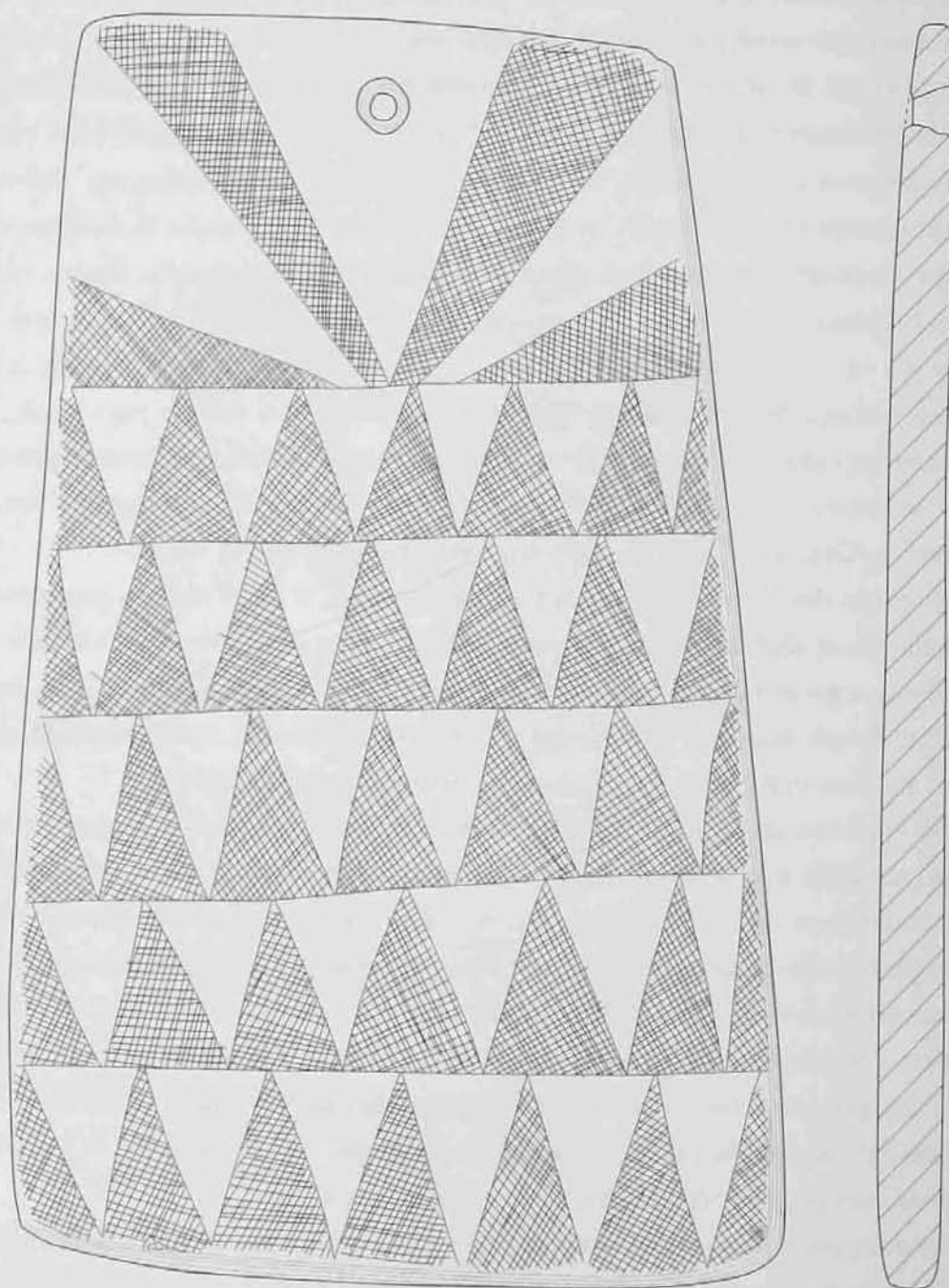


Fig. 11 – A placa 985.39.45.

Aljezur
985.39.45

1. após a gravação das bandas, a gravação dos triângulos foi feita de cima para baixo, o que produziu uma fieira de triângulos vazios regulares em número de onze, com dois espaços laterais constituídos por triângulos irregulares isósceles;
2. dos onze triângulos assim disponíveis foram preenchidos os cinco com vértice para cima ladeados em cada extremidade por outro triângulo vazio para cuja definição se preencheu o espaço em sobra.

A Cabeça da placa pode ser incluída no modelo das faixas radiantes, neste caso, de cada lado do Triângulo-Cabeça, um triângulo preenchido + um espaço vazio + uma faixa trapezoidal alongada.

O contorno da placa deve ter aproveitado a matéria-prima inicial apresentando uma forte irregularidade de traçado.

Uma perfuração, centrada, bitroncocónica, com altura de perfuração maioritária na direcção face-verso.

No verso da placa *des. F.V.*, não se tendo encontrado no MNA o desenho correspondente.

2.2.3.6. Placa 985.39.46 (Figs. 12, 47, 64, 89, 90)

A placa apresenta características muito interessantes, começando por um Triângulo-Cabeça definido por uma faixa preenchida ladeado por 7+7 faixas ligeiramente oblíquas, algumas no lado esquerdo, praticamente rectilíneas. O Separador Cabeça-Corpo é constituído a partir de três linhas-guia que configuram duas bandas ocupadas por seis faixas quebradas e um segmento de outra, preenchidas. O Corpo da placa apresenta o que grosseiramente podia ser designado por faixas ziguezagueantes preenchidas definidas por cinco linhas-guia. Mas de facto a situação é muito mais complexa, uma vez que o que temos na realidade são duas linhas-guia verticais definindo três campos, o da esquerda, que tem na origem a largura de 3,4 cm, o segundo de 2,55 e o terceiro de 3,67. O campo intermédio foi subdividido com recurso a três novas linhas-guia. O que parece evidente é o facto do campo da coluna 1 ter sido preenchido de uma única vez, enquanto que o campo central, as suas quatro colunas e o campo à direita, foram tratados de uma única forma. Isto quer dizer que, apesar da compartimentação total em seis colunas, a forma de preenchimento é $1+1(=4) + 1$. É também observável que o preenchimento complementar dos espaços inferiores das colunas 3+4 e 5+6 se faz de uma forma organizada e simétrica. Em termos de interpretação algo livre, poderíamos mesmo dizer que as colunas 1 e 6 são preenchidas com faixas oblíquas enquanto as colunas 2 a 5 são tratadas como se de uma só se tratasse, e preenchidas com faixas ziguezagueantes.

Uma perfuração, centrada em relação à placa, mas descentrada em função do Triângulo-Cabeça, com uma outra tentativa de perfuração inacabada acima

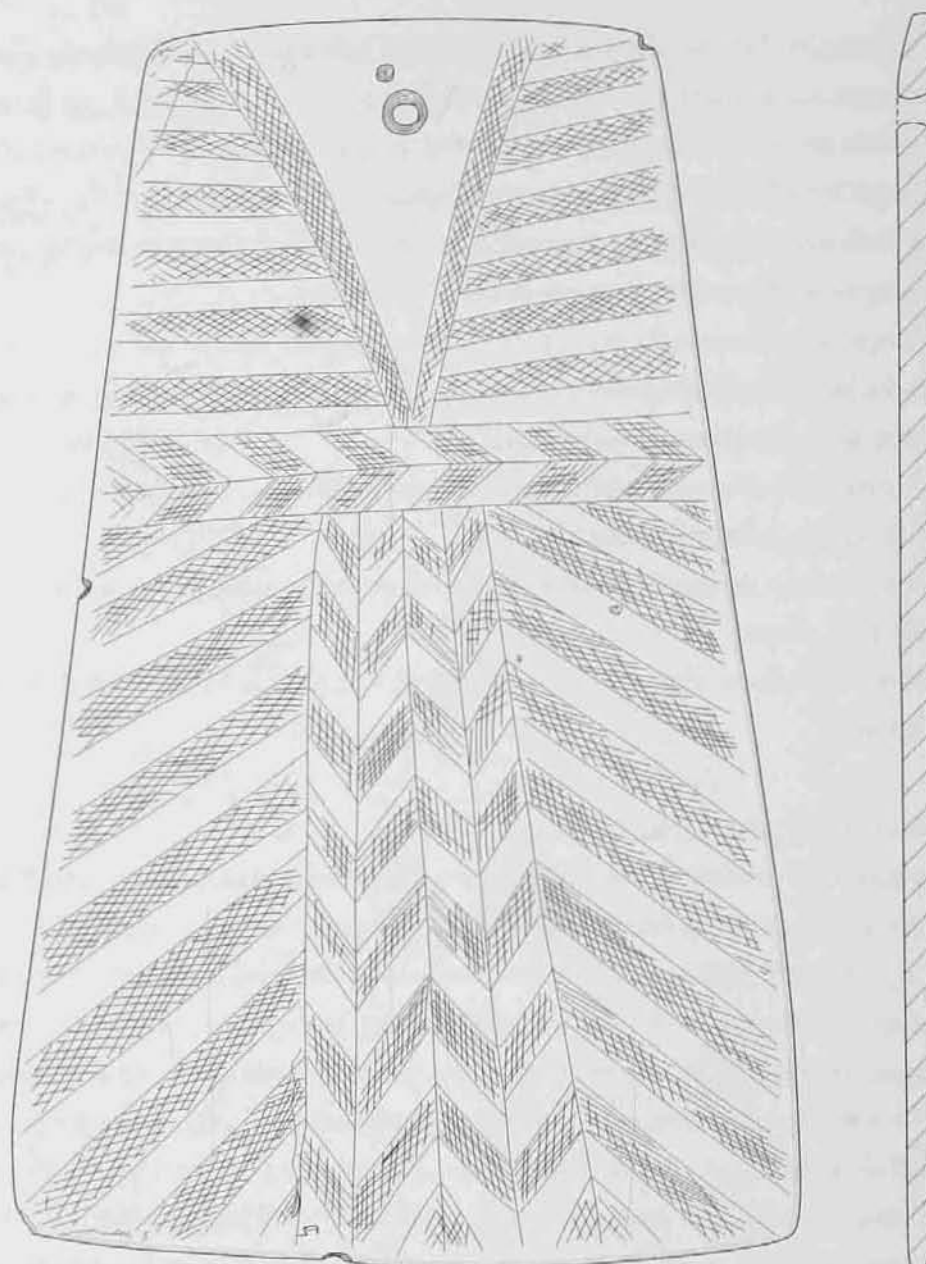


Fig. 12 – A placa 985.39.46.

Aljezur
985.39.46

dela e um pouco à esquerda, essa descentrada em relação à placa e em relação ao Triângulo-Cabeça e 0,3 mm acima dela. Bitroncocónica.

2.2.3.7. Placa 985.39.47 (Figs. 13A, 13B, 48, 65, 66, 91, 92, 93, 94, 95)

Esta placa apresenta duas características que a tornam de algum interesse, no que respeita à face, e de grande importância pelo verso.

O motivo dominante do Corpo são os triângulos preenchidos, distribuídos por cinco bandas, não parecendo neste caso justificável que a quinta seja considerada

como um Separador de fim de placa. No que se refere ao motivo de preenchimento dos triângulos, a sua distribuição segue a forma

B1: IIB + 5T

B2: IIB + 5T + IFB

B3: IIB + 5T + IFB

B4: IIB + 5 T + IFB

B5: IIB + 4T + IFB

As ligeiras oscilações verificáveis devem-se ao facto de tanto os lados como a base da placa serem acentuadamente convexos e o próprio traçado das linhas-guia horizontais algo irregular, particularmente a segunda e terceira, o que altera as dimensões das áreas disponíveis para preenchimento.

A Cabeça da placa apresenta-se com o tipo de faixas radiantes de banda larga que, devido à relação entre a altura e a largura da Cabeça, dificilmente permitiriam a radiação a partir de um início único ou de dois pontos centrais. Basicamente, as áreas à direita e à esquerda do Triângulo-Cabeça são constituídas por três faixas preenchidas e um remate final de ângulo.

O verso desta placa apresenta uma gravação incisa com características técnicas diferentes da face. Com a perfuração à esquerda, uma vez rodando a placa 100 graus, temos uma gravação escutiforme, similar à do verso da placa H.8-5, de STAM-3 (Gonçalves, 2003a, Fig. 79, p. 161) + um triângulo preenchido apenas com verticais, algo similar ao do verso da placa F.13-22 de OP-2d (*ibidem*, fig. 108, p. 284-285), um eventual antropomorfo, uma representação zoomórfica, eventualmente de um tunídeo, e um reticulado (rede?) que cobre parcialmente a sua cabeça.

Não tenho qualquer dúvida que a gravação é pré-histórica, independentemente de ser ou não um acrescento posterior à gravação da face. Pela representação diversificada dos componentes, creio também ser possível defender que estamos perante uma cena, e que os componentes se mobilizam num processo sumário de narrativa.

É muito importante sublinhar-se que uma análise macroscópica dos traços mostra que a rede foi gravada posteriormente à representação ictiológica, e que esta se sobrepõe ao triângulo (ver *infra*, 3.).

Uma perfuração, mais ou menos centrada, bitroncocónica. Perfurada face-verso, com a maior parte da perfuração nesse sentido.

2.2.3.8. Placa 985.39.48 (Figs. 14A, 14B, 67, 68, 96, 98)

A placa apresenta um conjunto de situações extremamente interessante, apesar de algumas áreas, sobretudo do Corpo, terem sido afectadas por um desgaste laminar do xisto. Fenómenos pós-deposicionais conduziram também a um apagamento parcial de outras áreas, afectando particularmente a leitura e o registo

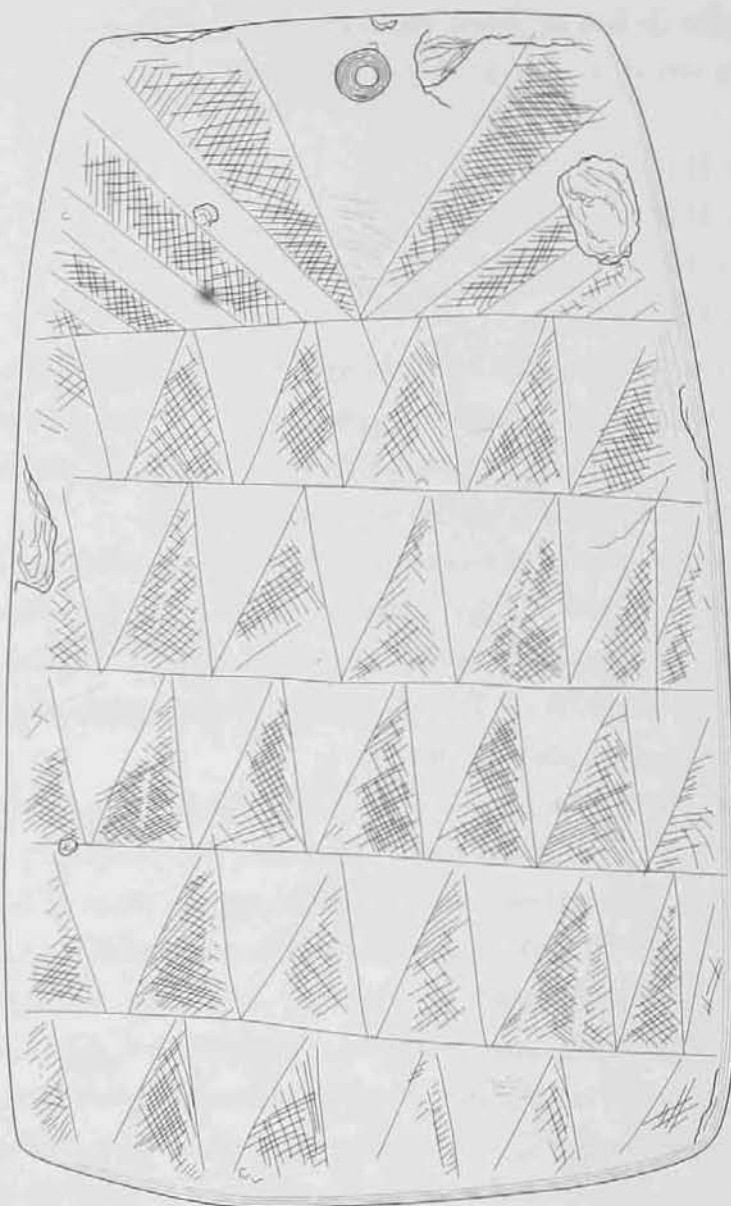


Fig. 13-A – A placa 985.39.47, face.

do preenchimento dos pequenos triângulos incluídos nos separadores. A Cabeça da placa é constituída por 2+2 faixas preenchidas radiantes, rematadas por 1+1 triângulos de preenchimento de espaço.

O Corpo da placa está separado da Cabeça por uma dupla banda com uma altura total de 1,05 cm, preenchida com triângulos de pequena dimensão, correspondendo a uma paginação muito rara de IIB+10T, sem IFB e IIB+7T, sem IFB.

O Corpo da placa é composto por 1+2 bandas de triângulos preenchidos com os vértices para cima, separadas por outra banda dupla idêntica à que separa

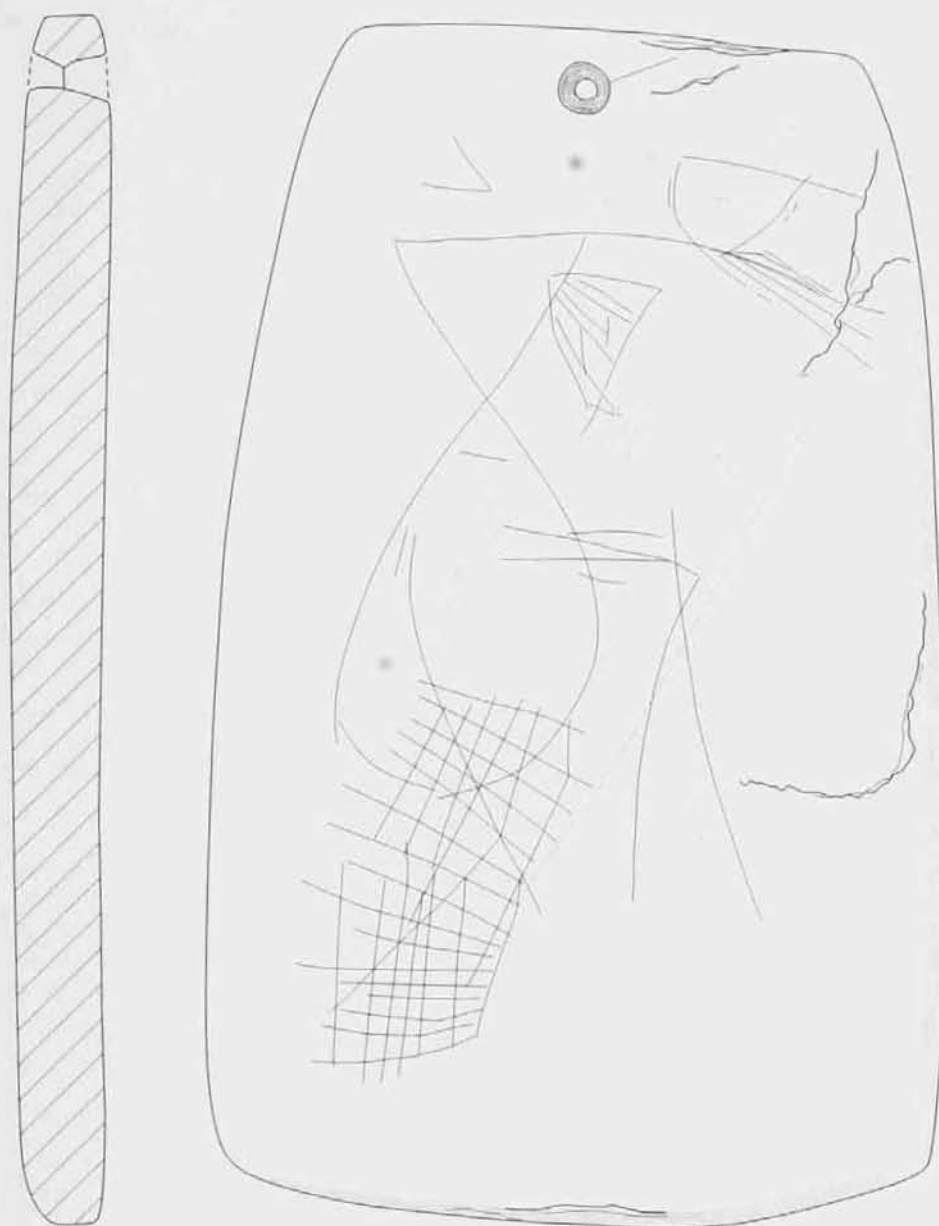


Fig. 13-B – A placa 985.39.47, verso.

Aljezur
985.39.47

a Cabeça do Corpo. Esta banda dupla, tal como a superior, tem IIB mas não IFB e o número dos triângulos que a compõem é indeterminável com rigor, devido à destruição da parte central. As três bandas principais do Corpo da placa apresentam exactamente a mesma forma: IIB+3T, sendo que a segunda banda termina com um traço oblíquo que poderia corresponder a uma IFB e a terceira termina com um triângulo incompleto vazio.

O verso desta placa apresenta, na parte inferior, finas incisões grosseiramente simétricas, que divergem de um eixo central vazio.

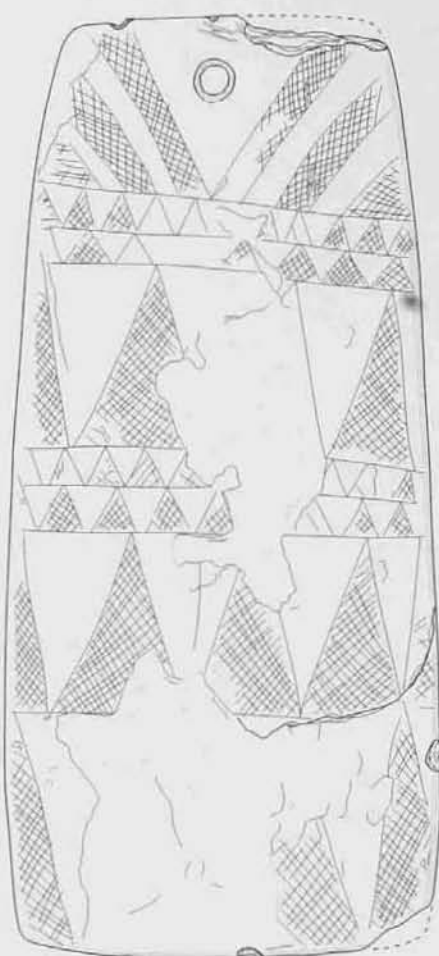


Fig. 14-A – A placa 985.39.48, face

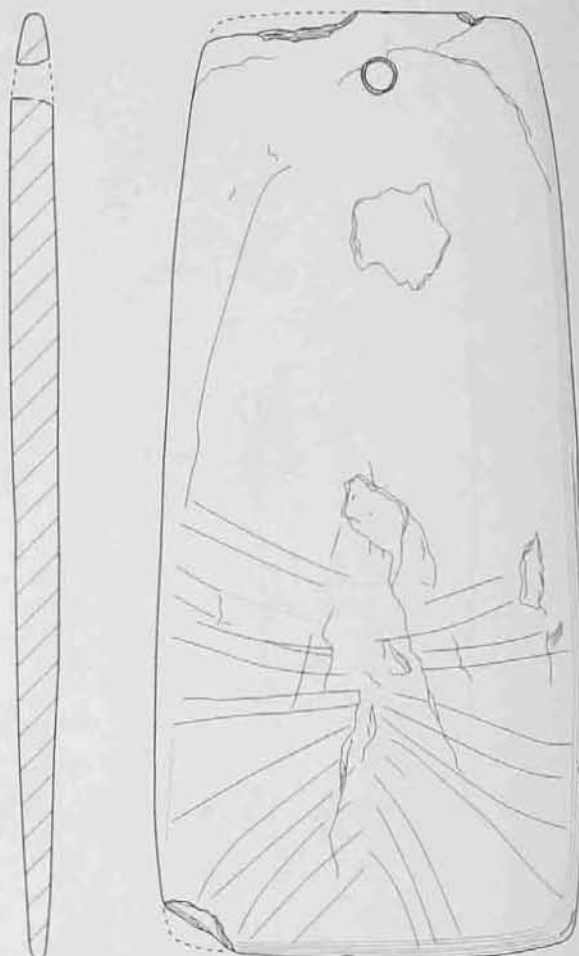


Fig. 14-B – A placa 985.39.48, verso

Aljezur
985.39.48

Uma perfuração, centrada, bitroncocónica, com altura de perfuração maioritária na direcção face-verso.

2.2.4.9. Placa 985.39.49 (Figs. 15, 40, 41, 50, 69, 97, 99, 100, 101, 102)

A placa está gravada com grande definição e apresenta apenas ligeiras perdas de massa.

A composição da Cabeça faz-se através de 2+2 bandas oblíquas preenchidas, configurando as interiores a variante «Orelhas de coelho». O Corpo da placa, separado da Cabeça por uma fina linha incisa, está organizado em 8 colunas, definidas por 6 linhas verticais incisas. Todas elas chegam à base, mas ultrapassam muito levemente a linha divisória Cabeça–Corpo.

C1: IC preenchido + 4T preenchidos com o vértice para a direita + 1 remate de fim de coluna;

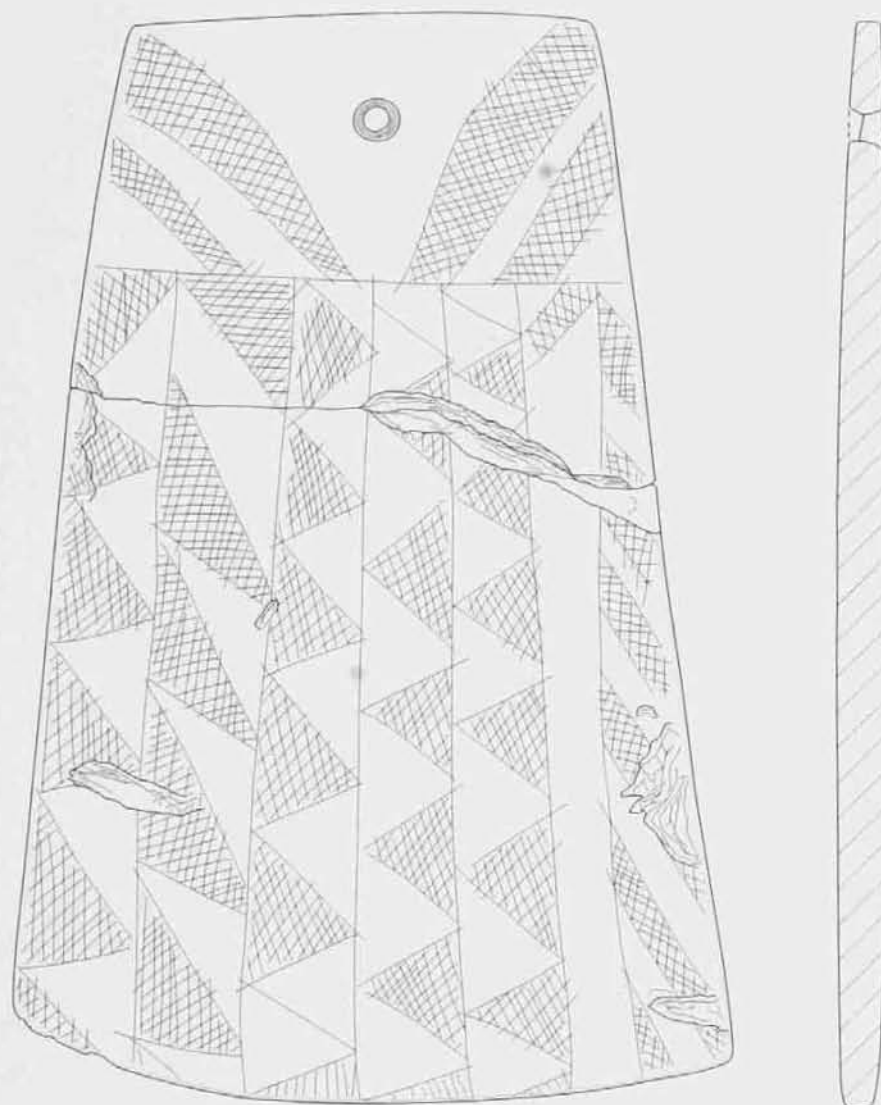


Fig. 15 – A placa 985.39.49.

Aljezur
985.39.49

- C2: 1 IC + 4T de vértice para a direita, sem remate final;
 C3: 5T de vértice para a direita + 1T de vértice para a direita + 1 remate de fim de coluna preenchido por traços verticais;
 C4: 1 IIC+5T preenchidos de vértice para a esquerda + 1 IFC preenchido com traços oblíquos;
 C5: IC+6T de vértice para a esquerda + IFC preenchido com linhas oblíquas;
 C6: coluna vazia, à excepção de uma pequena faixa oblíqua preenchida no topo;
 C7: 5 faixas oblíquas, preenchidas, com 1 IFC preenchido com quadrícula.
 No verso, finos traços de polimento, muito densos.
 Uma perfuração, ligeiramente descentrada tanto em função à largura da placa como em relação às «orelhas de coelho», aqui associadas. Bitroncocónica.
 No verso: *des. F.V.*, não se tendo encontrado o desenho respectivo no MNA.

2.2.3.10. Placa 985.39.50 (Figs. 16, 51, 70, 103)

Trata-se de uma grande placa, cuja altura de 21,4 cm a coloca a par da mais alta placa do grupo de Reguengos de Monsaraz, a da Anta 1 da Herdade de Santa Margarida. No conjunto de Aljezur, aliás, outras duas placas, a 45 e a 138, atingem ou ultrapassam, ainda que ligeiramente, os 20 cm. A paginação desta placa foi cuidadosamente feita através de uma separação Cabeça-Corpo obtida

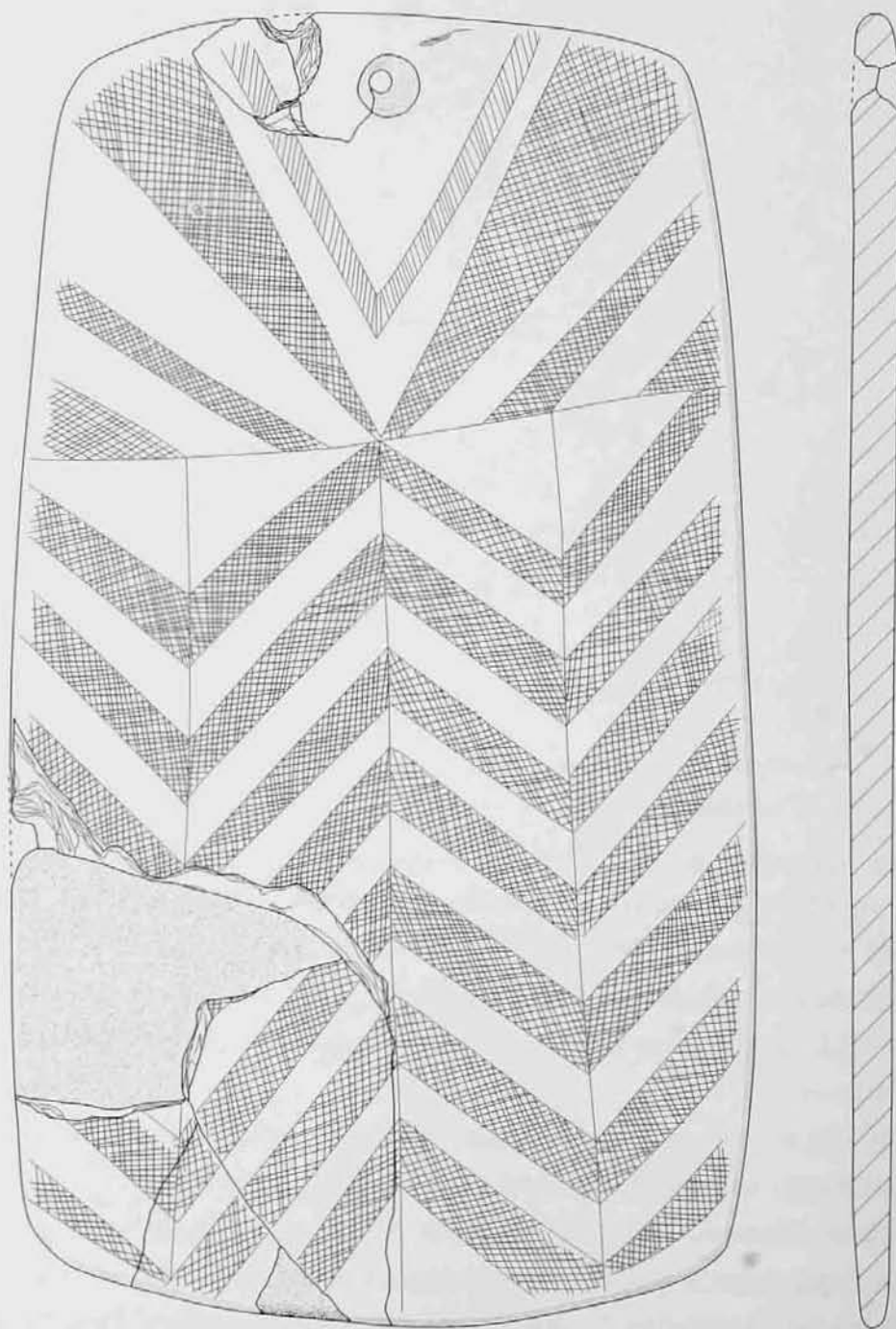


Fig. 16 – A placa 985.39.50.

Aljezur
985.39.50

por um traço fino, e um pouco oblíquo, e por três linhas guia verticais, que definem quatro colunas com faixas zigzagueantes desenvolvendo-se a toda a largura disponível da placa, à excepção da última, que, por falta de espaço livre, se limita às colunas 2, 3, com um prolongamento regular para a 4.

A Cabeça da placa configura um tipo de faixas radiantes constituído, como noutras situações conhecidas, pela fórmula: remate (triângulo preenchido) + faixa rectangular preenchida + faixa triangular muito alongada preenchida. Ao espaço disponível, e que normalmente fica vazio, constituindo o Triângulo-Cabeça, juntou-se uma figuração de faixas preenchidas formando um V, que pode ser interpretado como um colar aproximável ao das placas de Cabacinheiros e da Lapa da Galinha.

Uma perfuração, centrada em relação à largura da placa. Bitroncocónica com a perfuração verso-face oblíqua

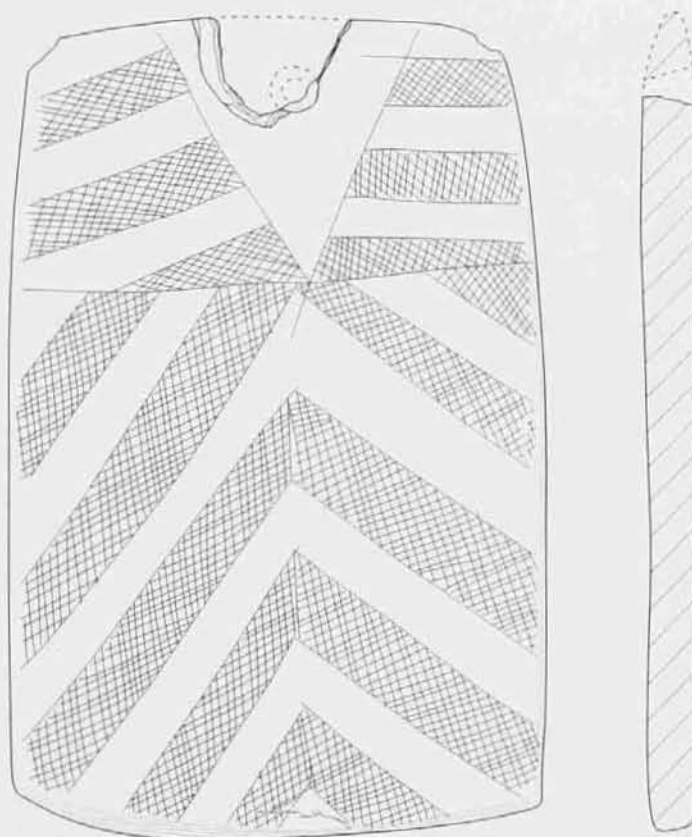
No verso, *des. F.V.*

2.2.3.11. Placa 985.39.51 (Figs. 17, 71, 104)

A placa apresenta-se paginada de uma forma inconfundível, tendo sido primeiro gravado o lado direito do Triângulo-Cabeça, o Separador Cabeça-Corpo do lado direito, depois o segmento do Separador do lado esquerdo e, finalmente, o lado esquerdo do triângulo Cabeça.

O Corpo da placa tem como motivo principal faixas quebradas preenchidas, centradas, em número de quatro, tendo sido necessário colmatar os espaços vazios nos extremos do topo, o que devido à sua diferente dimensão foi feito de maneiras diferentes, com uma faixa preenchida na extrema esquerda e um triângulo equilátero na extrema direita.

A Cabeça da placa organiza-se simetricamente, em função do espaço triangular central, com a fórmula: 2+2 faixas preenchidas oblíquas + 1+1 remate triangular.



Aljezur
985.39.51

Fig. 17 - A placa 985.39.51.

Uma perfuração, centrada, bitroncocónica, com altura de perfuração maioritária na direcção face-verso.

No verso, a lápis, 55, Leisner.

2.2.4.12. Placa 985.39.52 (Figs. 18, 47, 72, 105)

A mais fina placa deste conjunto, com apenas 0,4 cm de espessura, é também muito provavelmente uma das três melhor gravadas, com incisões finas e muito bem definidas e uma paginação muito equilibrada.

A Cabeça, com motivo em Orelhas de Coelho, sobrepõe-se a três bandas com triângulos preenchidos com o vértice para cima em todas elas em o número de três, com a seguinte composição por banda

B1: IIB + 3T + IFB

B2: IIB + 3T + IFB

B3: IIB + 3T.

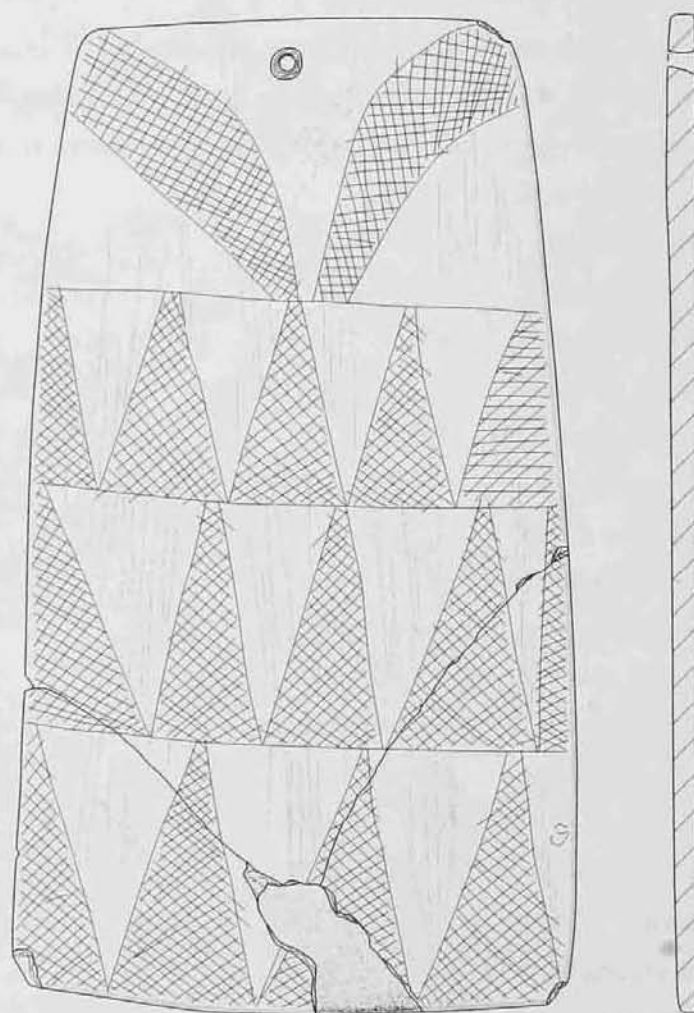


Fig. 18 – A placa 985.39.52.

Aljezur
985.39.52

Nota-se a irregularidade de B1-IFB e de B2-IFB.

Nesta paginação, torna-se evidente que o gravador quis manter o ritmo de três triângulos integrais por banda. Com efeito, em B1, a seguir ao terceiro triângulo, poderia ter sido gravado um quarto, o que não foi feito. Em B2, verifica-se o desequilíbrio de dimensão entre o IIB e o IFB e em B3, devido ao espacejamento dos triângulos integrais, não houve espaço para um IFB, ao contrário de B1 e B2.

Tanto a face como o verso da placa apresentam traços de polimento muito visíveis. Na face, orientados sobretudo no sentido longitudinal e no verso com incidências mais oblíquas no seu terço inferior.

Uma perfuração, ligeiramente descentrada, trocócónica, com repolimento no verso.

No verso, número ilegível a vermelho, terminando em 76, e a indicação *des. F.V.*

2.2.3.13. Placa 985.39.53 (Figs. 19, 46, 73)

Fragmento da área inferior direita de uma placa, cujo motivo dominante do Corpo seria faixas ziguezagueantes preenchidas, sem linhas-guia de enquadramento externo, mas com linhas-guia verticais interiores para auxiliar o preenchimento.

Como indicador de fim de placa, e em remate simétrico à última faixa ziguezagueante, temos uma fila de triângulos segmentados ao meio por linhas-guia internas, que ajudam o preenchimento das duas metades.

O tom esverdeado da matéria-prima, e o tipo de fracturas, parece indicar tratar-se de serpentinito, mas não é certo.

Impossível de determinar o tipo e o número de perfurações, por fragmentação da placa.

No verso, a vermelho, 4:174 e a indicação *des. F.V.*

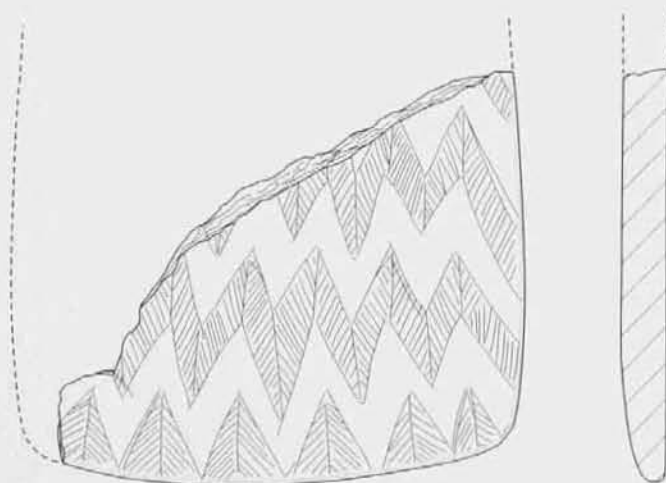


Fig. 19 – A placa 985.39.53.

Aljezur
985.39.53

2.2.3.14. Placa 985.39.131 (Figs. 20, 74, 106)

Placa com a Cabeça formada por um trapézio liso e com espaços laterais preenchidos, em simetria, por três faixas divergentes paralelas. A dupla perfuração apresenta-se descentrada, sendo a da esquerda exterior ao trapézio vazio.

O Corpo da placa tem como motivo dominante triângulos preenchidos com vértice para cima, distribuídos por três bandas, a última das quais irregular.

A fórmula nas três bandas é IIB + 3T + IFB.

Gravação precisa e nítida.

No verso, sinais verticais e oblíquos de polimento.

Duas perfurações, ligeiramente descentradas em função à largura da placa, mais acentuadamente em relação ao Trapézio-Cabeça, sendo-lhe mesmo exterior a da esquerda. Perfurações troncocónicas efectuadas do verso para a face.

Inscrição, a vermelho, 4:173 e indicação *des. F.V.*

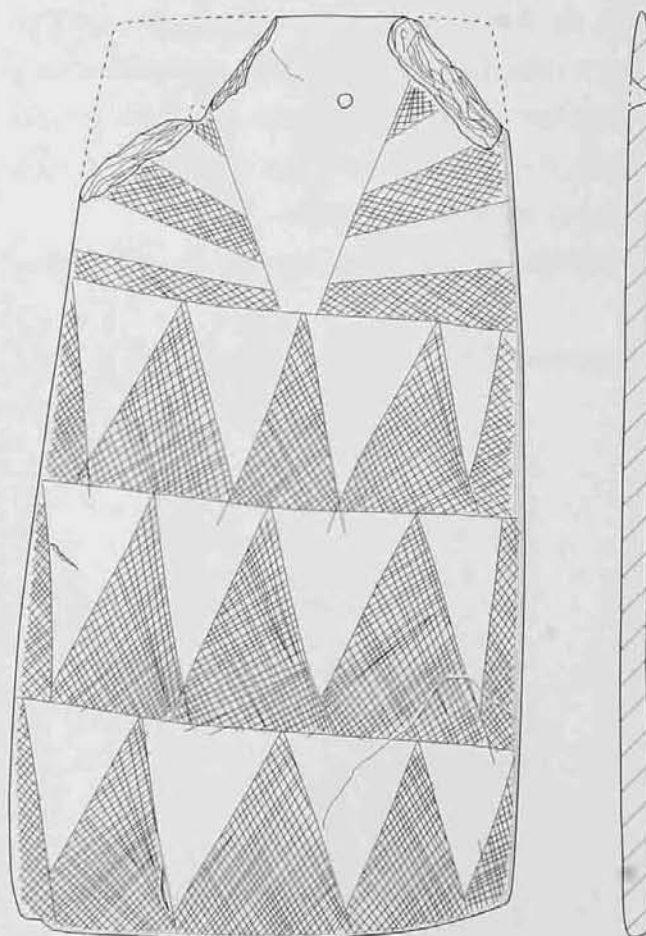


Fig. 20 – A placa 985.39.131

Aljezur
985.39.131

2.2.3.15. Placa 985.39.132 (Figs. 21, 75, 107)

Uma das menos altas placas de Aljezur apresenta-se paginada de uma maneira menos comum e a sua leitura é também perturbada pelo seu grau de fragmentação.

A Cabeça parece corresponder à fórmula 3+3 faixas divergentes preenchidas e é separada do Corpo pelo traço, bem definido, que constitui o topo de B1.

A composição do Corpo é distribuída por três bandas, com triângulos com vértice para cima, as duas primeiras separadas da terceira por uma pequena banda, cuja altura média não ultrapassa os 5,8 mm, com triângulos vazios. Poderia, a um primeiro olhar, afirmar-se que se tratava de uma linha quebrada e não de triângulos, mas a observação mostra que eles foram claramente gravados como tal, o que é particularmente visível no quarto a contar da esquerda e no décimo quinto, cuja gravação foi claramente feita independentemente do traçado da linha quebrada.

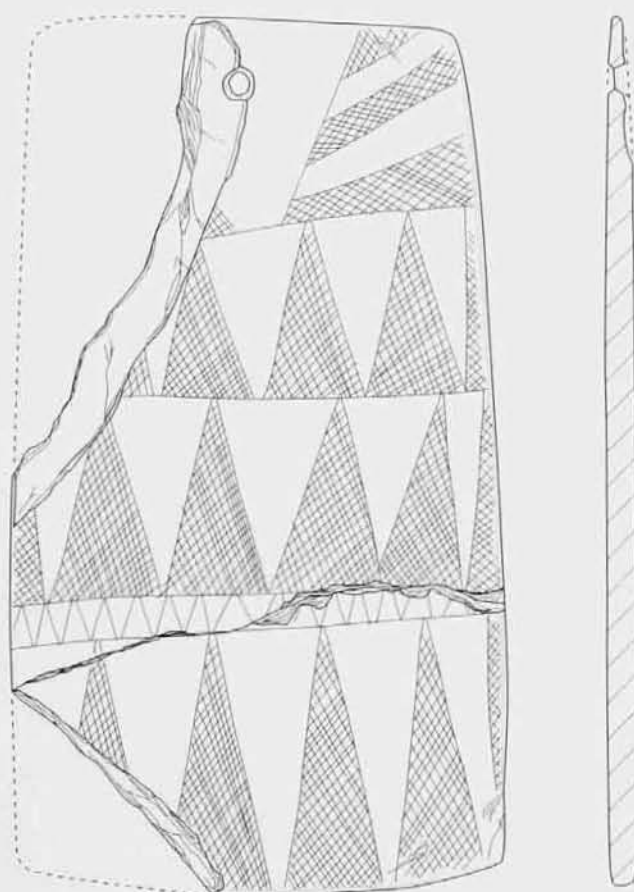


Fig. 21 - A placa 985.39.132.

Aljezur
985.39.132

A fórmula das bandas poderia ter sido, para B1 e B2, IIB+4T+IFB, sendo que ambos indicadores assumem, particularmente o IFB de B1, um aspecto mais rectangular que triangular.

Pelo contrário, B3 não tem IIB, mas sim 4T e IFB.

Uma perfuração, bitroncocónica.

No verso, indicação *des. F.V.*

2.2.4.16. Placa 985.39.133 (Figs. 22, 76, 108)

Esta placa apresenta uma Cabeça comum, com o Trapézio-Cabeça com o lado esquerdo algo irregular e os espaços laterais ocupados por remates, de topo e de base, preenchidos de forma grosseiramente triangular, enquadrando uma faixa preenchida bem centrada no lado esquerdo e irregular e de maior dimensão no lado direito. O Corpo tem como motivo dominante triângulos



Fig. 22 – A placa 985.39.133.

Aljezur
985.39.133

com vértice para cima distribuídos por quatro bandas com a seguinte composição

B1: IIB+3T+IFB

B2: IIB+3T+IFB

B3: IIB+4T+IFB

B4: IIB+4T+IFB

Uma perfuração, centrada, bitroncocónica, com polimento posterior do verso invadindo a perfuração.

No verso, traços entrecruzando-se, interrompidos pelo repolimento do bordo das perfurações e a a inscrição *des. F.V.*

2.2.3.17. Placa 985.39.134 (Figs. 23, 77)

Placa fragmentada no sentido longitudinal, conservando o topo, mas não a base. A Cabeça poderia ter sido organizada segundo a fórmula das bandas radiantes e o Corpo com bandas de triângulos preenchidos com o vértice para cima, sendo ainda visíveis, em B1 e B2, os respectivos IFB.

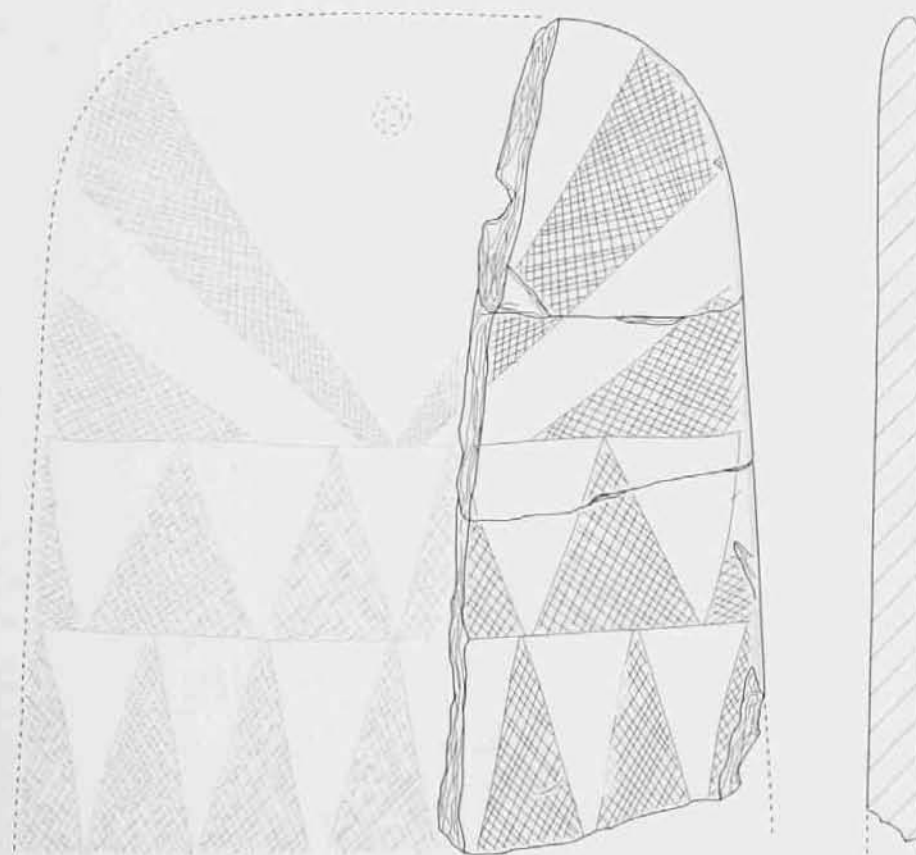


Fig. 23 - A placa 985.39.134.

Aljezur
985.39.134

O verso apresenta sinais de polimento oblíquo.

Uma perfuração, aparentemente centrada e com o ponto central a 2,7cm de altura numa Cabeça de 4,5cm.

Uma marcação a vermelho, ilegível, no verso.

2.2.3.18. Placa 985.39.135 (Figs. 24, 78)

Pequeno fragmento do lado direito da Cabeça de uma placa cujo motivo do lado direito parece consistir em duas bandas incluindo triângulos vazios dentro de triângulos preenchidos e um campo de altura indeterminável provavelmente com uma faixa ziguezagueante.

No verso, a inscrição, a vermelho, 4:154.

Na verdade, esta placa está fragmentada, não apenas em corte mas também em plano, sendo portanto uma lasca da placa original. Neste sentido, não se registou a espessura como válida para contagem, sendo a do fragmento, de 4,3 mm, uma fracção da original.

Uma perfuração, bitroncocónica, provavelmente ligeiramente descentrada.

2.2.3.19. Placa 985.39.136 (Figs. 25, 79)

Esta pequena lasca de placa conserva apenas uma parte do verso, cujo polimento é relativamente uniforme.

Impossível de determinar o tipo e o número de perfurações, por fragmentação da placa.

No verso, marcado a vermelho, 4:154.

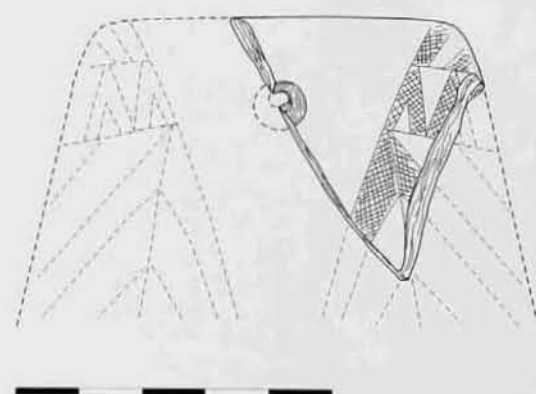
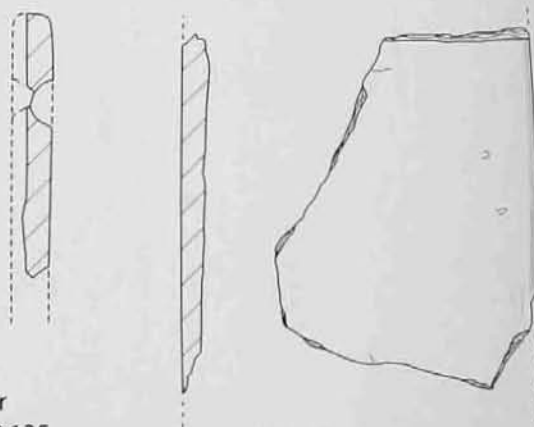


Fig. 24 - A placa 985.39.135.

Aljezur
985.39.135



Aljezur
985.39.136

Fig. 25 - A placa 985.39.136.

2.2.3.20. Placa 985.39.137 (Figs. 26, 80, 109)

Esta placa apresenta a característica, rara no conjunto, de uma pronunciada convexidade dos lados, do topo e da base. A matéria-prima, o serpentinito, apenas ocorre numa outra placa. A decoração parece ter sido extensiva a toda a superfície do suporte e constituída por triângulos preenchidos. No entanto, numa área até 3,1 cm do topo, não são visíveis quaisquer traços de decoração, sendo impossível decidir se ela existiu ou não.

Ambas superfícies da placa se apresentam com um polimento superficial uniforme, aliás comum no serpentinito, que apresenta um típico aspecto brilhante. Mas não é impossível que esta placa tenha tido um processo de apagamento intencional, que teria suprimido as incisões menos profundas.

Na face, múltiplos sinais de impacto, com superfícies rombas. No verso, traços periféricos horizontais e oblíquos, particularmente do lado esquerdo, prolongando outros semelhantes da face.

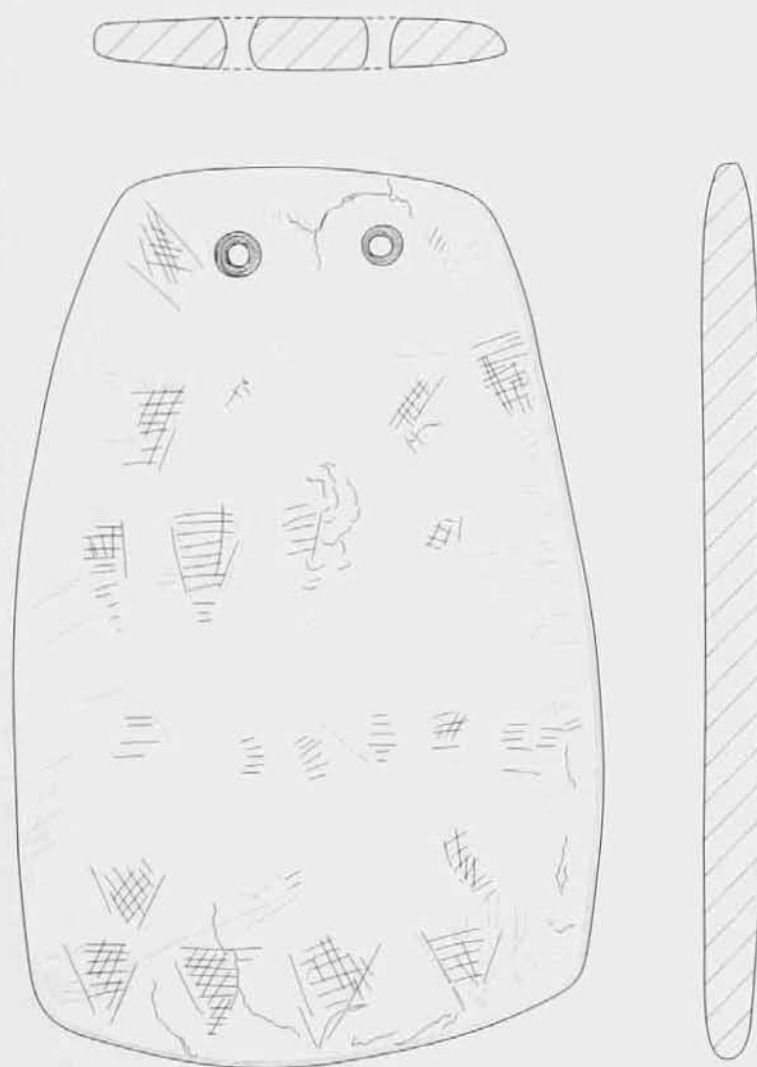


Fig. 26 - A placa 985.39.137.

Aljezur
985.39.137

Duas perfurações, centradas, bitruncocónicas, com a maior perfuração no sentido face-verso.

2.2.3.21. Placa 985.39.138 (Figs. 27, 81, 110)

Esta grande placa, de contorno geral regular, com os lados convexos e relativamente bem equilibrados, inclui algumas situações interessantes. A Cabeça é formada por um «bico de corvo» central que atinge os 7,36 cm de altura, ladeado por faixas

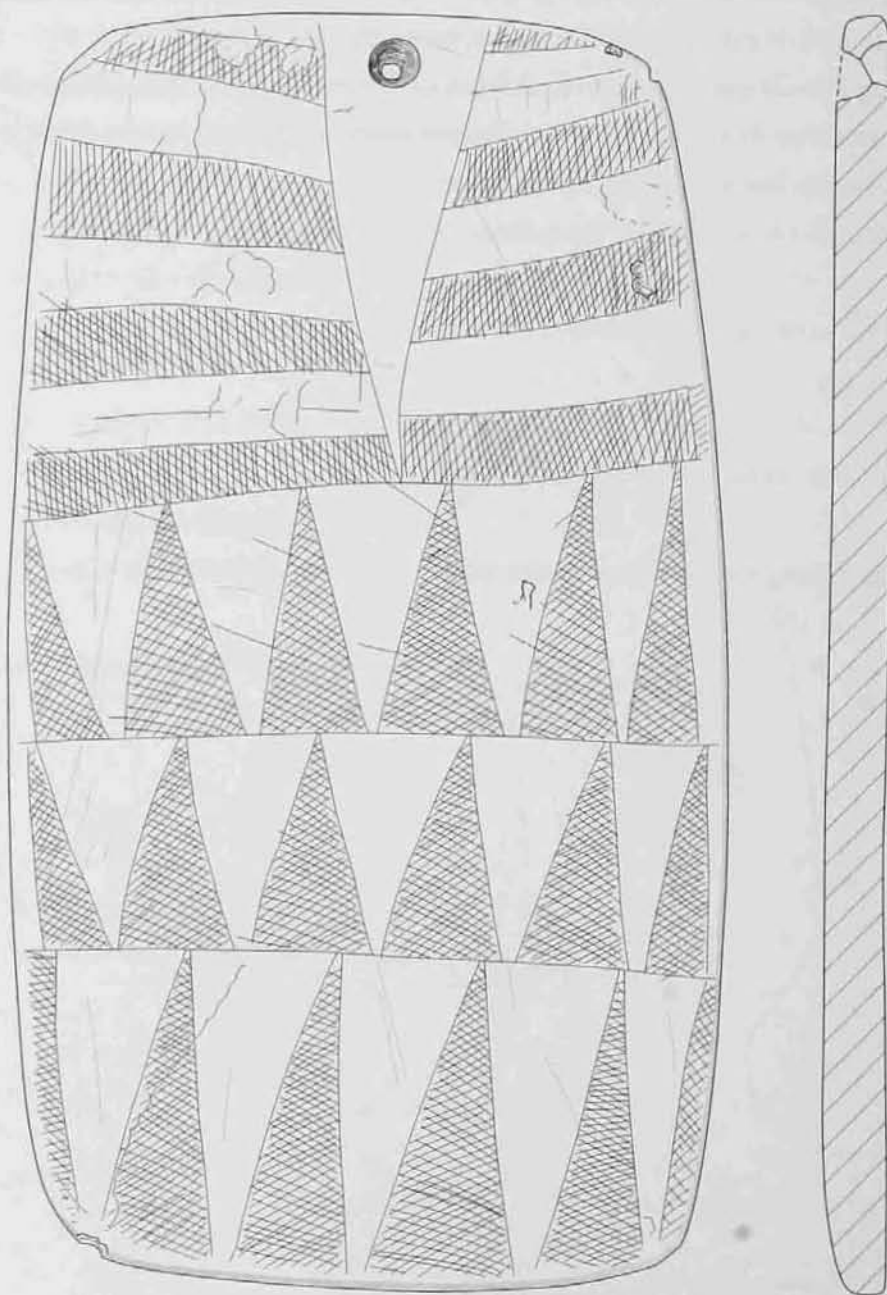


Fig. 27 – A placa 985.39.138.

Aljezur
985.39.138

preenchidas, relativamente equilibradas do lado esquerdo. Do lado direito, temos o que poderia ser um remate preenchido, seguido por duas faixas vazias e três preenchidas. O que é curioso nesta placa é que não teria sido difícil conseguir a simetria, se a primeira das bandas vazias do lado direito tivesse sido preenchida em vez do remate. Creio estarmos perante um caso curioso de lapso do gravador que, uma vez paginada a Cabeça em vazio, começou a gravar o topo, em vez da primeira banda que para tal estava disponível. A correcção posterior ao erro só poderia ser feita de duas maneiras:

1. preenchendo a segunda faixa vazia;
2. preenchendo a terceira faixa vazia e recuperando um relativo equilíbrio do conjunto.

Se a segunda faixa vazia tivesse sido preenchida, a simetria da Cabeça teria sido irremediavelmente comprometida, pelo que o gravador optou pelo compromisso patente na forma final.

O Corpo da placa é constituído por triângulos preenchidos com o vértice para cima, distribuídos por três bandas:

B1: IIB+5T ou em alternativa IIB+4T+IFB

B2: IIB+5T ou em alternativa IIB+4T+IFB

B3: IIB+4T+IFB

O que é curioso nesta placa é o facto de, em B1, ser impossível escolher entre o facto de se tratar de um IFB ou de um triângulo individualizado, tal como, ainda que em menor escala, em B2. Esta situação é contrastante com B3, onde o IIB e o IFB foram classicamente gravados.

Uma perfuração, descentrada em relação à placa, mas centrada em relação ao «bico de corvo». Bitroncocónica, com direcções de perfurações desacetadas em relação ao verso

No verso, a lápis, «Aljezur 4».

2.2.3.22. Placa 985.39.139 (Figs. 28, 50, 82, 111)

Esta placa justifica uma atenção especial pelo tipo de Trapézio–Cabeça, que apresenta um lado menor de muito maior dimensão que o habitual, e também pela paginação do Corpo.

Na Cabeça, o trapézio central tem no topo a largura de 3,4 cm e na base de 2,1 cm e é ladeado por 4+4 bandas preenchidas, equilibradas e simétricas, funcionando as de topo como remates. As quatro bandas de triângulos do Corpo apresentam dimensões diversificadas, no que se refere à sua altura, oscilando entre os 2,6 e os 4 cm, no caso das três primeiras. A quarta é ligeiramente mais pequena que a primeira, com cerca de 2,4 cm no ponto central, mas não é definitivamente um indicador de fim de placa, uma vez que a banda se encontra perfeitamente definida por um traço na base, que a individualiza do bordo inferior da placa.

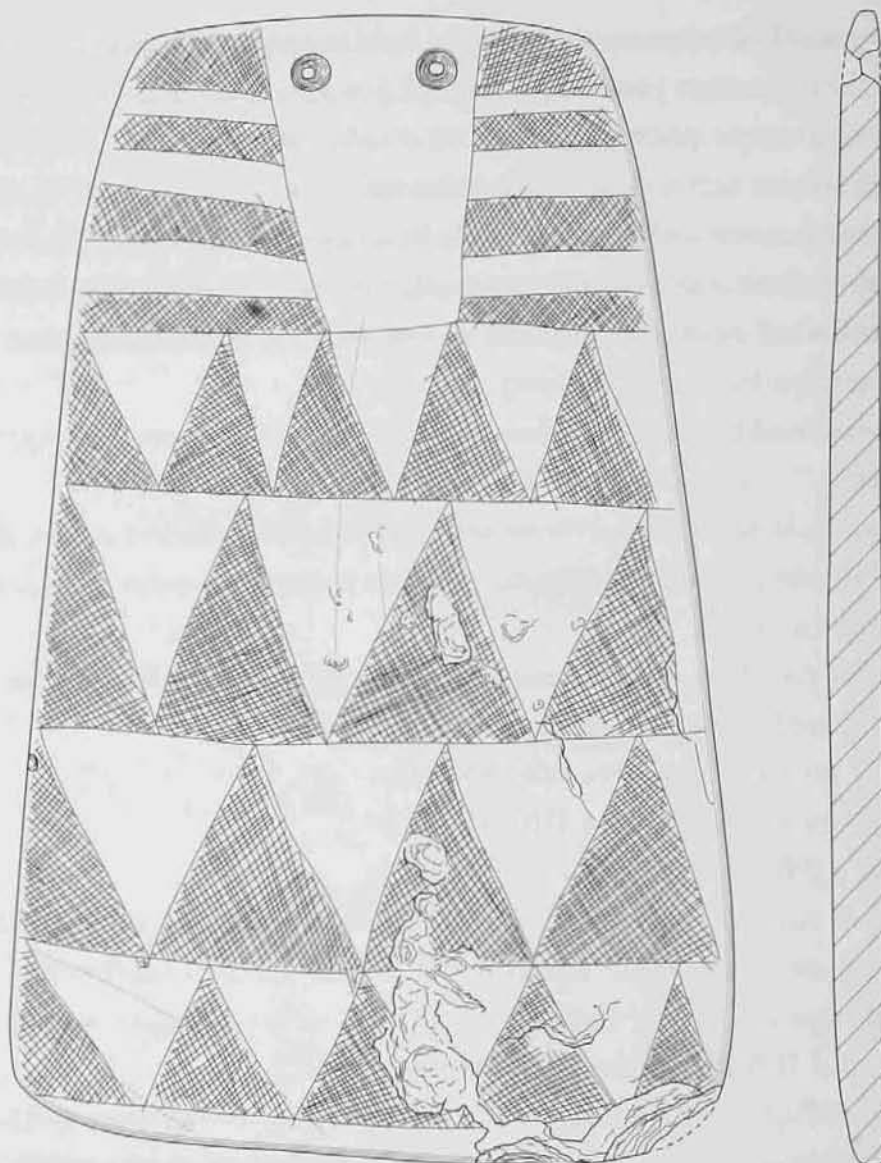


Fig. 28 – A placa 985.39.139.

Aljezur
985.39.139

Em termos gerais, podemos considerar esta placa como incluindo o grupo restrito das melhor executadas, ainda que, na realidade, a distribuição dos triângulos pelas bandas não corresponda a uma exacta regularidade de gravação, uma vez que a sua composição é:

B1: IIB+4T

B2: IIB+3T ou em alternativa IIB+2T+IFB

B3: IIB+3T

B4: IIB+4T.

Na realidade, pela definição dos vértices, eu prefiro aceitar que nenhuma das quatro bandas tem efectivamente IFB, sendo assim a sequência dos triângulos individualizados 4-3-3-4.

Duas perfurações, centradas, incluídas no Trapézio-Cabeça, sendo a sua centragem idêntica em função da largura da placa e também da da Cabeça, ainda que ligeiramente menos. Bitroncocónicas, com o maior percurso da face para o verso, mas muito regularmente executadas.

No verso, no canto superior esquerdo, sofreu fragmentação a partir do ângulo da base, numa altura de 3,6 cm, que foi reduzida por polimento orientado em função da linha de fractura.

2.2.3.23. Placa 985.39.195 (Figs. 29, 83)

Placa com fragmentações no topo esquerdo e na base direita, mas ainda assim com possibilidade de ser integralmente medida.



Fig. 29 – A placa 985.39.195.

Aljezur
985.39.195

A Cabeça seria composta por 3+3 faixas radiantes, as das extremidades sendo, mais provavelmente, remates.

O Corpo foi segmentado por três linhas-guia que, com os bordos da placa, delimitam quatro colunas. O motivo do Corpo é constituído por faixas ziguezagueantes, quatro integrais, a toda a largura da placa. O espaço de base e de topo das colunas 1 e 2 apresenta remates preenchidos, o que é também visível no topo da coluna 4, cuja base nos falta. No topo das colunas 2 e 3, temos a área central de uma faixa ziguezagueante interrompida.

Uma perfuração, centrada, bitroncocónica.

3. AS PLACAS DE XISTO GRAVADAS DOS SEPULCROS COLECTIVOS DE ALJEZUR: COMENTÁRIOS.

3.1. Estácio da Veiga, Aljezur e as placas de xisto gravadas.

As «Antiguidades Monumentaes do Algarve» constam de quatro volumes individualizados, aos quais deverão ser acrescentados diferentes textos dispersos publicados posteriormente.

O primeiro volume (1886) consta de 306 páginas, mais erratas, o segundo (1887) prolonga a paginação do primeiro até à p. 609, o terceiro (1889) tem 394 páginas e o quarto (1891) 346.

A singular actualidade de algumas passagens, como «Alguma cousa, emfim, consegui, embora pouco, relativamente ao muito a que podéra ter chegado, se na ocasião em que se dispendiam na estrada de Tavira para a freguezia serrana de Martim Longo uns 20:000\$000 réis por mez, para depois se abandonar a menos de meia distancia, se tivesse deduzido uma decima parte d'essa verba para que a exploração archeologica do Algarve, se fizesse com mais detido exame e maior largueza.» (1886, p. 144-145), contrasta com passagens mais ingénuas, mas que a época e contexto político-social tornam compreensíveis.

É também, sem dúvida, a primeira obra em que, de uma forma sistemática, as placas de xisto gravadas são objecto de um comentário específico, independentemente das referências anteriores de Augusto Filippe Simões, de Émile Cartailhac e de outros autores, a que voltaremos em breve.

Estácio da Veiga conhecia e refere outros sítios do Extremo Sul de Portugal com placas de xisto gravadas, naturalmente as que ele próprio observou ou de que teve notícia. Mas, para além dos monumentos e sítios que revelaram exemplares mais ou menos fragmentados, como Alcalar 1, Nora ou Marcela, a referência a placas de xisto não gravadas ou presumivelmente inacabadas deve ser considerada com alguma prudência.

De qualquer forma, o que interessa sublinhar é o facto de nenhum dos monumentos referidos ter um número de placas que se aproxime sequer do identificado em Aljezur, tratando-se, na quase totalidade dos casos, de uma ou poucas mais placas.

3.2. Estácio da Veiga, Georg e Vera Leisner, Francisco Valença e o desenho das placas de xisto gravadas.

3.2.1. O registo gráfico

A fotografia, o desenho rápido, o desenho de detalhe e o desenho ultra-preciso são situações que devem ser geridas cautelosamente no que se refere ao estudo das placas de xisto gravadas.

Desenho ultra-preciso, como o excelente registo de Fernando Barbosa para as placas H.8-5 e J.8-667 de STAM-3 (Gonçalves, 2003a), é virtualmente impossível de realizar para todos os casos, sobretudo no que se refere a grandes conjuntos, ou mesmo para além das 30-40 placas. Reserva-se para exemplares excepcionais pela problemática específica que sugerem. Mas existem detalhes *em todas as placas* que convém registar escrupulosamente e a «tintagem» em desenho vectorial é hoje indispensável para se explicarem graficamente a própria paginação e as sequências de gravação das placas. É triste dizer que muitos desenhos disponíveis na literatura científica são inusáveis, sem sérias reservas, e que detalhes importantes são por vezes omitidos, em favor de aspectos secundários ou mesmo de desnecessário registo.

No desenho arqueológico feito por não arqueólogos, ou não acompanhado directamente por eles, há uma grande margem de subjectivismo, e mesmo de displicência, que são, a todos os títulos, condenáveis.

Entre os desenhadores de placas mais conhecidos contam-se necessariamente os que trabalharam para Georg e Vera Leisner, cujas publicações continuam uma referência imprescindível para o estudo do megalitismo peninsular e, com as devidas reservas, para as próprias placas de xisto gravadas.

Mas uma referência especial tem de ser feita a Francisco Valença, cujas grandes capacidades de desenhador (e caricaturista de arqueólogos...) recentemente referi (Gonçalves, 2004). Infelizmente, muitos dos seus desenhos desapareceram (entre eles, todos os de Aljezur, por exemplo...), mas os que restaram evidenciam a qualidade das suas leituras.

O grupo «PLACA NOSTRA» apresentará, com a brevidade possível, os métodos que tem vindo a utilizar, e neste próprio estudo se faz uma listagem de palavras e conceitos cuja adopção no estudo das placas de xisto gravadas simplificaria o registo.

PALEOETHNOLOGIA

ANTIGUIDADES MONUMENTAES DO ALGARVE

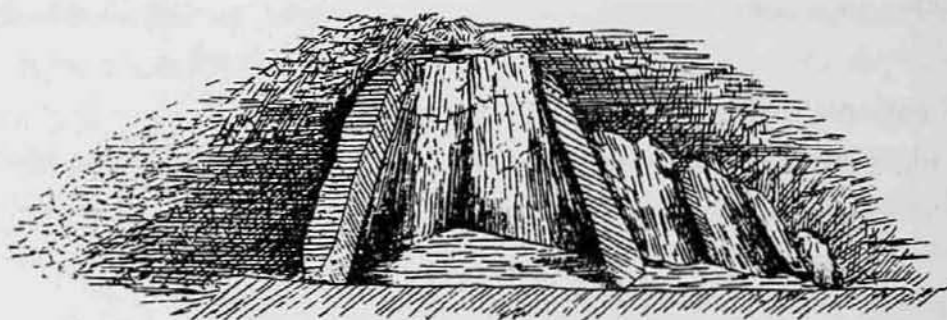
TEMPOS PREHISTORICOS

POR

SEBASTIÃO PHILIPPES MARTINS ESTACIO DA VEIGA

Socio correspondente da academia real das sciencias
de Lisboa, do instituto e da sociedade broteriana de Coimbra, do imperial instituto archeologico
germanico de Roma, da sociedade franceza de archeologia, da real academia
de historia de Madrid, da sociedade economica de Malaga, da academia de archeologia
da Belgica, do instituto archeologico e geographico pernambucano,
collector e fundador do museu archeologico do Algarve

VOLUME II



LISBOA

IMPRESA NACIONAL

1887

Fig. 30 – O frontispício das A.M.A. II (1887).

VIII

PLACAS DE SCHISTO DE PORTUGAL

Gravura neolithica

SUMMARIO

Mostra-se que Portugal é o unico paiz da Europa que tem manifestado placas de schisto com gravura ornamental. — Placas que consta terem sido descobertas até á data da publicação d'este livro. — Duas fórmas principaes. — Estylo do desenho. — Origens da fórma triangular ou pyramidal, achadas na natureza physica e na industria dos tempos mais remotos. — Attribue-se a este estylo de desenho uma significação symbolica. — Conceitos que suscita a fórma das placas do segundo grupo. — Exemplares até hoje conhecidos. — Vagas presumpções derivadas da sua analyse. — Artefactos com o mesmo estylo de lavor ornamental. — Monumentos e condições em que foram achados. — Argumentos contrarios á theoria que refere o progresso industrial do periodo neolithico e o espirito religioso denunciado pelos monumentos a migrações de raça brachycephala providas da Asia. — Fundamentos com que se póde julgar que as placas de schisto, o seu ornato, e qualquer significação symbolica, que houvessem tido, tiveram origem n'este territorio. — Noticia, não comprovada, de terem apparecido na America do Sul placas de schisto com lavor semelhante ás de Portugal. — Notavel parecença de muitos artefactos d'aquella região com os do Algarve. — Suppõe-se a possibilidade da comunicação entre os dois hemispherios no periodo neolithico. — Presumpção de que a ultima idade da pedra se haja manifestado mais tarde no sul da America do que na extrema zona occidental da Europa. — Deduzem-se os limites de duração do uso das placas de schisto. — Lacunas que ha entre as estações prehistoricas de Portugal onde têm apparecido placas de schisto gravadas, e como podem ser preenchidas. — Ordenação geographica das referidas estações e carta ethnographica que as indica. — Estampas reproduzindo varios typos de placas de schisto com gravuras de diverso lavor.

É este o unico paiz da Europa, que tem por enquanto manifestado placas de schisto ardosiano com gravura ornamental.

Até á data da reunião do congresso de anthropologia e de archeologia prehistorica, em Lisboa, apenas alguns collectores portuguezes as conheciam. Os sabios congressistas estrangeiros viram-n'as pela primeira vez no museu mineralogico da escola

Fig. 31 — Primeira página do capítulo onde Estácio da Veiga disserta sobre as placas de xisto gravadas (A.M.A. II, 1887). O primeiro grande estudo sobre as placas de xisto gravadas.

INTRODUÇÃO
À
ARCHEOLOGIA
DA
PENINSULA IBERICA

PELO DOUTOR

AUGUSTO FILIPPE SIMÕES

LESTE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

PARTE PRIMEIRA
ANTIGUIDADES PREHISTORICAS

COM OITENTA GRAVURAS

LISBOA
LIVRARIA FERREIRA

132 Rua Aurea 134

1878

Fig. 32 – O frontispício da *Introdução à Archeologia da Peninsula Ibérica*, a primeira e última síntese sobre a Pré-História peninsular escrita por um português.

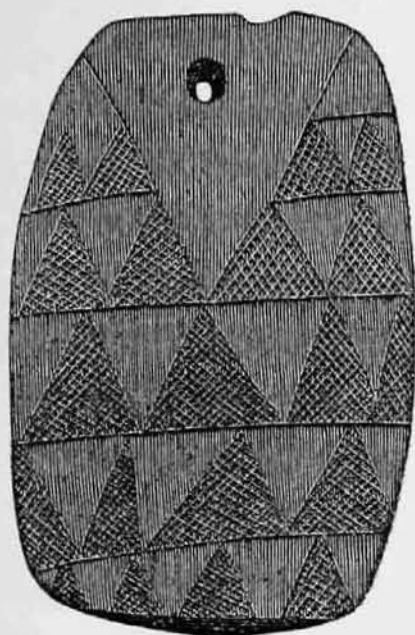


Fig. 31

PLACA DE SCHISTO DE MONTE-REAL, LEIRIA.

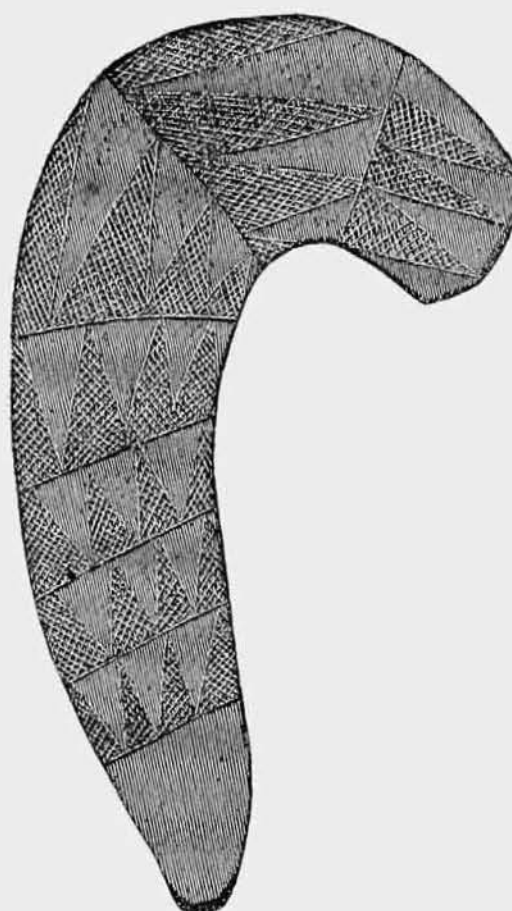


Fig. 33

BÁCULO DE SCHISTO DA SEPULTURA DE MARTIM AFFONSO.



Fig. 53

DOLMEN DE VALLE DE MOURA.

Fig. 33 – Placa e báculo publicados por Augusto Filipe Simões na *Introdução à Archeologia da Peninsula Ibérica* e provenientes, respectivamente, de Monte Real (Leiria) e da «Sepultura de Martim Afonso» (Muge). O megalitismo, a que o autor atribui importância suficiente para lhe dedicar o Cap. VI, vem representado por monumentos portugueses e espanhóis e as placas «...de schisto riscadas parece terem sido usadas pelos constructores das antas, por se encontrarem algumas d'ellas nas antas de Bellas e de Pavia.» (p. 52).



Fig. 34 – O fragmento de placa de Alcalar 1, segundo Estácio da Veiga. Pelo que se vê, uma paginação «clássica» de triângulos preenchidos com o vértice para cima, mas a última banda é integralmente representada e o espaço onde eventualmente se coloca a indicação de fim de placa está vazio. *Antiguidades*, vol. I, Est. VIII, p. 232-233.

No entretanto, escolhi um exemplo (mais um) que mostra que a fé cega em desenhos alheios, não confrontados com os originais, é uma maneira expedita de fazer arqueologia, certamente própria de quem gosta de holofotes e notícias de jornal, mas para quem um trabalho minimamente sério e digno é certamente muito menos interessante.

3.2.2. o caso da placa 985.39.49

Sem dúvida uma pequena história fascinante é a dos desenhos publicados por Estácio da Veiga e por Vera Leisner para esta importantíssima placa, uma das muito poucas que apresentam no Corpo triângulos com o vértice para o lado (e não para cima, como é frequente; ou para baixo, menos comum, mas atestado por diversos exemplos).

Procurei em vão no Museu Nacional de Arqueologia o desenho de Valença, o que tornaria ainda mais interessante o pequeno exercício de «descubra as diferenças» a que me dediquei, mas não se encontrou.

Dois factores contribuem para explicar os erros de Estácio da Veiga, aliás menos graves que os de Vera Leisner:

1. o contexto da época, onde o desenho arqueológico de exteriores não era nada mau, mas o de materiais arqueológicos deixava ainda muito a desejar, em rigor e registo de atributos significantes, pelo simples factos de não estarem ainda listados;
2. a própria psicologia do desenhador, ao tempo certamente não versado em artefactos pré-históricos com decorações incluindo padrões irregulares, pelo que, consciente ou inconscientemente, procedeu à «normalização» dos elementos que fugiam à estabilidade presumida para o conjunto.

Quanto a Georg e Vera Leisner, a situação poderia parecer incompreensível, se estivesse isolada ou fosse caso único. Mas tem-se vindo a verificar que, sempre que a placa a desenhar registava uma maior complexidade, e continha mais que triângulos ou faixas ziguezagueantes, o desenho torna-se simplificador e a imagem, em termos de iconologia, torna-se mesmo ilegível, como demonstrei recentemente (Gonçalves, 2004b).

No quadro seguinte, registam-se as principais diferenças entre os desenhos e o original, não se entrando em detalhes que, neste contexto, poderiam parecer excessivos, como o do tipo do preenchimento de remates, por exemplo, frequentemente registado como de quadrícula, quando na base das Colunas 3, 4 e 5 é claramente de linhas paralelas...

Quadro 5 – Diferenças entre o original (placa 985.39.49) e os desenhos da mesma publicados por Estácio da Veiga (1887) e Leisner e Leisner (1957). Ver Figs. 40 e 41.

Área da placa	Estácio da Veiga	Leisner e Leisner
Cabeça: faixas lado e ^{no}	Ambas faixas foram endireitadas, regularizadas, desaparecendo na interior o típico aspecto «orelha de coelho».	Correcta, mas as faixas estão mais espessas que no original.
Cabeça: faixas lado d ^{no}	A faixa interior está menos «orelha de coelho» do que deveria e a exterior menos recta do que realmente é.	A faixa interior está menos «orelha de coelho» do que deveria.
Corpo: Coluna 1	Correcta.	Correcta.
Corpo: Coluna 2	A coluna começa por um remate a que se seguem 4 triângulos com o vértice para a direita e um pequeno remate na base. No desenho, representam-se 5 triângulos e não se indica o remate inferior.	Correcta.
Corpo: Coluna 3	A coluna contém 5 triângulos preenchidos com o vértice para a direita, 1 vazio e um remate de base de coluna. No desenho, são representados 6 triângulos e não se indica o remate inferior.	A coluna inclui 5 triângulos preenchidos e um vazio, mais um remate. No desenho, representam-se 6 triângulos, sem remate de base.
Corpo: Coluna 4	A coluna começa com uma área de remate, vazia, e inclui 5 triângulos com o vértice para a esquerda e um remate de base preenchido. No desenho, são representados 1 remate de topo, preenchido em vez de vazio, 5 triângulos e um remate de base.	A coluna começa com uma área de remate, vazia, e inclui 5 triângulos com o vértice para a esquerda. No desenho, são representados 1 remate de topo preenchido, 5 triângulos e um remate de base.
Corpo: Coluna 5	A coluna, tal como a anterior, começa com uma área de remate, vazia, e inclui 6 triângulos com o vértice para a esquerda. No desenho, o remate de topo está preenchido.	Regista-se o mesmo erro da coluna anterior.
Corpo: Coluna 6	Correcta.	A coluna inclui, no topo, uma única faixa oblíqua preenchida. No desenho, são representadas 7 faixas!!
Corpo: Coluna 7	Estaria correcta, se o remate da base tivesse sido representado preenchido.	Correcta.

Para utilização de referência, os desenhos das placas de xisto gravadas devem assim ser confrontados, como já disse, com as fotografias disponíveis, ou com os originais, no caso da sua existência. Há situações em que o menor rigor, não sendo dispensável, não afecta o tratamento dos dados, mas em



Fig. 35 – O mapa de distribuição das placas de xisto gravadas em 1884, segundo Estácio da Veiga.

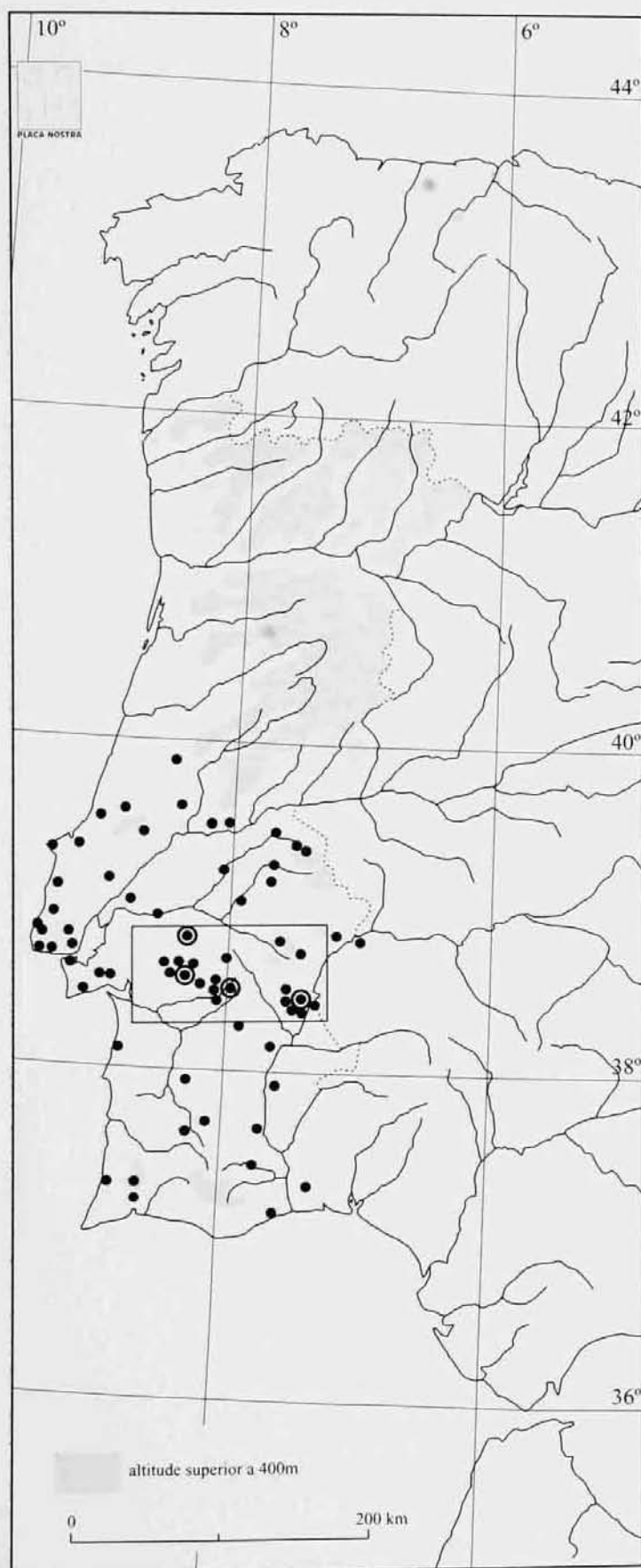


Fig. 36 – Mapa dos monumentos e sítios em análise a partir de 2002 pelo Projecto «PLACA NOSTRA». Os pontos rodeados por um círculo indicam os monumentos com mais de 100 placas e o rectângulo define a área do Alentejo Central, o provável berço das placas de xisto gravadas (Gonçalves, 2004). Na impossibilidade de registar localizações exactas nesta escala e neste tipo de mapa, alguns pontos referem-se às sedes de concelho. O que ressalta de esta imagem é obviamente o salto quantitativo e as condições de pesquisa, que, em 1884, não permitiam ainda distinguir uma área central de uma área periférica.

todos os casos de maior complexidade, frequentemente de primeira grandeza para o estudo da simbólica e do sagrado, a maior precisão de traço é absolutamente necessária. Todos nos enganamos, claro, e saber reconhecê-lo é sinal da mais básica honestidade científica, mas há que evitá-lo, sempre que possível.



Fig. 37 – Placa da Furninha, apresentada por Nery Delgado ao Congresso de 1880 e publicada em 1884. Com ela foi divulgado um apreciável conjunto eventualmente do Neolítico final, mas mais provavelmente do Calcolítico.

3.3. As placas de xisto gravadas de Aljezur.

3.3.1. O estado, as medidas e os contornos.

O estado das placas de xisto gravadas é um importante testemunho sobre as condições de jazida. Com efeito, indica de forma directa e inequívoca a natureza e a própria existência dos fenómenos pós-deposicionais.

No caso de Aljezur, em 23 registos, nove correspondem à categoria 1 (inteira) e oito à categoria 2 (integralmente reconstituível). 17 Exemplares destas duas categorias num conjunto de 23, correspondendo a 74%, é francamente um valor muito elevado para uma escavação acidental e agressiva em finais do século XIX. Resta naturalmente a hipótese de se terem perdido outros fragmentos, mas recentes escavações no local não revelaram qualquer outro material arqueológico, segundo informação oral de Luís de Barros.

Os fragmentos de placa correspondem a situações referentes a uma Cabeça de placa (985.39.135), de quatro associações Cabeça – área distal do Corpo, e de um fragmento da área proximal do Corpo de uma placa.

Pode assim afirmar-se a partir das placas de xisto gravadas, o que é também confirmado pelos restantes artefactos recolhidos, que as necrópoles colectivas de Aljezur se encontravam, ao momento da sua descoberta, em bom estado de conservação, não tendo, muito provavelmente, sofrido qualquer violação, com efeitos assinaláveis, anteriormente à sua descoberta. No que contrastam, por exemplo, com STAM 3, em que o elevadíssimo nível de fragmentação traduz os efeitos de, pelo menos, duas violentíssimas violações (Gonçalves, 2003a).

Uma leitura do Quadro 3 mostra que a maior das placas integralmente conservadas (estados 1 e 2) atinge os 21,40 cm, o que é um valor muito alto, superior ao da maior placa conhecida no Grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz, a da Anta 1 da Herdade de Santa Margarida e de J.8-667, de STAM-3 (Gonçalves, 2001, 2003a).

A placa de menor dimensão atinge 13,60 cm, um valor ainda assim superior à menor de STAM-3 (J.9-41, com 12,17...).

Considerada a dimensão do conjunto, impressiona o número de placas com dimensões elevadas, nove entre os 17 e os 21,40 cm: 985.39.50 (21,40), 985.39.45 (20,80), 985.39.138 (20), 985.39.46 (19), 985.39.47 (18), 985.39.139 (17,90 cm), 985.39.42, 44 e 49 (17 cm).

As espessuras variam também. Foram registados valores entre 0,47 e 1,25 cm, com quatro exemplares ultrapassando 1 cm. Em STAM-3, os valores medidos oscilaram entre 0,25 (da placa H.8-109) e 1,45 cm (para a grande placa J.8-667), sendo que também 4 exemplares (em 20) ultrapassavam 1 cm de espessura.

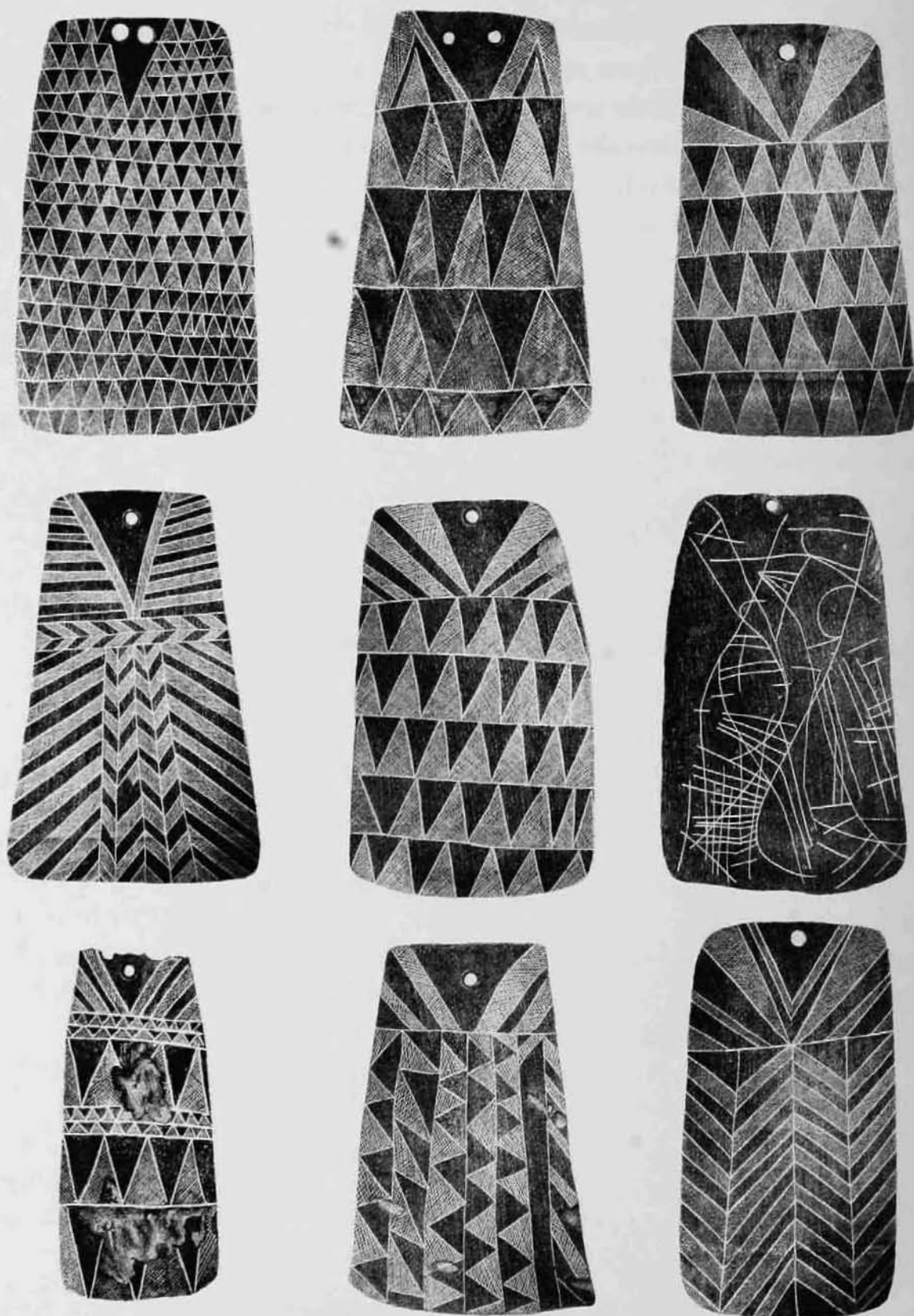


Fig. 38 – Placas de xisto gravadas de Aljezur: os desenhos de Estácio da Veiga, 1886.

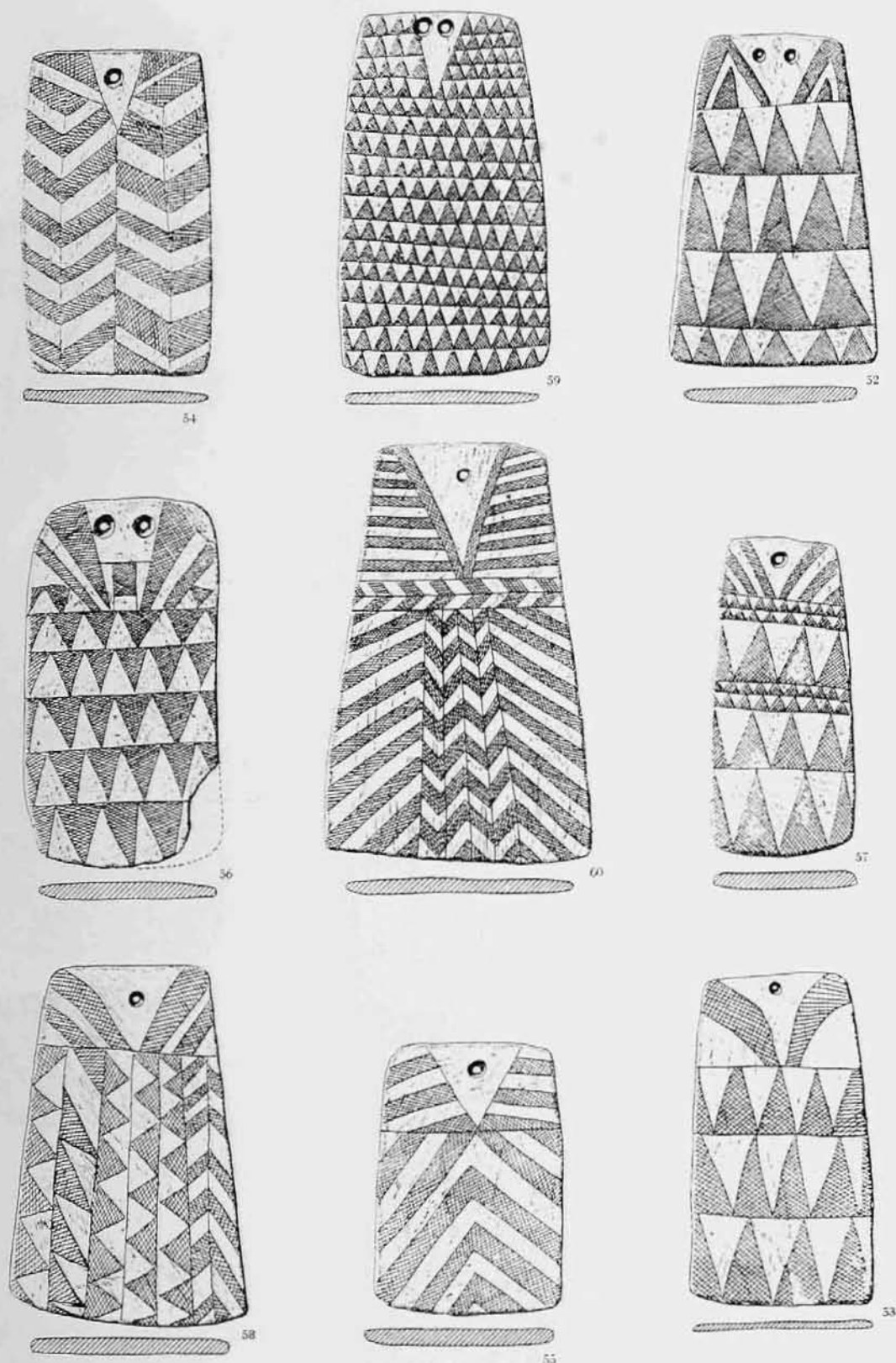


Fig. 39 – Placas de xisto gravadas de Aljezur: os desenhos de Leisner, 1965.

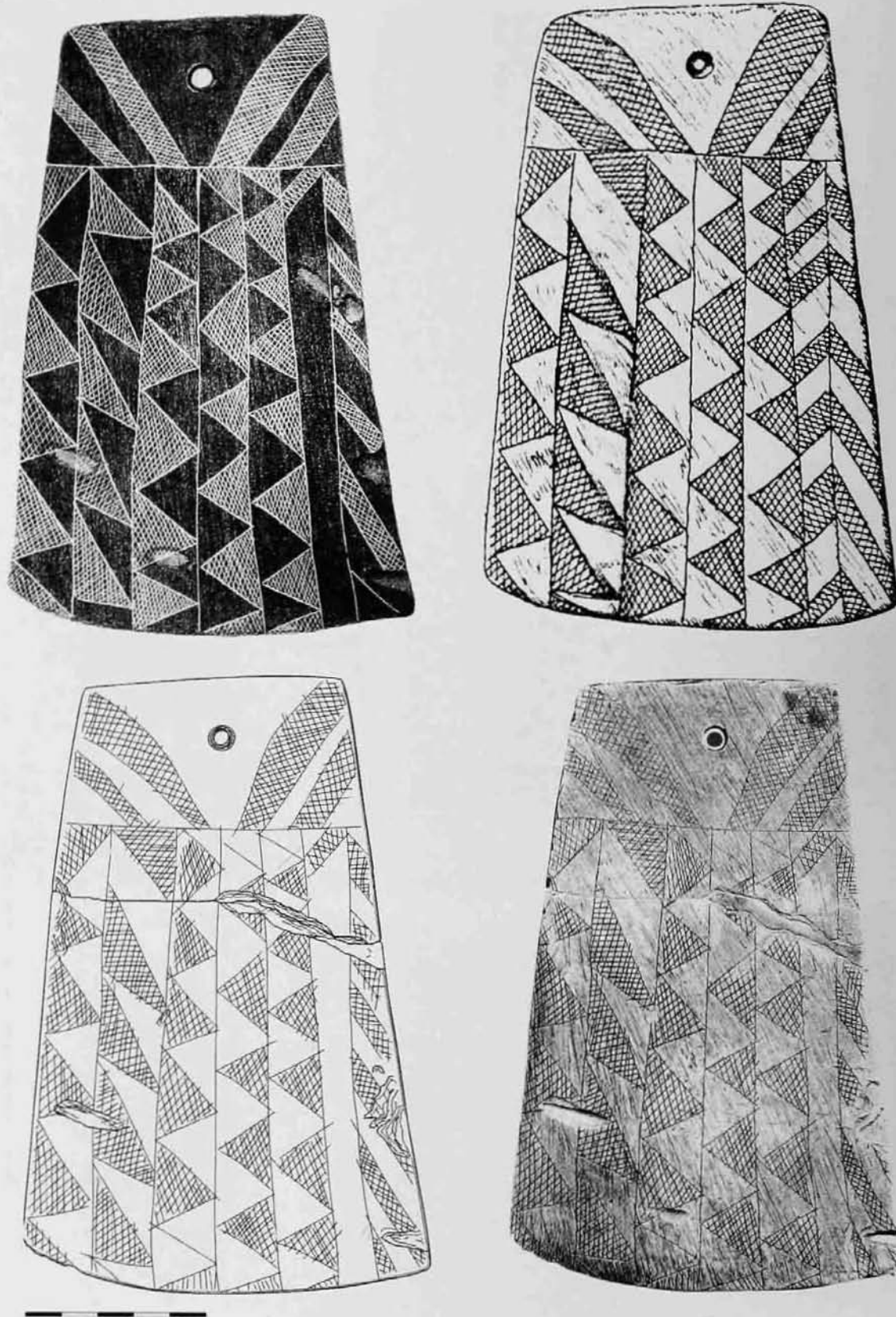


Fig. 40 – A placa 985.39.49 nos desenhos de Estácio da Veiga, Leisner e do grupo «PLACA NOSTRA», confrontada com a sua fotografia actual (em negativo). Dos dois primeiros, o desenho de Estácio da Veiga é o que mais se aproxima do original. No desenho de Leisner, proliferam erros graves, e mesmo incompreensíveis, sendo o mais extenso o da Coluna 6, completamente preenchida por faixas oblíquas preenchidas, inexistentes no original.

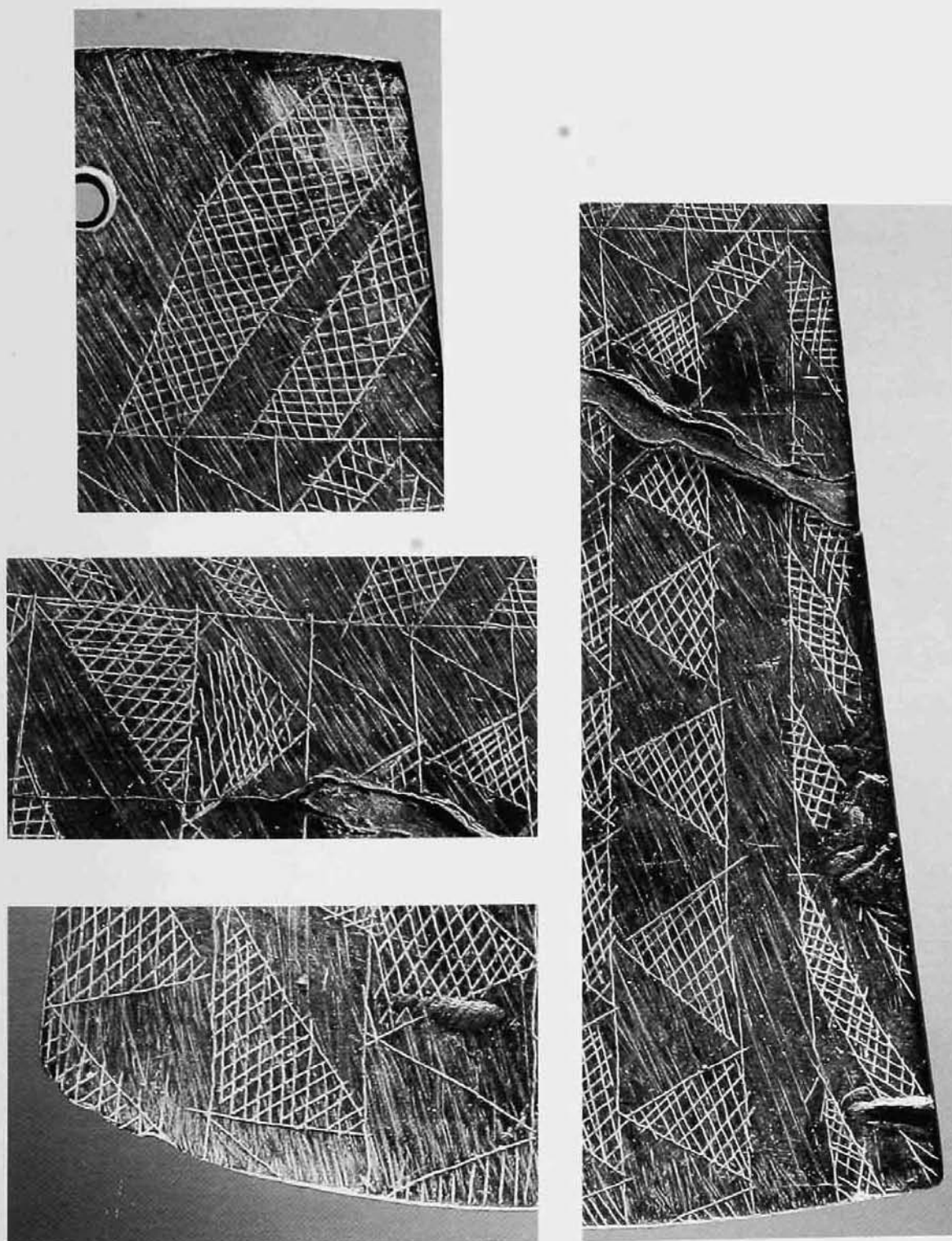


Fig. 41 – A placa 985.39.49. Detalhes das áreas objecto de diferente registo gráfico por Estácio da Veiga e Leisner.

Os índices de alongamento apontam para valores compreendidos entre os 1,5 e os 2,4, sendo que apenas uma das placas ultrapassa o índice 2, sendo assim a única a entrar na categoria «alongada». Mas duas outras entram no índice 2 e os valores iguais, por arredondamento estrito (1,9 para 2), atingem os 3.

A dimensão das Cabeças em relação à altura total do Corpo apenas registou uma placa com Cabeça pequena. 11 placas tinham Cabeças «normais» e cinco Cabeças grandes. No entanto, convém recordar que o estabelecimento definitivo de critérios para as leituras proporcionais dos diferentes componentes das placas só terá absoluta fiabilidade depois de ensaiado nos grandes conjuntos provenientes de um só monumento.

Quanto aos contornos das placas de xisto gravadas de Aljezur, e se exceptuarmos 985.39.44, acentuadamente subrectangular, todos entram dentro dos modelos mais conhecidos, como as formas subtrapezoidais e as de bordos convexos, mais ou menos pronunciados, reproduzindo modelos comuns.

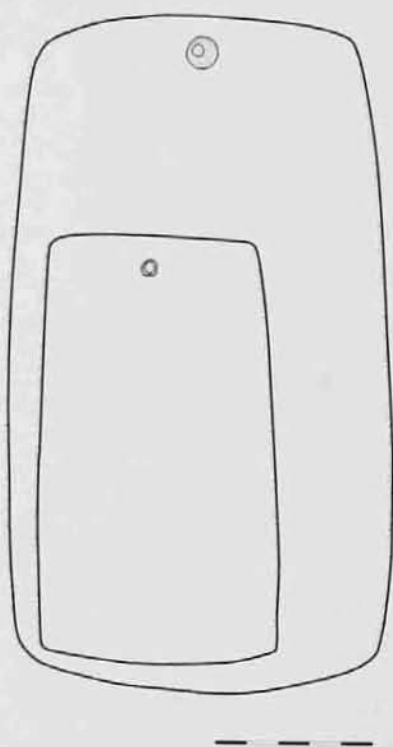


Fig. 42 – Comparação das dimensões entre a mais pequena placa e a maior de Aljezur (respectivamente 13,60 e 21,40 cm).

3.3.2. Os motivos da Cabeça.

Os motivos das Cabeças das placas de xisto gravadas de Aljezur são também diversificados, ainda que menos que os dos Corpos.

Domina a composição tripartida, com uma área central triangular (13 casos em 20), sendo um em «bico de corvo», ou trapezoidal muito alongada (6 casos em 20), apenas numa situação se tendo registado um trapézio com a base menor mais larga (985.39.139). É, aliás, impressionante a semelhança desta *Cabeça dentro da Cabeça* com a da placa da Gruta do Correio Mor, Loures (Cardoso, 2003, Fig. 28:4). Ainda que as dimensões sejam diferentes, os motivos laterais simétricos e o traçado do trapézio são os mesmos. Difere apenas o motivo do Corpo: no caso do Correio Mor, faixas ziguezagueantes em vez dos triângulos de Aljezur. Mas os dois motivos

correspondem aos dois grupos dominantes nos conjuntos conhecidos.

Na placa 985.39.42, o Corpo e a Cabeça não foram objecto de uma separação formal, mas ainda que o motivo não varie, das bases de duas bandas simétricas com o vértice inferior do Triângulo-Cabeça.

A *Cabeça dentro da Cabeça* é indicada por um simples traço, ou moldurada à esquerda e à direita, por uma faixa geralmente preenchida. Num caso (985.39.052), é resultante do motivo «Orelhas de Coelho» na sua forma isolada. Noutro (985.39.049), as «Orelhas de Coelho» são ladeadas por outras faixas radiantes. Na primeira fase de preparação do estudo monográfico das placas de xisto gravadas da Anta 1 do Paço (Anta «A» do código de Manuel Heleno), encontrei várias placas com «Orelhas de Coelho» cuja difusão no Centro e Sul de Portugal poderá corresponder, ainda que em menor escala, a um fenómeno similar ao das placas CTT.

Outra situação, de duas excepcionais, é o da presença do que se interpretou como um Colar, um dos símbolos universais do poder da Deusa. Está inserido dentro do triângulo da placa 985.39.50 e é significativamente preenchido de forma diferente das faixas.

No caso da placa 985.39.44, o outro caso de excepção, a composição inclui um rectângulo vertical, parcialmente preenchido, que se assemelha quase a uma língua. São muito raras as representações da boca da Deusa, mas num caso particular, o do recipiente cerâmico da Sala nº 1 (Pedrógão do Alentejo), a representação é perfeitamente explícita, não permitindo a menor dúvida de leitura. Mas o caso da placa de Aljezur é, pela sua natureza, uma situação em que se não pode fundamentar um cenário definitivo. Regista-se, naturalmente, associando-lhe os outros atributos que tornam esta placa quase única no contexto de Aljezur (e no restante Centro e Sul de Portugal): a sua morfologia e contorno geral, quase rectangular, a composição complexa das áreas laterais, a presença tanto na Cabeça como no Corpo de triângulos preenchidos com o vértice para baixo. Mas outros comentários possíveis poderão ser objecto de outros estudos específicos.

A divisão entre o Corpo e a Cabeça das placas é assinalada em 16 de 20 situações por uma linha simples, geralmente horizontal (14 casos), por vezes oblíqua (um caso). Em duas situações, encontra-se um Separador intencionalmente mais explícito, em ambos casos uma faixa dupla, numa situação com faixas quebradas verticais, noutra com pequenos triângulos preenchidos. Em duas situações, a situação é equívoca, sendo, à primeira vista, defensável a inexistência de Separador, mas detalhes da composição revelam imagens fantasmas de uma separação mental das áreas por parte do gravador (casos das placas 985.39.41 e 985.39.42).

Na composição tripartida da Cabeça, as áreas laterais foram tratadas de forma diferente, mas sempre simétrica: faixas horizontais, faixas radiantes de dois tipos, faixas ascendentes, faixas descendentes, triângulos preenchidos, triângulos vazios dentro de triângulos preenchidos...a que se acrescentam remates de base e de topo.

Quadro 6 – Motivos da Cabeça das placas de Aljezur (mais propriamente, das que não perderam a Cabeça...).

Refª	Separação Cb-Cp	Tipo de Cabeça dentro da Cabeça	Tipo de motivo lateral
985.39.41	Obliqua, por linha, acima do vértice inferior do triângulo central.	Triângulo.	Simétricos. Remates de topo.
985.39.42	Em sentido estrito, inexistente.	Triângulos.	Simétricos. Os do Corpo, pequenos triângulos.
985.39.43	Linha horizontal.	Trapézio.	Simétricos. Triângulo preenchido dentro de triângulo vazio e restante campo preenchido.
985.39.44	Linha horizontal.	Trapézio, incluindo divisão horizontal a meia altura, a que se segue um rectângulo preenchido até cerca de 4/5 da altura.	Simétricos. Sequência (do exterior para o interior de triângulos preenchido com o vértice para baixo e duas faixas radiantes preenchidas.
985.39.45	Linha horizontal.	Triângulo.	Simétricos. 2 faixas radiantes.
985.39.46	Faixa dupla, segmentada na horizontal, com faixas quebradas verticais.	Triângulo moldurado em faixa preenchida.	Simétricos. 6 faixas horizontais preenchidas.
985.39.47	Linha horizontal.	Triângulo.	Simétricos. Faixas radiantes, as interiores definindo a Cabeça.
985.39.48	Separador duplo com triângulos preenchidos.	Triângulo.	Simétricos. Faixas radiantes, as interiores definindo a Cabeça.
985.39.49	Linha horizontal.	«Triângulo» de lados côncavos.	Simétricos. Faixas radiantes, as interiores em «orelhas de coelho».
985.39.50	Linha horizontal.	Triângulo. Inclui colar preenchido com linhas oblíquas paralelas.	Simétricos. Faixas radiantes, as interiores definindo a Cabeça.
985.39.51	Linha horizontal.	Triângulo.	Simétricos. Faixas descendentes.
985.39.52	Linha horizontal.	«Triângulo» de lados muito côncavos, definido por Faixas radiantes, as típicas «orelhas de coelho».	Simétricos. « Orelhas de coelho ».
985.39.131	Linha horizontal.	Trapézio.	Simétricos. Faixas ascendentes.
985.39.132	Linha oblíqua, ascendente (da esquerda para a direita).	Trapézio.	Simétricos. Faixas ascendentes.
985.39.133	Linha horizontal.	Trapézio, lado esquerdo curvilíneo.	Simétricos. Faixas ascendentes.
985.39.134	Linha horizontal.	Trapézio*.	Simétricos. Faixas radiantes.
985.39.135	Não visível no fragmento.	Triângulo?	Simétricos? 3 ou 2 andares. O de cima com faixas oblíquas, o seguinte com triângulos vazios dentro de triângulos preenchidos, o último talvez prolongando o motivo principal do Corpo, supostamente faixas ziguezagueantes com linhas guia.
985.39.137	Nenhum?	Nenhum?	Inexistentes?
985.39.138	Linha horizontal.	Triângulo «bico de corvo».	Simétricos. Faixas horizontais.
985.39.139	Linha horizontal.	Trapézio de base larga.	Simétricos. Faixas horizontais.
985.39.195	Linha horizontal.	Triângulo moldurado em faixa preenchida.	Simétricos. Faixas radiantes, as interiores definindo a Cabeça.

3.3.3. Os motivos do Corpo, os Separadores

Os motivos do Corpo das placas distribuem-se, nas 21 placas em que tal é possível determinar, de uma forma muito clara:

Triângulos: 15 (71%)

Faixas quebradas simples: 1 (6,5%)

Faixas quebradas apareadas: 1 (6,5%)

Faixas ziguezagueantes: 4 (26%)

Mas poderíamos ser ainda mais específicos dentro de cada categoria:

Triângulos:

1. quanto à dimensão: apenas 1 em 15 casos inclui exemplares muito pequenos;
2. quanto à orientação: apenas 2 em 15 têm o vértice para baixo; 1 tem os vértices para o lado;
3. quanto à distribuição por áreas de enquadramento (bandas, colunas): seis distribuem-se por 3 bandas; dois distribuem-se por 4 bandas; três distribuem-se por 5 bandas; um 18 bandas; em dois o número de bandas é indeterminável; um caso refere-se a uma distribuição por 5 colunas.

Faixas quebradas:

1. uma em duas não tem linhas guia e está centrada;
2. uma em duas está organizada em 2+2 colunas, com as faixas desacetadas (o que, se não acontecesse, teria originado faixas ziguezagueantes...).

Faixas ziguezagueantes:

1. quanto ao enquadramento por linhas guia externas: apenas uma das 4 não tem;
2. quanto à paginação interna das faixas: uma em quatro, precisamente a que não tem linhas guia externas, tem linhas guia em cada ângulo, de forma a facilitar o preenchimento.

Quadro 7 – Matérias-primas (MP), motivos, Linhas guia (LG), Separadores

Ref ^a	MP	Motivo dominante do Corpo	LG	Sep. iCp	Sep. IFP
985.39.41	X	2+2 Colunas com faixas quebradas desencontradas no centro da placa.	3V		
985.39.42	X	Triângulos pequenos em 18 bandas.	0	0	0
985.39.43	X	Triângulos em 3 bandas.	0	0	M=Cp
985.39.44	X	Triângulos com vértice para baixo em 5 bandas.	0	0	0
985.39.45	X	Triângulos em 5 bandas.	0	0	0
985.39.46	X	Faixas ziguezagueantes, em 6 colunas, muito mais estreitas as 4 centrais.	5*	Duplo.	0
985.39.47	X	Triângulos em 5 bandas.	0	0	0
985.39.48	X	Triângulos em 3 bandas.	0	Duplo.	0
985.39.49	X	Triângulos com vértice para o lado, em 5 colunas. Faixas nas 2 seguintes.	6	0	0
985.39.50	X	Faixas ziguezagueantes, em 4 colunas.	3	0	0
985.39.51	X	Faixas quebradas centradas, sem linhas guia.	0	0	0
985.39.52	X	Triângulos em 3 bandas.	0	0	0
985.39.53	X?	Faixas ziguezagueantes com linhas guia internas e remate na base da placa.	0	0	Remate.
985.39.131	X?	Triângulos em 3 bandas.	0	0	0
985.39.132	X	Triângulos em 2+1 bandas.	0	Simplex. Triângulos vazios.	
985.39.133	X	Triângulos em 4 bandas.	0	0	0
985.39.134	X	Triângulos em n bandas (2 visíveis).	0	0	0
985.39.137	SP	Triângulos com vértice para baixo.	0	0	0
985.39.138	X	Triângulos em 3 bandas.	0	0	0
985.39.139	X	Triângulos em 4 bandas, a última definida na base por traço.	0	0	0
985.39.195	X	Faixas ziguezagueantes em 4 colunas.	3	0	0

Sep. iCp – Separador interno no Corpo; Sep. IFP – Separador (indicador) de fim de Placa.

3.3.4. As matérias primas, as técnicas e os processos de gravação, as perfurações.

Em 23 exemplares, 20 são de xisto, um de serpentinito e dois outros levantaram dúvidas sobre a sua identificação, apresentando uma coloração intermédia entre aquelas duas matérias primas, mas provavelmente pertence ainda ao grupo dos xistos.

Como verifiquei recentemente, as placas de serpentinito apresentam gravações «descuidadas» ou bizarras. A placa 985.39.137 parece ter sido energicamente polida, o que resultou no quase apagamento dos triângulos nela gravados. Perguntei-me diversas vezes, a propósito da Anta 1 do Xarez (Reguengos de Monsaraz), se não se trataria de placas de um momento terminal do complexo mágico-religioso a que pertencem. Mas nada de concreto permite reter esta suposição.

A gravação foi feita com diferentes tipos de instrumento, sendo peculiar a finura ou nitidez de traço verificada nas placas 985.39.44, 49 e mesmo 52, 53, 131, 138 e 139.

Um estudo sobre tecnologia de gravação das placas está, neste momento, em curso no âmbito do Projecto «PLACA NOSTRA». Algumas das placas de xisto gravadas de Aljezur entrarão na lista das situações em análise prolongada e a médio termo.

Mas, a propósito das perfurações, pode desde já dizer-se que:

1. *quanto à sua morfologia*, 16 são bitroncocónicas, resultando de duas acções convergentes (nem sempre aliás muito convergentes, como se observa nas Figs. 43 e 44), e apenas

uma é indiscutivelmente cónica, o que aliás foi possível sem quaisquer problemas pela fraca espessura da placa (985.39.131: 0,55 cm). As placas 985.39.52 e 41, com respectivamente 0,40 e 0,76 cm de espessura, são casos mais complexos de interpretar, uma vez que nas placas pouco espessas se produz uma perfuração com o formato de um túnel muito regular, sobretudo quando elas são perfuradas com precisão de ambos lados. Trata-se, aliás, de um caso semelhante ao das contas discóides espessas, de pedra verde, em que é visível, por vezes, uma pequena nervura a meia altura da perfuração, que permite classificá-la como bi-troncocónica e não como cilíndrica. Mas a natureza do xisto dificulta aqui leituras de precisão;

2. *quanto à sua própria existência e número*, verifica-se que não se registaram placas sem perfurações, que 14 apresentavam uma só perfuração, mais ou menos centrada, e sete apresentavam duas perfurações.

Os diâmetros das perfurações, medidos nas faces, oscilavam entre 0,46 e 1,13 cm e, no verso das placas, entre 0,30 e 0,84. Esta disparidade não é de estranhar, uma vez que, sendo a perfuração normalmente efectuada da face para o verso, tanto é maior o seu diâmetro como a altura da perfuração nessa direcção. No caso da placa 985.39.131, cuja perfuração integralmente visível foi feita do verso para a face, ela mede 0,50 cm no verso contra 0,26 na face.

Muito importante é o uso de linhas guia no processo de paginação das placas, como as Figs. 46, 47, 49 e 50 ilustram.

Muito úteis para a gravação de faixas zigzagueantes no Corpo das placas, as linhas guia marcam o ritmo por colunas verticais. Mas há casos em que foram dispensadas (placa 985.39.44), o que não impediu o que parece ter sido uma excelente gravação.

As linhas guia permitem reconstituir sequências na gravação, tornando mais próximos de nós os processos mentais do gravador, um pouco à maneira das remontagens de artefactos de sílex, reconstituindo o núcleo original e a sequência de obtenção dos utensílios. Introduzi o conceito de paginação e linhas guia pela primeira vez em 2003, na monografia da Anta 3 da Herdade de Santa Margarida, e a sua aplicação em Aljezur, como noutros monumentos e sítios, completa o processo de talhe lido através das placas da grande oficina de Águas Frias.

É curioso verificar que as linhas-guia partem usualmente do Separador Cabeça-Corpo, mas, no caso da placa 985.39.49, a segunda linha guia parte do topo da placa, formando o seu traçado superior o próprio lado direito do Triângulo-Cabeça. Aliás, nesta notável placa (figura 49) a sequência recuperada para a sua gravação demonstra claramente que o seu autor, apesar de uma execução não tão hábil quanto seria possível, planeou mentalmente os resultados finais traçando decididamente a linha-guia que é efectivamente o eixo da placa e acrescentando-lhe o traço que acabou por definir o Triângulo-Cabeça.

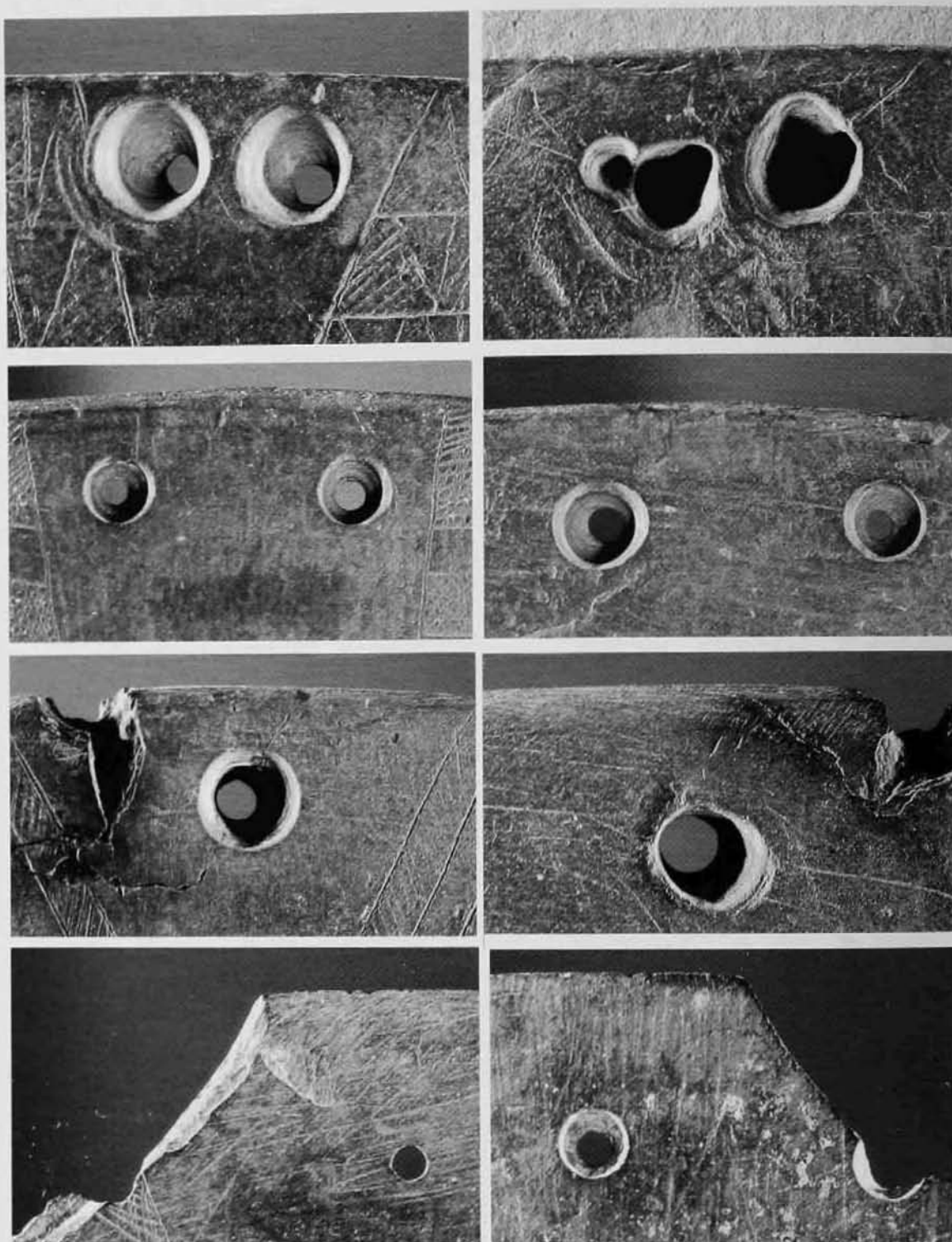


Fig. 43 – Aspectos de perfurações das placas de Aljezur (1). Da esquerda para a direita, e de cima para baixo: Face e verso da placa 985.39.42: Na face, as perfurações foram efectuadas com o furador inclinado da esquerda para a direita e há uma pré-marcação incisa, na perfuração do lado esquerdo; no verso, as perfurações definitivas são irregulares e a da esquerda é uma segunda tentativa. 985.39.139: face e verso com perfurações de traçado centrado e regulares. 985.39.50: face regular, mas verso com perfuração efectuada com o furador inclinado da direita para a esquerda. 985.39.131: a única placa com perfuração claramente cónica, efectuada do verso para a face.

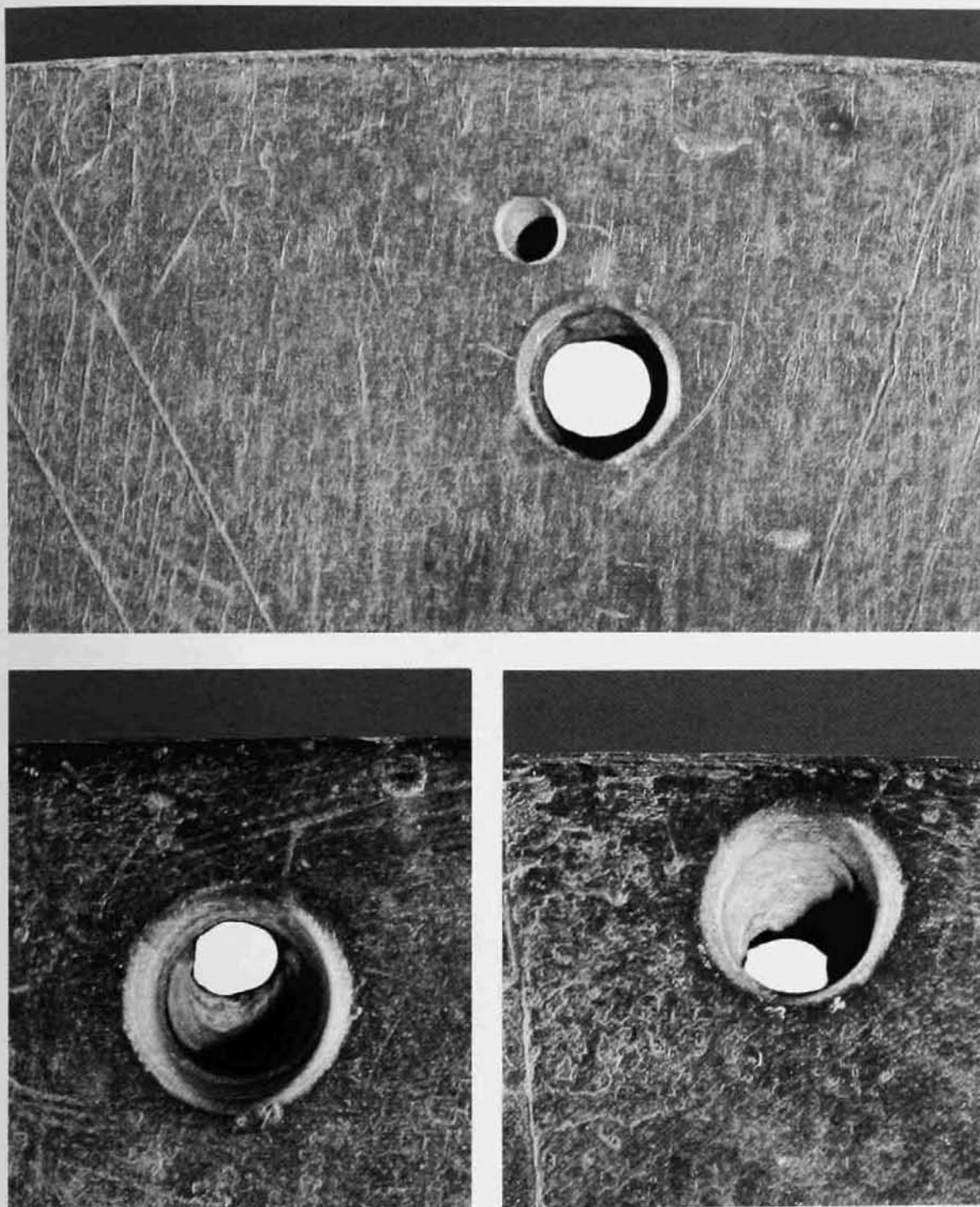


Fig. 44 – Aspectos de perfurações das placas de Aljezur (2). Em cima: placa 985.39.46, com primeira perfuração não acabada acima da perfuração definitiva. Em baixo, perfurações da face e do verso da placa 985.39.46, uma efectuada de baixo para cima, a outra de cima para baixo.

Nesta placa, existem aliás pormenores de grande interesse, que procurei ilustrar na Fig. 49. Assim, se o preenchimento da paginação, após o traçado das linhas guia, tivesse visado a obtenção de faixas zigzeagueantes, tanto o preenchimento tivesse sido começado de baixo para cima como de cima para baixo (Fig. 49: 7-8-9), teríamos vazios insuportáveis no preenchimento das placas, onde os espaços em branco são frequentemente resolvidos por remates preenchidos. É minha posição que o artesão visava claramente a obtenção de 2+2 colunas para enquadramento não de faixas zigzeagueantes, mas de faixas quebradas, que teriam forçosamente de estar desacertadas em função da linha guia central, o que resultou na composição final.

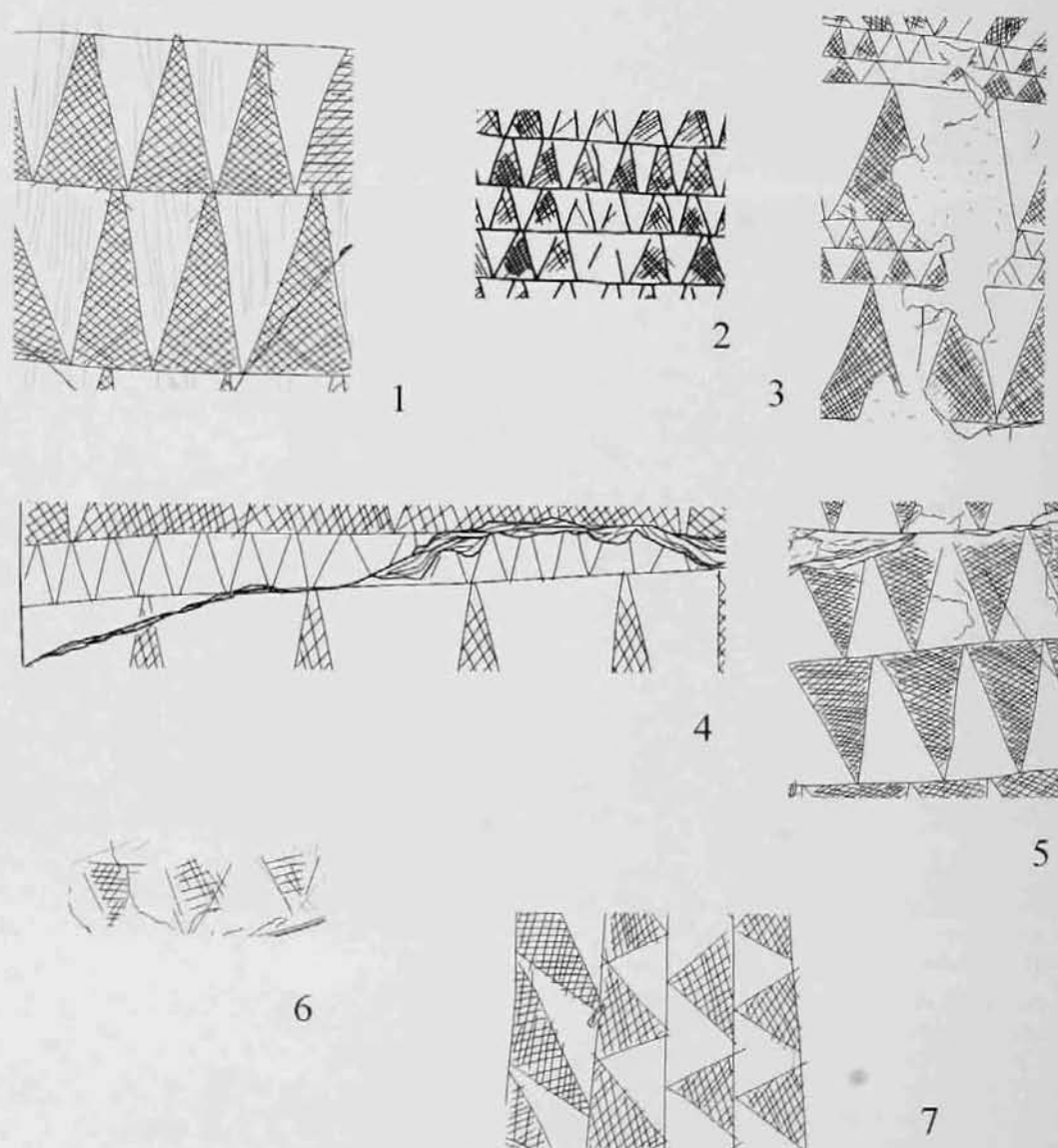


Fig. 45 – Tipos de triângulos patentes nas placas de Aljezur: com vértices para cima (1, 2, 3), vértices para baixo (5, 6), vértices para o lado (7). Triângulos pequenos, como motivo dominante no Corpo da placa (2). Triângulos pequenos em bandas separadoras, preenchidos (3) e vazios (4).

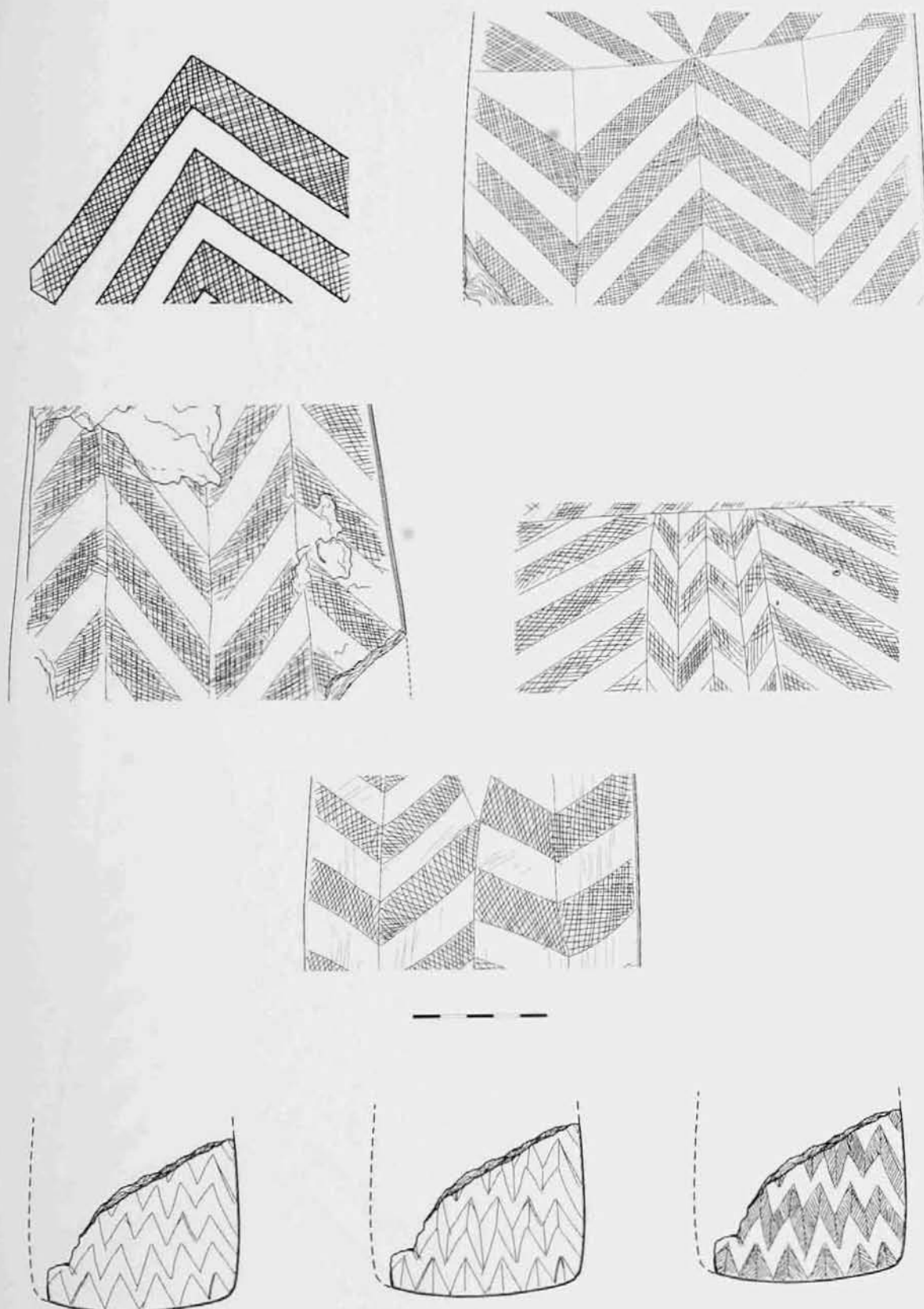


Fig. 46 – Faixas quebradas (1, 5) e faixas ziguezagueantes com linhas guia externas verticais (2, 3, 4) e internas (6-7-8), evidenciando a sequência de construção do motivo final).

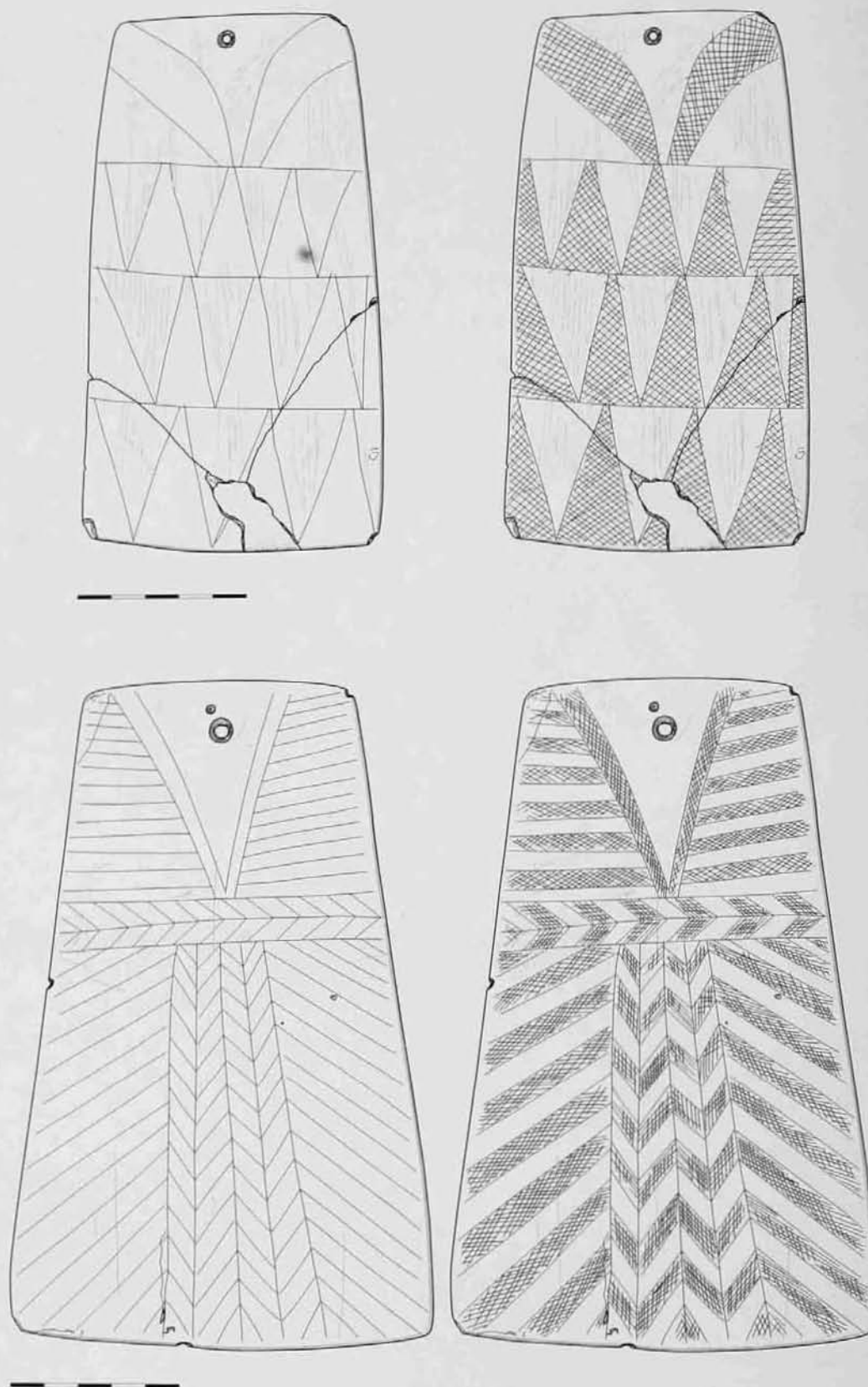


Fig. 47 – Em cima, um exemplo de paginação simples (a placa 985.39.52) e outro de paginação complexa (a placa 985.39.46). Neste último caso, os motivos estruturantes do separador Cabeça-Corpo repetem-se, agora na vertical, no centro do Corpo da Placa, criando um ritmo muito raro nas faixas ziguezagueantes.

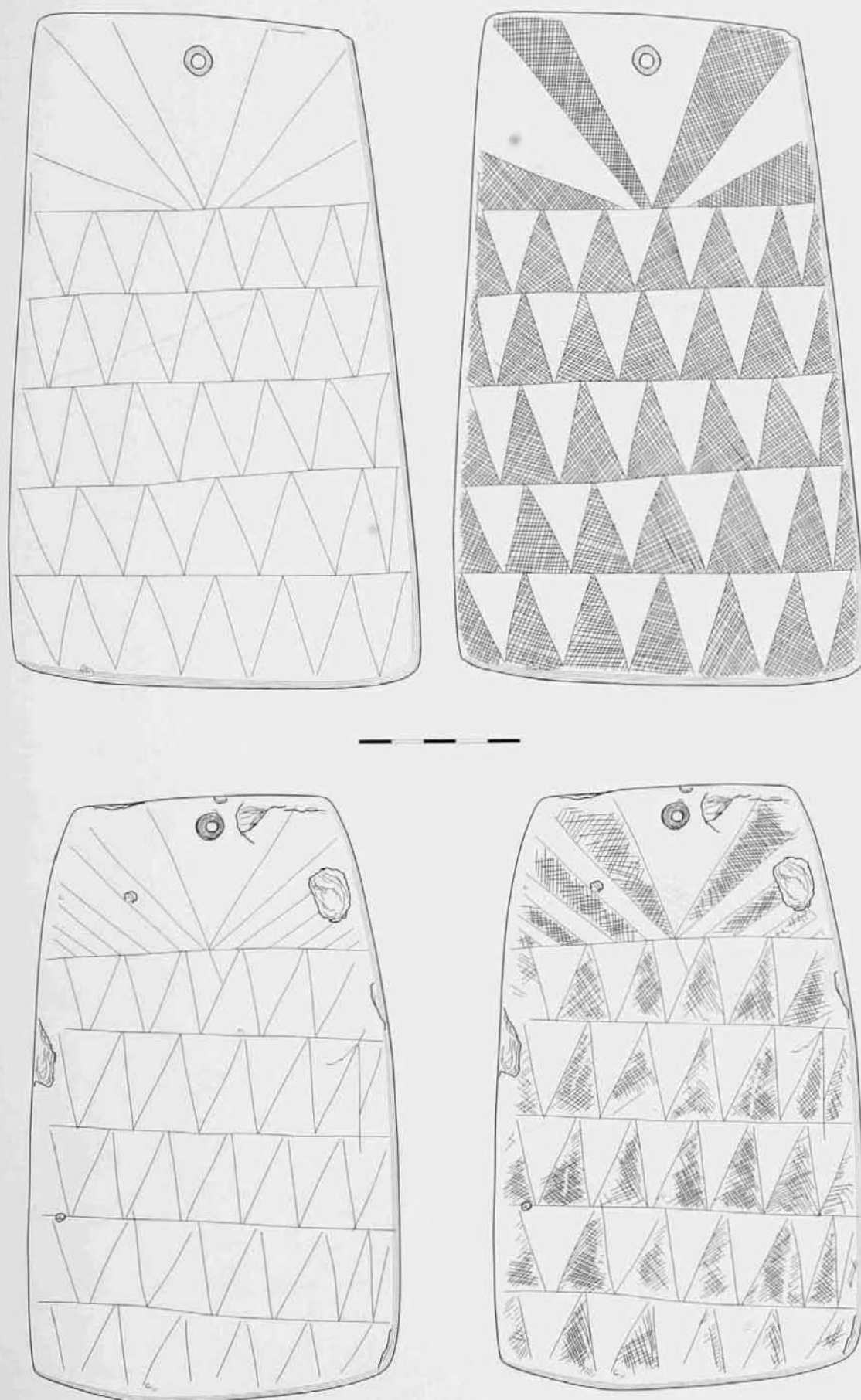


Fig. 48 – Paginação das placas 985.39.45 e 985.39.47, a primeira com faixas radiantes centradas num ponto central da linha separadora Corpo-Cabeça, a segunda com faixas radiantes múltiplas.

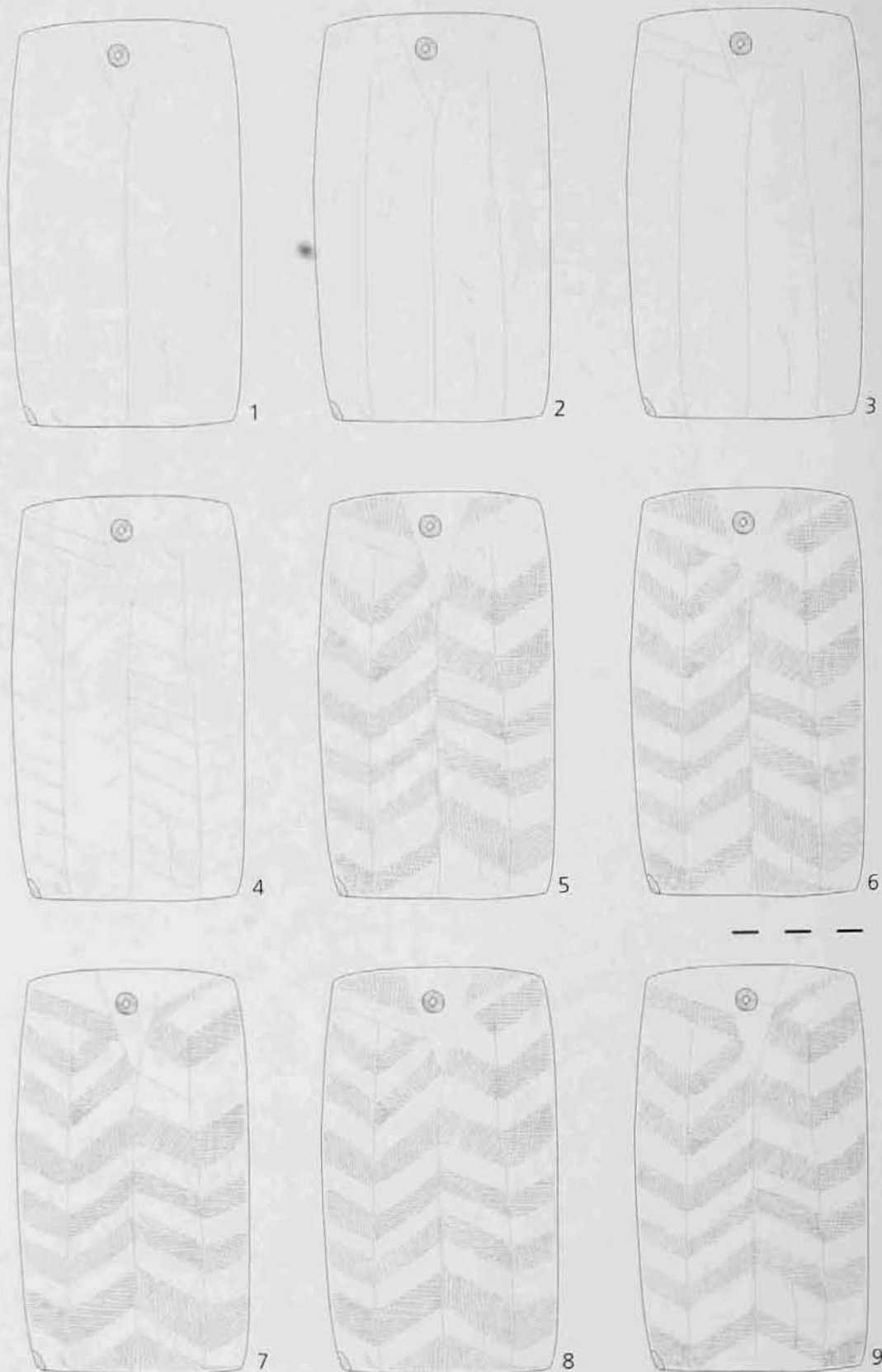


Fig. 49 – A paginação proposta para a placa 985.39.41 (1 a 6) e as três situações alternativas que o seu autor teria para resolver um erro de paginação para faixas zigzagueantes, se de facto de tal se tratasse (7-8-9). Na minha interpretação, e apesar da questão da execução, o artesão tinha a intenção inicial de criar um conjunto de 2+2 colunas com faixas quebradas, o que foi plenamente conseguido (ver texto).

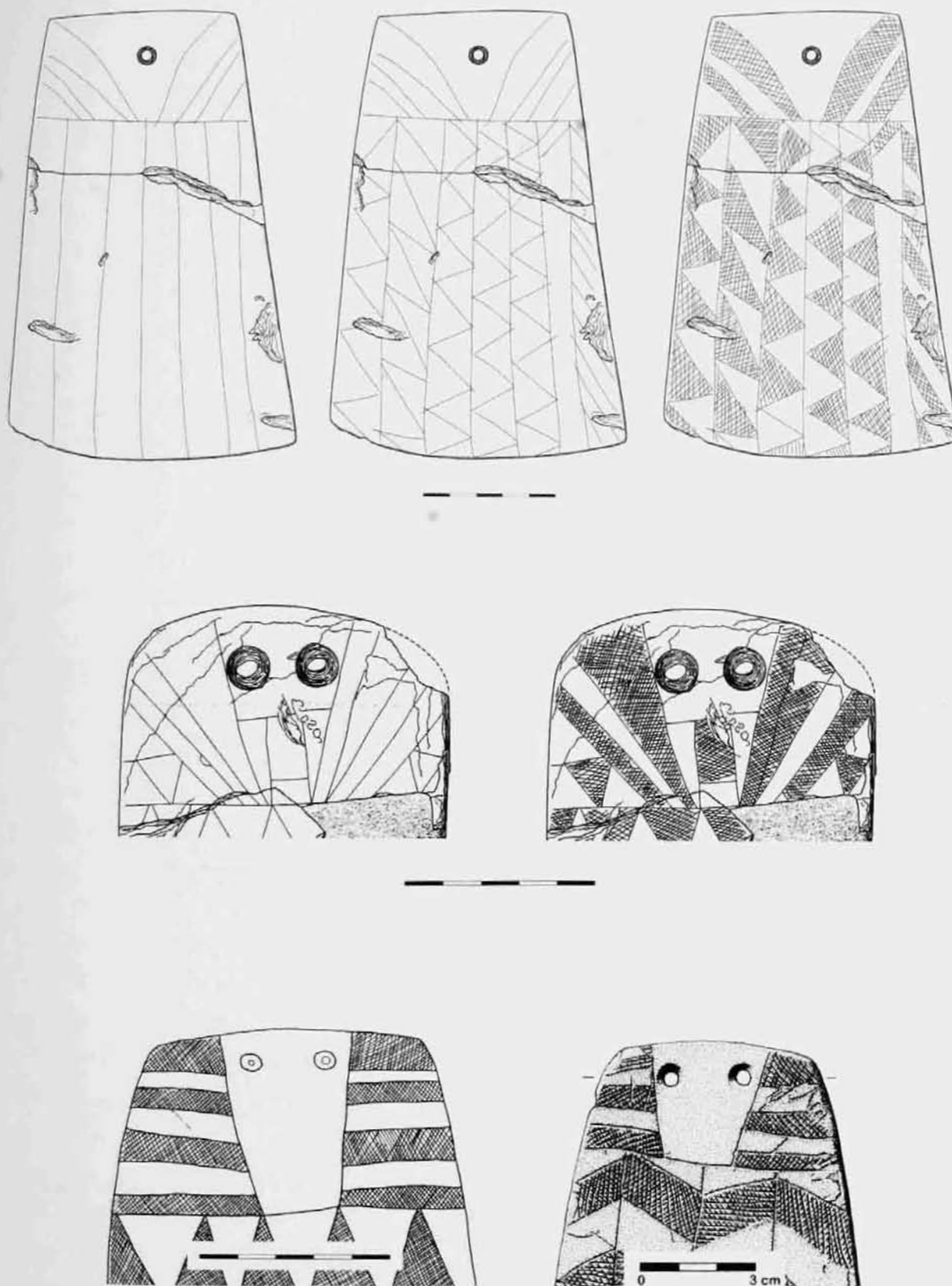


Fig. 50 – A paginação da placa 985.39.49, a única em Aljezur com este submotivo (ver texto), é afinal relativamente simples na sua fase inicial, sobretudo se a confrontarmos com os motivos da Cabeça da placa 985.39.44, que implicou uma estrutura básica preparada para faixas radiantes, às quais se acrescentaram os triângulos preenchidos com o vértice para baixo laterais e o motivo central. Em baixo, comparação das Cabeças das placas de xisto gravadas 985.39.139 de Aljezur e do Correio Mor (esta última segundo Cardoso, 2003, Fig. 28.4).

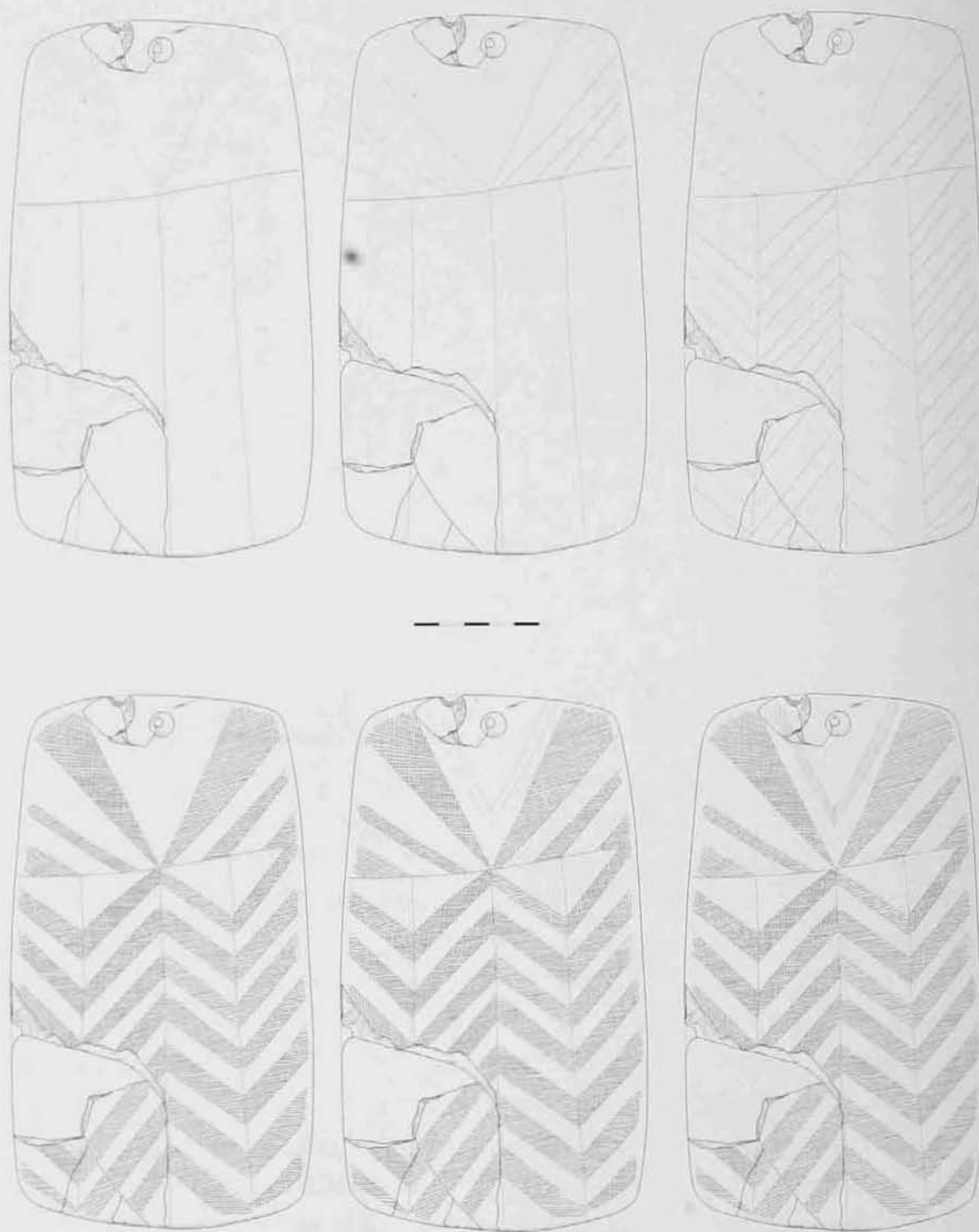


Fig. 51 – A paginação da placa 985.39.50, na primeira sequência (em cima e na primeira imagem de baixo) ainda sem o «Colar», na segunda com as duas fases (gravação do contorno e preenchimento).

3.3.5. A «cena» do verso da placa 985.39.47.

O verso das placas de xisto gravadas inclui por vezes elementos de grande interesse, vejam-se os recentes casos da «placa do fundador» do *tholos* OP-2b (Gonçalves, 1999a) ou da placa H.8-5, da Anta 3 da Herdade de Santa Margarida

(Gonçalves, 2003a). O primeiro foi interpretado como um ensaio para a gravação do que viria a ser a gravação da face. O segundo, como uma nova «escrita gráfica» numa placa pré-existente.

Normalmente, nos casos em que o verso é gravado, a uma face «clássica» corresponde um verso algo caótico, ou mesmo incompletamente preenchido, salvo casos absolutamente extraordinários, como o da placa 2003.161.1 da Anta do Monte das Pedras e das placas da Lapa da Galinha, presentemente em estudo, e em que ambos lados foram tratados diferentemente, mas como se de uma verdadeira face se tratasse.

Pelos traços, e pelos motivos, a maior parte, ou mesmo a quase totalidade, das gravações do verso são pré-históricas, ainda que seja impossível dizer quanto tempo as separa da gravação da outra face: segundos, minutos, horas, meses, anos, séculos...

A placa de Aljezur 985.39.48 tem também uma gravação no verso, com traços finos, radiantes.

A placa 985.39.47. foi desenhada de ambos lados por Estácio da Veiga, mas curiosamente ignorada por Vera Leisner. A sua face apresenta no Corpo motivos clássicos (cinco bandas com triângulos preenchidos com o vértice para cima) e na Cabeça faixas radiantes. Nada de suspeito, portanto, até aqui.

No verso, se o girarmos no sentido contrário ao dos ponteiros de um relógio analógico, e gravados com elevado grau de probabilidade na Pré-História, temos vários motivos que isoladamente, se referem a formas assim catalogadas:

1. escutiforme;
2. «triângulo voador»;
3. um peixe;
4. um possível antropomorfo, mas não é certa esta interpretação;
5. um reticulado, «rede», que cobre a parte anterior do peixe.



Fig. 52 – O motivo «aracnídeo» do verso da placa 985.39.48.

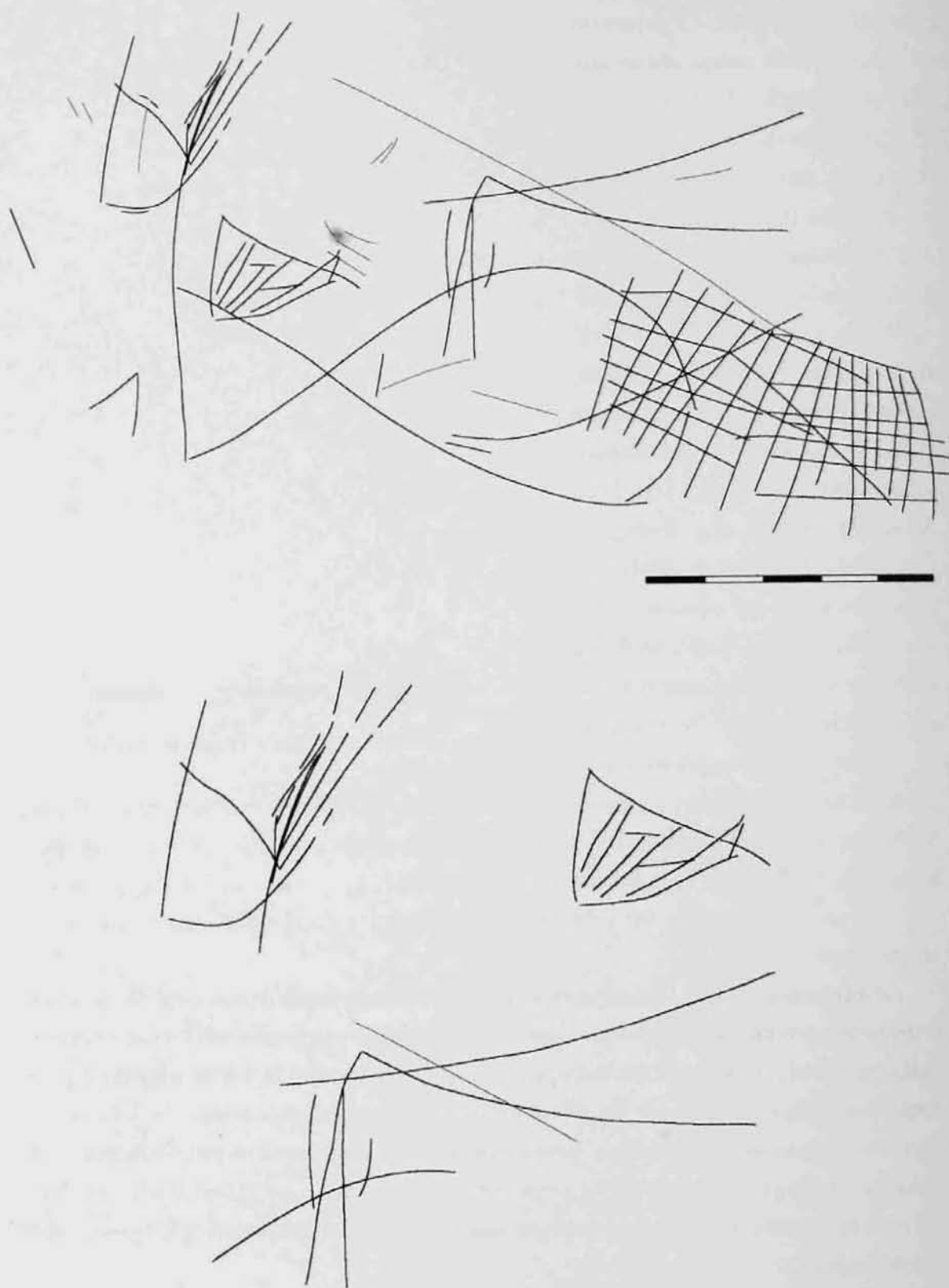
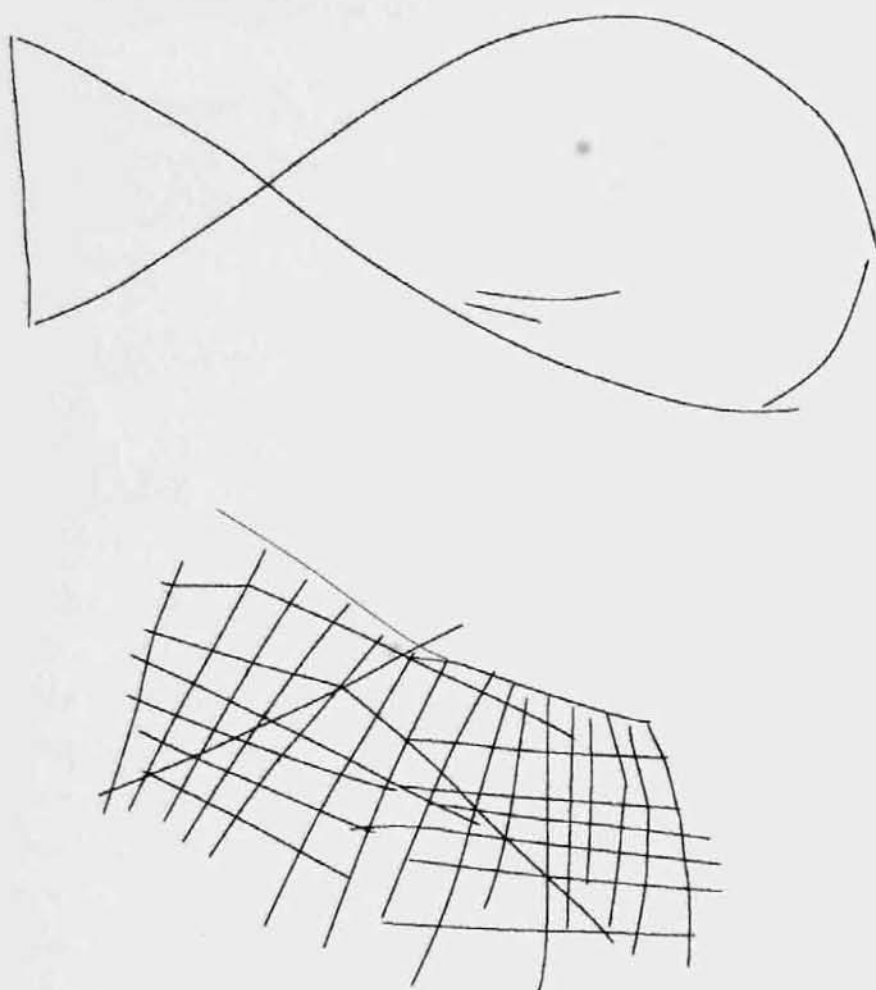


Fig. 53 – A cena do verso da placa 985.39.47. O desenho integral e o desdobramento em componentes. 1. cena integral; 2. escutiforme; 3. «triângulo voador»; 4. antropomorfo (?); na página seguinte, 5. peixe; 6. rede.



Estaríamos aqui perante uma «cena» ou composição referenciável à pesca, o que, considerando a proximidade do mar e a natureza da pesca no Algarve, poderia referir-se eventualmente a um tunídeo. Mas, como é evidente, e pela natureza esquemática do desenho (e ao contrário dos cavalos de Ekaïn...), torna-se impossível afirmar com a mínima certeza de que espécie de peixe se trata.

3.3.6. Integração regional e geral.

Se seguirmos a costa para Norte, o primeiro monumento com número significativo de placas que encontramos é o notável monumento megalítico da Pedra Branca (Montum, Melides).

O material está presentemente em revisão, mas o publicado (Ferreira, Zbyszewski, Leitão e Sousa, 1975, Fig.s I, J, K) remete-nos para uma realidade

mais diversificada que a de Aljezur, o que se compreende pela muito maior proximidade dos centros produtores.

Na Pedra Branca, há tipos de placa simplesmente ausentes de Aljezur: faixas zigzagueantes verticais (fig. I-3), faixas ascendentes partindo de uma coluna dupla vertical central (I-1), placas híbridas (I-4), faixas preenchidas verticais (I-4), placas com a Cabeça dentro da Cabeça rectangular (J-1), uma placa CTT (J-17), outra com simetria radial (K-25). E uma muito maior diversidade de modelos de Separadores Cabeça-Corpo, ainda que nenhum interior ao Corpo.

Mas também se registam similitudes impressionantes: placas com Cabeça incluindo «Orelhas de Coelho» (I-7) ou faixas radiantes (I-8) ou simplesmente Corpos com triângulos em bandas (2, 3, 4, 5, 6 bandas de triângulos). E, na orientação dos triângulos, uma placa (K-24) com triângulos com vértice para baixo (ainda que com um remate inferior de contra-triângulos, o que é comum para as faixas zigzagueantes, mas raro para os triângulos preenchidos).



Fig. 54 – A placa de Rogil, segundo Leisner e Leisner, 1959, Tafel 47, 6(10).

Sobre um contorno que não se afasta muito do da placa 985.39.44, de Aljezur, uma Cabeça com faixas radiantes, um pequeno Separador Cabeça-Corpo, com triângulos preenchidos, uma banda com triângulos dentro de triângulos, alternadamente preenchidos, outro pequeno Separador, idêntico ao de cima, e pelo menos duas bandas de triângulos preenchidos. No conjunto, temas centro-alentejanos tratados (localmente?), com um toque comum às placas da periferia alentejana...

Muito mais próximo, em Monchique, num universo muito «regional» de monumentos cistóides agrupados em necrópoles, as placas são raras e, por vezes, bizarras (imagens em Leisner e Leisner, 1959, Tafel 45, 4 (31), 8 (4, 5).

Em Buço Preto 7, temos uma placa com os mesmos traços verticais zigzagueantes no verso que encontramos muito a Norte, nas pinturas dos ortóstatos de Antelas. Com um indicador de fim de placa composto por triângulos com o vértice para baixo. Na face desta placa, também triângulos com o vértice para baixo e Separador de leitura difícil, devido à fragmentação da placa.

Em Rencovo, uma placa «clássica», com triângulos em banda, e uma outra, com uma decoração caótica na face (triângulos e faixas zigzagueantes em bandas) e com um bizarro verso moldurado. Também a fragmentação da placa não ajuda aqui a compreender integralmente o seu significado possível.

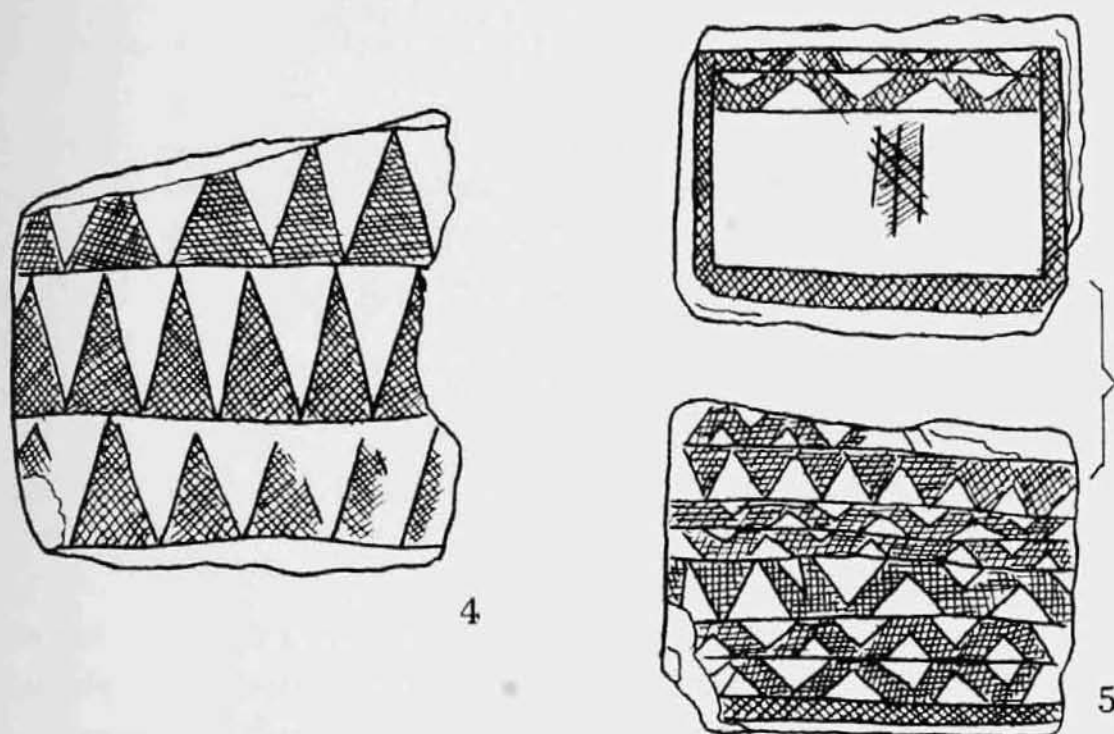


Fig. 55 – As placas de Rencovo, Monchique, a primeira, «clássica», a segunda com duas faces gravadas e motivos híbridos (segundo Leisner e Leisner, 1959, Tafel 45, 10(4, 5)).

Quanto a Rogil, temos outra placa estranha, com uma Cabeça com faixas radiantes e um Corpo com uma primeira banda de triângulos dentro de triângulos, o menor preenchido, o seguinte vazio, o último de novo preenchido, uma segunda e uma terceira banda apresentam triângulos «normais».

O restante universo comparativo refere-se ao conjunto já exumado de milhares de placas, e antes do nosso *Corpus* estar pronto seria prematuro falar de oficinas de talhe e de rotas de difusão. O exemplo do grande povoado-oficina de Águas Frias, que tenho em estudo com Manuel Calado, é um dos exemplos da diversidade de situações que teremos de enfrentar.

3.3.7. Resumindo

1. As necrópoles colectivas de Aljezur foram encontradas acidentalmente em 1881 e intervencionadas pouco depois por Estácio da Veiga, que se lhes refere nos volumes I e II da sua monumental obra *Antiguidades Monumentaes do Algarve* (1886 e 1887);
2. as placas de xisto gravadas de Aljezur, num total de 23, estão guardadas no Museu Nacional de Arqueologia e nunca tinham sido sistematicamente estudadas, o que agora se faz, no âmbito do Projecto «PLACA NOSTRA», no que é também uma objectiva homenagem ao grande pioneiro da Arqueologia em Portugal, o primeiro a produzir um estudo sobre um conjunto relativamente numeroso e coerente de placas de xisto gravadas;

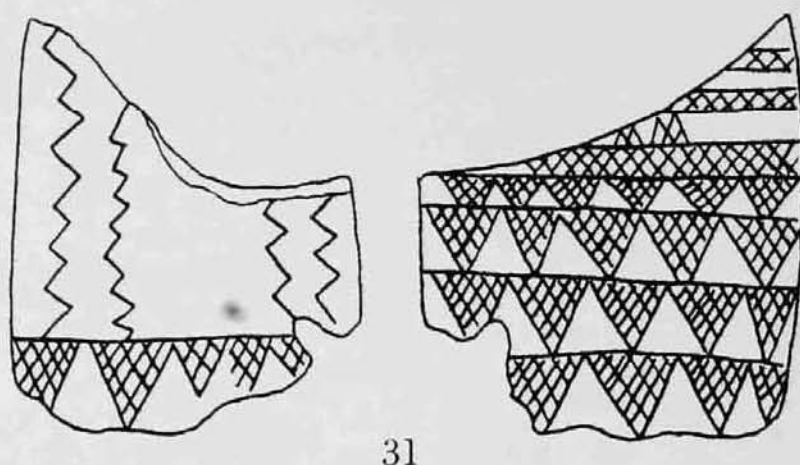


Fig. 56 – As duas faces da placa de Buço Preto 7 (Monchique), segundo Leisner e Leisner, 1959, Tafel 45, 4(31).

3. as necrópoles colectivas de Aljezur devem corresponder a um espaço funerário escavado no solo, mas não necessariamente assumindo o aspecto de hipogeus, e muito menos de grutas artificiais, como as que conhecemos na Península de Lisboa e Setúbal;
4. o estudo dos materiais arqueológicos associados às placas indica uma utilização muito homogênea, cultural e cronologicamente, localizável algures na primeira metade do 3º milénio a.n.e.;
5. existe alguma diversidade no conjunto de placas de xisto gravadas identificado em Aljezur. Isto, naturalmente, dentro dos modelos finitos de organização das placas. Mas notam-se algumas ausências no conjunto. Não existem aqui placas

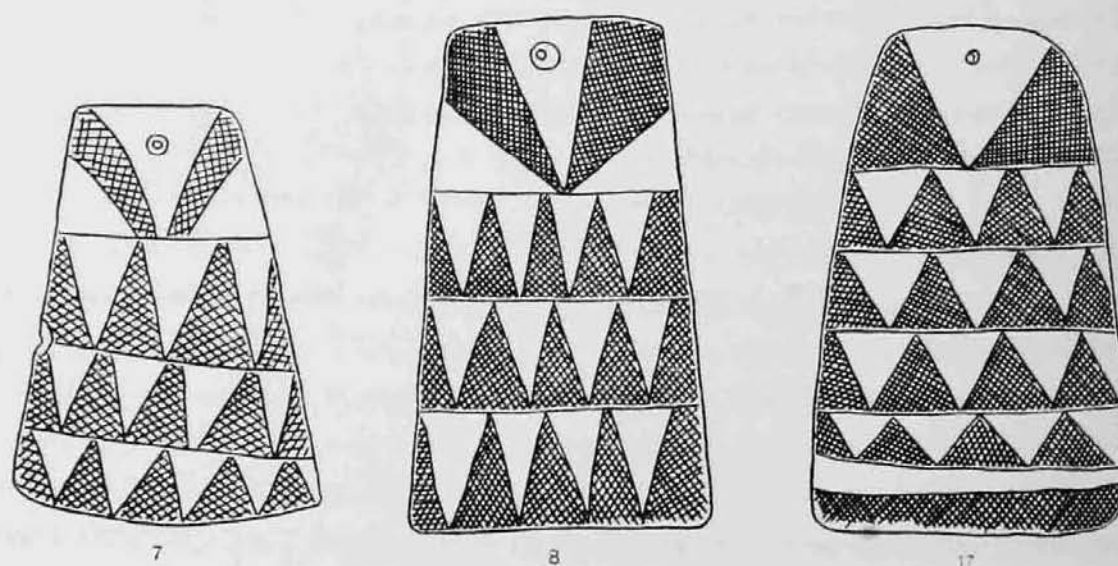


Fig. 57 – Três placas de xisto gravadas da Anta da Pedra Branca (Montum, Melides). A primeira e a segunda (respectivamente com «Orelhas de Coelho» e com faixas radiantes na Cabeça) idênticas a exemplares de Aljezur. A terceira é uma típica placa CTT, até agora ausente do Extremo Sul de Portugal (imagem remontada a partir de Ferreira, Zbyszewski, Leitão e Sousa, 1975).

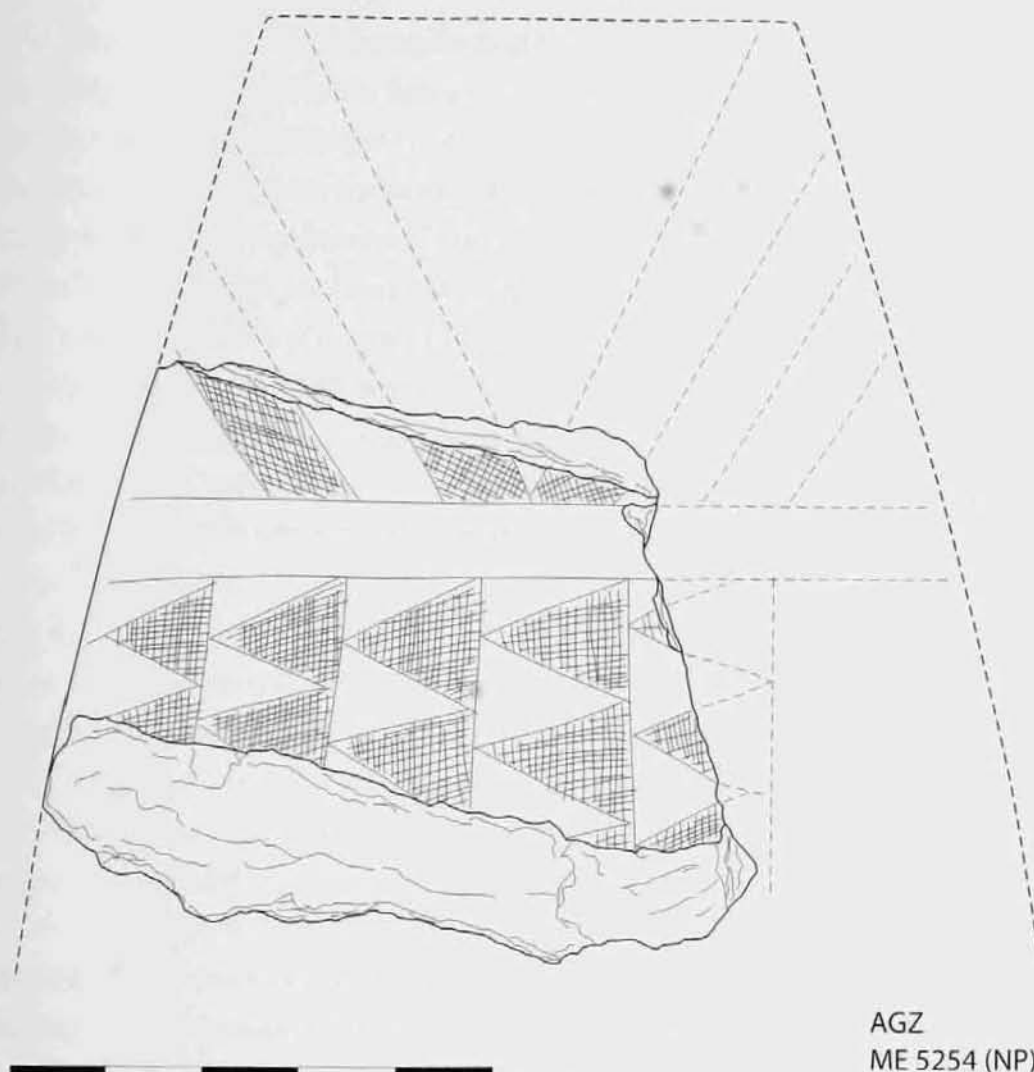


Fig. 58 – Um paralelo inédito para a muito rara placa 985.39.49 de Aljezur: a placa MEV. 5254, proveniente da Anta Grande do Zambujeiro (monografia em preparação no âmbito do Projecto «PLACA NOSTRA»).

recortadas, placas oculadas e, consequentemente, com Olhos de Sol. As placas com o xadrez como motivo principal do Corpo estão ausentes, tal como as mais raras placas híbridas e as placas decoradas com simetria radial. As placas CTT também não existem em Aljezur e as que apresentam a «síndrome das placas loucas» têm representação duvidosa. Em contrapartida, triângulos e faixas zigiguezagueantes estão bem representados e existe mesmo uma placa com faixas quebradas centradas, absolutamente idêntica aos modelos alentejanos. Também a Cabeça com «Orelhas de Coelho», tal como o uso de faixas radiantes, representa um caso típico de similitude com artefactos ideotécnicos de este tipo recolhidos em monumentos evoluídos do Alentejo central; 6. se seguirmos a costa para Norte, o primeiro monumento com número significativo de placas que encontramos é a notável anta da Pedra Branca (Montum, Melides). Algumas semelhanças entre placas dos dois conjuntos poderiam levar a crer que

os mesmos fornecedores passaram pelos dois sítios, numa rota ao longo da costa que está longe de ser improvável, mas que deverá ser objecto de estudo atento; 7. em relação à grande mancha megalítica do Alentejo central, os volumosos conjuntos de placas de xisto gravadas provenientes da Anta 1 do Olival da Pega (Reguengos de Monsaraz), da Anta Grande do Zambujeiro, do *tholos* do Escoural e da Anta 1 do Paço (Montemor o Novo), num total de mais de 700 registos, permitem estabelecer desde já um quadro comparativo eficaz, mas é também necessário rever as pequenas séries, para que melhor se compreenda o fenómeno da difusão das placas e do complexo mágico-religioso em que elas se inserem. Porque, como já escrevia em 1886 Estácio da Veiga, «Julgo haver sufficiente fundamento para se dever entender que as placas de schisto ardoso e a sua gravura ornamental tiveram origem neste tracto de terra, que há sete séculos se chama Portugal». Mas existindo certamente centros produtores nucleares e áreas periféricas, o todo traduzindo a dinâmica, a riqueza e a diversidade das antigas sociedades camponesas no Centro e Sul de Portugal.

And now for something completely different...

O fascínio pelas placas de xisto gravadas começa praticamente com o início da Arqueologia em Portugal, e continuará certamente muito para além de hoje.

O estudo das placas de xisto gravadas começa efectivamente com Sebastião Philippes Martins Estácio da Veiga, pese embora as diversas referências que antes dele são feitas às placas, normalmente, aliás, bem sucintas.

Mas já em 1878 Augusto Filipe Simões publicara algumas imagens e um curto comentário sobre as placas de xisto gravadas de Leiria (Monte Real) e Muge (a lendária «sepultura de Martim Afonso»). Sem avançar muito, aliás, sobre sentidos e significados.

Recordo também que Nery Delgado, no seu contextualmente irrepreensível estudo sobre a gruta da Furninha apresentado ao Congresso de 1880 (Gonçalves, 1980a, resumido em 1993e), refere simplesmente: «Nous avons trouvé de plus, dans la salle principale, deux plaques trapézoïdales de schiste l'une au bout du corridor d'entrée et l'autre au milieu de la salle. La première, *fig. 39*, est d'ardoise ordinaire; elle a une face ornée de bandes en chevrons alternativement unies et couvertes de traits croisés. L'autre plaque est de schiste très micacé, luisant, et par cette raison peut-être n'aurait pas nécessité de dessins sur la surface. Toutes les deux ont les angles arrondis et un trou circulaire de suspension du côté de la moindre base, pour être portées comme enseigne ou comme amulette.» (Delgado, 1884, p. 234).

Trata-se, sem dúvida, da precoce identificação das duas grandes famílias de estes peculiares artefactos ideotécnicos, o xisto e o grés, este último constituindo suporte para decorações específicas e para verdadeiros baixos relevos, e pouco referido à época.

Estácio da Veiga insere-se na grande linhagem dos pais fundadores da Arqueologia em Portugal, num período de luzes e sombras (Diniz e Gonçalves, 1993-1994). A sua leitura das placas de Aljezur, e o facto de considerar o conjunto de tão grande importância, nem sequer é interrompido pela descoberta, a todos os títulos espectacular, da necrópole de Alcalar, de onde apenas uma placa viria a ser publicada.

Ao longo do tempo, as placas foram objecto de estudos muito rápidos (todos os antes de Estácio da Veiga e muitos dos que vieram depois) ou de algum modo mais pormenorizados. Atraíram arqueólogos sérios, amadores mais ou menos diletantes e também criaturas em safaris arqueológicos, ignorantes de contextos, ausentes do terreno como arqueólogos de campo e leitores simplistas de realidades que não entendem.

Lembro-me frequentemente de uma frase incluída num *site* americano de imaginativos e simpáticos vendedores de T-shirts (de que, aliás, sou cliente), e atribuída a Sam Brown: *never offend people with style if you can offend them with substance...* mas, como sempre, e para tudo, há limites.

Após Gimbutas, que em cada figuração feminina via uma Deusa, o complexo judaico-cristão, na sua vertente *wasp*, com verdadeiro horror às imagens relacionadas com o sagrado, quis expurgar de determinadas posições de leitura uma perspectiva em que o simbólico e o sagrado se equilibram. Preferindo ou «explicações» *pseudo-techno* ou miríficos comparativismos oceânicos, ou não fosse o Pacífico, mais que a desacreditada África, a terra de eleição para antropólogos cansados das grandes cidades. E, pelo menos, Margareth Mead teve a coragem de o dizer...

Nenhuma perspectiva é de afastar, quando nos aproximamos de um fenómeno tão complexo como o das placas de xisto gravadas?

A resposta é dupla, mas está longe de ser ambígua: claro que nenhuma perspectiva é de afastar, mas todas as situações devem ser analisadas, por ordem de proximidade estrutural e por ordem de proximidade geográfica e por ordem de proximidade contextual. E afastando o triste primarismo dos comparativismos fáceis ou o aventureirismo dos que falam de realidades que mal conhecem ou as dissociam dos indispensáveis contextos. E que me desculpe Sam Brown, cuja obra admito importante, mas confesso desconhecer...

O facto de 105 anos depois da sua descoberta ter sido recuperado o conjunto das placas de xisto gravadas de Aljezur, agora de forma integral, no âmbito do Projecto «PLACA NOSTRA», evidencia bem que caminhos pisados não são forçosamente caminhos inúteis de percorrer de novo, e que muito podemos sempre aprender com os que antes de nós vieram, acrescentando às suas contribuições os grãos de saber que o avanço da ciência agora permite. O avanço da ciência, outro justificado mito e amada esperança de finais do séc. XIX.

Lisboa, Inverno de 2004

APÊNDICES

Dois textos de Estácio da Veiga. Sobre Aljezur e sobre as placas de xisto gravadas.

Seleccionaram-se dois textos retirados dos vols. I e II das Antiguidades. O primeiro refere tanto as condições da descoberta como uma descrição do sítio da necrópole de sepulcros colectivos de Aljezur; o segundo é o primeiro a tratar, tão sistematicamente quanto à época era possível, as placas de xisto gravadas.

Ambos são textos fundamentais, mas consideradas as dimensões, e o menor interesse contextual das partes terminais do segundo, a sua reprodução integral pareceu-me excessiva no contexto de este trabalho e do próprio Arqueólogo Português.

Mas o que se torna agora de novo acessível é, por si só, bem significativo e ilustra de forma ampla o que se foi dizendo ao longo do texto de este trabalho.

1. ALJEZUR

(Antiguidades Monumentaes do Algarve, vol. I, p. 145 a 149)

[145→] ALJEZUR – A estação de Aljezur servirá de ponto de partida para todas as mais do Algarve e de ligação com as estações synchronicas já conhecidas ao norte e nordeste d'aquella villa em outras provincias do reino. A sua manifestação foi verdadeiramente casual, mas de grandissima, importancia. Bem a presenti eu quando á minha mão chegaram vários instrumentos de pedra alli achados, assim como presumo estarem ainda por descobrir n'aquelle tracto de terra, ao norte, leste e ao sul, outras estações não menos importantes, que não ousei indicar na carta por não estar auctorisado a comproval-as.

No flanco direito, e a curta distancia da igreja da Senhora [146→] da Alva, mandou o sr. José da Costa Serrão, administrador do concelho de Aljezur, meu antigo amigo e correspondente, fazer arrancamento de material para uma obra que tinha em construcção. Notando que muitas pedras excediam o plano do terreno adjacente áquelle templo, e desejando ao mesmo tempo deixal-o com melhor nivelamento, preferiu tirar primeiramente as mais salientes, e foi então que verificou pertencerem a uma construcção subterranea, que logo tratou de examinar, achando um deposito com muitos ossos humanos, numerosos instrumentos de pedra e outros objectos, que cuidadosamente colligiu e mui obsequiosamente me remetteu para a minha collecção de antiguidades.

Levei ao conhecimento do governo o descobrimento, lembrando a conveniencia de ser aquelle deposito explorado em devida regra, assim como indiquei outros logares pelos já conhecidos caracteristicos que os recommendavam, a fim de se supprirem varias lacunas em que laborava a carta prehistorica e a obra descriptiva correspondente, e ordenada a exploração complementar que tinha proposto, uma

serie de valiosas descobertas consegui reunir ás que antecederamente havia feito.

Quasi em frente da porta lateral que a igreja matriz da Senhora da Alva aponta para o norte, fazendo partir uma linha de 15 metros do angulo extremo da primeira pilastra, ao poente, e outra de 14 metros do angulo extremo da que lhe fica ao nascente, o ponto em que se encontram as duas linhas marca o centro de um deposito mortuario de todo o ponto singular pela novidade da sua excepcional configuração. Foi este deposito aberto por excavação no carbonifero inferior, que constitue a formação geologica dominante ao sul da margem esquerda do rio de Aljezur, sendo apenas a curtos espaços interrompida por algumas afflorescções do terciario marinho.

Mostra a planta da excavação, estampa A, fig. a, uma figura irregular, formada por seis curvas ligadas entre si á feição de hemicyclos. As cordas correspondentes a estas curvas variam desde 1^m,70 a 2^m,30, variando também de 1^m,05 a 1^m,30 as perpendiculares levantadas ao meio dessas cordas, que, com di- [147→] versas grandezas, se ligam. fechando um espaço polygonal inscripto no perimetro geral. Além das ditas curvas, ha vestigios de outras, parecendo terem pertencido a duas fileiras de arcos de circulo, que seguiam obliquamente no sentido de nor-noroeste.

O perfil, ou córte, fig. b, indica, porém, que a excavação foi ordenada por uma serie de planos horisontaes com diversas larguras, dispostos á similhaça de escada, tendo cada um 0^m,20 de altura até o mais inferior, cuja profundidade, em relação ao mais elevado, é de 1^m,10, medindo a extensão geral da linha, em que correm os planos ainda existentes, 9^m,80.

Não ha vestigios de galeria de entrada, faltam igualmente os do tecto ou cobertura que fechou aquelle espaço, em que varios diametros se cruzam com 6 e mais metros de comprimento; não ha, emfim, o minimo indicio apparente do tumulus ou monticulo, que necessariamente existiu, cobrindo e resguardando aquella um tanto complicada mansão, consagrada ao abrigo dos mortos; o que todavia bem pode explicar-se, sabendo-se que todos os terrenos altos, adjacentes ao plano em que o benemerito bispo D. Francisco Gomes de Avellar mandou construir a nova igreja de Aljezur, foram cortados e nivelados para se abrirem arruamentos destinados ás familias, que na, villa antiga, residiam nos sitios mais insalubres.

Não podia, pois, escapar a *estação tumulus*, que a tão curta distancia ficava da igreja, dando-se ao mesmo tempo a circumstancia de ter sido construida a denominada *Estalagem da igreja nova*, indicada pela planta na contiguidade e mesmo sobre uma parte do deposito mortuario. A prova, pois, de que o terreno que circumdava a nova matriz era mais elevado e foi abatido, demonstra-se á simples vista, observando-se os córtes de nove covões excavados na rocha e figurados na mesma estampa A, que o povo geralmente julga terem sido celleiros antigos, mas que podem ter primitivamente servido de habitação, entre os quaes alguns achei com bem poucos

centímetros de profundidade, quando a dos outros, indicados na carta prehistorica, medeia entre 1^m,50 e 7 metros, como são os do castello de Silves.

[148→] A estação mortuaria de Aljezur já estava portanto cortada e desfigurada, quando em 1881 o sr. Costa Serrão a mandou excavar; mas, pelas informações que obtive quando alli cheguei, presumo que os dois planos inferiores nunca tinham sido invadidos, porém simplesmente entulhados quando se nivelou o terreno para a construcção da igreja e de varias casas; pois foi precisamente n'esses planos, que o sr. Serrão achou os numerosos objectos com que mui obsequiosamente engrandeceu a minha collecção de antiguidades.

Faltam algumas noticias relativamente ás condições de collocação e da relação em que estavam os ossos humanos com os artefactos que os acompanhavam. Os operarios confundiram tudo, levando a sua grosseira bruteza a quebrarem com as enxadas cinco craneos que viram encostados ao hemicyclo marcado na planta com a letra a, e a espalharem os ossos, que dizem ter visto amontoados em frente de cada craneo. Sendo, porém, minuciosamente inquiridos, affirmam, *que os craneos eram muito compridos e descabidos para traz*, o que bem deixa presumir que pertenciam a individuos da velha raça dolichocephala, alli sepultados com o corpo dobrado pelas articulações dos fémures, apoiando a cabeça sobre os joelhos, como estava em muita pratica nos *dolmens*, nos *cistos* e n'outras sepulturas da ultima idade da pedra. Era pois a mesma fórmula de enterramento que descreve o sr. G. de Mortillet, dizendo:

«Le corps y était déposé accroupi, la tête inclinée sur les genoux repliés.»

O sr. Costa Serrão não explorou completamente aquelle interessante deposito, porque, vendo reduzidos a fragmentos os craneos que pretendia tirar inteiros para me offerecer, sentiu-se desgostoso e mandou entulhar toda a excavação, receiando novos estragos antes da minha chegada. Coube-me, pois, a exploração completa, em que fui muito auxiliado com a vigilancia e assiduos cuidados do meu intelligente amigo o rev.^{do} padre Nunes da Glo- [149→] ria, que de tudo tomou nota nos esboços que levantou com inexcédível exactidão.

Os entulhos foram de novo tirados e escolhidos por uma fileira de mulheres para que nada escapasse.

Gruparam-se os ossos humanos pela maior parte já destruidos, podendo ainda assim calcular-se não representarem menos de trinta pessoas. Havia poucos ossos de animaes, mas entre elles alguns dentes de um *squaloide* terciario extinto do genero *Carcharodon*, que posteriormente foram tambem observados na grande caverna da Sinceira, que vae indicada na carta; o que leva a presumir, que não deixaria aquella caverna de ser frequentada pelos individuos que associaram aquelles dentes, que bem podem ter servido de instrumentos de trabalho, aos outros objectos que possuiram e com que foram sepultados.

De sílex descobri ainda algumas pontas de frecha e uma de lança, algumas facas e serras, juntamente com dois nucleos de crystal de rocha. Conservava-se intacto um empilhamento de machados polidos de schisto amphibolico junto ao hemicyclo do plano inferior, marcado, na planta, com a letra a, achando-se alli tambem tres esboços preparados para machados, dois percutores, um desgastador de grés vermelho, umas cabeças de alfinetes de osso, uma placa de schisto com gravuras e varios pedaços de louça destruida.

Tudo isto, porém, era muito pouco em relação aos numerosos e interessantes objectos, que o sr. Costa Serrão já me havia antecedentemente offerecido, e por isso vou dividir em grupos todo o peculio extrahido d'aquelle deposito para melhor idéa se formar das suas especialidades.».

2. AS PLACAS DE XISTO GRAVADAS EM 1887

(*Antiquidades Monumentaes do Algarve*, vol. II, p. 429 a 453)

[429→]

PLACAS DE SCHISTO DE PORTUGAL

Gravura neolithica

SUMMARIO

Mostra-se que Portugal é o unico paiz da Europa que tem manifestado placas de schisto com gravura ornamental. — Placas que consta terem sido descobertas até á data da publicação d'este livro. — Duas fórmas principaes. — Estylo do desenho. — Origens da forma triangular ou pyramidal, achadas na natureza physica e na industria dos tempos mais remotos. — Attribute-se a este estylo de desenho uma significação symbolica. — Conceitos que suscita a fórma das placas do segundo grupo. Exemplares até hoje conhecidos. — Vagas presumpções derivadas da sua analyse. — Artefactos com o mesmo estylo de lavor ornamental. — Monumentos e condições em que foram achados. — Argumentos contrarios á theoria que refere o progresso industrial do periodo neolithico e o espirito religioso denunciado pelos monumentos a migrações de raça brachycephala provindas da Asia. — Fundamentos com que se póde julgar que as placas de schisto, o seu ornato e qualquer significação symbolica, que houvessem tido, tiveram origem n'este territorio. — Noticia, não comprovada, de terem apparecido na America do Sul placas de schisto com lavor similhante ás de Portugal. — Notavel parecença de muitos artefactos d'aquella região com os do Algarve. — Suppõe-se a possibilidade da communicação entre os dois hemispherios no periodo neolithico. — Presumpção de que a ultima idade da pedra se haja manifestado mais tarde no sul da America do que na extrema zona occidental da Europa. — Deduzem-se os limites de duração do uso das placas de schisto. — Lacunas que ha entre as estações prehistoricas de Portugal onde têm apparecido placas de schisto gravadas, e como podem ser preenchidas. — Ordenação geographica das referidas estações e carta ethnographica que as indica. — Estampas reproduzindo varios typos de placas de schisto com gravuras de diverso lavor.

É este o unico paiz da Europa, que tem por emquanto manifestado placas de schisto ardosiano com gravura ornamental.

Até á data da reunião do congresso de anthropologia e de archeologia prehistorica, em Lisboa, apenas alguns collectores portuguezes as conheciam. Os sabios congressistas estrangeiros viram-n'as pela primeira vez no museu mineralogico da escola [430→] polytechnica, no museu da secção geologica e no museu archeologico do Algarve, por mim colligido e fundado no extincto convento de S. Francisco de Lisboa, onde jaz um simulacro de academia de bellas artes.

No museu de varias cousas antigas e modernas, existente nas ruinas da antiga igreja do Carmo, ainda então, se bem me recordo, não tinham tido entrada uns tres exemplares, que alli se mostram agora aos visitantes, como representando as *commendas que usavam os celtas*¹, e por isso os congressistas estrangeiros saíram de Portugal sem saberem a significação das placas gravadas, porque nenhum dos directores dos outros museus tinha podido fazer tão importante descobrimento.

Recorrendo aos museus, ao favor do alguns collectores particulares e ás minhas collecções, tenho conseguido reunir copia exacta de cincoenta e seis placas e vinte e tres fragmentos de outras.

Com estas estampas á vista, parece-me poder dividil-as em dois grupos distinctos:

O 1.º acha-se comprehendido entre a fôrma rectangular e a semelhante á do trapesio resultante de um plano vertical passando pelo eixo de uma pyramide conica troncada, cujo perimetro é determinado por quatro linhas rectas ou ligeiramente arqueadas, sendo as lateraes quasi sempre mais extensas do que a da base e esta geralmente maior que a da extremidade superior.

O 2.º é assaz diverso na sua configuração: representa approximadamente o plano do cóрте que passasse pela curvatura e parte da haste de um cajado. Tem a fôrma de *crossa*, dizem os que entendem de anatomia; mas não foi a *crossa*, presumo eu, que os artistas da ultima idade da pedra quizeram figurar, porque mui provavelmente nunca teriam tido noticia de tal cousa, apesar de haver já então mui habéis curandeiros e operadores cirurgicos. [431→]

O dr. Augusto Filippe Simões, olhando para um exemplar, extrahido da sepultura de Martim Affonso, chamou-lhe *baculo*, o que não pouco contraria o conceito dos que julgam ver na configuração de tal objecto uma symbologia do *Phallus*. Quanto a mim, declaro não saber o que foi, nem para o que serviu. Cuido, porém, que sendo assaz singular aquella fôrma, e sempre semelhante nos raros exemplares que conheço, poderá ter obedecido a uma idéa reservada.

¹ No museu do Carmo não há sómente que admirar as *commendas que usavam os celtas*, mas a pia em que se baptisavam os mouros, e outras cousas unicas.

Entretanto, não ha ver em algum dos dois grupos duas placas com fórmãs, dimensões e desenhos iguaes, assim como tambem é variavel a sua espessura, mais ou menos delgada, do mesmo modo que na rocha se operou por successão de camadas sob a própria *structura schistosa*, que igualmente se observa em diversas especies de argillas e de grés.

O estylo do desenho, abrangendo numerosas variantes, é todavia mantido nos dois grupos de placas. Em grande parte predomina a figura triangular ou angular, formando fileiras associadas a umas barras horisontaes, obliquas, ou dispostas em angulos e geralmente subordinadas a uma distribuição symetrica. Não parece ter sido inventado este desenho mas imitado de alguma cousa existente na natureza ou na industria, que houvesse attrahido a attenção e o gosto do imitador. O buril de silex o perpetuou pela gravura.

Sabido é que a fórmula triangular representa as mais remotas manifestações da industria humana. Appareceu com os primeiros instrumentos de silex do grande periodo quaternario, e até se mostra n'outros semelhantes, que se diz terem sido fabricados nos tempos terciarios por uma entidade, *que não era o homem propriamente dito, mas o seu progenitor*, o que equivale a dizer-se, que o homem não descende do homem!

No periodo neolithico a fórmula triangular reapareceu disseminada e mais nitida n'uma serie de diversos artefactos, sendo já então tradicional, porque nunca se perdeu durante os tempos geologicos. Teria, pois, esta tradição suggerido um culto de veneração, consagrado á memoria dos primeiros productos do trabalho humano?

A completa ausencia do sentimento religioso dá-se como sendo um caracteristico do homem dos tempos geologicos, e portanto não ha que procurar nas fórmãs triangulares d'esses tempos uma symbologia, um mysterio, ou a revelação de uma idéa phantasiosa, ao passo que no periodo neolithico se acham ossos humanos e os de muitos animaes atravessados por pontas triangulares de silex; o que me parece não poder significar uma edificante expansão de espirito religioso, mas o ódio do homem contra o seu semelhante e a insaciavel voracidade com que sempre viveu á custa do sangue das suas victimas, por ser o mais cruel, fraudulento e traidor de todos os carniceiros.

A forma triangular, praticamente reconhecida como sendo a que melhor convinha ás armas de arremço, foi a que o uso adoptou, passando a ser empregada no lavor das placas de schisto e de outros mui diversos artefactos, como pouco mais adiante indicarei, e a que tambem se viu mui posteriormente exemplificada em grandiosas construcções monumentaes desde o Egypto até o Mexico e em mais algumas regiões da terra, do mesmo modo que ainda hoje se vê figurar em muitas composições de desenho ornamental.

Na ultima idade da pedra teve pois grande desenvolvimento e levou-se á mais caprichosa perfeição, como o estão mostrando as variadissimas pontas de frecha de silex e de outras rochas e bem assim as pontas de lança achadas nos depositos neolithicos do Algarve, cuja configuração representa a secção transversal das famosas laminas bipont'agudas da terceira epocha quaternaria.

Mas o homem da ultima idade da pedra não precisava empregar nos seus desenhos e gravuras a forma dos projectis de silex, porque muito mais nitida já elle a tinha achado na natureza, e por isso acima disse, que a fórma triangular ou pyramidal poderia não ter sido inventada, mas imitada. Existia ella em toda a terra, distribuida pelos polyedros geometricos da *crystalli-* [433→] *sação*, e o homem neolithico conhecia e procurava os *crystaes*, dando especial apreço ao quartzo *crystallino* de que se utilisava para destacar as mais delicadas laminas cortantes e para talvez lhe servirem de adorno os proprios nucleos, que não poucas vezes achei em varias estações do Algarve; pois n'esses chamados *crystaes* de rocha, como n'outros muitos, é frequente o triangulo isosceles, geralmente o mais usado na gravura das placas. Além d'isto, os losangos com que o gravador neolithico ornamentava as pyramides e barras transversaes ou obliquas, tinha-os tambem modelados pela natureza, na *structura dendritica reticulada* de varias substancias metalloides, que não escapariam talvez á sua observação assaz adestrada na escolha das rochas mais apropriadas á fabricação das armas e dos instrumentos de trabalho, de que careciam as suas habituaes necessidades.

Teria o homem neolithico alguma noção da gravura que caracteriza a ultima epocha dos tempos quaternarios? É possivel que chegasse a ver alguns padrões avulso da arte paleolithica, mas certamente não conheceu os que havia milhares de annos jaziam nos depositos mortuarios dos seus antecessores, porque elle, o instaurador do respeito pelos mortos, o infatigavel architecto dos monumentos funerarios, nunca poderia ser o violador dos abrigos em que repousassem ossos humanos; e tão verdadeiro é este conceito, que nas mansões mortuarias neolithicas não se acham artefactos da industria quaternaria, salvo alguma rara excepção.

Se com effeito chegou então a ser vista alguma gravura pre-neolithica a muito apertar poderia contribuir com varios elementos isolados para a composição do desenho das placas: tal seria a de alguns dardos e harpões de osso semelhantes aos que, foram extrahidos por Lartet e Christy da estação da Magdalena (Dordogne), e da de Bruniquel (Tarn et Garonne) por L. Brun; pois n'esses instrumentos se observam uns pequenos traços transver- [434→] *saes*, verticaes e obliquos, e n'um d'elles umas fileiras de linhas em ondulações, cujos desenhos são representados pelos srs. de Mortillet no *Musée préhistorique*, com os n.ºs 178, 180, 181 e 183 a 185 na estampa xxv. Poderia citar mais alguns, mas julgo escusado insistir n'esta hypothese.

A meu ver, a gravura neolithica não se póde comparar com aquella dos ultimos tempos geologicos que deixou figurados os indivíduos mais typicos da fauna que cessou de viver e que em parte emigrou para as regiões polares. Não se transmittiu essa arte aos *tempos actuaes*; teve a sua quadra de duração, começada com as manifestações esculpturaes da terceira epocha quaternaria e de todo se extinguiu na immediata e ultima. A arte neolithica não descende d'ella, não a imitou, não a conheceu, talvez; é outra muito diversa; tem por typo o desenho geometrico; é original e unica no seu genero. Largo tempo teve para se poder constituir sem dependência de estranhos elementos, sabendo-se que entre os ultimos tempos geologicos e aquella phase do periodo neolithico a que pertencem as placas de schisto, decorreu um outro periodo de immensa duração, em que lentamente se operaram as grandes transformações que distinguem as duas epochas, principalmente com referencia ao clima, de que resultou a extinção de umas especies quaternarias e a emigração de outras, um novo desenvolvimento na fauna, a apparição de novos typos ethnicos (?) e uma quasi completa innovação na industria, no pensar e nos costumes.

Ha quem presuma ver no desenho das placas uma tenção emblematica, uma symbologia mysteriosa, e até uma legenda hieroglyphica, como ocorreu ao distincto escriptor americano o sr. Florentino Ameghino, que diz serem taes desenhos *compostos de uma combinação de linhas e pontos mui difficeis de decifrar*; mas nos desenhos que conheço, não vejo pontos nem figuras, que possam encaminhar-me até o inextricavel labyrintho dos hieroglyphicos, nem mesmo dois padrões iguaes, ao passo que noto haver alguns, cujo ornato não abrange a figura triangular. Em presença d'estas circumstancias, ou se ha de admittir que cada [435→] desenho tinha uma significação especial, e n'este caso o numero das symbologias era igual ao de todos os desenhos já conhecidos, ou que esse labor, de tantas variantes, apenas se deve considerar como simples gosto de ornamentação.

Vê-se portanto que o gravador, não sendo obrigado a copiar modelos com certo e determinado numero de barras horisontaes ou obliquas, de fileiras de triangulos e outras figuras, para com todos estes symbolos, contados e dispostos a preceito, significar o posto, a qualidade e mais immunidades dos personagens a quem competia usar taes divisas ou insignias, apenas se propunha produzir o maior numero possivel de padrões diversos.

A significação das placas gravadas não é conhecida, nem se póde deduzir das condições archeologicas em que foram achadas no Algarve, onde geralmente appareceram misturadas com ossos humanos, instrumentos lascados de silex, de pedra polida, louças e outros objectos, não havendo entre elles um unico artefacto metallico. Tenho portanto de inscrevel-as no periodo neolithico.

Não sei se em iguaes condições estavam as que foram achadas nas cavernas, grutas e antas, que indico na respectiva carta, nem que situação occupavam nos poucos depositos onde appareceram umas pontas de frecha de cobre ou de bronze, porque não conheço perfis que mostrem a disposição que n'elles tinha o peculio funerario, em meu entender, fundamentalmente neolithico; pois se os objectos metallicos occupavam camadas superiores sem contacto algum com as placas, podem significar o resultado de uma occupação menos antiga; se tudo estava misturado, a conclusão a que seria possivel chegar-se, era que o uso das placas de schisto ainda permanecia quando o cobre ou o bronze manufacturado começou a manifestar-se; se finalmente os depositos estavam revolvidos, nenhuma conclusão positiva se póde apurar.

Que as placas de schisto com gravuras tiveram uma significação qualquer e um determinado uso, parece incontestavel.

Os srs. de Mortillet dando a nomenclatura de *pendeloque* a um exemplar da escola polytechnica de Lisboa, pensam que as [436→] figuras triangulares possam ter tido um sentido religioso, como varios triangulos de schisto e lignite com orificio, que acharam em alguns *dolmens* do seu paiz.

Nenhuma intenção de symbolismo parece revelar a fôrma das placas do primeiro grupo; todas têm junto ao bordo superior um ou dois orificios, deixando presumir que seriam objectos de trazer suspensos, como com effeito mostram alguns já um tanto abatidos e roçados pelo attrito do cordão, ao passo que outros conservam ainda as estrias de rotação, produzidas pelas pontas de silex que os abriam por um e outro lado.

A fôrma, porém, das placas que constituem o segundo grupo, já notei ser tão excepcional, que logo inspira uma significação reservada. Esta singularidade, a raridade com que apparecem, e a situação dos seus respectivos depositos, são circumstancias que ao mesmo tempo concorrem, suscitando a presumpção de que tivessem representado uma symbologia mysteriosa, um culto, ou uma seita, que houvesse sido privativa d'esta zona geographica da peninsula, comquanto cousa alguma se possa affirmar.

São quatro, por emquanto, os exemplares que conheço e me consta terem apparecido em Portugal, um na anta da Estria (Bellas), um na gruta da Cesareda, um na sepultura de Martim Affonso (Mugem) e tambem um na anta da Cabeça (Castello de Vide). Diz-se que appareceu outro em Aljezur, mas não o conheço, e é possível que mais alguns estejam logrando a impenetravel sombra de varias collecções particulares.

O exemplar de Cesareda (gruta da Casa da Moura) e o da Estria são gravados nos dois lados. O primeiro tem tres orificios junto ao bordo estreito e o segundo apenas dois, um no bordo anterior, onde as duas curvas parecem convergir e ligarem-se, e o outro junto ao bordo da haste, no mesmo lado. Já se vê, que os orificios serviriam para que as placas podessem ser usadas como objectos de trazer

pendentes sobre o peito, para por elles [437→] serem penduradas em algum lugar reservado, ou cavilhadas e seguras em hastes fendidas.

A tenue espessura d'estes artefactos e a fragilidade propria da rocha não parecem abonar o conceito de que podessem ser usados como enfeite. Não resistiriam estas placas ao mais leve choque sem se fracturarem, e por isso parece, que sendo ornadas de tão custoso trabalho artistico, não se exporiam a ser facilmente destruidas. Póde-se talvez julgar que seriam destinadas a estarem penduradas ou fixas em algum lugar privilegiado, como representando a symbologia de um culto a que pertencessem os artefactos que apparecem com o mesmo lavor ornamental.

É assaz temeraria esta conjectura, e em tão subido grau, que não é possível defender-se, mas simplesmente emittir-se com as devidas reservas.

Ha porém um facto, que um tanto contribue para se poder presumir que as placas de tal configuração deveriam estar fixas em algum lugar reservado.

A da sepultura de Martim Affonso não tem orificios, e appareceu com gravura n'um só lado, sem comtudo chegar até o fim da extremidade estreita, onde termina em secção lisa, que bem poderia haver-se assim deixado para ser introduzida e betumada n'outra peça fendida para se arvorar á feição de cajado (do mesmo modo que se a da Casa da Moura tivesse sido cavilhada n'uma haste de madeira) ou mais provavelmente para se fazer adherir a superficie não gravada a um cepo de pau ou de pedra, se com effeito tivesse uma significação emblematica e fôsse destinada a um culto de veneração. Em reforço d'esta idéa cito um fragmento inedito, offerecido com mais duas placas do primeiro grupo ao sr. Teixeira de Aragão pelo sr. marquez das Minas. Foram extrahidos estes objectos, juntamente com instrumentos de quartzo e louças, da anta da Cabeça, situada na herdade do Baldio, pertencente ao concelho de Castello de Vide e ao distrito de Portalegre.

O fragmento da forma de cajado perdeu uma grande parte da haste; não tem signal algum de orificio, e na face opposta á [438→] que ficou ornamentada, apresenta uma superficie lisa e horisontal, mas com visiveis vestigios de gravura intencionalmente destruida.

É o mesmo que se observa no exemplar da sepultura de Martim Affonso, cujo lavor é mui semelhante ao do que foi achado em excavação na anta da Cabeça; o que deixa presumir que os dois exemplares foram preparados, não para se trazerem pendentes do peito, mas para se poderem adherir a superficies igualmente lisas, onde não corressem o risco de se fracturarem. Não mostram pois os dois referidos exemplares indicio algum de terem podido ser usados como enfeites de suspensão.

Não deixam porém estas placas reconhecer qual seria a disposição que teriam, quer fôsem adherentes a um cepo para estarem fixas, quer estivessem penduradas

em lugar reservado, ou se trouxessem pendentes, sendo n'este caso ligadas a outra peça as que não tivessem orifícios; pois o exame que n'este sentido se póde fazer, não dá um resultado uniforme.

A placa da gruta da Cesareda, como já disse, tem os orifícios alinhados junto ao bordo da extremidade estreita: se era objecto de se trazer pendente, a grande curvatura ficaria para baixo; se era cavilhada n'uma haste fendida, ficaria para cima, á feição do cajado. Poderia também ser cavilhada n'uma peça adherente a um plano vertical, para ficar perpendicular ao mesmo plano, a fim de serem visíveis os seus dois lados gravados.

Na mesma posição poderia collocar-se a da anta da Estria, se os seus dois orifícios fôsem cavilhados n'uma haste bifurcada e fendida nas extremidades, porque para se presumir que podesse trazer-se pendente de cordão ou ser pendurada, a sua disposição pareceria invertida, por ficar para cima o bordo interno da haste que converge com a linha da grande curvatura.

Parece pois preferível suppor-se, sem que todavia cousa alguma se deva certificar, que a disposição d'estas placas, que julgo serem um tanto emblematicas, poderia ter sido a horizontal com referencia ao bordo externo da haste; e tendo-se em vista o lado gravado das placas que não têm orifício, a grande curva- [439→] tura ficaria para a esquerda do observador e a extremidade, estreita para a direita.

Esta disposição era a que tinha um *Phallus* esculpido em pedra calcarea, achado no grosso da muralha do castello de Faro, quando foi demolido o lanço contiguo ao Arco da Villa para ser construído o edificio das repartições publicas, e era tambem a disposição que se dava na epocha romana áquelle symbolo, quando se trazia pendente sobre o peito.

Não se póde porém affirmar que as referidas placas de schisto representem a origem do culto consagrado ao symbolo gerador da vida, comquanto a sua configuração possa vagamente suscitar esta idéa. Podem ter tido outra mui diversa significação, e até ser possível ainda deduzir-se das condições archeologicas em que sejam achadas mais algumas. Por emquanto nada se sabe.

Admittida, pois, a mui temeraria hypothese de que as placas d'esta fórma representem a symbologia de um culto local em todo o tracto geographico da sua apparição, que é por emquanto o que vae indicado na carta monographica adjuncta, occorre naturalmente aggregar-lhes as outras placas do grupo mais commum a titulo de divisa ou distinctivo dos sectarios d'esse culto imaginario, assim como todos os mais objectos do mesmo lavor ornamental, como podendo terem sido empregados no pratico ritual do mesmo culto.

Poderia objectar-se contra a connexão que se pretenda ter havido entre todos os artefactos do mesmo lavor, accusando-se a falta do symbolo principal na maioria

das estações em que [440→] têm apparecido todos os outros; mas deve ter-se em vista, que nos proprios tempos historicos, em que a mythologia ganhou maior proselytismo, os variadissimos cultos, que tanto perturbaram a razão e o espirito das populações mais civilisadas não tiveram templos em toda a parte, embora não lhes faltassem sectarios.

Portanto, pôde ter-se dado o mesmo caso na ultima idade da pedra, epocha que o exame critico dos factos assignala como tendo originado os primeiros assomos da surperstição e as primeiras affirmações do sentimento religioso. Podiam pois ter sido sédes do presumptivo culto symbolisado pelas placas do segundo typo as estações onde têm apparecido; pois, olhando-se para a carta ethnographica, não parece ter havido desconformidade na sua distribuição, se forem notadas as distancias relativas que separam a anta da Estria, a sepultura de Martim Affonso, a gruta de Cesareda, a anta da Cabeça em Castello de Vide e a estação tumular de Aljezur, d'onde se diz ter um collector particular obtido uma das referidas placas.

Todos estes aventureiros conceitos são porém muito arriscados e mesmo prematuros, por isso que, não se tendo até agora dado a minima attenção a este assumpto, muitas circumstancias, que poderiam até certo ponto elucidal-o, terão escapado sem consciente apreciação aos descobridores de taes objectos; mas como desde já fica recommendado aos futuros exploradores, é mui provavel que elles possam a seu tempo perceber o que n'este momento, á falta de sufficientes elementos, é impossivel deduzir-se.

Citarei agora alguns artefactos com lavor ornamental semelhante ao das placas de schisto.

O *dolmen coberto* do sitio da Nora, na freguezia de Cacella, forneceu uma tampa de marfim exteriormente convexa, que certamente pertenceu a uma caixa cylindrica, que não me foi possivel descobrir, apesar de ter sido procurada com intencional cuidado nas terras extrahidas do monumento. O ornato da tampa de marfim mostra entre filetes paralelos uma barra de arcos continuos formando angulos obtusos.

O sr. Cartailhac, a quem com a maior satisfação facilitei [441→] todos os objectos do museu archeologico do Algarve, que quizesse desenhar, assim como, sem reserva alguma, os respectivos esclarecimentos, representa em duas estampas a referida tampa, e tendo perfeito conhecimento do variadissimo peculio industrial que o monumento continha, porque tudo viu e observou com a inexcédível perspicacia que o distingue entre todos os sabios, teve de considerar como pertencente ao periodo neolithico o lavor ornamental do mencionado objecto. Mediante a figurada hypothese, poderia aquelle cofre ter sido fabricado com tanto

esmero e á custa de um trabalho verdadeiramente admiravel, para conter um amuleto ou uma qualquer substancia inherente ao supposto culto, visto que no mesmo deposito havia tambem placas de schisto com parecidas gravuras.

É igualmente notavel ter-se extrahido de uma anta de Bellas um fragmento de cofre ou copo de osso, de forma cylindrica, com lavor de gravura ornamental semelhante ao da tampa de marfim do monumento da Nora. É aquelle interessante artefacto figurado na estampa xxx, pag. 51, pelo dr. A. F. Simões, na *Introdução à archeologia da Peninsula Iberica*, e note-se que nas antas de Bellas, exploradas por Carlos Ribeiro, appareceram tambem as typicas placas de schisto com gravuras.

Outro artefacto de osso com semelhante ornato refere o dr. Simões ter sido achado na gruta da Furninha em Peniche, e cita-o como existindo com o antecedente no museu mineralogico da escola polytechnica. Advirto, pois, que na mesma gruta foi encontrado o esboço de uma placa de schisto já preparado para a gravura, mas inteiramente liso, como observei na secção geologica, onde está depositado com os preciosos objectos extrahidos d'aquelle mui notavel deposito neolithico em que se presume haver tambem alguma cousa, de tempo anterior.

Revistando minuciosamente o thesouro archeologico das collecções nacionaes, poderia talvez achar outros artefactos do mesmo lavor; mas, para me esquivar a tanta prolixidade, refe- [442→] rir-me-hei agora a algumas louças ornamentadas no mesmo estylo.

Na indicada obra do dr. Simões (pag. 57) estão gravados uns fragmentos de louça da anta de Monte Abrahão (Bellás) e das estações da Pena e Fonte da Ruptura (Setubal). As figuras 38 e 40 dão mui approximada idéa do mesmo estylo de ornato, assim como uns fragmentos de louças, achados por Carlos Ribeiro na gruta artificial do Monge da Serra de Cintra e nas grutas da quinta do Anjo em Palmella, comquanto todos esses depositos pareçam pertencer á transição da ultima idade da pedra para a primeira dos metaes.

Os fragmentos da gruta do Monge representa Carlos Ribeiro na sua *Noticia de algumas estações e monumentos prehistoricos* (1880), pag. 77, fig. 80 e 81. As louças das grutas de Palmella, representa o sr. Cartailhac no seu excellent livro, assim como, primando n'um semelhante ornato, uns vasos caliciformes dos Altos Pyrenéus, da Bretanha, da Sicilia e de Arles.

Já se vê, pois, que dos tempos neolithicos passou á idade do bronze o mesmo estylo ornamental, como evidentemente se comprova com alguns artefactos neolithicos descobertos em Portugal, entre os quaes figura um famoso bracelete de ouro, de que fez acquisição sua magestade o senhor. D. Fernando pouco tempo antes do seu mui lamentavel fallecimento.

Quanto aos machados, braceletes, fibulas e outros objectos metallicos com o mesmo lavor, achados em varios paizes da Europa, sómente se deve julgar que nenhuma connexão poderiam ter [443→] com qualquer symbologia que se queira attribuir ás placas de schisto gravadas, por isso que estes padrões da arte neolithica somente em Portugal têm apparecido; e portanto, vem mais este facto corroborar o conceito, que já emitti, de que o lavor ornamental das placas de schisto não deixa perceber uma significação bem definida, mas a imitação da figura triangular nitidamente determinada nos crystaes já utilizados na ultima idade da pedra, e porventura a veneração por uma forma que representava as mais remotas attestações da industria humana.

Se as placas de schisto com gravuras tiveram uma significação religiosa, d'onde vieram ellas, quem as trouxe e por onde passaram até chegarem a esta derradeira orla maritima do Occidente, se n'essas plagas orientaes, d'onde se dizem partido todas as migrações que povoaram a terra, não se acha um unico exemplar, e se em paiz algum da Europa, são conhecidas?

A theoria das migrações asiaticas, a meu ver, vae correndo o risco de se perder emmaranhada nas muitas contradicções, que já em grande parte parecem combatel-a!

Appareceram nas cavernas e nos monumentos neolithicos da Europa muitos craneos brachycephalos, associados a um variado peculio industrial, e concluiu-se que a invasão asiatica, representando uma raça diversa da indigena, comsigo trouxera, os elementos de uma nova civilisação, e que, sendo a Asia o berço mais fecundo das religiões, d'alli viera tambem a chamma sagrada que avassallou os espiritos, pouco antes ainda despreoccupados e isentos de todo o sentimento religioso.

Muitas duvidas poderá levantar ácerca de taes conclusões, se me fora possivel dar agora a este assumpto o desenvolvimento que reclama.

Direi simplesmente, que os monumentos da Asia, da Africa e da Europa não manifestaram ainda uma unica placa de schisto da configuração e lavor das de Portugal, nem artefacto algum com o mesmo ornato, provadamente mais antigo do que os *dolmens cobertos* do Algarve. Não posso igualmente attribuir a uma invasão brachycephala o admiravel desenvolvimento industrial [444→] que na ultima idade da pedra verifiquei ter havido em toda a região algarviense, onde o typo ethnico dolichocephalo imperava então com absoluto predominio. Dos factos observados não posso finalmente deduzir, que as crenças e ritos religiosos, que os monumentos neolithicos denunciam, tivessem emanado da Asia, não apparecendo no thesouro funerario dos monumentos que explorei um unico symbolo ou artefacto de feição oriental.

Ora, quando uma tal theoria, applicando-se a um determinado territorio, é correspondida por uma serie de factos contra-producentes, não pôde ser admittida.

Note-se uma circumstancia assaz significativa.

Com os famosos instrumentos neolithicos de Vaqueiros, no concelho de Alcoutim, appareceu um fragmento de esboço de placa de schisto com orificio, que represento na estampa xxx com o n.º 5.

Na secção geologica (armario 51.º, estante 3.^a) está outro fragmento de esboço de placa, achado em excavação com mais alguns artefactos neolithicos nas ruinas de um *dolmen coberto* destruido, que Antonio Mendes, benemerito collector d'aquella secção, descobriu a 1 kilometro de distancia ao noroeste de Castro Marim.

Ha na mesma secção geologica mais dois esboços de placas de schisto com orificios, completamente preparados para a gravura, extrahidos de uma das grutas artificiaes da quinta do Anjo, em Palmella, e da gruta da Furninha do Cão, em Peniche. Que idéa podem pois suscitar os mencionados esboços?

Julgo haver sufficiente fundamento para se dever entender, que as placas de schisto ardosiario e a sua gravura ornamental tiveram origem n'este augusto tracto de terra, que ha sete seculos se chama Portugal, onde actualmente a arte, padecendo de uma dyspepsia desprezada, vae lentamente caminhando, quasi inanimada e decrepita, no rumo de todas as decadencias em busca de um epitaphio,

Consequentemente, se as placas de schisto gravadas representam padrões emblematicos, insignias ou abracadabras de um [445→] culto supersticioso, esse culto alvoreceu e teve exclusiva pratica local n'esta zona occidental do continente europeu.

Mas tudo isso tem de ser referido á raça que povoava a Europa nos tempos geologicos, raça que sobreviveu a todos os cataclysmos da terra, e que, apesar da sua tão proclamada inferioridade, ainda ahi vive e figura em toda a parte, hobreando com os brachycephalos de mais empinado encephalo, occupando altos empregos, e até dictando a lei em meio da representação nacional.

Não deve pois admirar, que na ultima idade da pedra tivesse a velha raça desenvolvido sufficientes aptidões para conseguir uma tão variada producção industrial. Muitas causas poderiam ter concorrido, n'esse vasto periodo da vida, para o progresso do espirito humano.

As grandes convulsões do globo tinham cessado; a terra propendia para uma tranquillidade animadora; o meio climaterico, embora lentamente, refreava as suas anteriores asperezas; um horisonte mais desanuviado e benigno fortalecia as tendencias naturaes d'essa gente, que havia nascido com a faculdade de sentir e pensar, ao passo que a extincção das geleiras nos tractos orographicos

menos elevados e a dos mais devorantes carnívoros da fauna antiga, franqueava-lhe livre passagem, permitindo-lhe comunicar-se com os incolas autoctones ou derivados de outras regiões, como assim parece ter sucedido para se poder conceber a possibilidade de aparecer em quasi todo o mundo a typica semelhança das construcções megalithicas e de numerosos productos manufacturados.

No ultimo capitulo mostrarei que não é a raça brachycephala que se deve attribuir, n'este territorio, o progresso industrial do periodo neolithico.

[446→] O sr. Cartailhac, declarando ter examinado todo o material ethnographico antigo e moderno, não achou nas grandes collecções europeas placa alguma de schisto, que podesse aggregar a um dos dois grupos que observou em Portugal. Entretanto, julga haver semelhança mais ou menos proxima entre os exemplares do territorio portuguez e alguns que attribue ás Antilhas.

N'este caso de simples semelhança indica uma pedra de pequenas dimensões, proveniente de Guadalupe, que diz pertencer á collecção Guedes, existente no *museu das colonias* (palacio da industria); indica e representa uma placa de schisto, da forma de voluta, com orifício no ponto do encontro das duas grandes curvas, mas sem ornato. Este exemplar, pertencente ao museu de Varzy (Nièvre), tambem é considerado como oriundo das Antilhas.

Além dos ditos objectos, diz o sr. Cartailhac haver encontrado placas de schisto perforadas, mas sem ornato algum, nas suas explorações, das *Pierres-levées des Cévennes*; cita uma outra, igualmente lisa (fig. 108), existente no museu de Lyon, sendo porém de origem americana, e reproduz duas gravuras de uma pequena placa, tambem americana (fig. 106 e 107), achada perto de Freehold, que viu no album de M. Abbott, *The stone age in New-Jersey*; mas este exemplar está mui longe de approximar-se das placas de Portugal; apenas n'um lado tem uma fileira de triangulos, cujos vertices são prolongados á feição de cordões. Finalmente, refere-se ainda a umas pedras chatas e irregulares, com algumas linhas cruzadas, que ha no museu de ethnographia do Trocadero, vindas do Mexico ou da California.

Diz porém o sr. Florentino Ameghino, na sua mui erudita obra em dois volumes intitulada *La antigüedad del hombre en la Plata*, terem-se encontrado na Republica Argentina, provincia de Catamarca, perto de Loma Rica, em ruínas de uma antiga povoação e de uma necropole, umas placas mui semelhantes ás de Portugal. Este sabio americano, cujo nome já tinha visto va- [447→] rias vezes assignado em artigos de mui elevado interesse scientifico na *Revue d'anthropologie*, ácerca das referidas placas expressa-se do modo seguinte:

«En segundo lugar debo mencionar quatro pequenas placas de pizarra, mui delgadas, incompletas, una de ellas con grandes incisiones en uno de sus bordes, y cubiertas en sus dos superficies de una combinacion de líneas y puntos mui dificiles de decifrar. Estos signos los encuentro completamente iguaes à los que presentan algunas placas de esquistos de Portugal, que me ha enseñado el distinguido geólogo português D. Carlos Ribeiro.

«Las del Rio Negro son incompletas, por lo que no puedo determinar su figura general.»

Anteriormente á publicação da sua obra, já o sr. Ameghino se tinha referido às placas de schisto de Portugal n'um artigo publicado na *Revue d'anthropologie*, sob a epigraphe: *L'homme préhistorique en Patagonie*, dizendo que n'uma collecção de objectos prehistoricos do Rio Negro, que teve durante algum tempo em seu poder, havia umas placas de schisto com *signaes* inteiramente identicos aos que viu nas placas que em Lisboa lhe mostrou Carlos Ribeiro; mas que, havendo restituído aquella collecção, ignorava o destino que teve.

É porém caso digno de sentir-se, que o sr. Ameghino não tivesse deixado o desenho de alguma d'essas placas, que affirma serem semelhantes às de Portugal, e que tendo o sabio sr. Moreno feito tão bizarras explorações na Patagonia, nos Pampas e n'outros pontos da Republica Argentina, não se hajam de novo encontrado; pois não consta que existam no seu esplendido museu de Buenos Ayres, n'esse museu que tanto honra a intelli- [448→] gencia e sabedoria do seu director, como a illustração e patriotismo d'aquella dignissima republica.

Para mim bastaria a confiança que inspira a palavra auctorizada do sr. Ameghino para considerar como provada a identidade de fórmas e lavor ornamental das placas de schisto de Portugal e da America do Sul; mas noto que o sr. Ameghino não chegou a confrontal-as, pois não me consta que levasse copia das placas da secção geologica de Lisboa, nem infelizmente as deixou dos exemplares americanos a que se refere, porque não as reproduziu nos seus dois importantissimos livros, do mesmo modo que o sr. Moreno também nenhuma representa nas suas preciosas publicações. A sciencia exige a exhibição de provas directas; e bem precisava eu vel-as chegar á luz da publicidade, para assim poder emittir algumas considerações um tanto diversas das que tenho por emquanto de expender ácêrca d'este assumpto.

Entretanto, como reforçando as affirmações do sr. Ameghino, dá-se um caso singularissimo, a que já alludi. O sr. Cartailhac nada achou na Europa, que podesse comparar-se às placas de Portugal; tudo, porem, quanto indica como podendo approximar-se d'ellas e de origem americana; e este caso de similhaça não é unico; já o tinha eu notado com algum assombro, vendo a paridade que

havia entre muitos artefactos prehistoricos por mim descobertos no Algarve e os que tinham sido explorados na America austral, principalmente nos vastos territorios da margem direita do Rio da Prata, e na republica do Uruguay. É o sr. Ameghino quem os descreve

Entre os instrumentos de silex do Algarve e da America do Sul ha fórmās identicas com o mesmo genero de trabalho. Comparem-se com as pontas de frecha de silex, que ficam estampadas, as que o sr. Moreno extrahiui dos depositos mortuarios do Valle do Rio Negro na Patagonia, figuradas pelo sr. Ameghino com os n.ºs 308 e 309 na estampa x e descriptas (pag. 490) no [449→] volume 1 de *La antigüedad del hombre en la Plata*; no mesmo caso estão as pontas de lança triangulares (fig. 314), embora de menores dimensões, algumas facas, serras, percutores espheroidaes, brunidores, e pedras concavas de moagem de cereaes.

Apparecem alli, do mesmo modo que no Algarve, graes de pedra acompanhados de tintas mineraes (ocre vermelho) e de ossos de gado intencionalmente partidos para a extracção da medula; na ceramica ha um grupo de vasos, tambem commum, de formas hemisphéricas, e com orificios para poderem ser suspensos; emfim, a ethnologia neolithica essencialmente dolichocephala no sul da America é, no mesmo periodo, a que se tem verificado no Algarve.

O unico artefacto da America do Sul, cuja ornamentação póde á primeira vista julgar-se parecida á das placas de schisto de Portugal, é o vaso ceramico figurado na mesma estampa x sob o n.º 336 da obra do sr. Ameghino.

Entre o bordo inferior e o superior, o vaso está dividido em quatro zonas e cada uma d'estas mostra haver sido irregularmente ornada de triangulos. Dito isto assim, parece fallar-se do ornato de uma placa de schisto; mas não ha senão uma longinqua similhança entre uma e outra cousa,

Á idade do bronze pertencem varios artefactos com o ornato das placas de schisto. Bastaria correr com a vista pelas estampas do *Album de l'âge du bonze* (1875) do sr. Ernesto Chantre para se ver que o mesmo estylo de gravura foi então usado,

Os braceletes que fazem parte da denominada collecção do *Trésor de Rialon*, encontrados nos Altos Alpes e existentes no museu do Saint Germain, têm o mesmo ornato das placas, como se póde ver na estampa xxiv do dito album. Indico igualmente um machado de bronze, com o mesmo lavor, achado na Dinamarca, e pertencente ao famoso museu de Copenhague, que o sr. Chantre estampou no primeiro tomo (pag. 47) da sua já referida e mui importante obra, intitulada *L'âge du bronze*.

Cito mais outro machado de bronze com lavor ornamental mui-similhante ao de algumas placas de Portugal, achadas em [450→] Aljezur, Pavia, Evora, Palmella e Cesareda, observado pelo sr. Cartailhac nas collecções da escola de

Sorèze (Tarn), o qual julga ser de proveniência irlandeza. Poderia fazer ainda outras muitas citações, porém julgo serem desnecessárias.

O sr. Cartailhac, notando que varios artefactos de bronze são gravados com o mesmo estylo de desenho das placas de schisto de Portugal, julga que estas placas devam pertencer a uma phase do periodo neolithico já muito influenciada pela industria metallifera n'esta parte do occidente da peninsula.

Penso eu de um modo diverso.

Nos numerosos monumentos do Algarve em que descobri placas de schisto, não encontrei um unico artefacto metallico, e n'aquelles em que achei varios artefactos de cobre ou de bronze, assim como nos que manifestaram alguns objectos de ferro, não havia um unico fragmento de placa de schisto. Portanto, as placas de schisto de Aljezur, Hortinha (Bensafrim), Serro Grande (Lagos), Monte da Rocha (Alvor), Alcalá, Serro da Pedra (Salir), Nora, Marcella, Torre dos Frades (Cacella), Castro Marim e Vaqueiros representam a ultima idade da pedra, em conformidade das condições archeologicas do seu descobrimento.

Nas antas de Evora, de Montemor o Novo, de Pavia, de Castello de Vide, de Monte Abrahão, da Estria, de Monte Real e de Ancião, em que foram achadas muitas placas de schisto, não consta que houvesse manufacturas metallicas, e o mesmo facto ficou verificado nas grutas da Columbeira, de Peniche e do Carvalhal (Turquel), assim como nas sepulturas de S.Thiago de Cacem e de Martim Affonso em Muge.

A gruta da Casa da Moura, em Cesareda, e a de Cascaes manifestam umas pontas de frecha de cobre ou de bronze, as quaes devem significar uma occupação muito posterior áquella que é rigosamente neolithica, em presença dos numerosos e typicos [451→] instrumentos de pedra lascada e polida que acompanhavam as excellentes placas de schisto d'alli extrahidas; o que bem deixa presumir que aquellas cavernas foram igualmente utilizadas na idade do bronze, ou então que todos aquelles depositos pertencem á epocha de transição do periodo neolithico para a primeira idade dos metaes, como já foram julgadas as grutas artificiaes de Palmella, em que também havia cinco placas, estando uma ainda por gravar, por terem alli apparecido uns raros artefactos metallicos.

Em vista d'estes factos, as placas de schisto gravadas pertencem fundamentalmente á ultima idade da pedra e não ultrapassaram o dito periodo de transição para a primeira idade dos metaes; pois a industria artistica da idade do bronze simplesmente adoptou, aperfeiçoou e propagou o seu lavor ornamental, sem que até hoje tenha mostrado um unico exemplar de schisto gravado.

Por este modo parece-me ficar suficientemente determinada a epocha a que pertencem estes mysteriosos productos da arte neolithica.

Do que fica expendido com referencia á significação e usos que tiveram as mencionadas placas, não é possível chegar-se a uma conclusão segura.

Finalmente, admittindo-se que na America do Sul apparecessem quatro placas com gravuras semelhantes ás de Portugal, segundo affirma o sr. Florentino Ameghino, deve ter-se em vista a paridade já notada entre outros artefactos descobertos nas mesmas regiões para que estes factos possam deixar perceber a existência de uma comunicação no periodo neolithico entre os dois hemispherios, como já indiquei n'outro capitulo d'este livro.

Note-se, porém, que o sr. Ameghino diz terem sido descobertos os artefactos semelhantes aos de Portugal *em ruínas de uma antiga povoação e de uma necropole*, ao passo que os vestigios de habitação neolithica em Portugal são rarissimos e já mui pouco perceptíveis; pois no Algarve somente em Monte Canellas appareceram alguns assentamentos circulares d'essas habitações e os [452→] subterraneos que a tradição local aponta como tendo sido *celleiros mouriscos*; o que me deixa presumir serem menos antigos que os do Algarve esses ainda tão bem representados restos de população na America do Sul. N'esta hypothese, não só é possível que n'aquella região o periodo neolithico se tenha manifestado mais tarde, como terem os seus caracteristicos sido implantados por uma tribu dolichocephala que houvesse abandonado este territorio, visto ser a unica raça que em tal periodo alli ficou sepultada.

Podia pois ter partido do Algarve, onde os monumentos d'essa ultima idade da pedra ainda não deixaram ver um typo ethnico diverso, o que não succede na restante região das placas de schisto, em que já então a raça brachycephala ficara caracterisada nas grutas do Carvalhal e de Cesareda, onde havia placas, e nas estações de Muge, que eu julgo serem o elo que liga os tempos geologicos ao periodo neolithico d'este territorio, não obstante haver occorrido a Carlos Ribeiro considerar como quaternario o *calvarium* sub-brachycephalo (80,11) que achou no Valle do Areeiro, perto de Villa Nova da Rainha.

Se um dia, á força de sensatos clamores, perfilhados e repetidos pela opinião publica, apparecer um governo, que julgue dever levantar este paiz até o nivel scientifico das nações mais civilisadas, para que não continue a estar equiparado ao imperio de Marrocos pela ausencia de trabalhos e de instituições que já devêra ter, e teria, se uns certos empregos fossem exercidos por homens de superior entendimento e saber, esse governo mandará certamente proceder ao reconhecimento geral das antiguidades prehistoricas e historicas d'este reino, assim como terá de decretar a fundação dos precisos museus archeologicos em vez de mandal-os fechar, como succedeu ao do Algarve! Então será [453→] possível, se as explorações não forem confiadas a homens inscientes, que algumas novas estações manifestem placas de schisto em taes condições archeologicas, que permitam poder-se deduzir

a significação e o uso que tiveram, tanto mais ficando por este modo aqui advertidos os futuros exploradores.

São poucas, por enquanto, as estações em que se têm achado placas de schisto: conto apenas vinte e nove, sendo onze no Algarve. Olhando-se para a grande distancia que geralmente as separa, deve-se julgar que outras muitas não ainda descobertas deverão apparecer logo que as explorações scientificas hajam de ser subordinadas a um plano regular e methodico.

Com a carta ethnographica á vista se observará que a villa de Ancião, ao nordeste de Leiria e ao sul de Coimbra, é a ultima estação que forneceu o caracteristico neolithico das placas de schisto, devendo entender-se que outras muitas com o mesmo caracteristico haverá, mui provavelmente em todo o espaçoso tracto do territorio nacional desde Ancião até ás fronteiras da Galliza e entre o litoral maritimo e a fronteira oriental da Hispanha.

Com os signaes da epocha e os respectivos aos diversos generos de estações vou indicar as terras e logares em que por enquanto me consta terem sido descobertas algumas placas de schisto, começando pela zona do Algarve. Veja-se a carta adjunta.

Seguem-se a enumeração de monumentos e sítios já referida atrás e algumas considerações finais, de menor interesse.

Dos dois textos, suprimi, com uma única excepção, as notas de pé de página, neste contexto, a meu ver, dispensáveis.

BIBLIOGRAFIA

- CARDOSO, J. L. (1992) – A Lapa do Bugio. *Setúbal Arqueológica*, Setúbal. 9-10, p. 89-225.
- CARDOSO, J. L. (2003) – A gruta do Correio-Mor (Loures). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 11, p. 229-321)
- DELGADO, J. F. N. (1884) – La grotte de Furninha à Peniche. In *IX Congrès Internationale d'Anthropologie Préhistoriques*. Lisbonne: Typographie de l'Académie Royale des Sciences. p. 207-264.
- DINIZ, M; GONÇALVES, V. S. (1993-94) – Na segunda metade do século XIX: Luzes e sombras sobre a institucionalização da Arqueologia em Portugal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série 4. vol., 11-1, p. 175-187.
- FERREIRA, O. V.; ZBYSZEWSKI, G.; LEITÃO, M.; SOUSA, H. R. (1975) – Le monument mégalithique de Pedra Branca auprès de Montum (Melides). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. Tomo LIX, p. 107-192.
- GOMES, M. V.; CARDOSO, J. L.; CUNHA, A. S. (1994) – A sepultura de Castro Marim. *Comunicações do Instituto Geológico e Mineiro*. Lisboa. 80, p. 99-105.

- GONÇALVES, V. S. (1970) – Sobre o Neolítico na Península de Setúbal. In *Actas das I Jornadas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa: AAP. p. 407-421.
- GONÇALVES, V. S. (1980a) – O IX Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-Históricas (Lisboa, 1980): uma leitura, seguida da «crónica» de Bordalo Pinheiro. Lisboa: Centro de História da Universidade de Lisboa.
- GONÇALVES, V. S. (1980b) – *Estácio da Veiga: um programa para a instituição dos estudos arqueológicos em Portugal (1880-1891)*. Lisboa: História e Crítica.
- GONÇALVES, V. S. (1989a) – *Megalitismo e metalurgia no Alto Algarve Oriental. Uma aproximação integrada*. Lisboa: UNIARQ; INIC. 2 vols.
- GONÇALVES, V. S. (1989b) – Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente Peninsular. 1. Deusa(s)-Mãe, placas de xisto e cronologias: uma nota preambular. *Almansor*. Montemor-o-Novo. 7, p. 289-302.
- GONÇALVES, V. S. (1992) – *Revendo as antas de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: UNIARQ; INIC. 264 p., 22 Mapas, 28 Figuras, 48 Fotografias.
- GONÇALVES, V. S. (1993a) – Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente Peninsular. 3. A Deusa dos olhos de sol. Um primeiro olhar. *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*. 5ª série, 15, p. 41-47.
- GONÇALVES, V. S. (1993b) – As práticas funerárias nas sociedades do 4º e do 3º milénios. O Megalitismo. In MEDINA, J., ed. - *História de Portugal*. Lisboa: Ediclube. Vol. 1, Parte V. p. 245-284.
- GONÇALVES, V. S. (1993c) – A Deusa das placas de xisto. In MEDINA, J., ed. - *História de Portugal*. História de Portugal. Lisboa: Ediclube. Vol. 1, p. 310-312.
- GONÇALVES, V. S. (1993d) – Os báculos, símbolos de poder?. In MEDINA, J., ed. - *História de Portugal*. Lisboa: Ediclube. Vol. 1, p. 312-313.
- GONÇALVES, V. S. (1993e) – O Congresso de 1880. In MEDINA, J., ed. - *História de Portugal*. Lisboa: Ediclube. Vol. 1, p.199-108.
- GONÇALVES, V. S. (1994) – O grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz: procurando algumas possíveis novas perspectivas, sem esquecer as antigas. *Estudos Pré-Históricos da Beira Alta*. Viseu. 2, p. 115-135. Actas do seminário sobre Megalitismo. Mangualde. 20-22 de Novembro de 1992.
- GONÇALVES, V. S. (1995) – Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente Peninsular. 2. A propósito dos artefactos votivos de calcário das necrópoles de Alcalar e Monte Velho. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 11-12, p. 199-216. I Jornadas de Arqueologia do Sudoeste Alentejano, Sagres, 1991.
- GONÇALVES, V. S. (1996) – Pastores, agricultores e metalurgistas em Reguengos de Monsaraz: os 4º e 3º milénios. *Ophiussa*. Lisboa. 0, p. 77-96.
- GONÇALVES, V. S. (1999a) – *Reguengos de Monsaraz, territórios megalíticos*. Lisboa: MNA; Reguengos de Monsaraz: Câmara Municipal.
- GONÇALVES, V. S. (1999b) – Time, landscape and burials. 1. megalithic rites of ancient peasant societies in central and southern Portugal. *Journal of Iberian Archaeology*. Porto. 1, p. 83-91.
- GONÇALVES, V. S. (2001) – A anta 2 da Herdade de Santa Margarida (Reguengos de Monsaraz). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 4:2, p. 115-206.

- GONÇALVES, V. S. (2003a) – *STAM-3, a anta 3 da Herdade de Santa Margarida (Reguengos de Monsaraz)*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 472 p.
- GONÇALVES, V. S. (2003b) – *Sítios, «Horizontes» e Artefactos. Estudos sobre o 3º milénio no Centro e Sul de Portugal*. Cascais: Câmara Municipal. 2ª edição, revista e aumentada com dois novos ensaios do volume primeiramente publicado em 1995.
- GONÇALVES, V. S. (2003c) – Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente Peninsular. 4. «A síndrome das placas loucas». *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6:1, p. 131-157.
- GONÇALVES, V. S. (2003d) – A anta 2 da Herdade dos Cebolinhos (Reguengos de Monsaraz, Évora). Sinopse das intervenções de 1996-97 e duas datações de radiocarbono para a última utilização da Câmara ortostática. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6:2, p. 141-164.
- GONÇALVES, V. S. (2004a) – Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente Peninsular. 5. O explícito e o implícito: breve dissertação sobre os limites fluidos do figurativo lidos a partir de componentes de algumas placas de xisto gravadas do terceiro milénio a.n.e. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7:1, p.165-183.
- GONÇALVES, V. S. (2004b) – As deusas da noite: o projecto «Placa Nostra» e as placas de xisto gravadas da região de Évora. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7:2, p. 49-72.
- GONÇALVES, V. S. (no prelo) – Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente Peninsular. 6. As placas CTT: pistas para o desenvolvimento e difusão do complexo mágico-religioso das placas de xisto gravadas do 3º milénio a.n.e. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa.
- GONÇALVES, V. S., ed. (2000) – *Muitas antas, pouca gente?*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. Actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo.
- GONÇALVES, V. S., ed. (2003) – *Muita gente, poucas antas? Espaços, Origens e Contextos do Megalitismo*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. (Trabalhos de Arqueologia; 25). Actas do 2º Colóquio internacional sobre Megalitismo, Reguengos de Monsaraz, 2000.
- GONÇALVES, V. S.; ANDRADE, M.; PEREIRA, A. (2004) – As placas de xisto gravadas da gruta artificial de S. Paulo 2 (Almada). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7: 2, p. 73-96.
- GONÇALVES, V. S.; ANDRADE, M.; PEREIRA, A. (no prelo a) – As placas de xisto gravadas da Anta de Cabacinheiros (Évora). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa.
- GONÇALVES, V. S.; ANDRADE, M.; PEREIRA, A. (no prelo b) – As placas de xisto gravadas da Anta da Loba (Évora). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa.
- GONÇALVES, V. S.; PEREIRA, A.; ANDRADE, M. (2003) – A propósito do reaproveitamento de algumas placas de xisto gravadas da região de Évora. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 4, 21, p. 209-244.
- GONÇALVES, V. S.; PEREIRA, A.; ANDRADE, M.; (2004) – As placas de xisto gravadas das grutas artificiais de Carenque. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 4, 22, p. 113-162.
- LEISNER, G. e LEISNER, V. (1951) – *As Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura. Reeditado pelo INIC/UNIARQ, Lisboa, 1985.
- LEISNER, G. e LEISNER, V. (1959) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen. 2. Lieferung*. Berlin: Walter de Gruyter.

- LEISNER, V. (1965) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen. 3. Lieferung.* Berlin: Walter de Gruyter.
- LILLIOS, K. (2002) – Some new views of the engraved schist plaques of southwest Iberia. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa, 5:2, p. 135-152.
- OLIVEIRA, J. (1997) – *Monumentos megalíticos da bacia hidrográfica do Rio Sever*. Vol. 1. Lisboa: Edições Colibri.
- OLIVEIRA, J. (2000) – A Anta da Fábrica da Celulose. In *Memórias de Odiana. Estudos arqueológicos do Alqueva*. Beja: EDIA. Vol. 2, p. 195-217.
- SIMÕES, Augusto Filipe (1878) – *Introdução à Archeologia da Península Ibérica*. Lisboa: Livraria Ferreira.
- VASCONCELOS, J. L. (1897) – *Religiões da Lusitânia*. Lisboa: Imprensa Nacional. Vol. 1.
- VEIGA, S. Ph. E. da (1886-1891) – *Paleoethnologia. Antiguidades Monumentaes do Algarve. Tempos prehistoricos*. Lisboa: Imprensa Nacional. Vols I-IV.



Fig. 59 – A placa 985.39.41 (4:5).

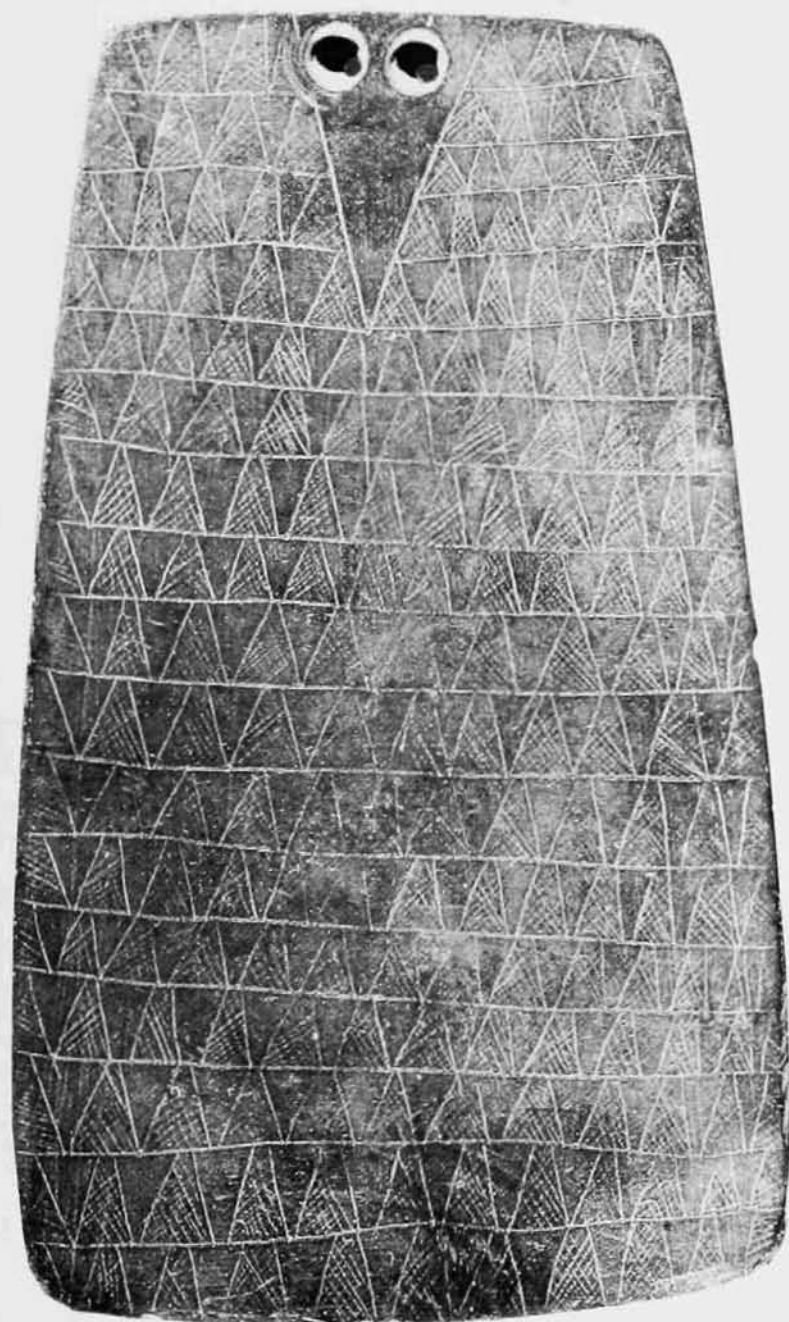


Fig. 60 – A placa 985.39.42 (4:5).



Fig. 61 – A placa 985.39.43 (4:5). Imagem em inversão.



Fig. 62 – A placa 985.39.44 (4:5).

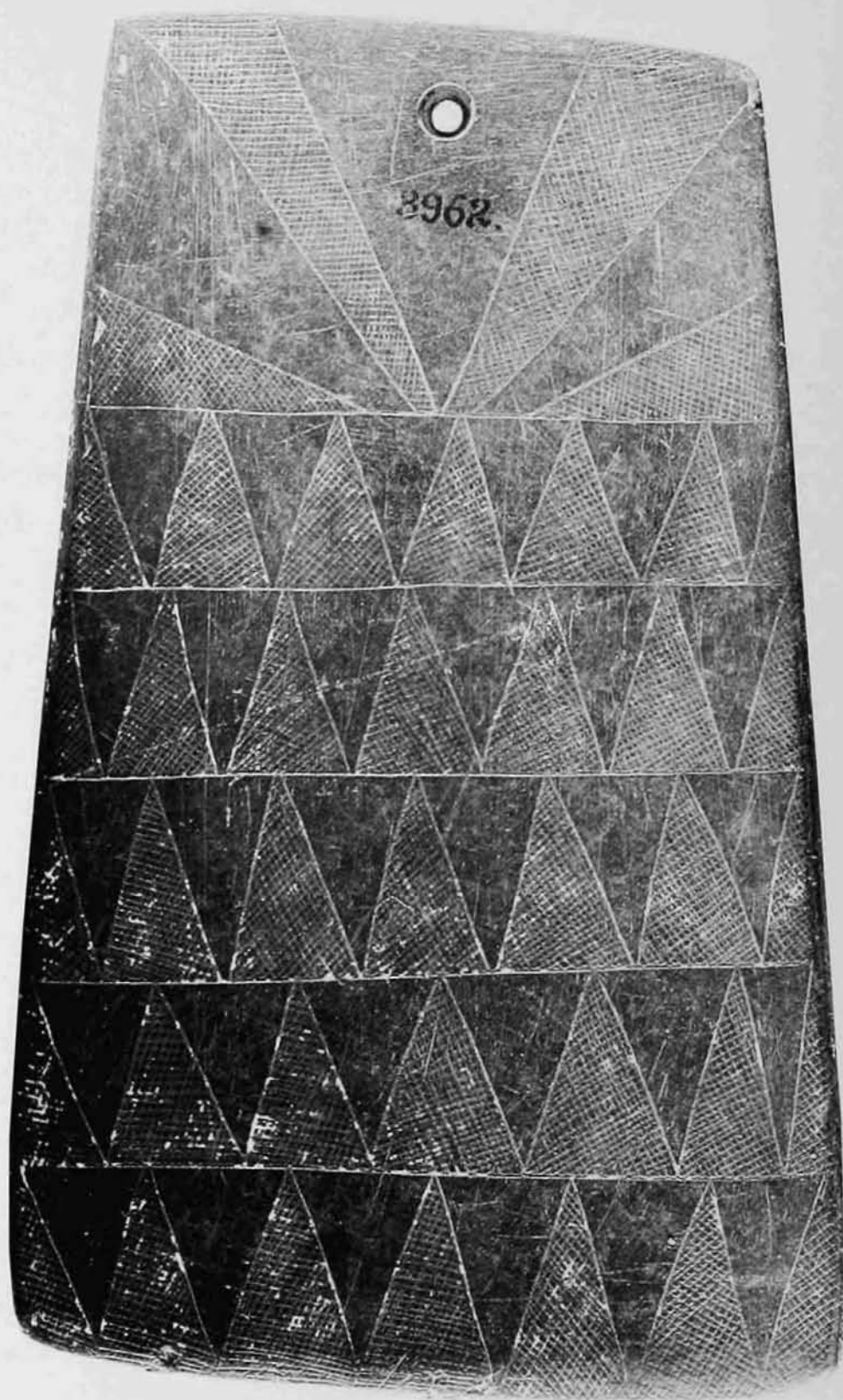


Fig. 63 – A placa 985.39.45 (4:5).



Fig. 64 – A placa 985.39.46 (4:5).

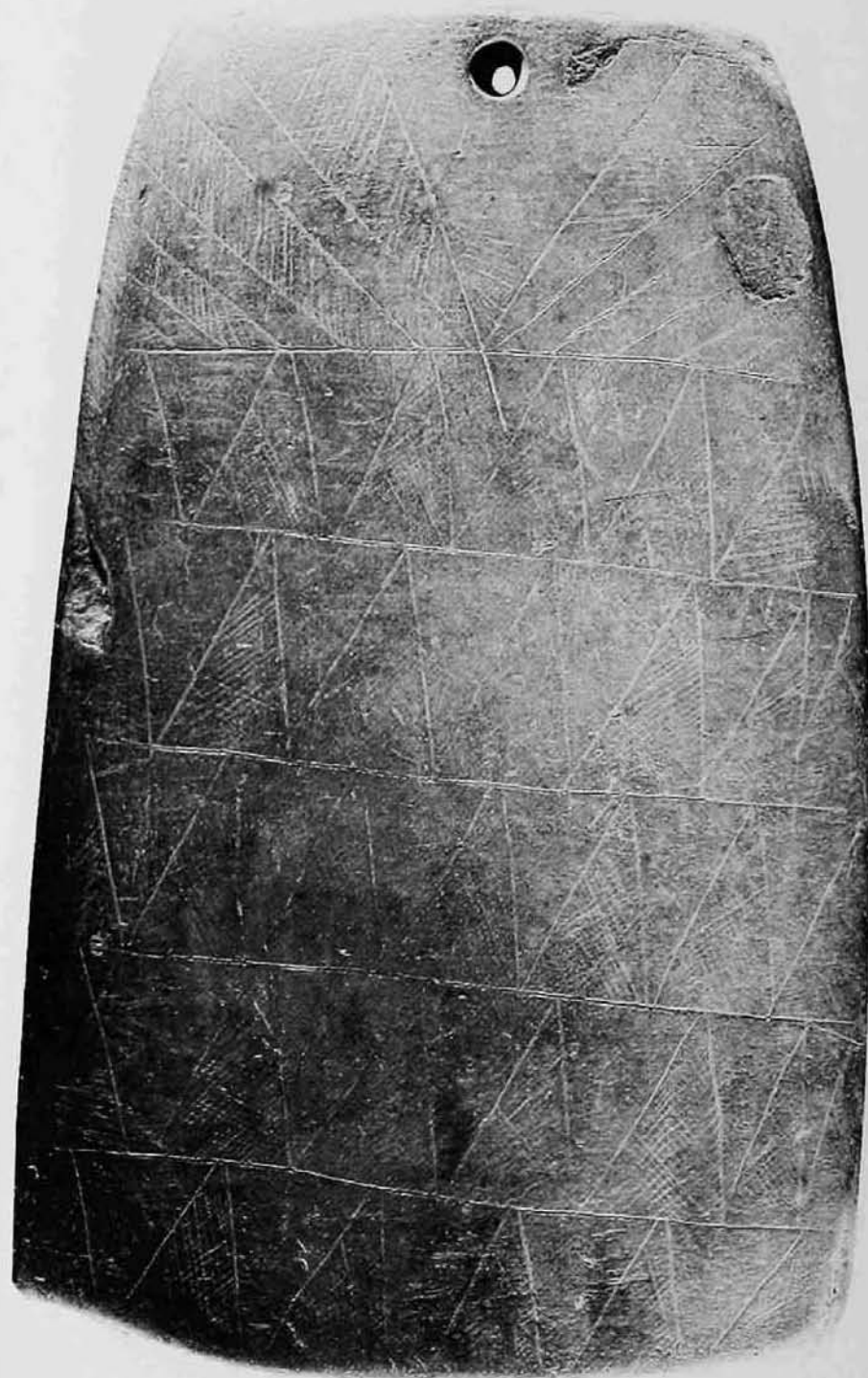


Fig. 65 – A placa 985.39.47. Face (4:5).



Fig. 66 – A placa 985.39.47. Verso (4:5).

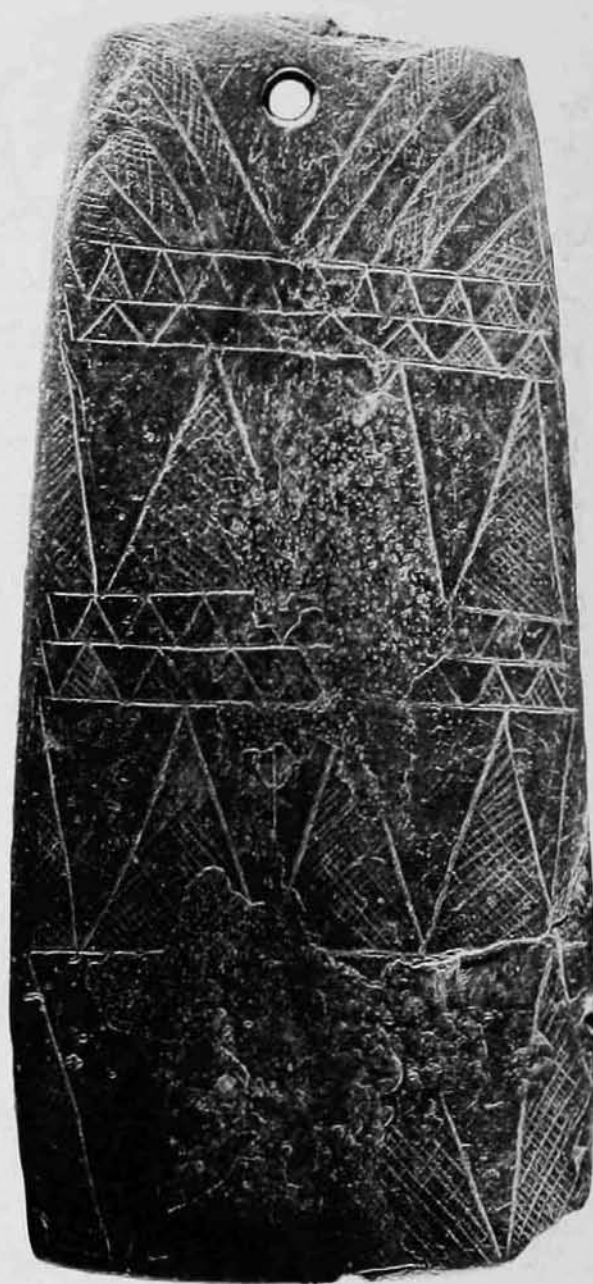


Fig. 67 – A placa 985.39.48. Face (4:5).



Fig. 68 – A placa 985.39.48. Verso (4:5).

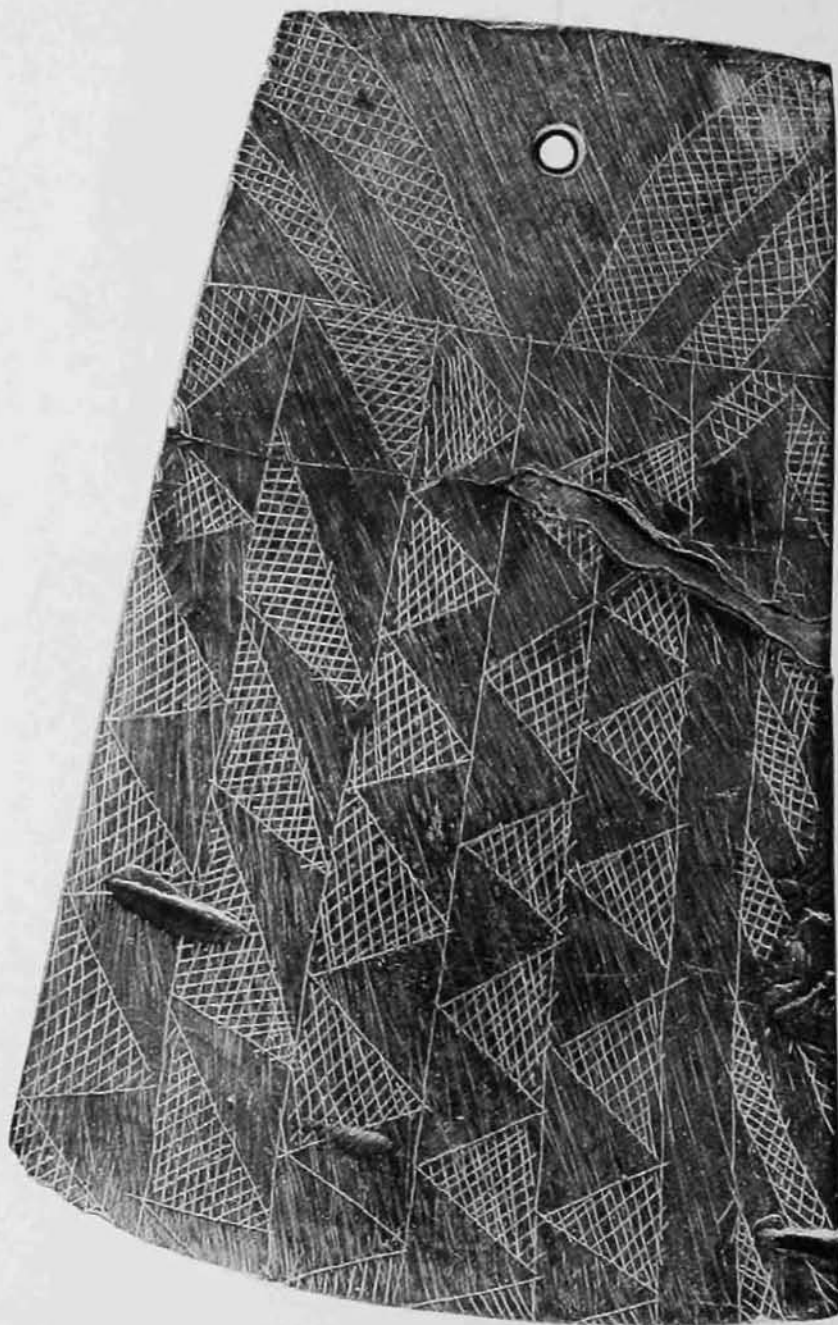


Fig. 69 – A placa 985.39.49 (4:5)



Fig. 70 – A placa 985.39.50 (4:5).

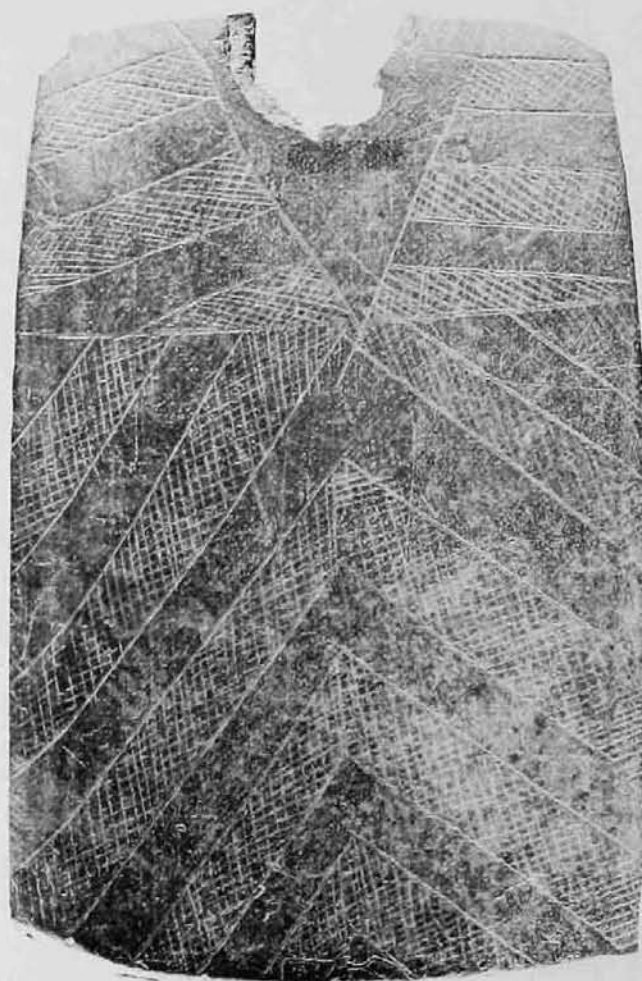


Fig. 71 – A placa 985.39.51 (4.5).



Fig. 72 – A placa 985.39.52 (4:5).

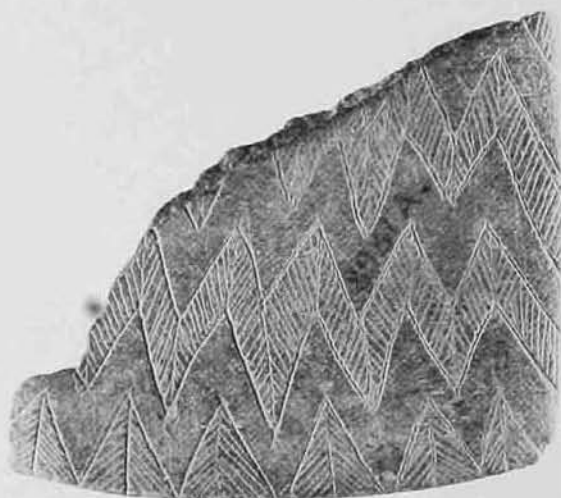


Fig. 73 – A placa 985.39.53 (4:5).

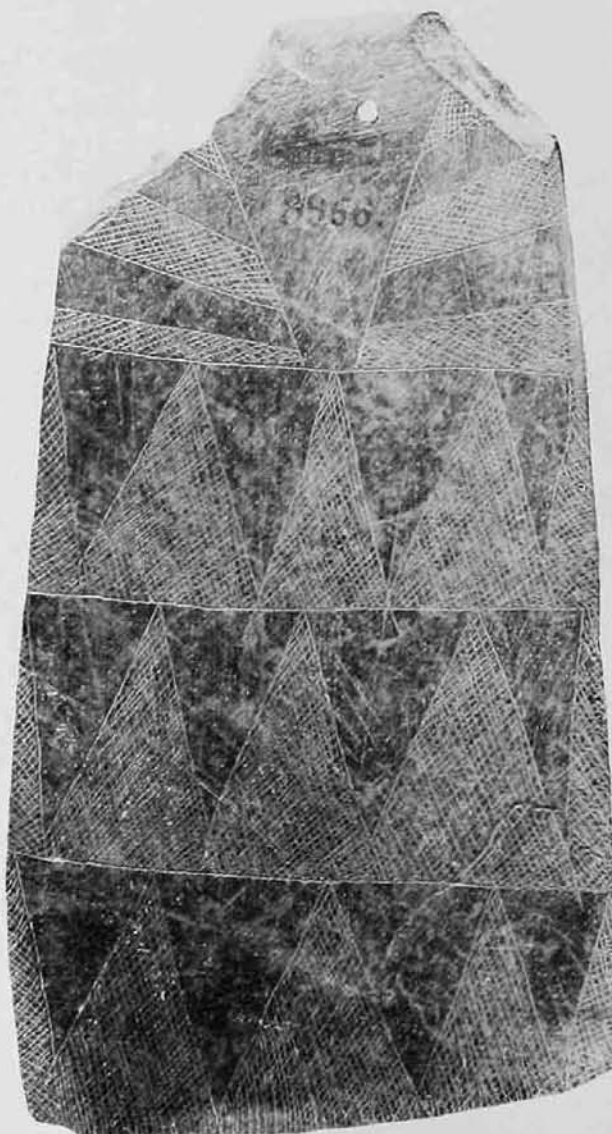


Fig. 74 – A placa 985.39.131 (4:5).

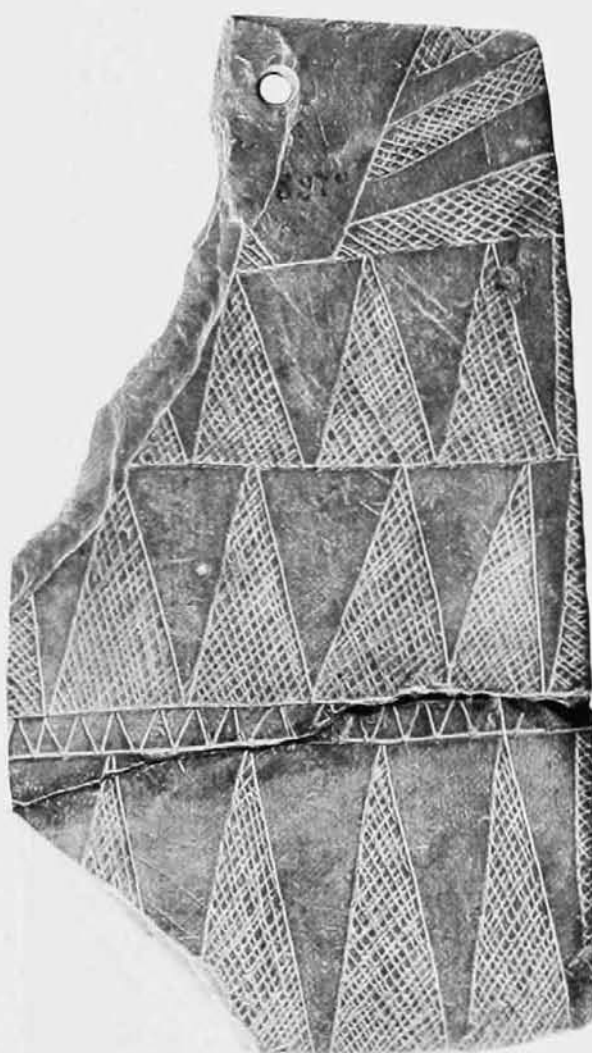


Fig. 75 – A placa 985.39.132 (4:5).



Fig. 76 – A placa 985.39.133 (4:5).



Fig. 77 – A placa 985.39.134 (4:5).

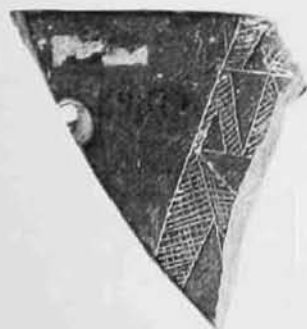


Fig. 78 – A placa 985.39.135 (4:5).



Fig. 79 – A placa 985.39.136 (4:5).



Fig. 80 – A placa 985.39.137 (4:5).

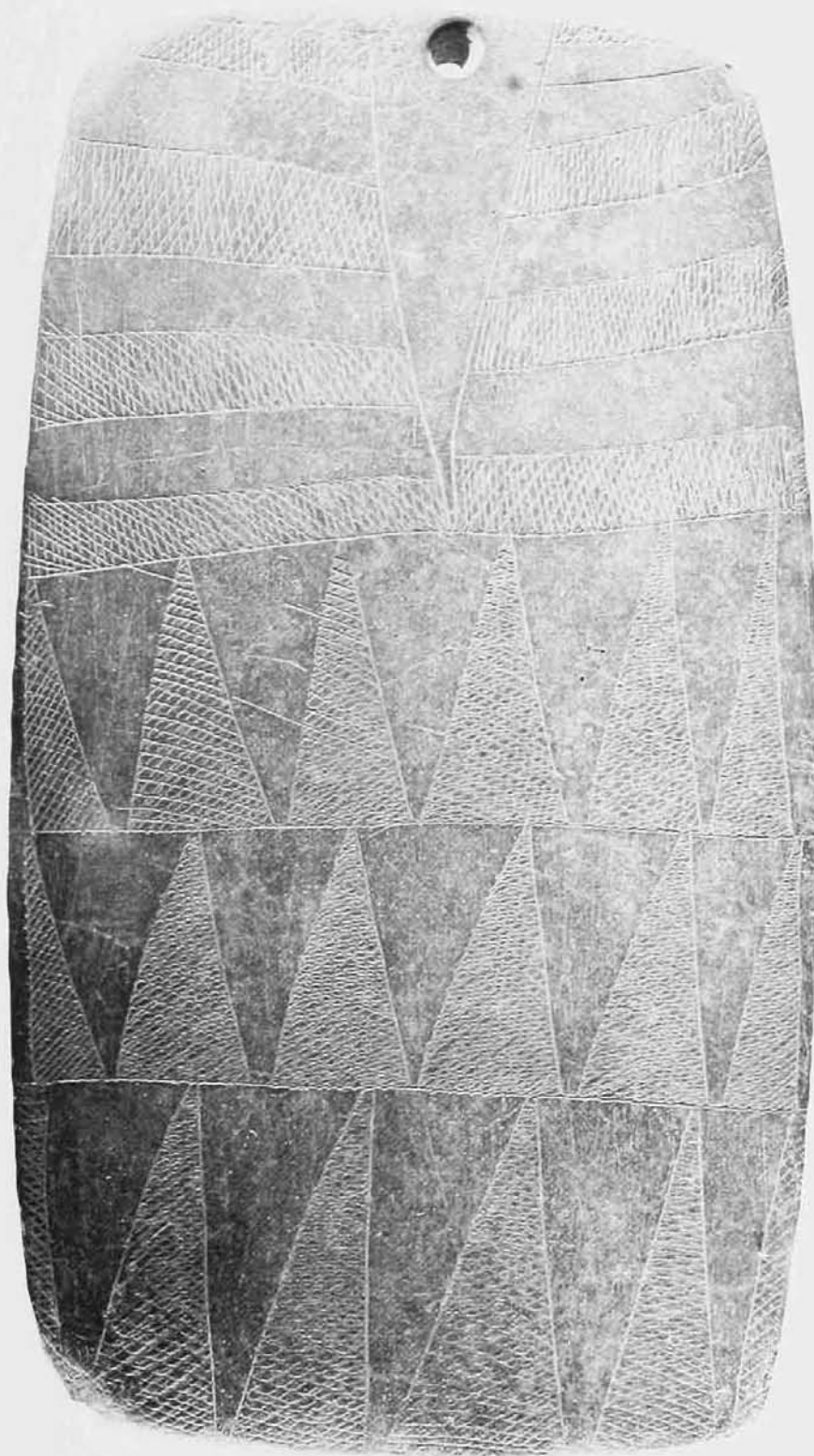


Fig. 81 – A placa 985.39.138 (4:5).

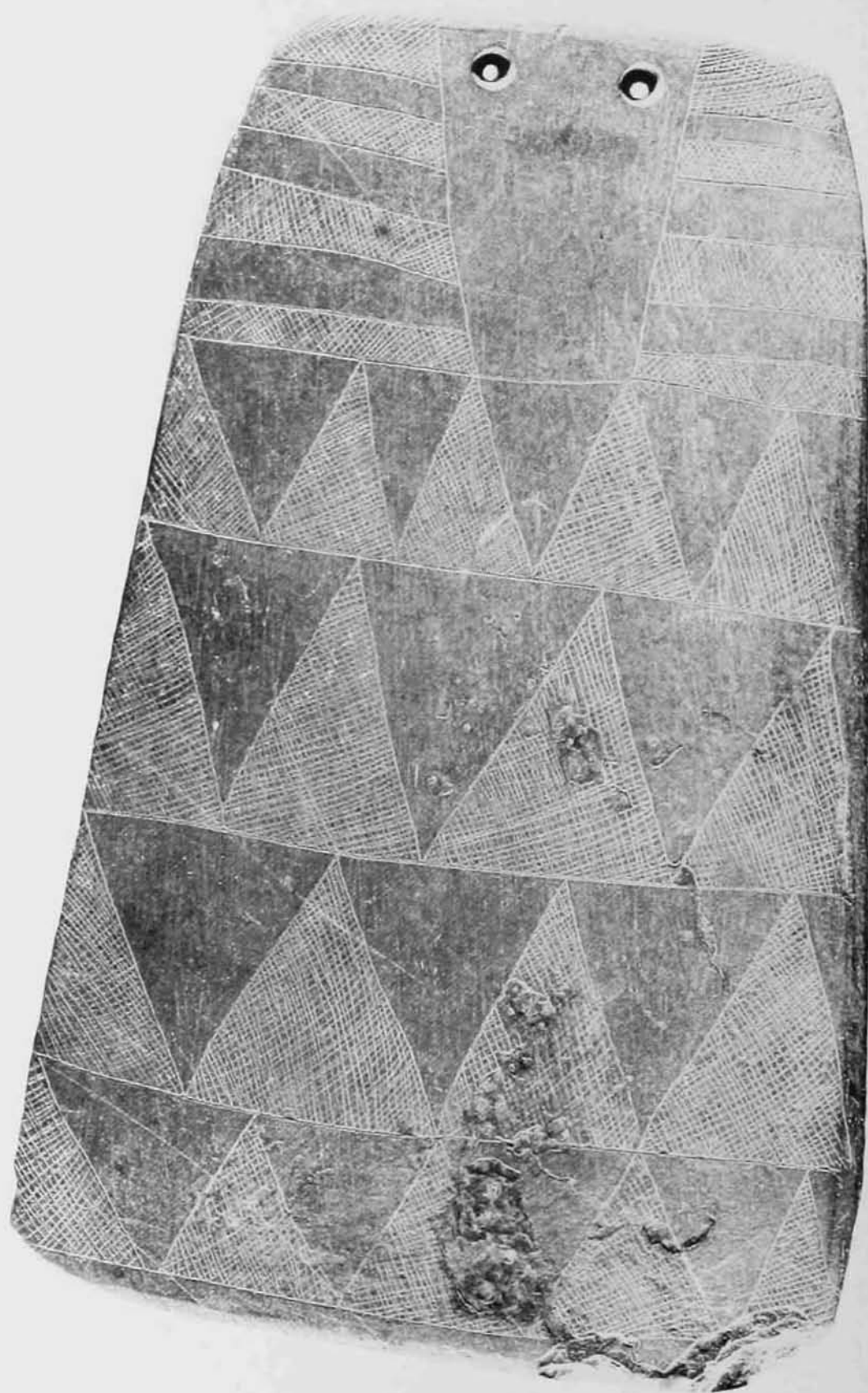


Fig. 82 – A placa 985.39.139 (4.5).



Fig. 83 – A placa 985.39.195 (4:5).

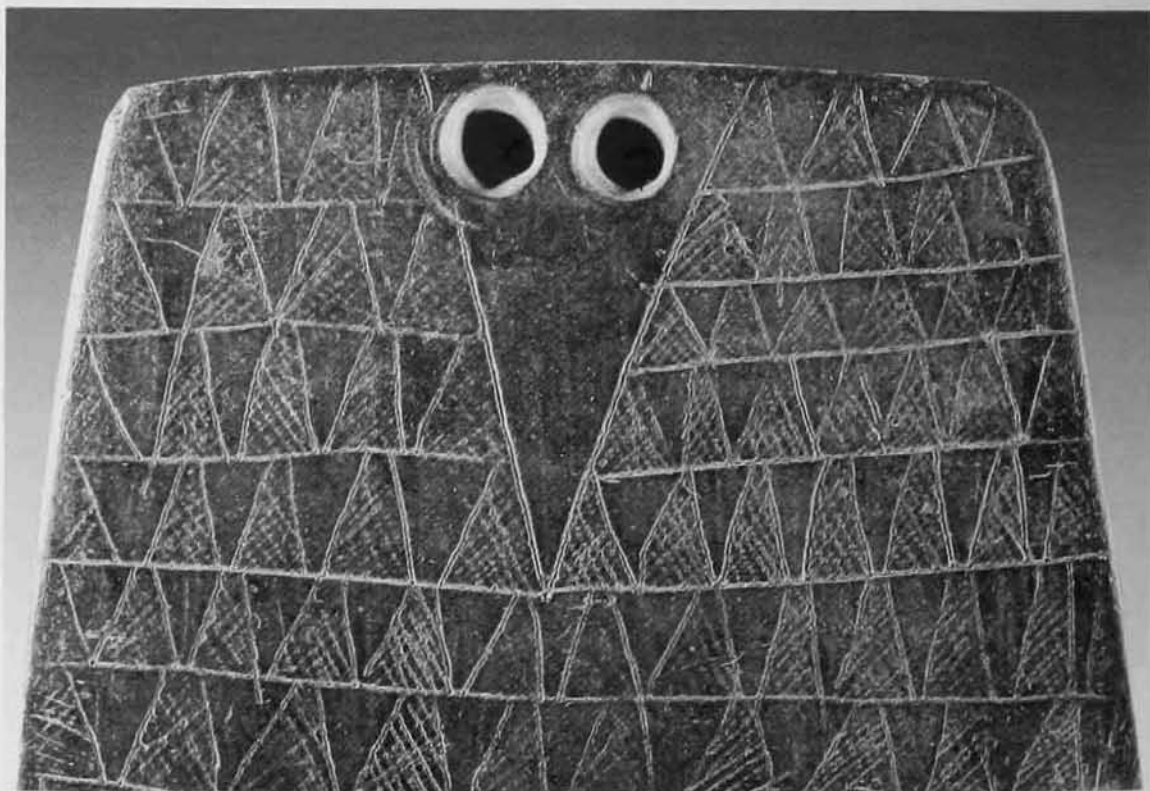
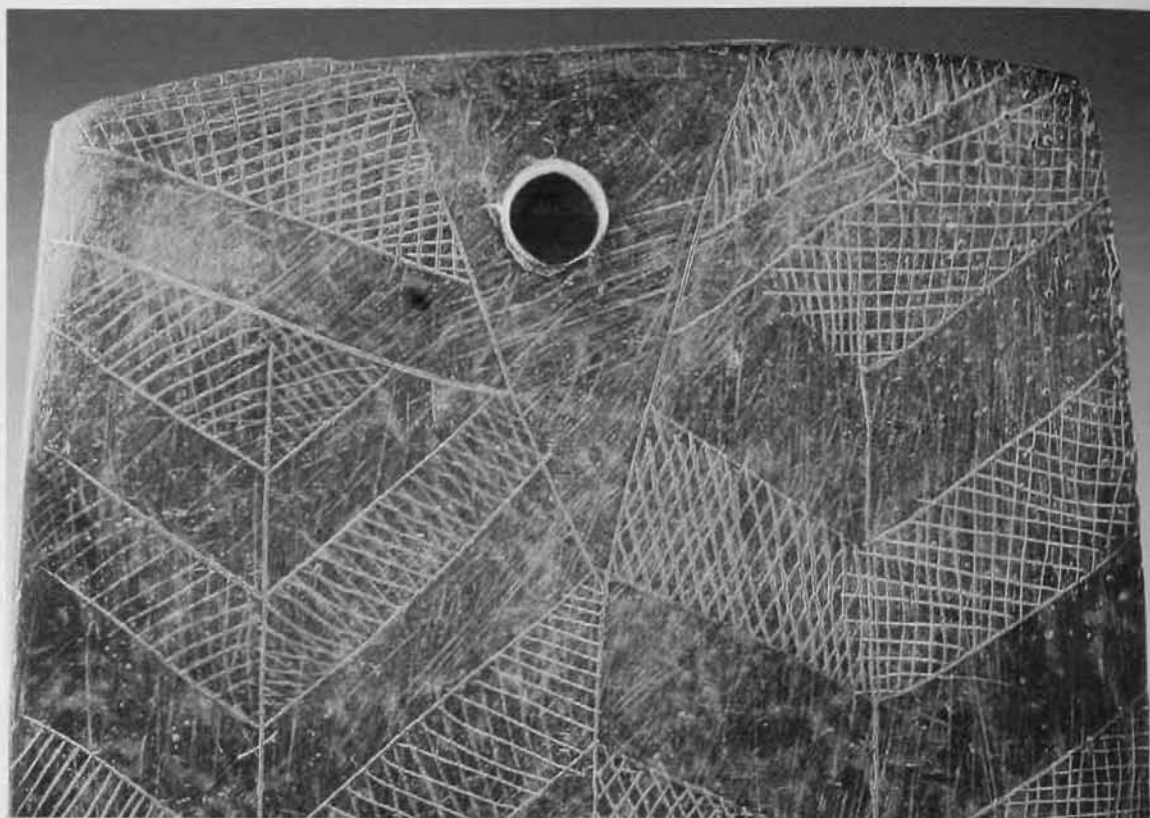


Fig. 84 – A placa 985.39.41. Detalhe da Cabeça.

Fig. 85 – A placa 985.39.42. Detalhe da Cabeça.



Fig. 86 – A placa 985.39.43. Detalhe da Cabeça.

Fig. 87 – A placa 985.39.44. Detalhe da Cabeça.

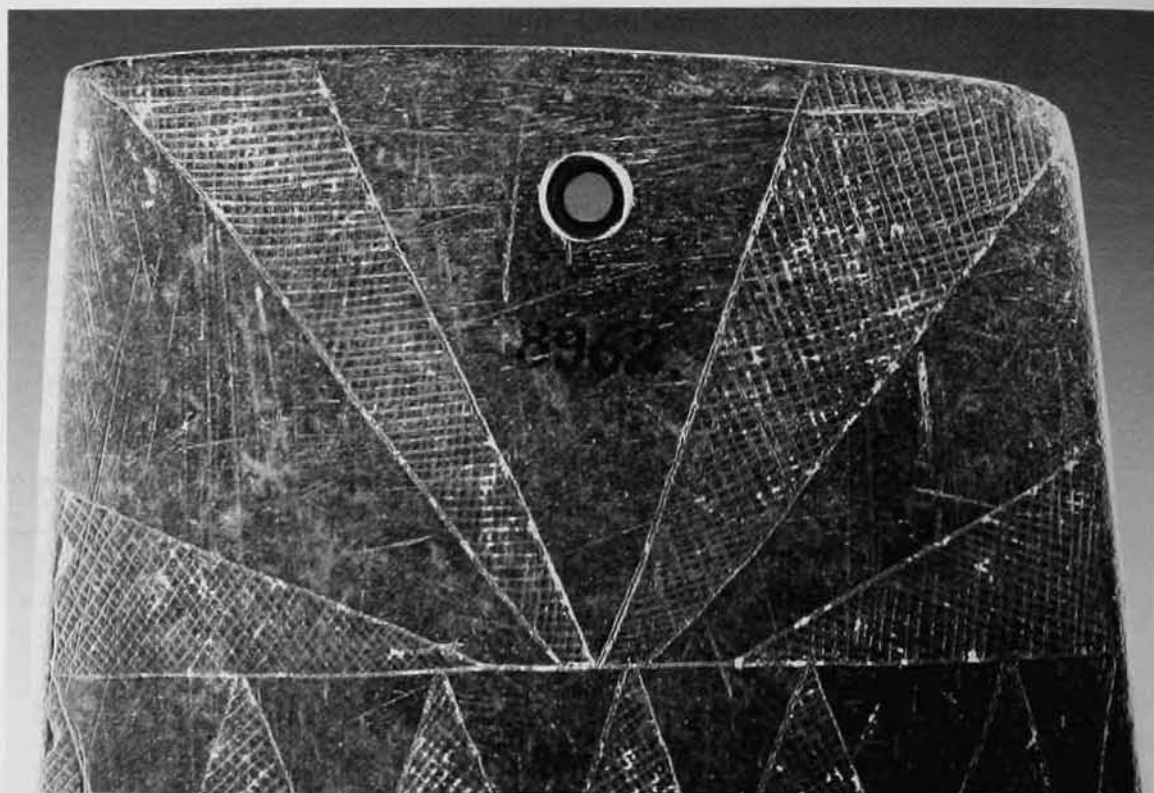


Fig. 88 – A placa 985.39.45. Detalhe da Cabeça.

Fig. 89 – A placa 985.39.46. Detalhe da Cabeça.

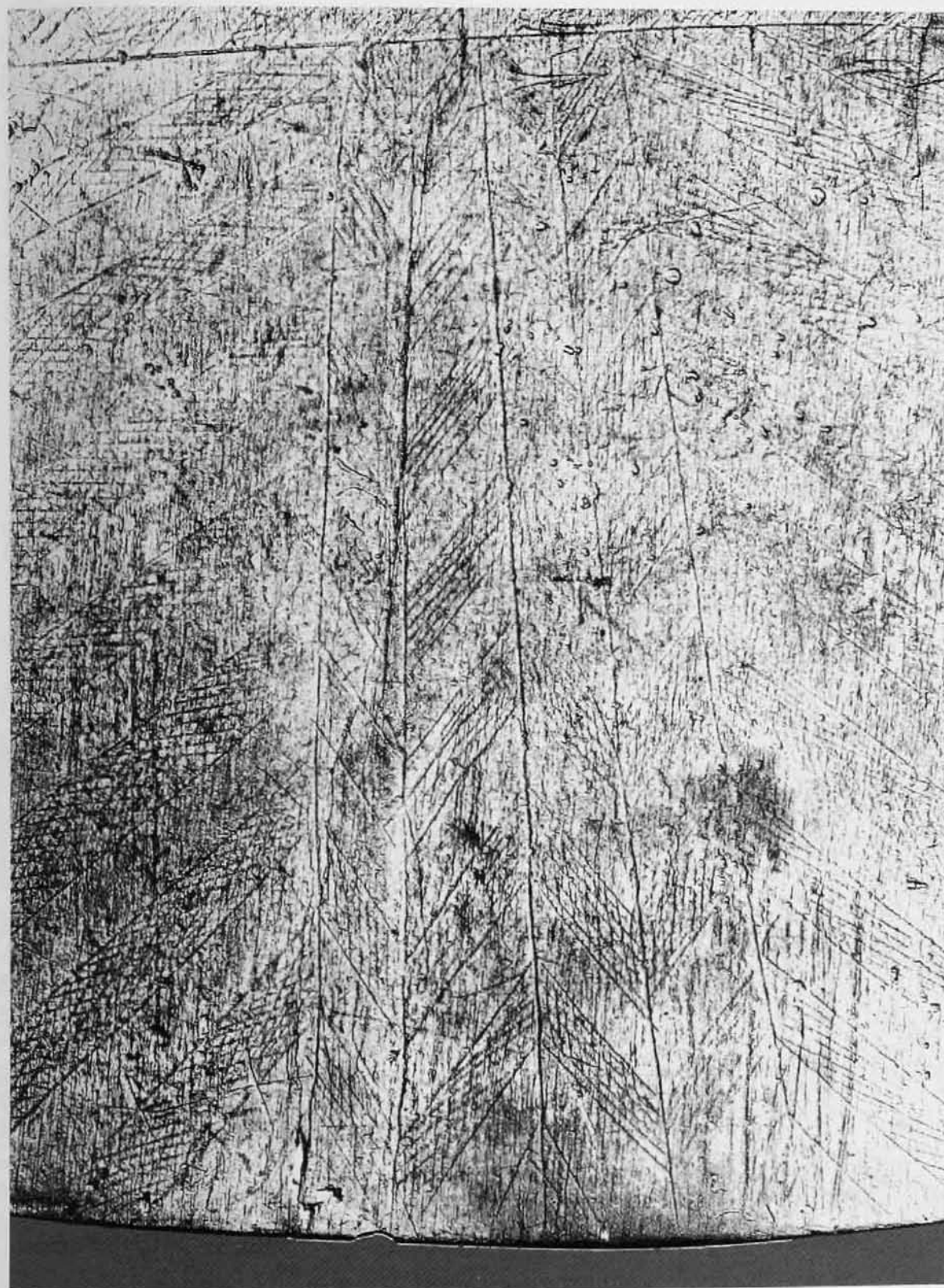


Fig. 90 – A placa 985.39.46. Detalhe do Corpo, em negativo.



Fig. 91 – A placa 985.39.47. Detalhe do Escutiforme.

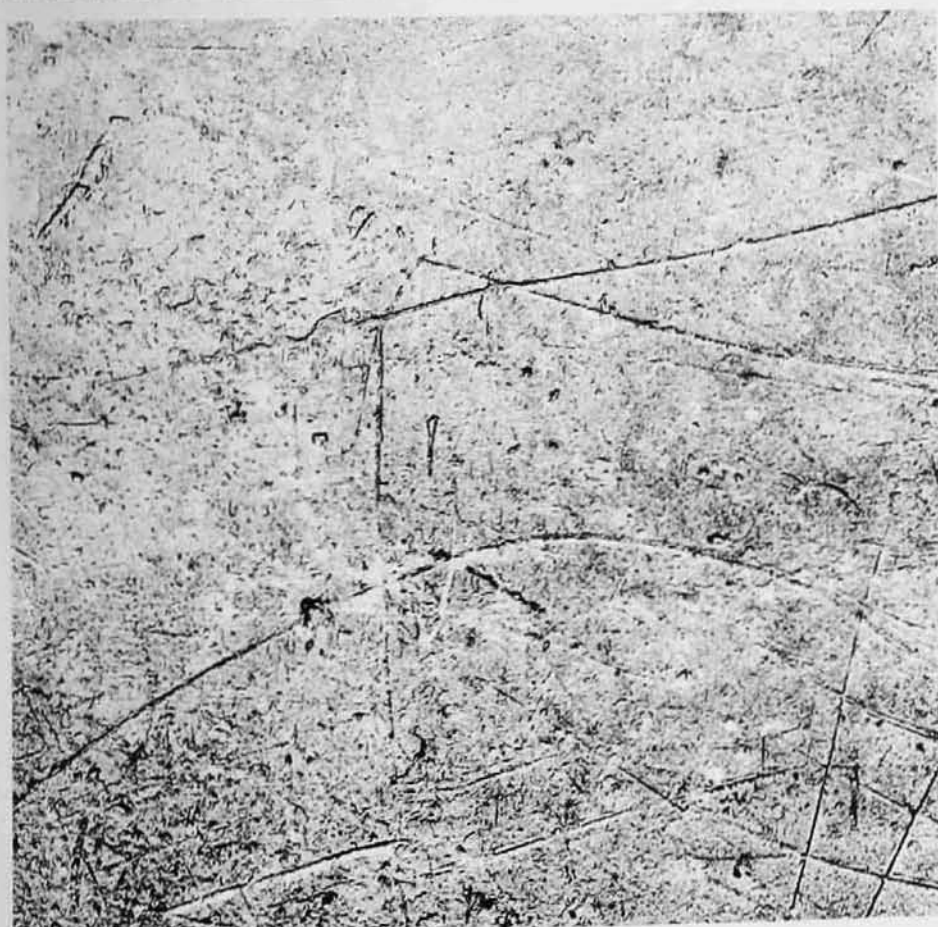
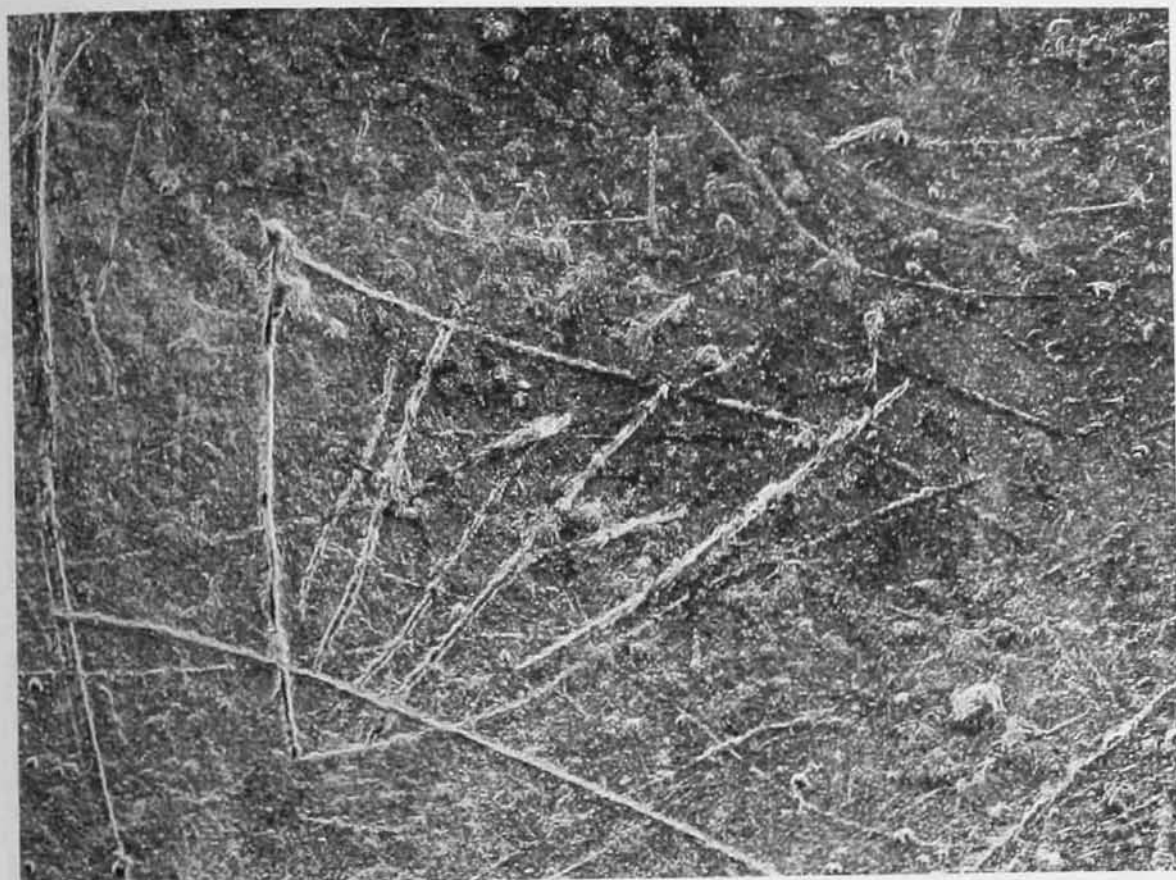


Fig. 92 – A placa 985.39.47. Detalhe do Triângulo Voador.

Fig. 93 – A placa 985.39.47. Detalhe do Antropomorfo (?).

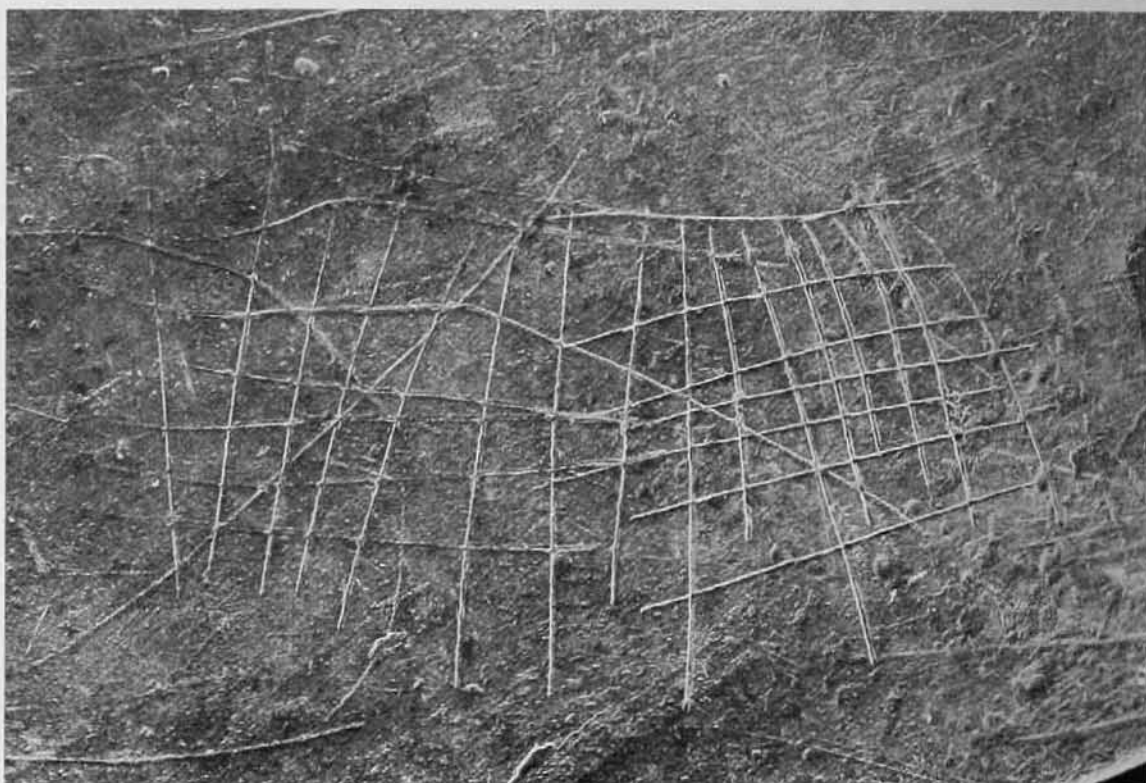
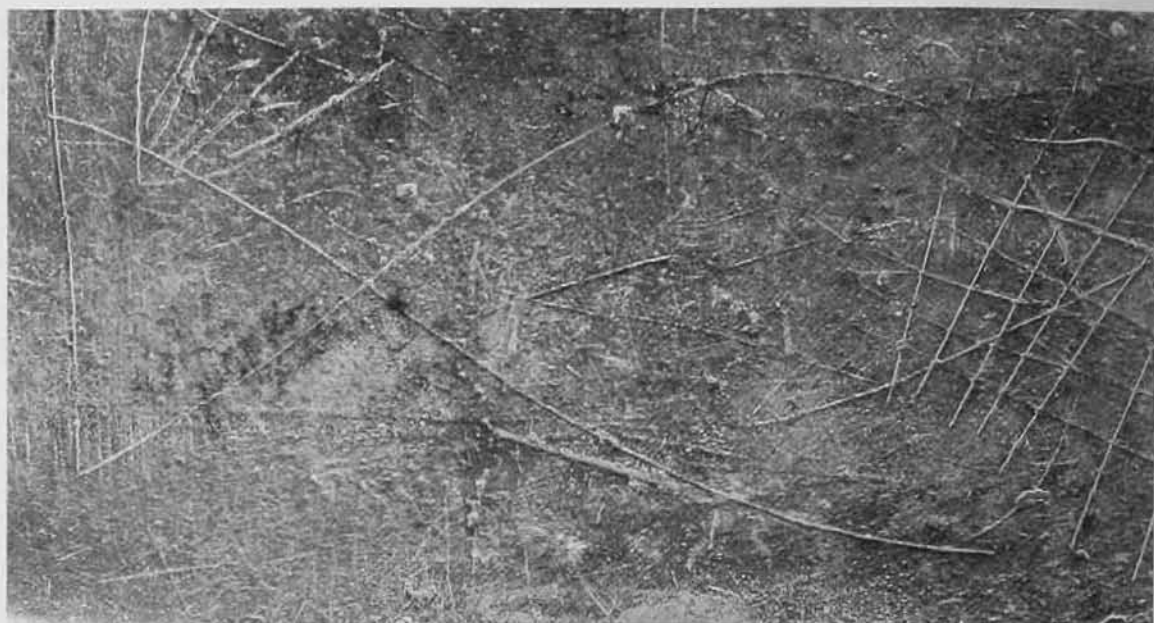


Fig. 94 – A placa 985.39.47. Detalhe do Peixe.

Fig. 95 – A placa 985.39.47. Detalhe da Rede.

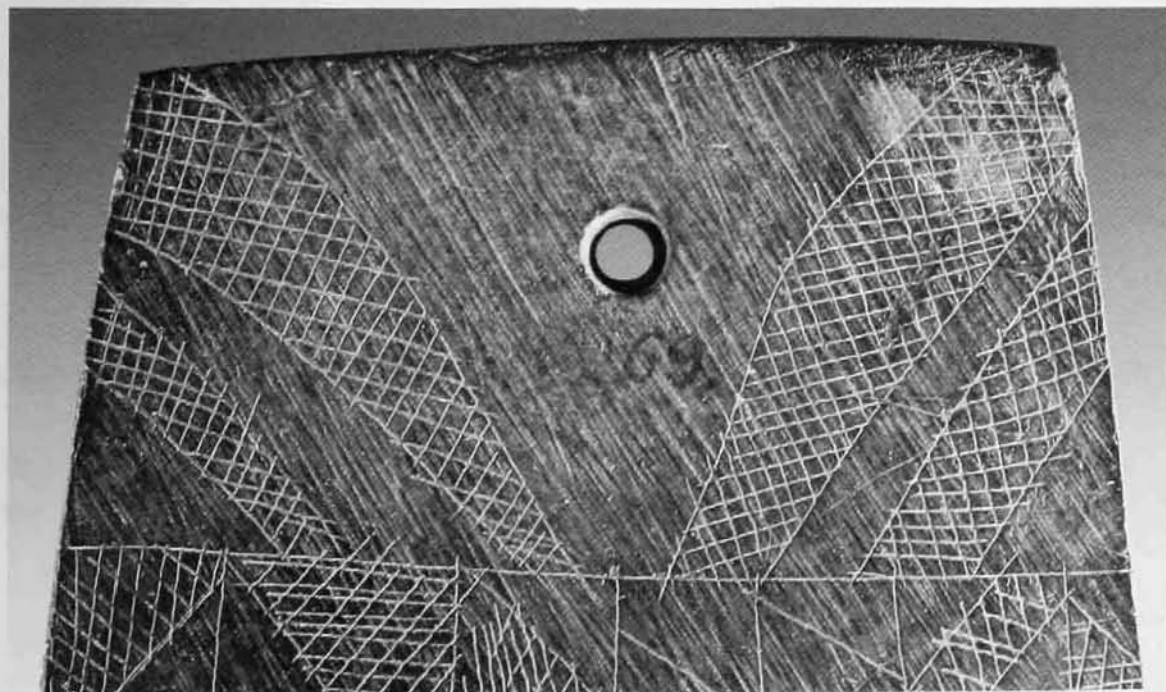


Fig. 96 – A placa 985.39.48. Detalhe da Cabeça.

Fig. 97 – A placa 985.39.49. Detalhe da Cabeça.



Fig. 98 – A placa 985.39.48. Detalhe da base do verso.

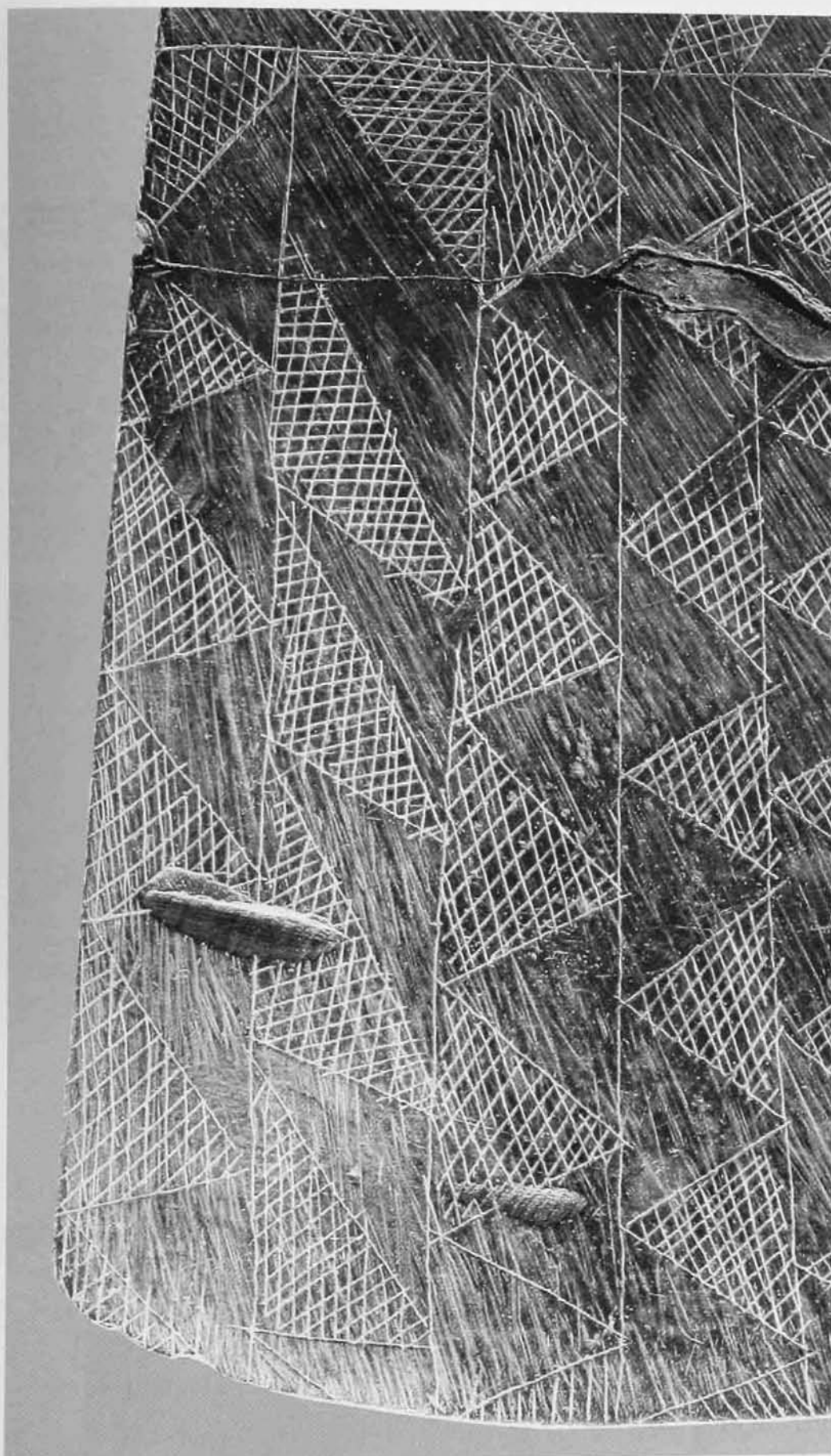


Fig. 99 – A placa 985.39.49. Colunas 1-2-3.

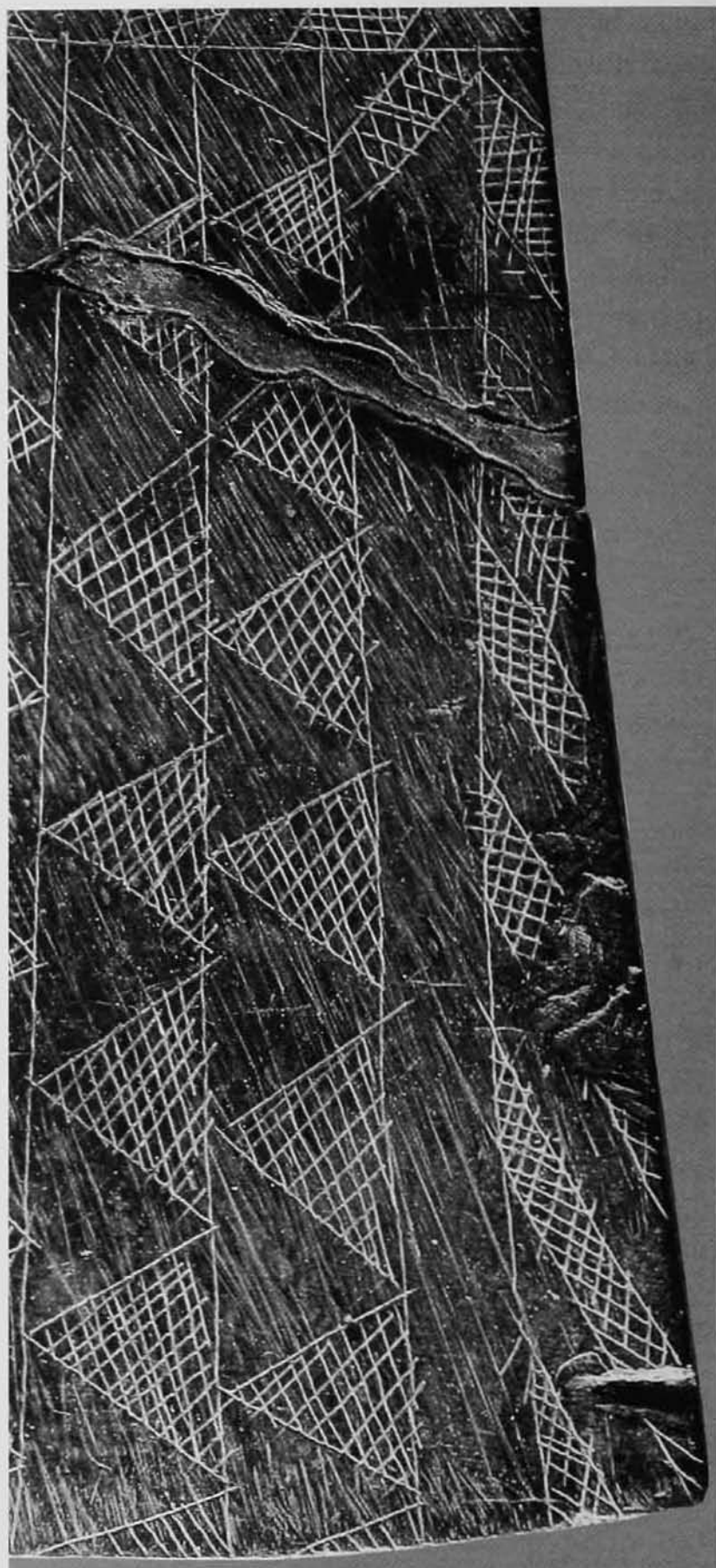


Fig. 100 – A placa 985.39.49. Colunas 4-5-6.

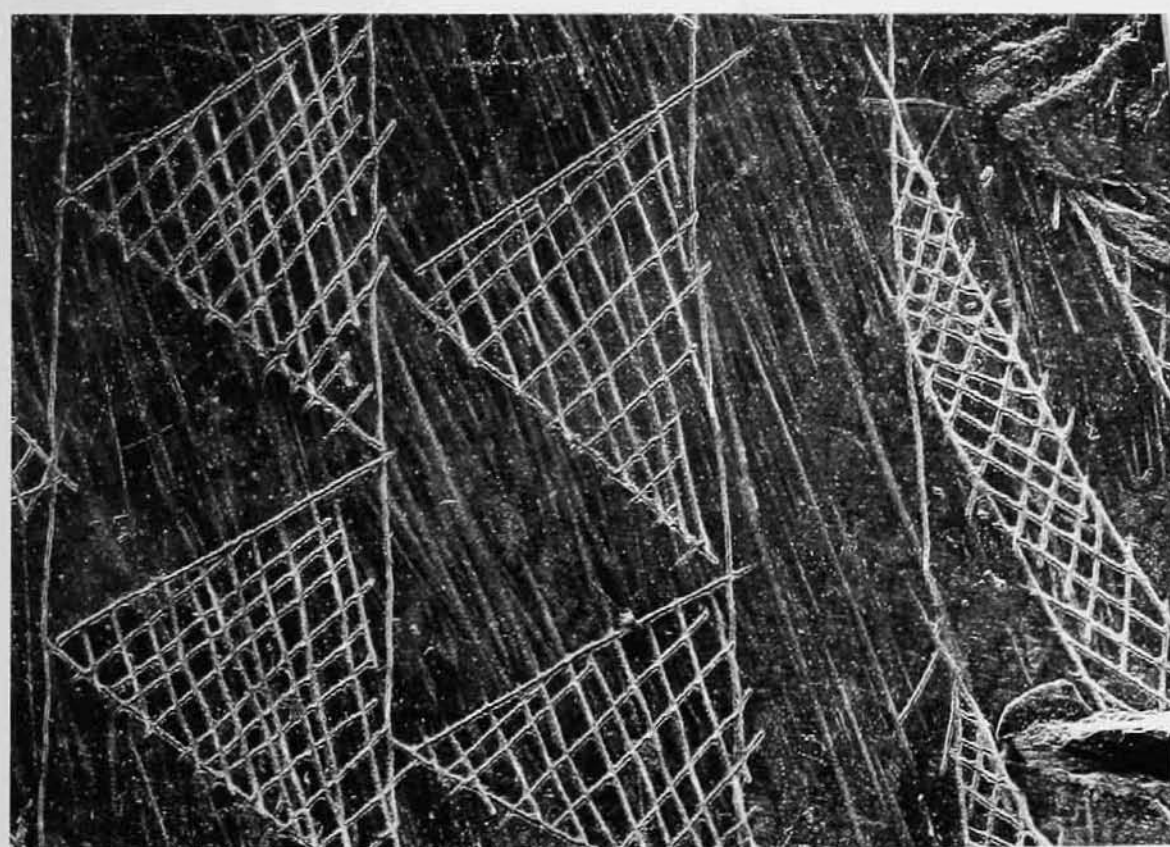
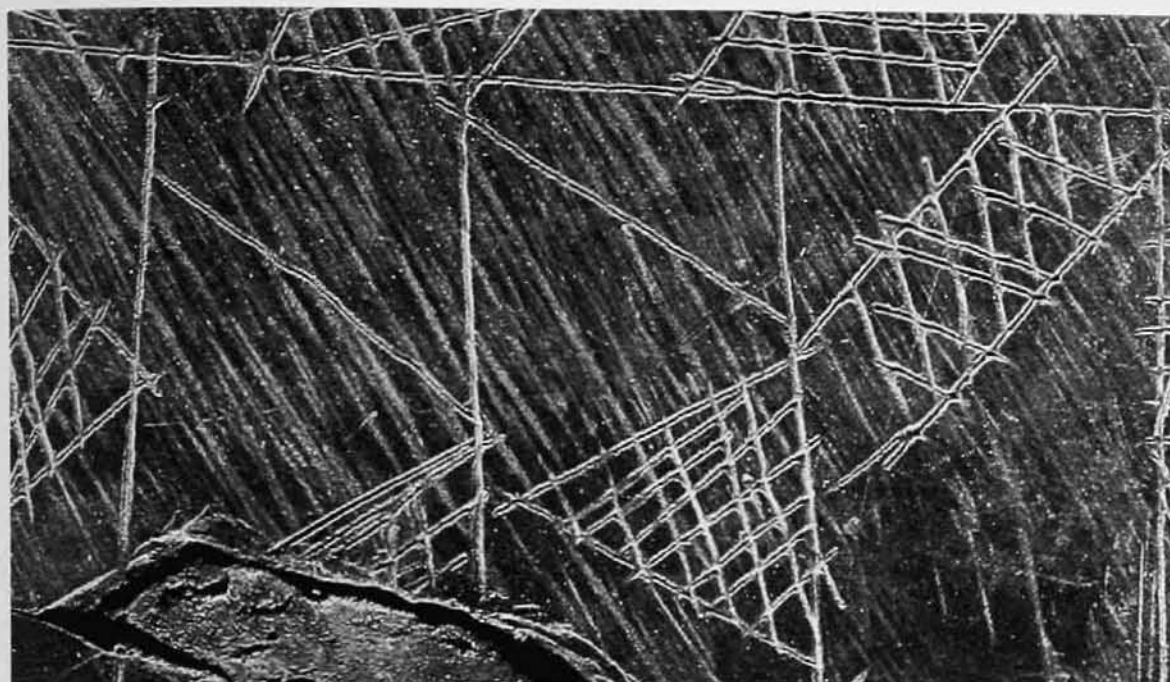


Fig. 101 – A placa 985.39.49. Colunas 2-3-4-5.

Fig. 102 – A placa 985.39.49. Colunas 4-5-6-7.

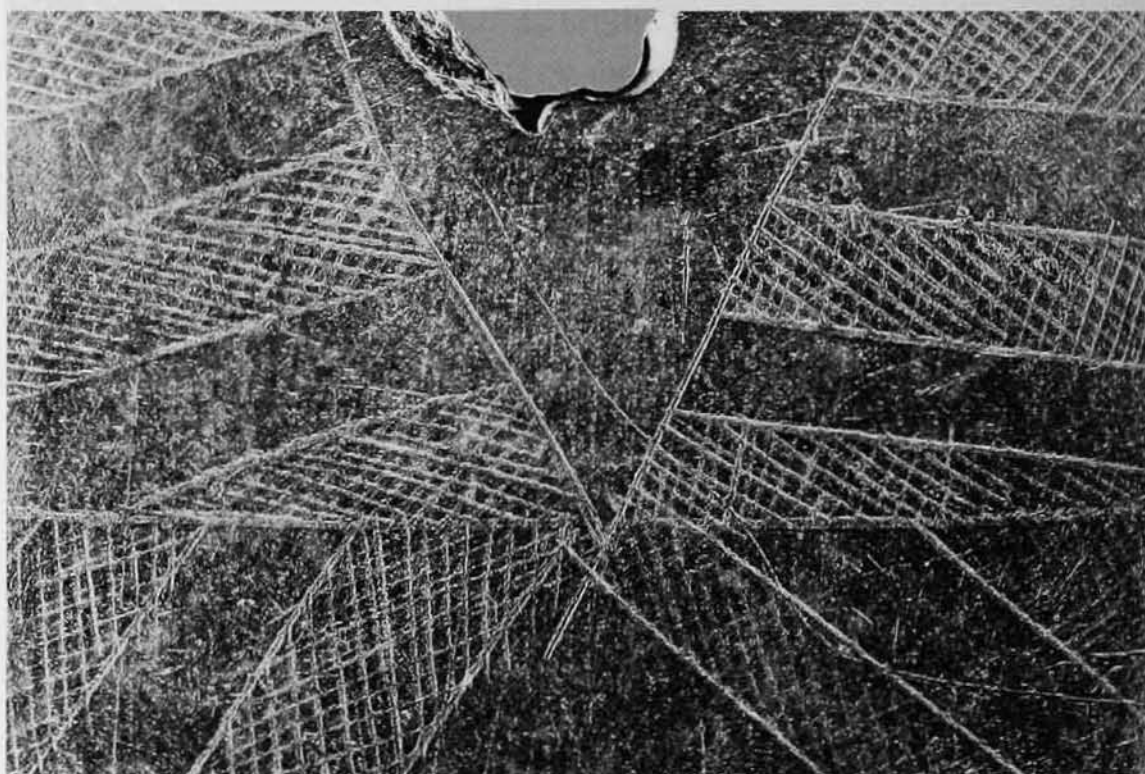


Fig. 103 – A placa 985.39.50. Detalhe da Cabeça, com Colar.

Fig. 104 – A placa 985.39.51. Detalhe da Cabeça.

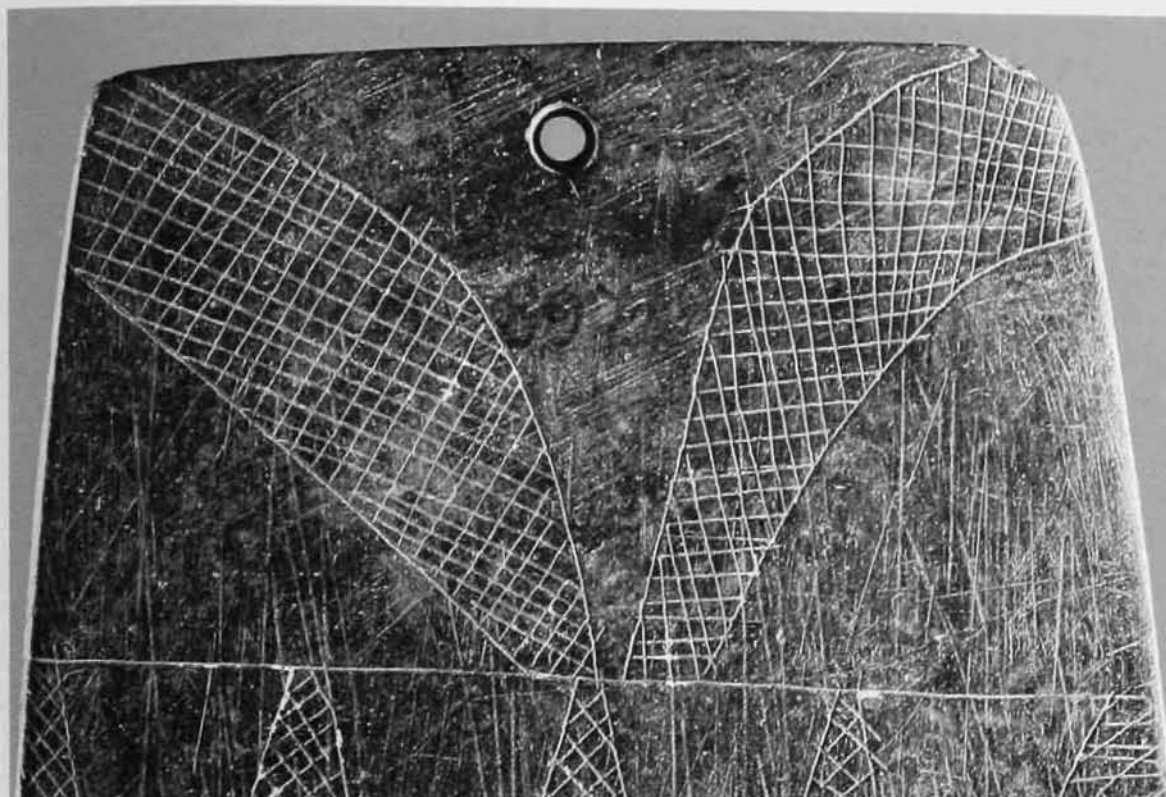


Fig. 105 – A placa 985.39.52. Detalhe da Cabeça.

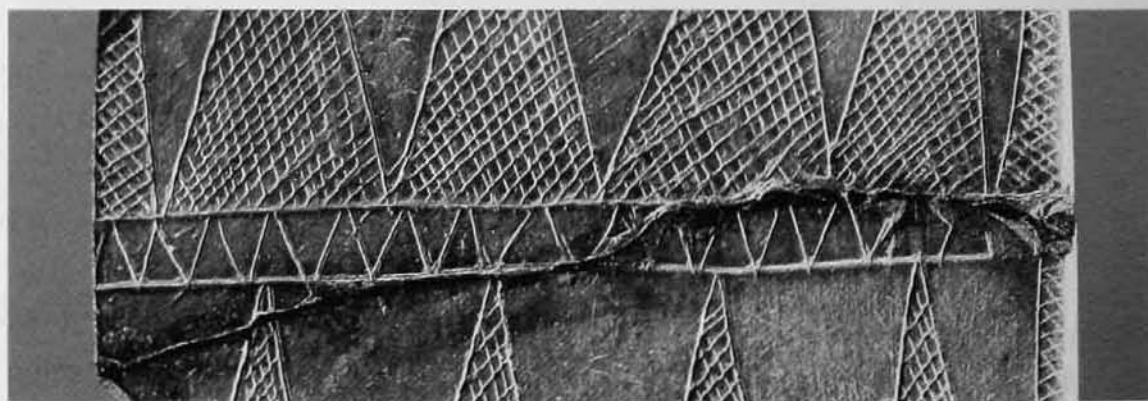
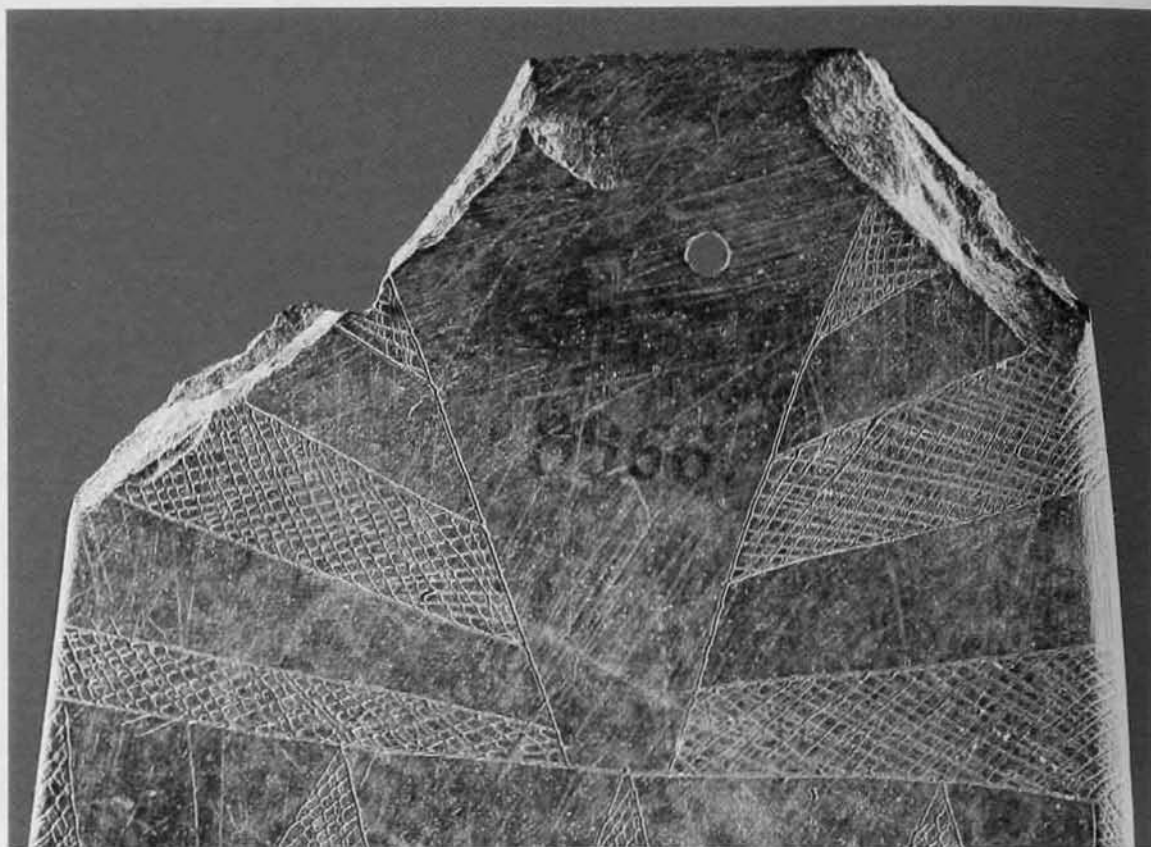


Fig. 106 – A placa 985.39.131. Detalhe da Cabeça.

Fig. 107 – A placa 985.39.132. Pormenor do Separador.

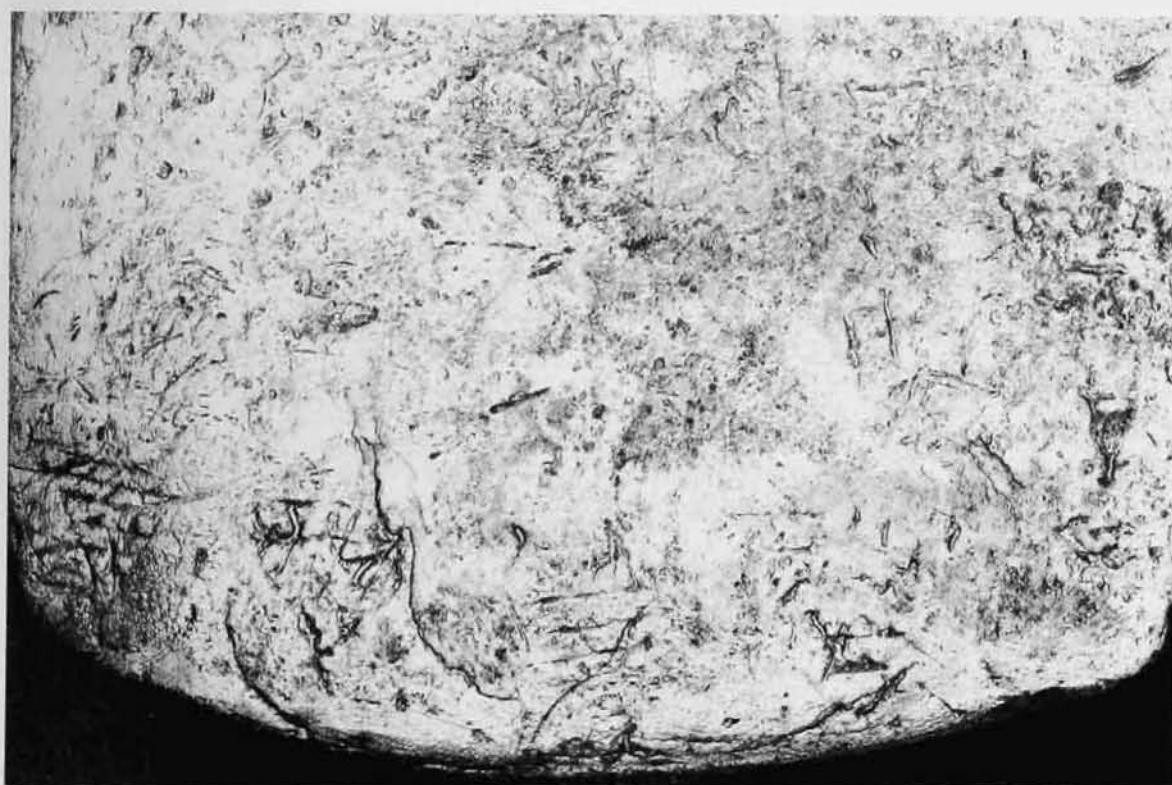
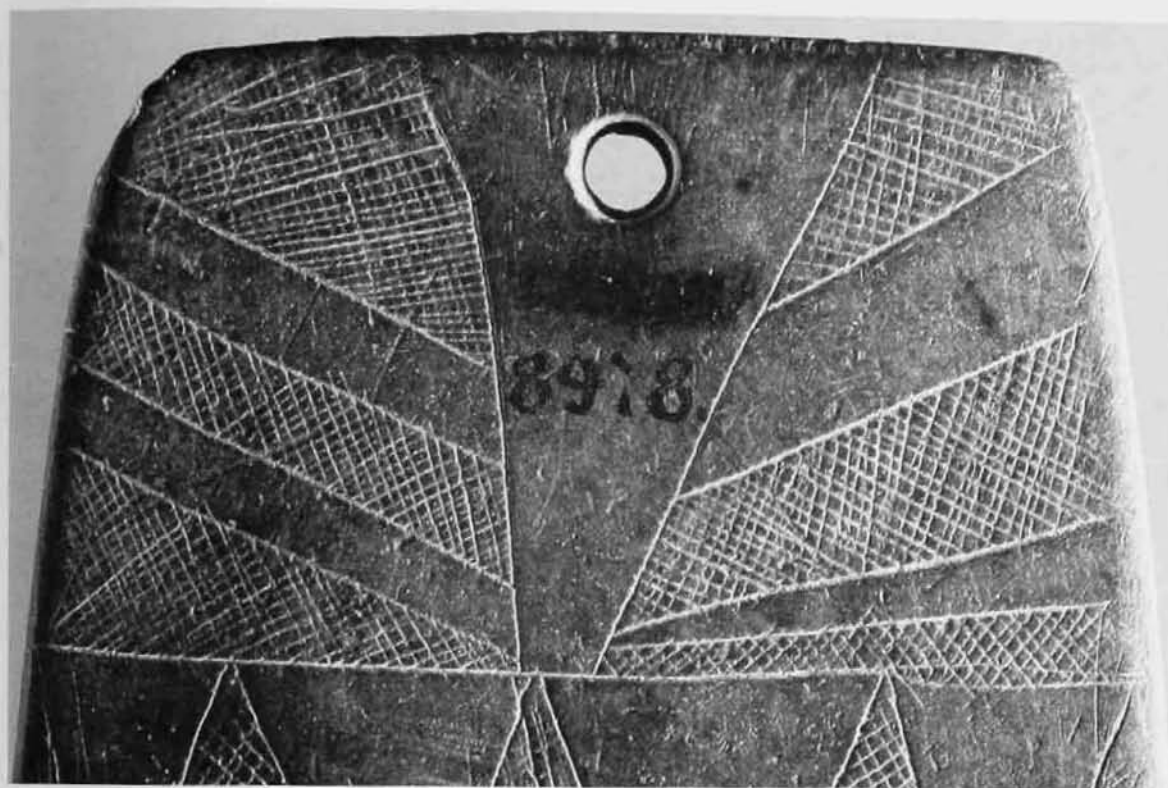


Fig. 108 – A placa 985.39.133. Detalhe da Cabeça.

Fig. 109 – A placa 985.39.137. Detalhe da base. Imagem invertida.

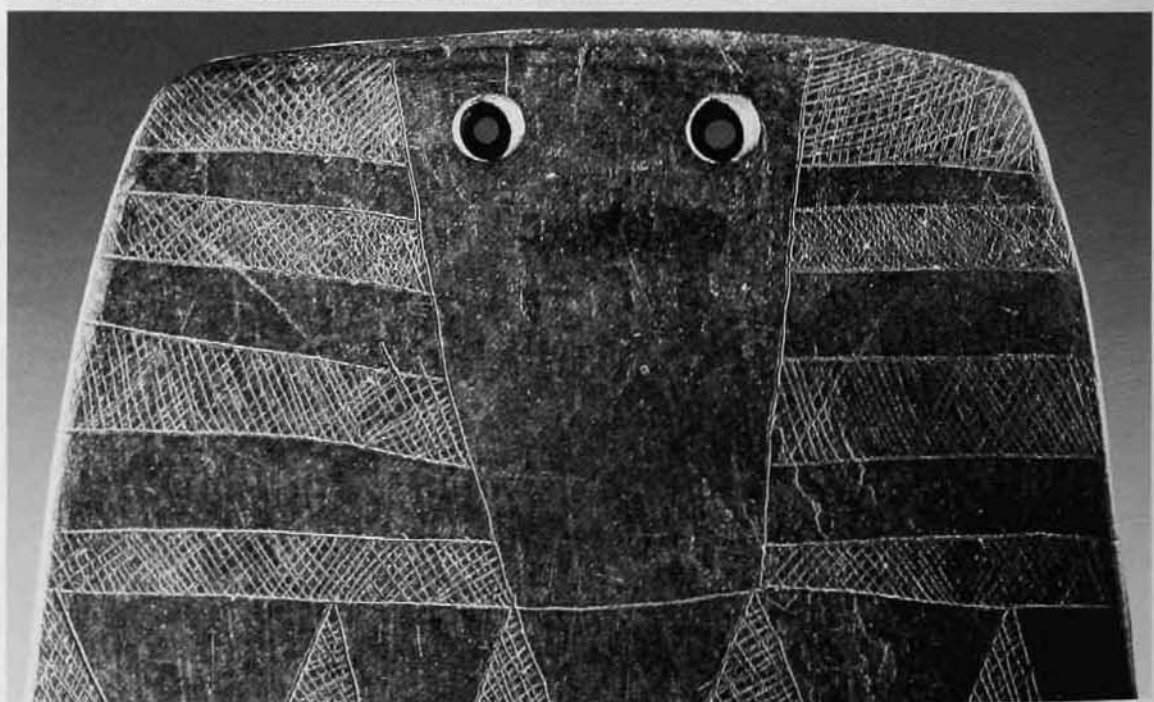
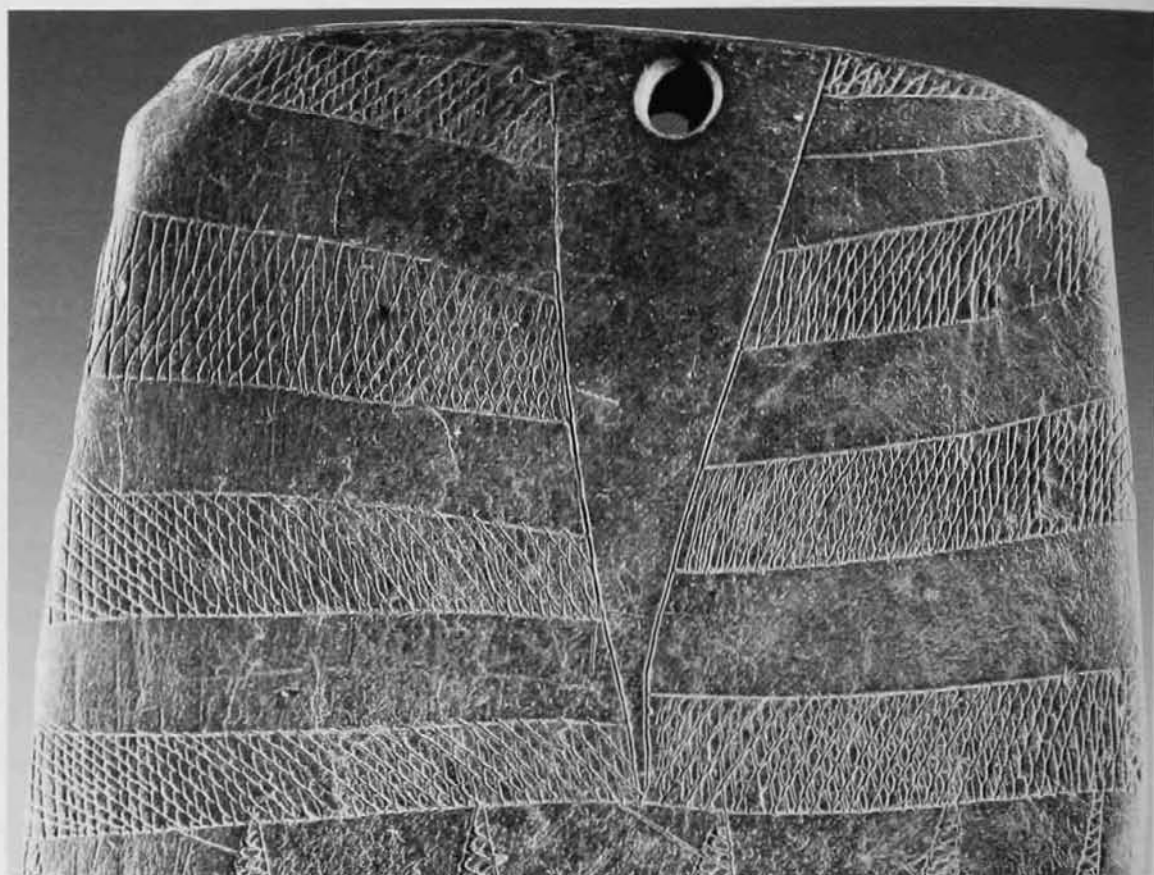


Fig. 110 – A placa 985.39.138. Detalhe da Cabeça.

Fig. 111 – A placa 985.39.139. Detalhe da Cabeça.